



Organização

**Jonathas Luiz Carvalho Silva**  
**Izabel Lima dos Santos**



# **A Biblioteconomia sob olhar biográfico**

abordagens sobre autores  
internacionais e nacionais








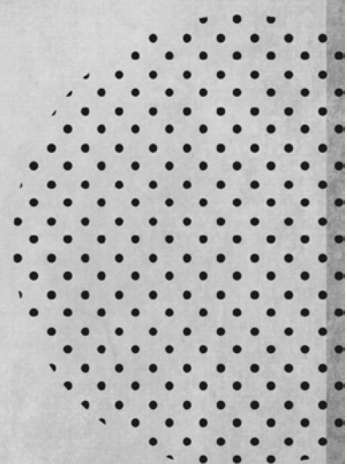
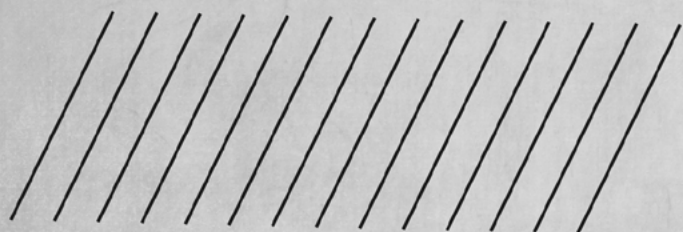
Organização

**Jonathas Luiz Carvalho Silva**  
**Izabel Lima dos Santos**



# **A Biblioteconomia sob olhar biográfico**

abordagens sobre autores  
internacionais e nacionais



# A Biblioteconomia sob o olhar biográfico: abordagens sobre autores internacionais e nacionais

Copyright© 2023 by Jonathas Luiz Carvalho Silva; Izabel Lima dos Santos (Orgs.).  
Efetuado depósito legal na Câmara Brasileira do Livro (CBL).



Av. Ten. Raimundo Rocha, 1639 - Cidade Universitária, Juazeiro do Norte - CE  
CEP 63048-080 - Telefone: (88) 3221-9200

## Organização

Jonathas Luiz Carvalho Silva  
Izabel Lima dos Santos

## Capa, Diagramação e Projeto Gráfico

Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota

## Normalização

Ana Lúcia Lucio Pinheiro

## Autores(as)

Rudney do Carmo Paz	Cicera Soares da Silva	Dalvelgia Oliveira Marques
Hernandes Andrade Silva	Germano Araújo Sampaio	Sindya Santos Melo
Gracione Batista	Ana Cristina Guimarães Carvalho	Erivana D'Arc Daniel da Silva Ferreira
Samara Matias	Maria Gezilda e Silva Nascimento	José Katulo Amadeu Ferreira
Andressa Rayanne Souza Garcia	Julyana Alves Sales	Jorge dos Santos Nogueira
Antonia Janiele Moreira da Silva	Emanoella Callou Belém	José Sobreira Teixeira
Francisca Eugenia Gomes Duarte	Ana Rafaela Sales de Araújo	Valeska Paulino Nogueira
Maria Paloma Costa	Rebecca Maria de Freitas Sousa Oliveira	Jéssica Monteiro Lima do Nascimento Araújo
Denize Euzebio Ribeiro	Ana Karolyne Nogueira de Sousa	Naira Michelle Alves Pereira
Francisca das Chagas Viana	Maria Aparecida Nascimento Ferreira	Rafael Gomes de Sousa
Agenor Leandro de Sousa Filho	Anízia Maria Lima Nogueira	Rafaella Gleice dos Santos
Midinai Gomes Bezerra	Alla Moanna Cordeiro de Souza Bezerra	Aparecida Maria Martins Lopes
Cicera Ana Micaeli Gomes da Silva	Maria Isabel Moreira Leal	Maria Vanessa do Nascimento
	Francisco Leandro Castro Lopes	

## Dados internacionais de Catalogação na Publicação Universidade Federal do Cariri Sistema de Bibliotecas

A Biblioteconomia sob olhar biográfico : abordagens sobre autores internacionais e nacionais / organizado por Jonathas Luiz Carvalho Silva, Izabel Lima dos Santos. - Juazeiro do Norte : UFCA, 2023.  
263 p.; il. color. PDF.

B582

ISBN 978-65-88329-45-0

1. Biblioteconomia. 2. Biografia. I. Silva, Jonathas Luiz Carvalho. II. Santos, Izabel Lima dos. Título.

CDD 025

Bibliotecária: Glacínésia Leal Mendonça - CRB 3/925

# Sumário

**Apresentação** ..... 7

*Marta Valentim*

**Forward: they named the building after us** ..... 12

*R. David Lankes*

## **Prefácio [Tradução]**

**Eles nomearam o prédio depois que nós já existíamos** ..... 14

*R. David Lankes*

*Tradução feita por Izabel Lima*

## **Capítulo 1**

### **Concepções Biográficas Aplicadas ao Campo da Biblioteconomia:**

marcos autorais e político-institucionais ..... 17

*Jonathas Luiz Carvalho Silva*

## **Capítulo 2**

**Bibliotecário Gabriel Naudé: trajetória pessoal, profissional e obra** ..... 45

*Ana Karolyne Nogueira de Sousa*

*Maria Aparecida Nascimento Ferreira*

## **Capítulo 3**

**Charles Ammi Cutter: o homem e sua obra** ..... 59

*Maria Paloma Costa*

*Denize Euzebio Ribeiro*

*Francisca das Chagas Viana*

## **Capítulo 4**

### **Atores da Biblioteca Nacional do Brasil:**

Ramiz Galvão e Cícero Peregrino ..... 73

*Francisco Leandro Castro Lopes*

*Agenor Leandro de Sousa Filho*

*Midinai Gomes Bezerra*

*Cicera Ana Micaeli Gomes da Silva*



## Capítulo 5

A Trajetória de Melvil Dewey: um breve relato ..... 90

*Anízia Maria Lima Nogueira*

## Capítulo 6

Trajetórias e Contribuições de  
Manuel Bastos Tigre para a Biblioteconomia..... 102

*Ana Rafaela Sales de Araújo*

*Rebecca Maria de Freitas Sousa Oliveira*

## Capítulo 7

Ranganathan e as contribuições na Biblioteconomia..... 115

*Alla Moanna Cordeiro de Souza Bezerra*

*Aparecida Maria Martins Lopes*

*Maria Isabel Moreira Leal*

*Dalveligia Oliveira Marques*

## Capítulo 8

O Protagonismo de Pierce Butler na Biblioteconomia..... 130

*Andressa Rayanne Souza Garcia*

*Gracione Batista*

*Hernandes Andrade Silva*

*Rudney do Carmo Paz*

*Samara Matias*

## Capítulo 9

Bliss e a Organização do Conhecimento ..... 144

*Jorge dos Santos Nogueira*

*José Katulo Amadeu Ferreira*

## Capítulo 10

Vida e obra de Rubens Borba Alves de Moraes ..... 153

*Maria Vanessa do Nascimento*

*Cicera Soares da Silva*

*Germano Araújo Sampaio*

## Capítulo 11

**Lydia de Queiroz Sambaquy e suas Contribuições para a Biblioteconomia e Ciência da Informação no Cenário Nacional** ..... 168

*Ana Cristina Guimarães Carvalho*

*Maria Gezilda e Silva Nascimento*

*Julyana Alves Sales*

*Emanoella Callou Belém*

## Capítulo 12

**Quando *Techné* e *Episteme* Caminham Juntas:** trajetória e contribuições de Jesse Shera para a Biblioteconomia e Ciência da Informação..... 183

*Izabel Lima dos Santos*

*Antonia Janiele Moreira da Silva*

*Francisca Eugenia Gomes Duarte*

## Capítulo 13

**Biblioteconomia no Brasil:** contribuições de Laura Garcia Moreno Russo ..... 198

*Valeska Paulino Nogueira*

*Jéssica Monteiro Lima do Nascimento Araújo*

## Capítulo 14

**Edson Nery da Fonseca:** trajetória biográfica, obras e sua contribuição para a Biblioteconomia ..... 214

*Naira Michelle Alves Pereira*

*Rafael Gomes de Sousa*

*Rafaelle Gleici dos Santos*

## Capítulo 15

**Frederic Wilfrid Lancaster:** projeções e publicações para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação ..... 228

*Sindya Santos Melo*

*Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira*

## Capítulo 16

**Joseph Zbigniew Nitecki:** um olhar particularizado para a Biblioteconomia ..... 246

*Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira*

*José Sobreira Teixeira*



# Apresentação

Esta obra intitulada “A Biblioteconomia sob olhar biográfico: abordagens sobre autores internacionais e nacionais” tem valor inestimável no que se refere ao resgate da história da Biblioteconomia e Ciência da Informação – uma vez que muitas vezes estes campos científicos se entrelaçam e caminham juntos –, nos aspectos referentes a sua epistemologia e trajetória histórica e profissional.

Ao trazer a história por meio das biografias de atores que, de alguma maneira, contribuíram para o desenvolvimento e a consolidação dos supracitados campos científicos, nos presenteiam com uma síntese valiosa, não só no que tange a formação em âmbito de graduação, pois certamente os estudantes são brindados com um conteúdo sintetizado inexistente em português até o momento, mas também para a pós-graduação, pois evidencia fatos históricos relevantes sobre o surgimento do campo da Ciência da Informação.

Conhecer nossa própria história e a maneira com que pessoas, instituições e eventos contribuíram, ao longo do tempo, para a área no Brasil e no mundo é essencial para compreendermos seu surgimento, desenvolvimento e consolidação. As teorias, conceitos e definições cunhados por essas pessoas são fruto de diferentes momentos da história, cujos aspectos políticos, econômicos, sociais e tecnológicos foram influenciadores dessa construção. Além disso, as ideologias, compreensões de mundo e vivências de cada uma delas estão impressas nessas teorias, conceitos, definições e instrumentos gerados.

Outro aspecto inovador deste livro se relaciona a utilizar a biografia como um recurso para compreendermos a história e a epistemologia de um campo científico, a partir da trajetória de pessoas que foram protagonistas em um determinado período da história. O livro apresenta a trajetória de pesquisadores e profissionais que foram relevantes para a consolidação do campo científico, para a formação profissional, bem como para o movimento associativo. Nesse intuito, os autores dos capítulos deste livro apresentam algumas biografias de protagonistas da área.

Seguindo a sequência das biografias, primeiramente, apresentam a biografia de Gabriel Naudé (1600-1653), bibliotecário e escritor político francês, que iniciou sua carreira de bibliotecário em 1622, trabalhando para o Cardeal de Bagni e o Cardeal Francesco Barberini, na Cidade de Roma. De volta a Paris, trabalhou para o Cardeal Richelieu criando a base da atual Biblioteca Mazarino, local em que atuou até falecer em 1653. Publicou várias obras com destaque para: *'Advis pour dresser une bibliothèque'*, em 1627, cujo conteúdo propõe distintas inovações, entre elas: formação de um bibliotecário profissional; consolidação das técnicas de descrição bibliográfica; ordenação dos fundos por matérias; preferência ao conteúdo do livro e

não a sua aparência exterior; importância das instalações e da distribuição dos móveis adequadas; dotar as bibliotecas com um orçamento permanente para a aquisição de livros; abertura das bibliotecas ao público. A partir dessas proposições, Naudé contribuiu para o surgimento das bibliotecas públicas no Século XIX.

Na sequência apresentam a biografia de Charles Ammi Cutter (1837-1903), bibliotecário norte-americano. Cutter inicia sua carreira trabalhando na Biblioteca da *Divinity School*, compilando um novo catálogo. Em 1860, passou a atuar como assistente de Ezra Abbott, Catalogador Chefe da *Harvard College*, a maior Biblioteca daquele país na época. Abbott e Cutter usavam cartões de índice, possibilitando maior flexibilidade para adicionar ou excluir itens, em vez de esperar o próximo catálogo. Em 1868, Cutter foi nomeado bibliotecário do *Boston Athenaeum*, local em que passaria os próximos vinte e cinco anos. Como em *Harvard*, seu primeiro trabalho foi compilar um catálogo das coleções da Biblioteca e, com base em sua experiência passada, Cutter escreveu regras para o Catálogo de Dicionário, em 1876. Publicou a *Rules for a Printed Dictionary Catalog*, desenvolveu a Cutter Expansive Classification em 1880. Foi Presidente da *American Library Association (ALA)* no período de 1887 a 1889.

No capítulo seguinte apresentam a biografia de Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938), biógrafo, professor, filólogo, médico e orador brasileiro. Foi Diretor da Biblioteca Nacional (BN) de 1888 a 1900, dirigindo-a por 12 anos. Foi tutor do Príncipe Imperial D. Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança, durante sua infância até a Proclamação da República Brasileira, em 1889, com catorze anos de idade.

Na sequência apresentam a biografia de Cícero Peregrino da Silva (1866-1956), bibliotecário, professor, advogado e político brasileiro. Foi Diretor da Biblioteca Nacional (BN) de 1900 a 1924. Fundou o primeiro Curso de Biblioteconomia no Brasil no contexto da BN, em 1912, atualmente denominada de Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O Curso foi o primeiro da América latina e o terceiro a ser criado no mundo. Foi Prefeito interino do Distrito Federal de 1918 a 1919. Foi Reitor da Universidade do Rio de Janeiro de 1926 a 1930, atualmente denominada de Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor de várias obras relacionadas à área de Direito.

Posteriormente, apresentam a biografia de Melvil Dewey (1851-1931), apelido de Melville Louis Kossuth Dewey, bibliotecário norte-americano, criou o sistema *Dewey Decimal Classification (DDC)*, em 1876, quando tinha 21 anos e trabalhava como assistente na Biblioteca do *Amherst College*. Dewey foi um dos fundadores da *American Library Association (ALA)* em 1876. Também foi um dos responsáveis pela criação do periódico *Library Journal*. Dewey tornou-se bibliotecário do *Columbia College* (atual *Columbia University*) na Cidade de *Nova York*, em 1883 e contribuiu para a criação da primeira Escola de Biblioteconomia da *Columbia University*, fundada em 1887.



Posteriormente, apresentam a biografia de Manuel Bastos Tigre (1882-1957), bibliotecário, jornalista, poeta, compositor, humorista e publicitário brasileiro. Entre seus feitos como publicitário destaca-se o *slogan* da empresa Bayer: 'Se é Bayer é bom'. Como compositor é dele a letra 'Chopp em garrafa' feita em 1934, para Ary Barroso musicar e Orlando Silva cantar, inspirado no produto que a empresa Brahma passou a engarrafar no mesmo ano. Publicou várias obras e poemas. Bibliotecário concursado do Museu Nacional, posteriormente se transferiu para a Biblioteca Central da Universidade do Brasil, onde atuou por mais de 20 anos. Exerceu a profissão de bibliotecário por 40 anos e é considerado o primeiro bibliotecário concursado no Brasil. Comemora-se no dia 12 de março o 'Dia do Bibliotecário', instituído em sua homenagem por seu o dia de seu nascimento.

No capítulo seguinte apresentam a biografia de Shialy Ramamrita Ranganathan (1892-1972), matemático e bibliotecário indiano. Ranganathan propiciou três importantes contribuições para a Biblioteconomia, a primeira consistiu em introduzir três níveis distintos para os que elaboram sistemas de classificação e para os classificadores: o plano das ideias (conceitos); o plano verbal (expressão verbal dos conceitos); e o plano notacional (fixação dos conceitos). A segunda contribuição se refere a abordagem analítico-sintética para a identificação de assuntos e a terceira se refere ao estabelecimento de dezoito princípios que podem ser considerados como um instrumento para avaliação de sistemas de classificação. Publicou como 'Five Laws of Library Science' (1931) [Cinco Leis da Biblioteconomia]. Criou e publicou a '*Colon Classification*' (1933), entre outras obras.

Posteriormente, apresentam a biografia de Lee Pierce Butler (1884-1953), norte-americano, curador de livros raros, professor da Escola de Biblioteconomia da *University of Chicago*, um dos primeiros pesquisadores a cunhar o termo 'Biblioteconomia'. Autoridade sobre a história dos livros e da impressão, Butler desafiou a visão humanista mais antiga do mundo em Biblioteconomia, defendendo as novas perspectivas científicas que estavam sendo desenvolvidas em Chicago. Publicou cinco obras e, entre elas, destaca-se: '*An introduction to Library Science*', em 1933.

Na sequência apresentam a biografia de Henry Evelyn Bliss (1870-1955), norte-americano, autor do sistema de classificação denominado '*Bliss Bibliographic Classification*' (BC), composto por quatro volumes que foram publicados entre 1940 a 1953. Bliss desenvolveu este sistema por estar descontente com os sistemas de classificação que estavam em uso na época. Em um artigo denominado 'O sistema das ciências e a organização do conhecimento', publicado no periódico *Philosophy of Science*, em 1935, descreveu sete princípios de classificação para organização do conhecimento e do pensamento: 1. Organização; 2. Subordinação; 3. Coordenação; 4. Extensão; 5. Colocação/melhor arranjo; 6. Gradação na especialidade; 7. Eficiência máxima. Embora Bliss fosse norte-americano, seu sistema de classificação foi mais popular em bibliotecas

britânicas do que nas bibliotecas americanas. Atuou no *City College da City University*, na Cidade de *New York*, em 1891, onde trabalhou até se aposentar em 1940. Publicou duas obras: '*The Organization of Knowledge and the System of the Sciences*', em 1929 e '*The Organization of Knowledge in Libraries*', em 1933.

No capítulo seguinte apresentam a biografia de Rubens Borba Alves de Moraes (1899-1986), bibliotecário brasileiro, participou com outros intelectuais da criação de um Departamento de Cultura para a Cidade de São Paulo, sendo o diretor da Divisão de Bibliotecas, quando o Departamento foi efetivamente criado. Fundou o Curso de Biblioteconomia na Fundação Escola de Sociologia e Política (FESP), em São Paulo. Foi um dos fundadores da Associação Paulista de Bibliotecários (APB). Publicou várias obras, com destaque para: '*Manual bibliográfico de estudos brasileiros*', em 1949; e '*O bibliófilo aprendiz*', em 1965.

Na sequência apresentam a biografia de Lydia de Queiroz Sambaquy (1913-2006), bibliotecária brasileira, foi Presidente durante onze anos do antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atualmente denominado Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), foi Vice-Presidente da Federação Internacional de Documentação (FID), no período de 1959 a 1962. Foi professora do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Publicou várias obras com destaque para '*A biblioteca do futuro*', em 1972.

Na sequência apresentam a biografia de Jesse Hauk Shera (1903-1982), bibliotecário norte-americano, professor da Escola de Biblioteconomia da *University of Chicago*. Shera atuou na *Library of Congress* nos anos de 1940 e 1941, posteriormente atuou no *Office of Strategic Services* de 1941 a 1944. Foi um dos fundadores do *Center of Documentation & Communication Research* do qual foi diretor em 1959. Representou o governo dos Estados Unidos na Europa e na América Latina em conferências internacionais sobre Documentação e Biblioteconomia. Foi pioneiro no uso da tecnologia de informação em bibliotecas. Publicou dezesseis obras com destaque para: '*An epistemological foundation for Library Science*', em 1965; '*Sociological foundations of Librarianship*', em 1970; '*The foundations of education for Librarianship*', em 1972; e '*Introduction to Library Science: Basic elements of library service*', em 1976.

No capítulo seguinte apresentam a biografia de Laura Garcia Moreno Russo (1915-2001), bibliotecária brasileira. Teve papel decisivo para a aprovação da legislação que rege a profissão do bibliotecário no Brasil no final da Década de 1950. Foi fundadora da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), sendo sua primeira presidente. Presidiu o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) de 1966 a 1968). Atuou como Diretora da Biblioteca Mário de Andrade, bem como Bibliotecária Chefe da Seção de Psicologia Infantil na Biblioteca Monteiro Lobato, ambas na Cidade de São Paulo. Elaborou a primeira versão do Código de Ética Profissional do Bibliotecário, em 1961.



Em seguida apresentam a biografia de Edson Nery da Fonseca (1921-2014), bibliotecário brasileiro. Participou da criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1948. Participou da criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1954, atuando como Diretor do Departamento de Bibliografia. Foi professor do Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB) de 1962 a 1991. Público várias obras, com destaque para: 'Ser ou não ser bibliotecário', em 1966; 'Problemas de comunicação da informação científica', em 1973; 'A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial', em 1979; 'Introdução a Biblioteconomia', em 1992.

No capítulo seguinte apresentam a biografia de Frederic Wilfrid Lancaster (1933-2013), bibliotecário, pesquisador e professor britânico. Imigrou para os Estados Unidos em 1959, e atuou na época como bibliotecário da *Akron Public Library*, Ohio, Estados Unidos. Em 1962, retornou à Inglaterra para desenvolver pesquisas realizadas no âmbito da *Association of Special Libraries and Information Bureaux* (ASLIB), sediada em Londres, enfocando temas relacionados à recuperação da informação e à indexação. Em 1964, retornou aos Estados Unidos e passou a desenvolver atividades junto a *National Library of Medicine* (NLM). Atuou como professor de 1970 a 1992, na Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação da *University of Illinois*, Estados Unidos. Foi editor do periódico *Library Trends*.

E, por fim, no último capítulo, apresentam a biografia de Joseph Zbigniew Nitecki (1922-2017), polonês de nascimento, se naturalizou norte-americano em 1956. Como bibliotecário exerceu várias atividades como diretor de bibliotecas em diferentes universidades dos Estados Unidos. Foi professor da Escola de Ciência da Informação e Política na *State University of New York*. Publicou seis livros, com destaque para '*Metalibrarianship: A model for intellectual foundations of Library Information Science*', em 1993.

Essas biografias recuperam fatos históricos, políticos, econômicos e tecnológicos, bem como recuperam instrumentos elaborados para serem aplicados aos fazeres biblioteconômicos em diferentes épocas. Destaca, também, a atuação do profissional bibliotecário em distintos contextos, ambientes e países, evidenciando o importante papel profissional para o acesso à informação e ao conhecimento.

Para os alunos de graduação e de pós-graduação esse livro é essencial, pois conhecer a história da área é o primeiro passo para compreender o papel profissional que devemos assumir junto à sociedade e, o mais importante, sem conhecer o passado, não há como pensar o futuro.

***Marta Valentim***

## **Forward: they named the building after us**

*A common complaint I hear from librarians is that we are one of the only professions named after a building. My response begins by pointing out that actually accountants got their name from counting houses – their functions just became so vital to society, they needed accountants in organizations of all types. If that doesn't work, I say, just tell everyone they named the building after us.*

*I point this out because too often in our field we ascribe power, progress, and service to buildings, or more broadly, institutions. On our websites and in our articles, we talk about the library doing this or that. The library will offer a lecture, or the library collects materials. The fact is the library is a building that can little more than exert gravity and shield you from the rain. It is the people in these buildings and these organizations that make things happen.*

*Libraries don't decide to expand services or seek equity in society; librarians do. Ours is not a field of architecture and org charts, but of people striving to do good in society. And, as people, librarians come with very human flaws. It can make works of biography difficult to reconcile contributions in a time, from flaws of the time.*

*This is why I am so excited for this work. Biographies of scholars, librarians, information scientists show that progress comes from the contribution of people working in collaboration and building movements and schools of thought. It shows that things like classification systems, information retrieval software, and even laws are the product of thought and debate and compromise, not divine providence.*

*Ironically, one of the covered librarians, Melvil Dewey, might argue the point. After all, he says his inspiration for his decimal system came to him in church. Many people and outside of the profession associate Dewey with one his long-standing contribution to the field – a universal classification system using a numbering system with terms that could be adapted to other languages. However, Dewey's life and work also highlight the importance of biography.*

*A study of the Dewey Decimal Classification alone will miss how he was very much a product of his time, and the impact of his personal views on his work. Dewey's drive to efficiency was a product of the industrial revolution, and his need to create an industrial scale in librarianship. In many ways the library field is still shaking of the yolk of this perspective that sought standardization over local connection and mistaking efficiency for effectiveness.*

*If you are not aware of Dewey's evangelical history to the point of antisemitism or his misogyny, you might not see the clear worldview ingrained in his numerical topology. It is no coincidence that his classification of religion (the 200s) is devoted to all aspects of Christianity, relegating all other religions to single top-level class of "Other Religions."*

*Knowing about the people behind the work has been instrumental in my own work in seeing librarianship as intensely human and focused on the well-being of communities, not simply on collecting and providing access. My work, and myself, are also a product of my time.*

*I would also see this book as important because of the role of students in the creation of these biographies. Those new to the field, regardless of age, have a powerful and unique perspective. They bring fresh eyes to a field and to practice. A clear sign of the vitality of a profession is the ability, even the desire, to incorporate new ideas – from other fields, from the passion of the new. This is the reason librarianship has existed in one form or another for over 4,000 years. Not because it wouldn't change, but because it did.*

*I hope the readers of this book look here for inspiration as much as recollection. I hope that readers will bring a questioning mind, not a sense of nostalgia. While we need to know of the work of Lancaster, Borba, and Sambaquy, we also need to know that they did not begin as icons of the field, but as students and often from other fields. We must also remember that while their ideas and accomplishments were great, this took work. They faced rejection. They faced challenges. And yet, they persisted.*

*So while some may look at the contents of this book as history, I urge you to look at it as inspiration. In these pages are Americans, Brazilians, Englishmen, and Indians. Some started from privileged positions, many did not. Yet in the end, their contributions were not limited by their locality or nationality. They were people who saw possibility and worked to make that possibility reality.*

*In fact, I hope readers will look at the book itself as an inspiration for new ways to explore biographies. How can we continue to explore the work of people and the people who do the work? What does biography look like in an era of social media? How would we view Ranganathan's laws if he lived in a time of Twitter, and YouTube? How can bibliography both recognize genius, and inspire others to their own genius?*

*To the list of greats in this book I could add more that have shaped our field. Robert Taylor, Augusta Baker, Patrick Wilson, Carl Linnaeus, Francis Bacon, Robert Wedgeworth, and many many more. The point is not who is in and who is out, but for you to realize that people make a difference and push a field forward, and, someday it may be you in a future edition.*

***R. David Lankes***

## Prefácio [Tradução]

### Eles nomearam o prédio depois que nós já existíamos<sup>1</sup>

Uma queixa comum que ouço de bibliotecários é que somos uma das únicas profissões com o mesmo nome que um prédio. Minha resposta começa apontando que, na verdade, os contadores conseguiram seu nome contando as casas - suas funções tornaram-se tão vitais para a sociedade, que passaram a precisar de contadores em organizações de todos os tipos. Se isso não funcionar, eu falo, apenas diga a todos que nomearam o prédio quando nós, bibliotecários/as, já existíamos.

Eu aponto isso porque muitas vezes em nosso campo atribuímos poder, progresso e serviço a edifícios, ou mais amplamente, a instituições. Em nossos sites e em nossos artigos, falamos sobre a biblioteca fazendo isso ou aquilo. A biblioteca oferecerá uma palestra ou a biblioteca coletará materiais. O fato é que a biblioteca é um edifício que pode fazer pouco mais do que transmitir seriedade e te proteger da chuva. São as pessoas nesses edifícios e nessas organizações que fazem as coisas acontecerem.

As bibliotecas não decidem expandir os serviços ou buscar a igualdade na sociedade; bibliotecários/as o fazem. O nosso campo não é uma esfera da arquitetura e dos organogramas, mas de pessoas que se esforçam para fazer o bem na sociedade. E, como pessoas, bibliotecários/as possuem falhas muito humanas. Isso pode dificultar que trabalhos biográficos reconciliem contribuições de um período, que preencham lacunas do tempo.

É por isso que estou tão animado com este trabalho. Biografias de estudiosos, bibliotecários, cientistas da informação que mostram que o progresso vem da contribuição de pessoas que trabalham em colaboração na construção de movimentos e escolas de pensamento. Isso mostra que coisas como sistemas de classificação, softwares de recuperação de informações e até leis são o produto do pensamento, do debate e do compromisso, não da providência divina.

Ironicamente, um dos bibliotecários abordados, Melvil Dewey, pode argumentar acerca essa questão. Afinal, ele disse que a inspiração para seu sistema decimal veio a ele na igreja. Muitas pessoas dentro e fora da profissão associam Dewey a uma contribuição de longa data para o campo - um sistema de classificação universal que usa um esquema de numeração com termos que podem ser adaptados para outras línguas. No entanto, a vida e o trabalho de Dewey também destacam a importância da biografia.

Um estudo da Classificação Decimal de Dewey de maneira isolada deixará de perceber como seu autor foi um produto de seu tempo e qual impacto suas visões

<sup>1</sup> Tradução feita por Izabel Lima.



peçoais tiveram em seu trabalho. A busca de Dewey por eficiência era uma consequência da revolução industrial, e ele necessitava criar uma escala industrial na Biblioteconomia. De muitas maneiras a área ainda está quebrando o jugo dessa perspectiva, que buscou padronização acima de conexão local e confundiu eficiência com eficácia.

Se você não está ciente da trajetória religiosa de Dewey ao ponto do antissemitismo ou de sua misologia, talvez não perceba com clareza a visão de mundo enraizada em sua topologia numérica. Não é coincidência que a classe que trata da religião (classe 200) seja dedicada a todos os aspectos do cristianismo, relegando todas as demais religiões a uma única subclasse de alto nível denominada de "Outras Religiões".

Saber sobre as pessoas por trás do trabalho tem sido fundamental no meu próprio esforço em ver a Biblioteconomia como intensamente humana e focada no bem-estar das comunidades, não simplesmente em coletar e fornecer acesso. Meu trabalho e eu também somos um produto do meu tempo.

Eu também vejo este livro como importante por causa do papel dos estudantes na elaboração dessas biografias. Aqueles que são novos no campo, independentemente da idade, têm uma perspectiva poderosa e única. Eles trazem novos olhares para uma área e para uma prática. Um sinal claro da vitalidade de uma profissão é a capacidade, até mesmo o desejo, de incorporar novas ideias - de outros campos, da paixão pelo novo. Esta é a razão pela qual a Biblioteconomia existe de uma forma ou de outra há mais de 4.000 anos. Ela existe não porque não mudou, mas sim porque o fez.

Espero que as/os leitoras/es deste livro tomem-no tanto para inspiração quanto para lembrar. Espero que as/os leitoras/es tragam uma mente questionadora, não uma sensação de nostalgia. Embora precisemos conhecer o trabalho de Lancaster, Rubens Borba e Sambaquy, também precisamos saber que elas/es não começaram como ícones do campo, mas como estudantes, muitas vezes oriundas/os de outras áreas. Devemos lembrar que, embora suas ideias e realizações tenham sido ótimas, isso exigiu trabalho. Elas/es enfrentaram rejeição. Elas/es enfrentaram desafios. E ainda assim, elas/es persistiram.

Então, enquanto alguns podem olhar o conteúdo deste livro como história, peço-lhe que olhe para ele como inspiração. Nestas páginas estão americanos, brasileiros, ingleses e indianos. Alguns começaram a partir de posições privilegiadas, outros não. No entanto, no final, suas contribuições não foram limitadas por sua localidade ou nacionalidade. Elas/es eram pessoas que enxergavam possibilidades e trabalhavam para torná-las realidade.

Na verdade, espero que as/os leitoras/es vejam essa obra como uma inspiração para novas formas de explorar as biografias. Como podemos continuar a aproveitar o trabalho das pessoas e as pessoas que fazem o trabalho? Como é a biografia em uma era de mídia social? Como veríamos as leis de Ranganathan se ele vivesse em uma

época de Twitter e YouTube? Como a biografia pode ajudar a reconhecer o gênio e inspirar os outros a explorarem sua própria genialidade?

Para a lista de grandes nomes deste livro, poderia acrescentar outros/as mais que moldaram nosso campo. Robert Taylor, Augusta Baker, Patrick Wilson, Carl Linnaeus, Francis Bacon, Robert Wedgeworth e muitos/as outros/as. O ponto não é quem está dentro e quem está fora, mas sim você perceber que as pessoas fazem a diferença e empurram um campo para frente, e que pode ser sua biografia numa edição futura.

***R. David Lankes***

***Tradução feita por Izabel Lima***

# Capítulo 1

## Concepções Biográficas Aplicadas ao Campo da Biblioteconomia: marcos autorais e político-institucionais

*Jonathas Luiz Carvalho Silva*

### 1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia como área do conhecimento se desenvolveu institucionalmente a partir do século XIX, principalmente a partir de contribuições de autores dos Estados Unidos e Europa (franceses, ingleses etc.). Ela se constituiu fortemente como área de influência histórico-epistemológica estadunidense e francesa, pautada nos processos de organização e preservação do conhecimento através da elaboração de técnicas para o tratamento dos acervos.

A Biblioteconomia surge de dois grandes aspectos imperiosos: o primeiro é de necessidade histórica, que contempla a necessidade de elaboração de técnicas especializadas para práticas em bibliotecas que foram concebidas desde as realizações da Bibliografia empreendidas por Konrad Gesner (1516-1565), assim como de obras como de Gabriel Naudé no século XVII; o segundo é fruto da explosão documental do século XIX que fomenta a produção de uma base fundacional disciplinar biblioteconômica para aplicação em bibliotecas a partir inicialmente de autores como Jacques-Charles Brunet, Léopold-Auguste-Constantin Hesse e Anthony Panizzi. E, em seguida, de autores como Charles Ammi Cutter e Melvil Dewey. Os dois momentos, embora em períodos históricos distintos, são complementares e desafiam a institucionalização da Biblioteconomia como área do conhecimento.

Naudé, além da produção de um livro elencando conselhos para organizar uma biblioteca (publicado em 1627), lançou em 1643, um novo sistema de classificação na obra *Bibliotheca Cordesiane Catalogus*, que abrangia 12 classes: Teologia, Medicina, Bibliografia, Cronologia, Geografia, História, Arte Militar, Jurisprudência, Direito, Filosofia, Política e Literatura (CALCALY, 1997). As obras de Naudé foram fundamentais para a formulação de uma fundamentação teórica, epistemológica e aplicada para o campo da Biblioteconomia, em especial, no que tange a organização de bibliotecas.

A Biblioteconomia, considerando os expoentes produtores de conhecimentos entre os séculos XVII e XX, que deixaram marcas substanciais na área, precisa de um olhar mais cauto sobre o desenvolvimento de obras biográficas que reverberem criticamente os conhecimentos historicamente produzidos e que tratam de aspectos

diversos relacionados à práticas em bibliotecas, formação de conceitos, proposição de serviços, dinamização gerencial, etc.

É pertinente reconhecer que a Biblioteconomia precisa promover maior atenção para os grandes estudiosos, que produziram os primeiros conhecimentos especializados da área entre os séculos XVII e XIX. A falta de obras biográficas cria um hiato entre as produções de conhecimento que deram origem e contribuíram para o desenvolvimento da área e as obras contemporâneas elaboradas nos séculos XX e XXI.

O capítulo representa o resultado de um estudo biográfico de autores que, entre outros não abordados nesta obra, marcaram e contribuíram para o desenvolvimento da Biblioteconomia em nível global e nacional.

O presente capítulo se apropria de um método biográfico na medida em que apresenta como objeto estudiosos da Biblioteconomia, que viveram entre os séculos XVII e XX e conceberam marcadas contribuições para o desenvolvimento da área. O método biográfico é pertinente para, a partir de um diálogo com os estudiosos da área em nível global e nacional e de suas variadas produções de conhecimento, reconhecer as contribuições para a fundamentação histórico-epistemológica da área.

O uso da biografia no âmbito dos estudiosos da Biblioteconomia representa a ideia de que o ato de biografar depende de uma questão de pertencimento, troca e valor de preservação do biografado, em especial, aqueles já falecidos. Neste sentido, os estudiosos já falecidos da Biblioteconomia necessitam de um olhar acurado sob a perspectiva biográfica para uma compreensão sobre o próprio *corpus* de conhecimento da área, pois “A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tomados e expostos à vista de todo mundo” (MALCOLM, 1995, p. 16).

A pesquisa pelo viés biográfico, principalmente quando pensada de modo histórico-crítico, considerando a profundidade dos diálogos teóricos e uso de técnicas como análises bibliográficas e documentais, busca estruturar condições para promoção de uma intimidade mais efetiva entre estudiosos que deixaram marcas na Biblioteconomia global e nacional. E, também, nos atuais leitores/produtores de conhecimentos da área como estudantes, profissionais, professores e pesquisadores.

É pertinente esclarecer, assim, que o presente capítulo se apropria da biografia como fenômeno teórico e metodológico para conceber um arrazoado sobre os estudiosos que compõem a Biblioteconomia, contextualizando propositivamente questões histórico-epistemológicas da área; problematizar questões da Biblioteconomia; justificar a relevância da biografia para o campo da Biblioteconomia; e subsidiar o anúncio sobre os capítulos vindouros que refletem de forma esmerilhada a biografia de diversos estudiosos em nível global e nacional.

Em síntese, o capítulo se apropria da pesquisa biográfica para estabelecer



reflexões e aplicações referentes à institucionalização da Biblioteconomia como área do conhecimento, através de diversos estudiosos abordados em nível global e nacional.

Além disso, o capítulo faz um arrazoado inicial sobre a relevância da biografia para a Biblioteconomia, contemplando reflexões sobre a biografia como gênero histórico-epistemológico. Em seguida, traz uma discussão sobre percepções conceituais sobre Biblioteconomia, destacando as questões autorais de estudiosos já falecidos que deixaram grandes contribuições entre os séculos XVII e XX e institucionais (alusivos aos órgãos de classe), como componentes que formalizam a institucionalização da Biblioteconomia.

## 2 A BIOGRAFIA COMO GÊNERO HISTÓRICO-EPITEMOLÓGICO

A biografia pode ser considerada uma das primeiras e mais relevantes formas de narrativa e contagem da história da vida de sujeitos, sendo um gênero que chama bastante atenção de historiadores, epistemólogos, estudiosos no geral e a sociedade de modo mais amplo, desde a juventude da humanidade. A biografia é entendida como gênero que condensa a narrativa temporal de uma determinada vida por meio escrito, visual e/ou oral através de formatos bibliográficos/documentais como livros, artigos, filmes, peças teatrais, entre outros produtos/atividades intelectuais e artístico-culturais.

Em primeira instância, a biografia, como fenômeno histórico-conceitual, foi marcadamente notada pela concepção de narrativa por meio da exposição de elementos reais ou imaginários de determinados acontecimentos da vida de uma pessoa. Ela é a expressão do discurso que representa meios para entendimento de uma determinada realidade ou para criação de mecanismos lúdicos, para compreensão de um determinado fenômeno.

A biografia, por um lado, é resultante sintomática de conhecer no processo histórico e, por outro lado, como necessidade de produção, uso, assimilação e apropriação de conhecimentos para contextualização dos processos históricos, considerando que a biografia é fundamentalmente a institucionalização de um discurso narrativo historicamente construído. Logo, a existência da biografia se fundamenta pelo fato de que “Contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas” (RICOEUR, 2010, p. 94).

No entanto, a biografia foi utilizada consideravelmente no transcorrer histórico de diversas formas como revela Del Priore (2009): **a primeira** envolve o modelo grego que os esforços de elucidação e interpretação dos historiadores sobre os fatos não obstruiu jamais o desenvolvimento da narrativa, pois não tinha função de prova explicativa, agindo como procedimento retórico ligado a um acontecimento histórico mais amplo; **a segunda**, a hagiografia, encarregou-se de demonstrar a exemplaridade humana em

que a vida dos santos deveria incentivar modelos aos leitores por meio de encarnações do sagrado que se tornavam modelares no percurso realizado por mártires, doutores e confessores, destacando que a partir dos séculos XII e XIII, a santidade passou a ser imitada no cotidiano e a narrativa sobre a vida de cavaleiros invadiu a Idade Média, dando início ao período dos heróis; **a terceira**, foi com o Renascimento que emergiu uma nova maneira de viver e de conceber o destino da humanidade através da promoção do culto de si na condição de que o indivíduo tornou-se meta e norma de todas as coisas; **a quarta**, em especial nos séculos XVII e XVIII, insere o fortalecimento do individualismo biográfico como moda de escrita, trazendo a substituição da imagem do herói pelo sujeito que é útil e proveitoso a sociedade; **a quinta**, estabelecida no século XIX, remonta ao apogeu da corrente positivista, em que as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de “nação”, imortalizando heróis e monarcas, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos, lugares de memória, tradições populares etc.

As etapas elencadas denotam uma visão tradicionalista da biografia marcada por uma perspectiva histórica eminentemente narrativa, seja para contemplar memórias, principalmente de participação ou testemunho, seja para delimitar elementos heroicos de sujeitos ou nações reais ou imaginários que representam uma determinada realidade. Assim, enfatizando a biografia como gênero regulador e ordenador.

A biografia durante a maior parte da história da humanidade possui o caráter de uma narrativa entremeadada de tramas, romances, intrigas, diferenças, subjetividades, factuais e não-factuais que são testemunhadas por sujeitos e/ou por documentos. A biografia favorece a ideia de que a “A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso” (VEYNE, 2008, p. 18), observando que a biografia tem a finalidade de delimitar um recorte histórico, dando vazão para a construção de um conhecimento específico sobre determinada vida ou objeto. Pois, “[...] a história simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos” (VEYNE, p. 18).

A biografia no sentido tradicional não dá conta da amplitude teórica, metodológica e epistemológica da história, mas é fundamentalmente relevante para construção do conhecimento gnosiológico sobre as dinâmicas gerais que norteiam um determinado recorte histórico. E, com isso, promovendo uma percepção embrionária, basilar e potencialmente galvanizando perspectivas para construção de conhecimentos mais amplos. De modo mais categórico, a biografia tradicional possui as marcas, conforme destaca Le Goff (1989): tradicional, superficial, anedótica, cronológica, sacrificada a uma psicologia ultrapassada e incapaz.

Ponderar a biografia apenas no âmbito da narrativa de eventos apresenta uma

concepção redutiva da história de qualquer objeto. Por isso, é preciso perceber a biografia tradicional apenas como um primeiro passo e buscar um amadurecimento historicista da biografia. Para tanto, o século XX traz à baila condições epistêmicas para um dimensionamento mais adensado do conhecimento biográfico: em primeiro lugar, relegando a um plano inferior o caráter biográfico como concepção histórica em virtude de percebê-lo mais como uma atividade artística (representação mais lúdica da realidade histórica), do que propriamente científica; e em segundo lugar, trazendo novamente a biografia para o campo da História visando à superação do olhar meramente narrativo, heroico, literário, positivista e valorizando a formação de uma história sociocultural que dê relevância biográfica aos diferentes atores históricos que compõem um fato.

A primeira concepção representada pela Escola dos Annales, precipuamente entre as décadas de 1930 e 1960 do século XX, utilizava a biografia sob outra roupagem a partir do ser humano como único objeto da história. A segunda concepção, concebida nas décadas de 1970 e 1980, através do texto *"L'illusion biographique"*, de Pierre Bourdieu (1986) que prima pela forte crítica a subjetividade das biografias e favorável à diversidade de histórias de vida possíveis para cada ator social.

Destarte, a biografia proposta cientificamente ao final do século XX determinava que não era mais a de um indivíduo isolado, mas sim, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos em que não eram mais apresentados como heróis, na encruzilhada de fatos, mas como uma espécie de receptáculo de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa de suas vidas torna mais palpáveis, deixando mais tangível a significação histórica geral de uma vida individual (LE GOFF, 1989).

Essa dimensão contemporânea da biografia que aborda a diversidade histórica dos indivíduos, traz perspectivas mais concretas para uma visão epistemológica. A biografia como dimensão epistemológica não está centrada na narrativa, mas na prática de pesquisa sistematicamente produzida que toma como vertentes os procedimentos de constituição individual do ser humano e a construção de si a partir das interações que o indivíduo desenvolve com o outro e com a realidade social.

A **pesquisa biográfica** sustenta um projeto epistemológico que se difere da simples **narrativa biográfica**, pois esta é representativa de um discurso do senso comum, enquanto aquela produz mecanismos estratégicos para o desenvolvimento de uma fundamentação teórico-prática biográfica.

Conforme Delory-Momberger (2016), ao interpelar sobre 'A qual saber aspira a pesquisa biográfica?' traz como respostas um conjunto de etapas, tais como: reconhecer o fato biográfico (a pesquisa biográfica introduz a dimensão do tempo em sua abordagem dos processos de construção individual em que o ser humano faz a experiência de

si mesmo e do mundo, em um tempo que ele relaciona com sua própria existência); descrever a atividade biográfica (trabalho de gênese que retorna às condições nas quais ocorreram as experiências que o ser humano vive e a forma pela qual constrói como “experiência”, ou seja, a construção da experiência é o âmago da atividade biográfica, pois envolve o falar da maneira pela qual cada um de nós nos apropriamos do que vivemos, experimentamos, conhecemos, pela qual nós o transformamos precisamente em “experiência”); analisar o processo de biografização (analisa os processos conjuntos de individuação e de socialização que são constitutivos da construção e do desenvolvimento **socioindividual** como formas de apropriação e de configuração biográfica. É para caracterizar este processo de apropriação/configuração pelo qual o indivíduo produz, para ele como para os outros, as manifestações, o sentido e a forma de sua existência que a pesquisa biográfica recorre ao neologismo biografização).

Ademais, a pesquisa biográfica possui um conjunto de configurações epistemológicas que a definem como atividade de grande relevância para o desenvolvimento técnico-científico, a saber:

- a) o indivíduo como ser social singular – o objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. E, conjuntamente, como os indivíduos – pelas linguagens culturais e sociais que atualizam nas operações de biografização – contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social (“linguagens” tem aqui um sentido muito amplo: códigos, repertórios, figuras de discurso; esquemas, scripts de ação etc.). Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência (DELORY-MOMBERGER, 2012);
- b) configuração hermenêutica – influenciada por autores como Dilthey, Gadamer e Ricoeur, prima pela construção biográfica por meio das múltiplas perspectivas de interpretação da realidade que envolve a experiência humana e sobre o entendimento dessas experiências através de uma historicidade compreensiva, a definição das múltiplas relações entre o mundo interior e exterior em que o biografado está inserido, a relevância das múltiplas formas de linguagem para compreensão do biografado, a preocupação com os direitos do biografado (tanto direito moral, quanto direito jurídico propriamente dito) e a verdade histórica como fenômeno finito da biografia;
- c) configuração fenomenológica – influenciada por autores como Berger, Luckmann,



Schapp e Schütz, a pesquisa biográfica parte dos princípios da definição do objeto de investigação (definir o que, quem e as múltiplas possibilidades de como biografar), descrição (seleção de todos os aspectos de inclusão passíveis de serem condensados na biografia e aspectos de exclusão onde estão os potenciais julgamentos da realidade e metafísicos da biografia) e a dialética da interpretação (momento em que se estabelece meios para compreensão dos fenômenos definidos e descritos, assim como a sistematização horizontal da realidade dos fenômenos e experiências para interpretação biográfica de modo mais equitativo e holístico);

- d) configuração técnica – envolve a realização da entrevista com a finalidade de assimilação, apropriação e compreensão da singularidade de um discurso e de uma experiência, a dimensão heurística composta por três componentes (o entrevistador, o entrevistado e o que se passa entre essas duas pessoas: atitudes, colocações, formas de intercâmbio e de ação recíprocas, além da condução da entrevista que deve superar o simples ato linear do entrevistador e entrevistado, mas a ressignificação de quando o narratário (que não é mais um perguntador) tem o projeto de deixar expandir-se da maneira mais ampla e mais aberta possível o espaço da fala e das formas de existência do narrador, quando ele se coloca na posição de “seguir os atores” (DELORY-MOMBERGER, 2012);
- e) configuração mediacional – é “[...] entendida como os processos envolvidos no acompanhamento de um grupo de pessoas em formação que escrevem e trabalham sobre suas narrativas com a ajuda de um formador” (PASSEGGI, 2008, p. 44) e dividida em iniciática (instância de evocação a partir da seguinte interpelação: que fatos marcaram a minha vida?), maiêutica (instância de reflexão atinente a pergunta: o que os fatos evocados fizeram comigo?) e hermenêutica (instância de interpretação baseada na pergunta: o que faço agora com o que isso me fez?);
- f) configuração memorial – está relacionada a capacidade da biografia em preservar a memória para as futuras gerações, assim como preservar/formalizar o conhecimento produzido por sujeitos que contribuíram para determinadas questões da realidade, através de documentos/fontes que se perpetuam, de sorte que

[...] o potencial da biografia como fonte liga-se à configuração de uma “carga de significados” sobre a experiência narrada, vivida, sentida e sonhada, pelo sujeito que, embora situado em outro tempo, pelo viés da memória, repercute nos dias de hoje (BARROSO, 2015, p. 97).

A pesquisa biográfica compõe uma fundamentação epistemológica que vai desde a desconstrução do caráter redutivo da narrativa para uma dimensão sistematicamente técnico-científica (em que a narrativa está inserida, mas não é o único axioma), passando

por um conjunto de configurações como a individuação do ser humano (o biógrafo, o biografado e as relações sociais entre ambos). Além das configurações hermenêutica, fenomenológica, técnica, mediacional e memorial.

Portanto, a biografia como gênero histórico-epistemológico tem na contemporaneidade uma ampla potencialidade de prática investigativa histórico-cultural e técnico-científica, que dá base para a compreensão hermenêutica da realidade e bases para o desenvolvimento de novos estudos e produção de conhecimentos em variados campos.

### 3 PERCEPÇÕES CONCEITUAIS SOBRE BIBLIOTECONOMIA

A Biblioteconomia é uma área do conhecimento com práticas milenares, mas institucionalizada apenas no século XIX, principalmente a partir da realização dos cursos de Biblioteconomia (a exemplo do curso da *École Nationale des Chartes*, criado em 1821, na França e na Universidade de Columbia, criado em 1887, nos Estados Unidos), das atividades formuladas por estudiosos como criação de produtos (a exemplo de sistemas de classificação, sistemas de catalogação e catálogos) e a formalização dos órgãos de classe (criação da *American Library Association* – ALA em 1876), observando que a construção de uma área do conhecimento depende fundamentalmente da formação acadêmica, da criação de serviços, produtos e atividades gerais para execução profissional e da representação político-institucional (órgãos de classe). Os três fatores elencados possuem relevância complementar, que norteiam a atuação da Biblioteconomia desde a gênese até os dias de hoje.

Sobre a *École Nationale des Chartes*, ela inaugura um marco formal no contexto da formação. Sá (2013, p. 36-37) afirma que a *École Nationale des Chartes* surge:

[...] Com as finalidades de catalogar e possibilitar o acesso aos pesquisadores dos arquivos e bibliotecas confiscados no período revolucionário. A *École Nationale des Chartes*, assim chamada após a Revolução de 1830, oferecia um curso estruturado nas ciências auxiliares da história, cujo programa era constituído basicamente de paleografia, sigilografia, numismática, filologia, classificação de arquivos e bibliotecas, geografia histórica, sistemas monetários de pesos e medidas, história das instituições políticas da França, arqueologia e direito civil, canônico e feudal. Essas disciplinas eram fundamentais para a concretização dos objetivos principais de identificar e decifrar documentos, sejam eles convencionais, como manuscritos, iluminuras, cartas patentes, cartas heráldicas, bulas papais etc., ou tridimensionais, como selos sigilográficos, sinetes, moedas, medalhas, condecorações, brasões, cartelas e lápides.

A *École Nationale des Chartes* é pioneira em nível global por diversos aspectos, tais como: curso amparado em diálogo com o campo da História; curso com amplo diálogo com os processos históricos, em especial, com as questões da medievalidade, com

vistas à identificação e compartilhamento dos documentos produzidos/armazenados nas instituições religiosas; contribui para o acesso de uma diversidade de documentos, antes confiscados, para estudantes, profissionais e pesquisadores; estrutura perspectivas para uma política técnico-científica em torno das concepções e tipologias dos documentos aplicadas em bibliotecas, arquivos e museus; e envolve contribuições para o desenvolvimento da Biblioteconomia, da Arquivologia, da Museologia, das Arqueologia e das questões relacionadas ao patrimônio.

Todas essas contribuições favorecem a estruturação de mecanismos para a institucionalização da Biblioteconomia moderna, enquanto disciplina que cuida dos processos de organização documentária com influência direta no aprimoramento das atividades nas bibliotecas, criação de novos cursos de Biblioteconomia em variados lugares do mundo, assim como na formação de profissionais e estudiosos que é ponto fulcral desta reflexão.

Além da influência francesa, a Biblioteconomia historicamente foi se desenvolvendo de modo latente nos Estados Unidos durante o século XIX como disciplina relacionada à organização da informação e do conhecimento e com a institucionalização dos serviços de referência, que começou a ser discutido nos Estados Unidos em 1876, tendo sido concebido e implantado em 1883 na *Boston Public Library* e surge no interior das atividades das bibliotecas públicas americanas.

No século XX, os setores de organização e serviços foram conquistando espaços mais amplos no campo de estudos e aplicações profissionais, tanto pelo desenvolvimento das escolas de formação superior em nível global e nacional, assim como com a criação de órgãos de classe que foi aguçando as representações da área.

Com a chamada explosão informacional - que se constituiu no pós II Guerra Mundial, mas advinda da Revolução técnico-científica do século XIX - a Biblioteconomia começa a incorporar elementos das tecnologias com intensiva relação no âmbito da recuperação da informação e administração/gestão com grande influência das Ciências Sociais Aplicadas, em especial, da Administração.

A articulação entre os setores de organização, serviços, tecnologias e gestão formam, no final do século XX, em conjunto com os setores de pesquisa e fundamentos teóricos, o substrato político-curricular da Biblioteconomia que é partilhado entre diversas instituições da América Latina e de diversas outras nações.

A Biblioteconomia é uma área do conhecimento que possui fundamentações conceituais, que foram aprimoradas durante a trajetória. O Quadro 1 que segue indica alguns conceitos da área.

**Quadro 1 – Conceitos de Biblioteconomia**

<b>Autor</b>	<b>Conceito</b>	<b>Ano</b>
Pierce Butler	Os elementos básicos da Biblioteconomia consistem na acumulação de conhecimento pela sociedade e sua transmissão contínua às gerações, enquanto esses processos são atualizados através de registros gráficos.	1933
Samuel Bradford	A biblioteconomia ocupa-se de todos os aspectos do tratamento dos livros.	1948
Domingo Buonocore	Área que se destina ao estudo dos princípios racionais para realizar, com a maior eficácia e o menor esforço possível, os fins específicos das bibliotecas. Esta área é dividida em uma parte técnico-científica (estudo sobre seleção, aquisição e catalogação de livros, assim como o regime econômico, os recursos, o local e o mobiliário da biblioteca, sua conservação e uso) e uma parte político-administrativa (meios e métodos mais adequados para garantir um bom serviço público de leitura; relaciona-se com a administração e gestão de bibliotecas).	1952
Joseph Nitecki	Estudo empírico, racional e pragmático da relação entre o livro, o usuário e o conhecimento.	1968
Jesse Shera	A biblioteconomia é a disciplina mais interdisciplinar de todas. Sua tarefa de ordenar, relacionar e estruturar o conhecimento e os conceitos a torna estreitamente inter-relacionada com a semântica geral, também altamente interdisciplinar, epistemológica e envolvida na linguagem, simbolismo, abstração, conceituação e avaliação do conhecimento.	1977
Edson Nery Fonseca	Biblion = livros + theca = caixa + nomos = regra	1992
Yves François Le Coadic	União de duas palavras, "biblioteca" e "economia" (esta no sentido de organização, administração, gestão). A biblioteconomia não é nem uma ciência, nem uma tecnologia rigorosa, mas uma prática de organização: a arte de organizar bibliotecas.	1996
Francisco das Chagas de Souza	A Biblioteconomia é uma ciência que se determina por uma prática social e que se consolida pelo registro e codificação das experiências positivas no uso, organização e controle dos documentos que são buscados pelos seus conteúdos [informação]. A Biblioteconomia opera com a informação e o suporte de informação [materialmente, documento] e tem na organização e controle do fluxo destes e nos sujeitos [geradores e consumidores] de informação os objetivos determinantes do seu campo científico. Historicamente, ela trabalha com aqueles objetos (documentos) e embora mudem formatos e suportes, segundo o nível de atualização tecnológica de cada época, os objetos de informação e organização de seu fluxo são os mesmos.	1996
Maria das Graças Targino	A área do conhecimento que se ocupa com a organização e a administração das bibliotecas e outras unidades de informação, além da seleção, aquisição, organização e disseminação de publicações sob diferentes suportes físicos.	2006



Jonathas Luiz Carvalho Silva	Área do conhecimento que visa promover a organização, tratamento, disseminação e acesso à informação por meio do oferecimento de serviços em centros de informação, tendo como enfoque convencional a biblioteca e como enfoque não convencional as empresas, meios de comunicação, indústria, bancos, entre outros. Para tanto, considera-se como elementos fundamentais para o desenvolvimento de suas atividades a gestão, recursos e fontes de informação, bem como as tecnologias da informação e da comunicação para a construção do seu <i>corpus</i> científico e profissional.	2016
---------------------------------------	---	------

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Os conceitos expostos representam diferentes momentos da Biblioteconomia, porém com similaridades evidentes que envolvem precipuamente os processos de organização e aplicação em bibliotecas, que se constituem como elementos mais tradicionais e embrionários da área em nível global.

Os conceitos referenciam autores com envergadura internacional e nacional, como prova da diversidade concepcional apresentada na Biblioteconomia. Além disso, denotam que a área possui um conjunto de características técnico-científicas (fundamentos gerais que norteiam os estudos e aplicações da área), profissionais (práticas a serem desenvolvidas pelos bibliotecários) e institucionais (práticas a serem aplicadas em ambientes convencionais como bibliotecas e outros ambientes de informação e também em ambientes não convencionais).

Portanto, uma biografia biblioteconômica demanda um olhar metuculoso sobre a fundamentação conceitual formulada pelos estudiosos. No qual se considera as diversas possibilidades de construção semântica, pautadas em perspectivas históricas, epistemológicas, filosóficas, curriculares e disciplinares (e derivações como multi, inter e transdisciplinaridade).

#### **4 MARCOS AUTORAIS E INSTITUCIONAIS DA BIBLIOTECONOMIA: ENTRE O GLOBAL E O NACIONAL**

Conforme mencionado na introdução, o objetivo deste capítulo não é definir uma biografia dos autores, pois a obra em geral já trata disso. Busca-se apenas elencar um conjunto de autores que não estão contemplados diretamente na obra, e que também possuem grande relevância para o desenvolvimento da Biblioteconomia em nível global e nacional.

Um dos primeiros grandes marcos autorais da Biblioteconomia se estabelece no século XVII chamado Gabriel Naudé (2000), que propunha um modelo de biblioteca pública que atuasse como instrumento de ação e preservação cultural. A proposta desse modelo está em seu livro intitulado *Advis pour dresser une bibliothèque* (Conselhos para Organizar uma biblioteca), que apresentou ao parlamento francês em 1627. O autor

já ponderava a possibilidade de uma biblioteca que agregasse todo o conhecimento do mundo, ou pelo menos uma biblioteca que pudesse agregar uma ampla dimensão de acervo e catálogos. Isso significava dizer que Naudé era um entusiasta do discurso de que a biblioteca deveria ser acessível a todos sem distinção de raça, credos ou intelectualidades.

De acordo com Silva e Freire (2015), Naudé pensou em diversos aspectos para compor o seu discurso de uma “biblioteca para todos”, pautando a partir dos seguintes tópicos: o motivo e interesse que se deve ter em construir bibliotecas; o modo de se informar e como aprender a organizar uma biblioteca; a quantidade necessária de livros que deve possuir uma biblioteca; a qualidade e as condições que devem ter os livros; os meios de poder recuperá-los; a situação do local e onde manter os livros; a ordem e concordância dos livros; o ornamento e a decoração que deve possuir uma biblioteca; e qual o objetivo principal desta biblioteca.

Naudé já apresenta preocupações com questões que hoje são muito comuns no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, tais como: organização, difusão e acesso à informação; procedimentos para recuperação de informação, quantidade e qualidade de livros em uma biblioteca. É pertinente ressaltar que Naudé, com o desenvolvimento desta obra, mostra quão importante é uma reorganização bibliográfica para a apropriação do saber (GÓMEZ, 2000).

Entretanto, é no início do século XIX que a Biblioteconomia se institucionaliza como disciplina a partir de diversos protagonistas, que produzem conhecimentos para o desenvolvimento da área.

A Biblioteconomia moderna, que se firma como área do conhecimento, se institucionaliza a exemplo da expressiva contribuição francesa através da fundação em 1821 do Curso de Biblioteconomia da *École Nationale des Chartes*, sediado em Paris. E influenciou a formação de diversos cursos de Biblioteconomia pelo mundo, incluindo no Brasil, bem como o surgimento de uma variedade de estudiosos/profissionais.

O Quadro 2 que segue identifica estudiosos/profissionais que se destacaram na área de Biblioteconomia no século XIX:

**Quadro 2** – Estudiosos/profissionais que marcaram a Biblioteconomia no século XIX e início do século XX em nível global e nacional

Estudiosos / Profissionais	Realizações	Período	País
Martin Schrettinger (1772-1851)	Publicação da obra <b>Bibliotek-Wissenschaft</b> (Ciência da Biblioteca) que poderia ser considerada um dos primeiros indícios da Biblioteconomia como área que formula diretrizes técnico-científicas para a organização de uma biblioteca.	1809-1829	Alemanha
Jacques-Charles Brunet (1780-1867)	Publicação do <i>Manuel du Libraire et de l'Amateur des Livres</i> (Manual do Livreiro e do Amante do Livro) apresentando uma bibliografia internacional de livros raros existentes até o período de publicação do manual.	1810	França
Léopold-Auguste-Constantin Hesse (1779-1844)	Publicação da obra <i>Bibliothéconomie: instructions sur l'arrangement, la conservation e l'administration des bibliothèques</i> (Biblioteconomia: instruções sobre arranjo, preservação e administração de biblioteca).	1839	França
Anthony Panizzi (1797-1879)	Publicação da obra denominada <i>Rules for the Compilation of the Catalog: Catalogue of Printed Books in British Museum</i> (Regras para a Compilação do Catálogo: Catálogo de Livros Impressos no Museu Britânico), contendo 91 regras para otimização das práticas de catalogação.	1841 Última edição em 1936	<b>Itália</b> , mas com destaque na <b>Inglaterra</b>
Charles C. Jewett (1816-1868)	Publicou um código para o <i>Smithsonian Institution</i> baseado nas regras de Panizzi com 33 regras.	1853	Estados Unidos
Charles Ammi Cutter (1837-1903)	Publicação da obra <i>Rules for a Printed Dictionary Catalog</i> (Regras para um catálogo de dicionário impresso. O chamado código de Cutter continha 369 regras.	1876	Estados Unidos
Melvil Dewey (1851-1931)	Publicação da Classificação Decimal de Dewey (CDD). Contribuiu na criação da <i>American Library Association</i> (ALA). Contribuiu na criação da primeira Escola de Biblioteconomia da Universidade de Columbia.	CDD: 1876 ALA: 1876 Curso: 1887	Estados Unidos
Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938)	Diretor da Biblioteca Nacional	1888-1900	Brasil
Manuel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956)	Diretor da Biblioteca Nacional (BN) Propositor do Primeiro Curso de Biblioteconomia no Brasil pela BN em 1911 que teve início em 1915	Diretor da BN: 1900-1924	Brasil

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

O século XIX define os fundamentos da Biblioteconomia, como substrato embrionário através dos seguintes elementos: o primeiro é a constituição de meios para o *modus operandi* de uma biblioteca; o segundo envolve a formulação de produtos relacionados à organização do conhecimento, principalmente no que se refere às técnicas de classificação e de catalogação; e o terceiro é consequência dos dois primeiros sintetizando mecanismos para organização de bibliotecas por meio das técnicas elaboradas por estudiosos como Panizzi, Cutter, Dewey, entre outros.

Embora já no início do século XIX práticas bibliotecárias alusivas à organização já fossem praticadas, é em 1839, com Léopold-Auguste-Constantin Hesse, que a Biblioteconomia conquista uma referência terminológica mais precisa e passível de uma análise mais adensada como disciplina que cuida da organização de materiais bibliográficos aplicadas em bibliotecas de diversos tipos como públicas, universitárias, escolares e especializadas.

Vale destacar, que o desenvolvimento de cursos como da *École Nationale des Chartes* e da Universidade de Columbia, além da ALA, promoveram contribuições significativas para o desenvolvimento da área no campo da formação acadêmica, atuação profissional e político-institucional. Assim, como a criação de novos produtos e técnicas de organização e serviços de informação que delinearão novos modos de valorizar e visibilizar a biblioteca, como ambiente informacional-documental estrategicamente organizado.

Já no século XX, novos marcos consagram a Biblioteconomia, ampliando a relevância existencial da área. Além das contribuições de Naudé e os autores elencados no Quadro 3, há ainda outros pesquisadores/estudos da Biblioteconomia que merecem ênfase, tais como: estudos quantitativos de produção bibliográfica, expostos por E. W. Hulme no *British Patent Office Library*, em 1922 e da distribuição bibliométrica elaborada por Samuel Clement Bradford e J. Lancaster Jones no *Science Museum Library*, em 1934; da teoria e prática da classificação explicitadas no livro *The Organization of Knowledge and the System of the Sciences* de Henry E. Bliss, em 1929; da aplicação de métodos de pesquisas sociais em estudos sobre bibliotecas publicados por Waples; dos sistemas de classificação e leis para bibliotecas, apresentados pelo bibliotecário indiano Shiyali R. Ranganathan (ROBREDO, 2003).

O século XX representa um significativo avanço da Biblioteconomia em nível global e nacional na formação acadêmica, nas práticas profissionais e nas representações político-institucionais. O quadro que segue identifica alguns grandes estudiosos de nível global e nacional, que contribuíram expressivamente para o desenvolvimento do campo biblioteconômico-informacional.

**Quadro 3 – Estudiosos que marcaram a Biblioteconomia no século XX em nível global e nacional**

Estudiosos	Feitos e períodos	País
Shialy Ramamrita Ranganathan (1892-1972)	<p>Criador das chamadas 5 Leis da Biblioteconomia (5 Leis de Ranganathan)</p> <p>Criador da Classificação dos 2 pontos</p> <p>Publicou mais de 50 livros dentre os quais se destacam:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <i>Five Laws of Library Science</i> (1931);</li> <li>2. <i>Colon Classification</i> (1933);</li> <li>3. <i>Classified Catalogue Code</i> (1934);</li> <li>4. <i>Prolegomena to Library Classification</i> (1937);</li> <li>5. <i>Theory of the Library Catalogue</i> (1938);</li> <li>6. <i>Elements of Library Classification</i> (1945);</li> <li>7. <i>Classification and International Documentation</i> (1948);</li> <li>8. <i>Classification and Communication</i> (1951);</li> <li>9. <i>Headings and Canons</i> (1955).</li> </ol>	Índia
Lee Pierce Butler (1884-1953)	<p>Foi professor da Escola de Biblioteconomia de Chicago</p> <p>Autor da obra "<i>An introduction to library science</i>" (1933) – Obra publicada em português em abril de 1971 – Introdução à ciência da biblioteconomia. Rio de Janeiro: Lidor, 1971.</p>	Estados Unidos
José Ortega y Gasset (1883-1955)	<p>Embora seja filósofo de formação elaborou o discurso inaugural, quando era ministro da Educação da Espanha, em 20 de maio de 1935, por ocasião da abertura do Segundo Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliografia, realizado em Madrid. Desse discurso nasce o livro "<i>Misión del bibliotecario</i>" (Missão do Bibliotecário), traduzido para o Português em 2006 pela Editora Briquet de Lemos.</p> <p>O livro pode ser acessado em espanhol no link: <a href="https://emastromatteo.files.wordpress.com/2010/08/mision_bibliotecario.pdf">https://emastromatteo.files.wordpress.com/2010/08/mision_bibliotecario.pdf</a></p>	Espanha
Margareth Elizabeth Egan (1905-1959)	<p>Foi professora da Western Reserve University em Cleveland, Ohio.</p> <p>Criadora da Epistemologia Social em parceria com Jesse Shera.</p>	Estados Unidos



<p>Jesse Hauk Shera (1902 – 1982)</p>	<p><i>Professor da Escola de Biblioteconomia de Chicago</i>  <i>Criador da Epistemologia Social</i>  <i>Autor de livros tais como:</i></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <i>Foundations of the public library: the origins of the public library movement in New England, 1629–1855. Chicago: University of Chicago Press, 1952, 1949;</i></li> <li>2. <i>Bibliographic organization. Chicago, University of Chicago Press, 1951;</i></li> <li>3. <i>Historians, books and libraries: a survey of historical scholarship in relation to library resources, organization and services. Cleveland, Press of Western Reserve University, 1953;</i></li> <li>4. <i>Documentation in action/ Jesse H. Shera, Allen Kent, James W. Perry [editors]. New York: Reinhold Publishing Corp., 1956;</i></li> <li>5. <i>The classified catalog: basic principles and practices. Chicago, American Library Association, 1956;</i></li> <li>6. <i>Information resources: a challenge to American science and industry. Cleveland, Press of Western Reserve Univ. 1958;</i></li> <li>7. <i>An epistemological foundation for library science. Cleveland, Press of Western Reserve University, 1965;</i></li> <li>8. <i>Libraries and the organization of knowledge. London, C. Lockwood 1965;</i></li> <li>9. <i>Documentation and the organization of knowledge. Hamden, Conn., Archon Books, 1966;</i></li> <li>10. <i>Sociological foundations of librarianship. New York, Asia Pub. House 1970;</i></li> <li>11. <i>“The complete librarian”; and other essays. Cleveland, Press of Western Reserve University, 1971, 1979;</i></li> <li>12. <i>The foundations of education for librarianship. New York, Becker and Hayes 1972;</i></li> <li>13. <i>Knowing books and men; knowing computers too. Littleton, Colo., Libraries Unlimited, 1973;</i></li> <li>14. <i>Introduction to library science: basic elements of library service. Littleton, Colo.: Libraries Unlimited, 1976.</i></li> </ol>	<p>Estados Unidos</p>
<p>Joseph Nitecki (1922 – 2017)</p>	<p>Foi professor da Escola de Biblioteconomia de Chicago  Publicou a Trilogia da Biblioteconomia, a saber:  <i>Metalibrarianship: a model for intellectual foundations of library information science. Washignton, DC: Eric Clearinghouse, 1993. V.1.</i>  <i>Philosophical aspects: of Library Information Science in retrospect. Washignton, DC: Eric Clearinghouse, 1993. V.2</i>  <i>Philosophical Ancestry: of American Library Information Science. Washignton, DC: Eric Clearinghouse, 1993. V.3.</i></p>	<p>Estados Unidos</p>

<p>Rubens Borba de Moraes (1899 – 1986)</p>	<p>Criador do Curso de Biblioteconomia pela Prefeitura de São Paulo (1936-1939). Autor de livros, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Manual bibliográfico de estudos brasileiros (Rio de Janeiro: Editora Gráfica Souza, 1949; Brasília: Senado Federal, 1998, em 2. v.), em coautoria com William Berrien;</li> <li>2. Bibliographia brasiliana (Amsterdam: Colibris, 1958, 2 v. em inglês; Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications, 1983, 2 v. em inglês; São Paulo: Edusp: Fapesp, 2010, em português; catálogo e compêndio de referência a bibliófilos, bibliotecários e estudiosos de livros raros sobre o Brasil;</li> <li>3. O bibliófilo aprendiz (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965; 2. ed. revista e aumentada pela mesma editora em 1975; 3. ed. pelas editoras Briquet de Lemos e Casa da Palavra em 1998; e 4. ed. pelas mesmas editoras em 2005); espécie de introdução à bibliofilia;</li> <li>4. Livros e bibliotecas no Brasil colonial (Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979; Brasília: Briquet de Lemos, 2006, 2. ed.);</li> <li>5. Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (São Paulo: Edusp: Kosmos, 1993, 2. v., editado postumamente).</li> </ol>	<p>Brasil</p>
<p>Lydia de Queiroz Sambaquy (1913–2006)</p>	<p>Foi bibliotecária da biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público, DASP entre 1939 a 1945. Foi professora do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional onde ensinava catalogação e classificação a partir de 1945. Foi criadora e primeira presidente do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) entre 1954 e 1965. Vice-Presidente da Federação Internacional de Documentação (FID) entre 1959 e 1962.</p>	<p>Brasil</p>

<p>Edson Nery da Fonseca (1921–2014)</p>	<p>Participou da criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1948.</p> <p>Participou da criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) em 1954 onde dirigiu do Departamento de Bibliografia.</p> <p>Foi professor do Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB) a partir de 1962 até 1991.</p> <p>Publicou livros, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bibliotecas e Bibliotecários da província (Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1959);</li> <li>2. Ramiz Galvão, bibliotecário e bibliógrafo (Livraria São Jose, 1963);</li> <li>3. Universidades, bibliotecas e museus (1964);</li> <li>4. Ser ou não ser bibliotecário (Gráfica Piloto da UnB, 1966);</li> <li>5. Bibliografia de obras de referência pernambucanas (Imprensa Universitária, 1964);</li> <li>6. Problemas de comunicação da informação científica (Thesaurus Editora, 1973);</li> <li>7. Conservação de bibliotecas e arquivos em regiões tropicais (Edições ABDF, 1975);</li> <li>8. A biblioteconomia brasileira no contexto mundial (Edições Tempo Brasileiro, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1979);</li> <li>9. A biblioteca escolar e a crise da educação (Livraria Pioneira Editora, 1983);</li> <li>10. Problemas brasileiros de documentação (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1988);</li> <li>11. Ser ou não ser bibliotecário e outros manifestos contra a rotina (Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1988);</li> <li>12. Introdução à Biblioteconomia (Briquet de Lemos, 1992).</li> </ol>	<p>Brasil</p>
--	---	---------------

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

A fundamentação histórico-epistemológica da Biblioteconomia se consolida no século XX, não somente pelo advento de grandes estudiosos e das diversas obras produzidas. Mas, pelo protagonismo desses estudiosos enquanto profissionais, docentes, pesquisadores e gestores que desenvolveram escolas de formação, institutos de ensino e pesquisa, ambientes de informação, em especial, bibliotecas, além da criação/representação de órgãos de classe.

Entre os autores mencionados e outros que trouxeram em vida (e ainda permanecem marcantes após o falecimento), é possível perceber contribuições efetivas para um amadurecimento epistemológico da área a partir da constituição de novos setores de estudo e aplicação profissional, formação de conceitos, definição de objetos de estudo, apropriação de conhecimentos de outras áreas para fortalecer o campo biblioteconômico-informacional.

Vale ressaltar, que alguns estudiosos possuíam outras formações em nível superior, contudo tiveram suas atuações notadamente marcadas como bibliotecários e estudiosos da Biblioteconomia a exemplo de Ranganathan (Matemática) e Rubens Borba de Moraes (Letras).

Além dos marcos autorais nos séculos XIX e XX, que consolidaram a área na perspectiva histórico-epistemológica, a Biblioteconomia possui marcos institucionais que preconizaram possibilidades diversas de atuação delineadas pela criação de órgãos de classe, tais como conselhos, associações e sindicatos, conforme revela o quadro que segue:

**Quadro 4** – Órgãos de classe (conselhos, associações, sindicatos e cooperativas) internacionais e nacionais da Biblioteconomia nos séculos XIX, XX e XXI

Órgão de classe	Origem	Perspectivas de atuação/ Finalidades/Objetivos/ Competências	Link para mais informações
American Library Association (ALA)	1876	A ALA é a maior e mais antiga associação de bibliotecas do mundo. Fundada em 6 de outubro de 1876 durante a Exposição do Centenário na Filadélfia, a missão da ALA é fornecer liderança para o desenvolvimento, promoção e melhoria de serviços bibliotecários e de informação e a profissão de biblioteconomia, a fim de melhorar a aprendizagem e garantir acesso à informação para todos.	<a href="http://www.ala.org/">http://www.ala.org/</a> Estados Unidos
Special Libraries Association (SLA)	1909	A SLA é uma organização global especializada fundada em 1909 com sede nos Estados Unidos. Adota inovações de especialistas e profissionais na área de informação e bibliotecas. A SLA atende a mais de 12.000 membros em 83 países na profissão de informação, incluindo especialistas em informações corporativas, acadêmicas e governamentais. A SLA promove e fortalece seus membros por meio de iniciativas de aprendizado, incentivos e trabalho em rede.	<a href="https://slaagc.org/">https://slaagc.org/</a> Estados Unidos
International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)	1927	É o principal órgão internacional que representa os interesses da biblioteca, serviços de informação e dos usuários. Ele representa, em termos globais, a profissão de bibliotecário e outros profissionais da informação. A fundação da IFLA se deu por ocasião de uma conferência internacional. Atualmente a IFLA possui 1.600 membros em aproximadamente 150 países ao redor do mundo.	<a href="https://www.ifla.org/">https://www.ifla.org/</a> Escócia Desde 1971, a sede fica na Biblioteca Nacional dos Países Baixos na cidade de Haia, onde a Federação foi registrada.

Documentate Institute	1935	A ASIS&T é uma associação profissional que preenche a lacuna entre a prática da ciência da informação e a pesquisa.	
American Documentate Institute (ADI)	1937	A ASIS & T foi fundada em 13 de março de 1937, como o American Documentation Institute (ADI), uma organização de serviços formada por indivíduos nomeados e representando sociedades científicas e profissionais afiliadas, fundações e agências governamentais.	
American Society for Information Science (ASIS)	1968	Seu interesse inicial foi no desenvolvimento de microfilme como uma ajuda para a disseminação de informações.	
American Society for Information Science and Technology (ASIS&T)	2000	À medida que as aplicações de tecnologia da informação e da comunicação proliferam e interferem cada vez mais no cotidiano de quase todos no mundo desenvolvido, os membros da ASIS & T estão na vanguarda no exame das bases técnicas, consequências sociais e compreensão teórica dos bancos de dados on-line. Governo, indústria e educação, e o desenvolvimento da Internet e da World Wide Web. Em 2000, a Sociedade mudou seu nome para Sociedade Americana de Ciência e Tecnologia da Informação (ASIS & T), refletindo o alcance de seus membros. Em 2013, a Sociedade mudou seu nome para Associação de Ciência da Informação e Tecnologia (ASIS & T) para refletir sua crescente participação internacional.	<a href="https://www.asist.org/">https://www.asist.org/</a>
Association for Information Science and Technology (ASIS&T)	2013	A missão da Associação de Ciência da Informação e Tecnologia é promover as ciências da informação e aplicações relacionadas à tecnologia da informação, fornecendo foco, oportunidade e apoio a profissionais e organizações da informação.	Estados Unidos



<p>Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB)</p>	<p>26 de julho de 1959</p>	<p><b>Objetivos:</b>          Congregar as entidades para tornarem-se membros e instituições filiadas;          Coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais;          Apoiar as atividades de seus filiados e dos profissionais associados;          Atuar como centro de documentação, memória e informação das atividades de biblioteconomia, ciência da informação e áreas correlatas brasileiras;          Interagir com as instituições internacionais da área de informação; desenvolver e apoiar projetos na área, visando ao aprimoramento das bibliotecas e dos profissionais;          Contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das comissões e grupos de áreas especializadas de biblioteconomia e ciência da informação.</p>	<p><a href="http://www.febab.org.br/">http://www.febab.org.br/</a>          São Paulo</p>
<p>CFB/CRB</p>	<p>Criação: 30 de junho de 1962 (Lei 4.064)          Regulamentação: 16 de agosto de 1965 (Decreto Lei 56.725)</p>	<p>O CFB possui a finalidade de orientar, supervisionar, fiscalizar e disciplinar o exercício da profissão de Bibliotecário em todo o território nacional, bem como contribuir para o desenvolvimento biblioteconômico no país. O Sistema CFB/CRB é composto pelo Conselho Federal de Biblioteconomia e pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (14 Conselhos Regionais).</p>	<p><a href="https://www.cfb.org.br/">https://www.cfb.org.br/</a>          Brasília</p>
<p>Online Computer Library Center – OCLC</p>	<p>1967</p>	<p>A OCLC é uma cooperativa global de bibliotecas que oferece suporte a bibliotecas em nível global para democratizar o acesso à informação. A Cooperativa oferece serviços de tecnologia compartilhada, pesquisas originais e programas comunitários que ajudam as bibliotecas a atender às necessidades em constante evolução de seus usuários, instituições e comunidades.</p>	<p><a href="https://www.oclc.org/en/home.html">https://www.oclc.org/en/home.html</a>          Estados Unidos</p>

<p>Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD)</p> <p>Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia e Documentação (ABEBD)</p> <p>Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN)</p>	<p>13 de janeiro de 1967</p> <p>1979</p> <p>2001</p>	<p>A ABEBD foi fundada com o primeiro objetivo de congregar o corpo docente das Escolas de Biblioteconomia e Documentação do Brasil, mantendo sua unidade na solução dos seus problemas.</p> <p>A ABEBD foi desativada em 2001 e passou a denominar-se ABECIN e possui a finalidade de fortalecer e integrar a atuação das instituições públicas e privadas e dos profissionais de educação superior que tenham como missão precípua a formação, no nível de graduação, de profissionais capacitados a atuar em Ciência da Informação.</p>	<p><a href="http://www.abecin.org.br/">http://www.abecin.org.br/</a></p> <p>São Paulo</p>
<p>Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB)</p> <p>Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB)</p>	<p>23 de junho de 1989</p> <p>2010</p>	<p>A ANCIB foi fundada a partir de reuniões nas décadas de 1970/80, por meio do trabalho dos coordenadores e professores dos cursos de Pós-Graduação então existentes, na sua maioria recém iniciados, sendo destinada a congregar instituições, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais egressos dos cursos de pós-graduação das áreas de Ciência da Informação e Biblioteconomia.</p> <p>A ANCIB possui a finalidade de acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.</p>	<p><a href="https://ancib.org/">https://ancib.org/</a></p> <p>São Paulo</p> <p>Documentação da ANCIB fica localizada em universidades ou instituições de pesquisa da presidência eleita.</p>

<p>International Society for Knowledge Organization (ISKO)</p> <p>Sociedade Brasileira de Organização do Conhecimento (ISKO Brasil)</p>	<p>1989</p> <p>30 de outubro de 2007</p>	<p>É a principal sociedade científica responsável pela área de Organização do Conhecimento. Possui como missão incentivar o desenvolvimento de trabalhos conceituais sobre a organização do conhecimento em todas as suas formas, para qualquer propósito, como por exemplo, banco de dados, bibliotecas, dicionários e Internet. Como uma sociedade interdisciplinar, a ISKO reúne profissionais de diferentes áreas. Atualmente, seus mais de 600 membros, por todo o mundo, representam os campos da Ciência da Informação, Filosofia, Linguística, Ciência da Computação, bem como domínios específicos como, por exemplo, a Informática Médica.</p>	<p><a href="http://www.isko.org/index.php">http://www.isko.org/index.php</a></p> <p>Alemanha (Frankfurt)</p> <p><a href="http://isko-brasil.org.br/">http://isko-brasil.org.br/</a></p> <p>Marília – São Paulo</p>
<p>Educadores e Investigadores de Bibliotecología, Archivología, Ciencias de la Información y Documentación de Iberoamérica y el Caribe (EDIBCIC)</p> <p>Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe (EDICIC)</p>	<p>1993</p> <p>2008</p>	<p>A EDICIC, antiga EDIBCIC, foi refundada em novembro de 2008. É um a sociedade civil, sem fins lucrativos, que congrega instituições e pessoas da área de educação e de pesquisa dedicadas à formação universitária de profissionais nos campos científicos da Ciência da Informação (Biblioteconomia, Documentação e Arquivologia) na Ibero-América e Caribe. EDICIC tem por finalidade fortalecer e integrar a atuação das instituições públicas e privadas e dos docentes/pesquisadores universitários que tenham como missão principal a formação, no nível de graduação e pós-graduação, de profissionais que queiram atuar nos campos da Ciência da Informação na Ibero-América e Caribe.</p>	<p><a href="http://www.edicic.org/portugues/">http://www.edicic.org/portugues/</a></p> <p>San José – Costa Rica</p>
<p>Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO)</p>	<p>2012</p>	<p>Fundada em novembro de 2012, a ABRAINFO é composta por membros da comunidade biblioteconômica, arquivistas e museólogos, bem como outros profissionais de Informação atentos aos desafios contemporâneos – políticos e tecnológicos – da área.</p>	<p><a href="http://www.abrainfo.org.br">www.abrainfo.org.br</a></p> <p>São Paulo</p>

Sindicato Nacional dos Profissionais da Informação (SINAInfo)	2015	Na Assembleia Geral do SINBIESP - Sindicato dos Bibliotecários, Cientistas da Informação, Historiadores, Museólogos, Documentalistas, Arquivistas, Auxiliares de Biblioteca e de Centros de Documentação no Estado de São Paulo, realizada em 18/06/2015, foi discutida a criação de um SINDICATO que representasse a categoria em todo o território nacional. A categoria deliberou transformar o SINBIESP, que tem base territorial no Estado de SP, em sindicato nacional, de modo a agilizar sua implantação, tendo em vista a estrutura já existente.	<a href="http://www.sinbiesp.org.br/index.php/noticias/179-profissionais-da-informacao">http://www.sinbiesp.org.br/index.php/noticias/179-profissionais-da-informacao</a>  São Paulo
---	------	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Diante do quadro exposto, é possível observar que a formação dos órgãos de classe no campo da Biblioteconomia é dividida em: Conselho (regulador e fiscalizador das práticas profissionais) e Associação (interlocutor no processo de qualificação profissional). Em casos específicos, é formado por sindicato (SINAInfo) que prima por uma luta mais efetiva por salários, carreiras e melhores condições de trabalho e Cooperativa (OCLC) que opera sob princípios e sistemas de governança compartilhada em vários grupos, quais sejam, Conselhos Globais e Regionais, o Conselho de Curadores e a Equipe de Gerenciamento Executivo.

Na Biblioteconomia, em nível nacional, a interferência do Conselho como entidade reguladora e fiscalizadora é ponto histórico central da cultura representativa das áreas, apresentando um caráter mais vinculado à regência estatal e à interferência das associações são voltadas para o desenvolvimento intelectual das práticas profissionais (FEBAB) ou de práticas acadêmico-curriculares (ABEBD/ABECIN) ou ainda de práticas acadêmico-científicas (ANCIB).

Em nível internacional, as associações possuem uma tônica prioritária voltada para a prática profissional (ALA e SLA) e práticas científicas (ASIS&T). No campo propriamente dito da Ciência da Informação, é comum a formação de associações, de sorte que é um campo eminentemente voltado para as práticas de pesquisa e qualificação acadêmica e técnico-científica, sendo que essas associações também envolvem direta ou indiretamente contribuições para o desenvolvimento do campo biblioteconômico-informacional.

É nos órgãos de classe que a atuação política se dimensiona de modo mais amplo, promovendo perspectivas de articulação e desenvolvimento da área. Silva (2018) revela que a atuação política é uma característica essencial dos órgãos de classe, mas o sentido pleno se situa na capacidade que os órgãos de classe e meio acadêmico possuem

de articular os diversos segmentos biblioteconômicos, arquivísticos, museológicos e da Ciência da Informação em prol dos pleitos em comum. Principalmente, aqueles vinculados às práticas institucionais no campo político que envolve a luta pela criação de sistemas municipais, estaduais e federais de ambientes de informação (bibliotecas, arquivos e museus) e o desenvolvimento de ações sociais de informação junto a setores diversos da sociedade (comunidades, movimentos sociais, ONG etc).

Em síntese, os órgãos de classe no campo biblioteconômico-informacional, especialmente em nível nacional, mobilizam os meios reguladores/fiscalizadores (Conselho), qualificadores em nível acadêmico e/ou profissional (Associação) e de luta por melhores condições de trabalho, carreira e salários (Sindicato), visando à promoção de avanços da área.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteconomia se configura como área do conhecimento fundamental para o desenvolvimento da sociedade por lidar com informação, especialmente no que se refere a processos, fluxos, tecnologias, bem como a recursos, serviços e produtos de informação. Além de cuidar do armazenamento, preservação, difusão de conhecimentos aplicados em ambientes de informação em suportes físicos e digitais.

O presente capítulo demonstra que a biografia é um relevante gênero para aguçamento da discussão histórico-epistemológica, permitindo a construção de conhecimentos mais adensados sobre determinados objetos, sobretudo quando a biografia é pensada como sustentação fundamentacional do campo científico. No caso da Biblioteconomia, a biografia é fundamentalmente relevante para a compreensão sobre autores/estudiosos e instituições biblioteconômicas (como órgãos de classe e cursos de nível superior, tanto de graduação, quanto de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*).

A Biblioteconomia deve elevar os marcos autorais e institucionais que a compõem, de modo a reconhecer pública e massificadamente as grandes contribuições teóricas, políticas, gerenciais, institucionais e intelectuais que nortearam, norteiam e ainda nortearão a área em seu transcorrer histórico. Os marcos autorais e institucionais definem o *ethos* existencial da Biblioteconomia, merecendo destaque *lato* nas reflexões teórico-epistemológicas da área.

Os marcos autorais nos séculos XIX e XX favorecem a construção do conhecimento, que permeia o advento e desenvolvimento da Biblioteconomia enquanto área do conhecimento voltada para criação de produtos, fundamentos teórico-epistemológicos, criação de cursos de formação em nível técnico, superior e pós-graduação com a finalidade de realização das práticas profissionais. A Biblioteconomia precisa do entendimento biográfico autoral por conceber os meios intelectivos que norteiam os fundamentos



históricos, epistemológicos, curriculares, disciplinares e de atuação profissional.

Com relação aos marcos institucionais, preconizam os rumos da atuação político-institucional da área, considerando em nível internacional as associações que compõem fundamentos para qualificação intelectual, profissional e científica e em nível nacional de conselhos (definem os marcos regulatórios e fiscalizatórios) e associações (qualificações profissionais e técnico-científicas). A Biblioteconomia precisa do entendimento biográfico institucional para conduzir as relações entre cursos, profissionais, bibliotecas/ambientes de informação de diferentes regiões do Brasil e do mundo e reconhecer não somente a funcionalidade dos órgãos de classe, quanto ao impacto que podem causar na sociedade a partir de uma atuação político-institucional coletiva, que congregue os membros mais protagonistas da área.

O presente capítulo considera a necessidade da construção de mais estudos sobre os marcos autorais e institucionais de cunho biográfico para a Biblioteconomia, considerando a historicidade e fundamentação epistemológica da área. Estudos como: autores que contribuíram nos séculos XIX, XX e XXI para a Biblioteconomia, como os órgãos político-institucionais podem contribuir para o desenvolvimento da Biblioteconomia, relações entre os cursos de formação acadêmica e os órgãos de classe, as contribuições de autores já falecidos da Biblioteconomia (principalmente séculos XIX e XX) para os dias de hoje, papel do bibliotecário a partir dos marcos autorais e institucionais etc.

Portanto, a biografia é um modo de pesquisa e produção de conhecimentos que busca ver, rever e redimensionar os fundamentos que compõem a Biblioteconomia. E, com isso, considerando os diversos marcos como autorais, órgãos de classe, cursos de formação, assim como pautar a fundamentação curricular e das múltiplas práticas profissionais atinentes aos bibliotecários no âmbito da organização, gestão, tecnologias, recursos e serviços de informação, fundamentos teóricos e pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, E. P. Memória e Biografia: As representações de uma guerrilheira no período da Ditadura Militar Brasileira. **Revista Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 96-115, jan./jun. 2015.

BOURDIEU, P. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, [s. l.], v. 62/63, p. 69-72, juin 1986.

BRADFORD, S. C. **Documentation**. Londres: Crosby Lockwood, 1948.

BUONOCORE, D. **Elementos de Bibliotecologia**. Santa Fé: Castellví, 1952.

BUTLER, P. **Introdução à ciência da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. A Pesquisa Biográfica ou a Construção Partilhada de um Saber do Singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, 2016, p. 133-147, 2016.

DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009.

FONSECA, E. N. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.

GÓMEZ, C. Saber y poder político en Gabriel Naudé. **Revista de Filosofia**, Madrid, v. 5, n. 3, p. 111-132, 2000.

LE COADIC, F. Y. **Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yeda F. S. de Figueiredo Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, J. Comment écrire une biographie historique aujourd´hui". **Le Débat**, [s. l.], v. 54. p. 48-53, 1989.

MALCOLM, J. **A mulher calada**: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NAUDÉ, G. **Advis pour dresser une bibliothèque**. Paris: Klincksieck, 2000.

NITECKI, J. Z. Reflection on the nature and limit of library Science. **The Journal of library history**, Tallahassee, v. 3, n. 2, p. 103-119, 1968.

PASSEGGI, M. C. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. *In*: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. (org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docentes. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

SÁ, I. C. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 2013.

SHERA, J. H. Epistemologia Social, Semântica Geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977.

SILVA, J. L. C. Múltiplas relações entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. **ConCI**: Convergências em Ciência da Informação, São Cristovão, SE, v. 1, n. 3, p. 3-32, set./dez. 2018.

SILVA, J. L. C. **Tópicos em Biblioteconomia e Ciência da Informação**: epistemologia, política e educação. Rio de Janeiro: Agência Biblioo, 2016.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. A. **Ciência da Informação Brasileira e a Pós-Graduação**: perspectivas históricas e múltiplas identidades. João Pessoa: EDUFPPB, 2015.

SOUZA, F. das C. de. Os paradigmas da biblioteconomia e suas implicações no ensino

desta ciência. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 1996.

TARGINO, M. das G. A interdisciplinaridade da ciência da informação como área de pesquisa. *In*: TARGINO, M. das G. **Olhares e fragmentos**: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação. Teresina: EDUFPI, 2006. Cap. 9.

VEYNE, P. M. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

# Capítulo 2

## **Bibliotecário Gabriel Naudé:** trajetória pessoal, profissional e obra

*Ana Karolyne Nogueira de Sousa*

*Maria Aparecida Nascimento Ferreira*

### 1 INTRODUÇÃO

O gênero biográfico permite uma abordagem histórica com o foco em um indivíduo, traçando características positivas ou negativas, que convergem fatos sociais, ideias, representações e pensamentos mediante o contexto social ao qual pertença. Para se entender a vida e obra de uma figura histórica é relevante que se tenha a compreensão do contexto da época, a fim de melhor conceber os fatos que foram marcantes para um entendimento das obras realizadas pela figura destacada.

Aborda-se, assim, a vida e obra de uma das personalidades mais primordiais para a Biblioteconomia: o bibliotecário Gabriel Naudé. Trata-se de um cidadão francês, dotado de extrema erudição, que trouxe importantes estudos teóricos para a área, destacando-se pelas suas observações e explicações racionais, com proposições marcadamente filosóficas e políticas. Além disso, traçou em seu trabalho pensamentos profundos e pertinentes tanto para sua época quanto a posteriori.

Naudé viveu na França durante o século XVII, entre os anos de 1600 a 1653, no período da Idade Moderna. Tal período foi marcado pela Guerra dos Trinta Anos, dentre outras lutas religiosas, territoriais e comerciais, assim, como pelo poder da Igreja Católica e da política dos Estados Absolutistas. Além disso, na Idade Moderna também ocorreu a Revolução Científica, em que houve a separação entre teologia, teoria e práticas científicas. Com isso, visualiza-se o predomínio do racionalismo e o experimentalismo, expressos no desenvolvimento científico e cultural. Segundo Kuhn (1962), a revolução científica foi um momento em que os pesquisadores se aprofundaram nas experimentações científicas, baseando-se nas teorias existentes, definindo problemas e métodos de vários campos de pesquisa para os praticantes da ciência de gerações posteriores.

Considerando esse contexto de inovações e descobertas, Crippa (2017, p. 22) assevera que “[...] as bibliotecas estavam atravessando uma fase de renovação tanto em relação à quantidade de materiais, bem como pelos conteúdos, graças às mudanças que se encontram na esfera dos conhecimentos”.

Tratava-se, portanto, de um período em que predominavam bibliotecas particulares, tendo em vista que, ao findar da Idade Média, em decorrência da invenção da do tipo móvel por Gutenberg, possibilitou o aumento da produção dos livros. Assim, como o surgimento de novos estudos com a revolução científica, e por consequência, um crescente número de bibliotecas particulares.

Contudo, o acesso aos livros se restringia somente aos mais ricos e letrados da época. Na contramão desse contexto, Naudé propôs a aproximação dos livros com as classes menos abastadas do povo parisiense por meio da abertura das bibliotecas ao público, contribuindo para o avanço das bibliotecas públicas.

O seu legado se estende às obras que clarificaram, guiaram a formação, funcionamento e organização das bibliotecas. E proporcionou inovações e reestruturações técnicas e operacionais, como também na compreensão sobre a profissão de bibliotecário.

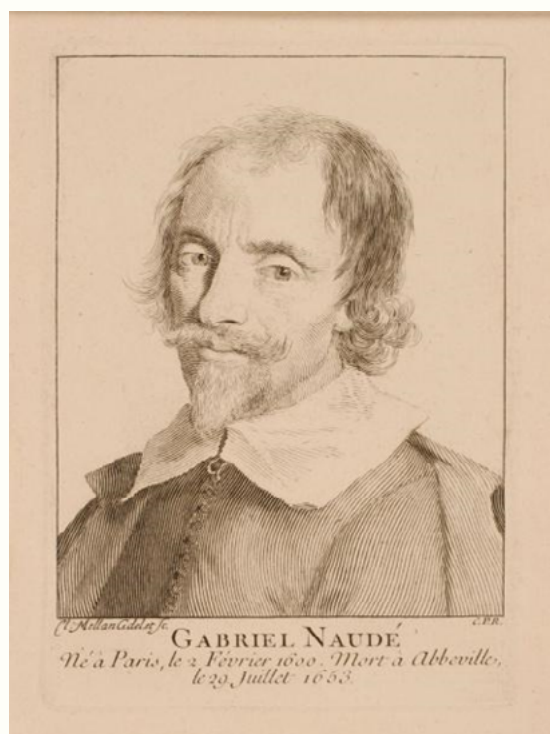
Diante de tal trajetória, buscou-se compreender e discorrer sobre a vida de Gabriel Naudé, detalhando a sua formação e atuação profissional, para possibilitar um melhor entendimento sobre as contribuições desta figura histórica basilar para a Biblioteconomia mundial.

## **2 TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL**

Expoente em sua época pelo seu conhecimento e influência na Política e Filosofia de pensamento liberal e humanístico, Naudé produziu textos e obras de grande repercussão e contribuição política e social. Gonçalves (2015) afirma que Naudé dedicou a maior parte da sua vida aos estudos, principalmente à reflexão política, notadamente por ser membro da intelectualidade francesa da época, bem como por ser um homem de gabinetes. Bibliotecário parisiense da Idade Moderna, se destacou pelas suas obras e contribuições na Biblioteconomia, bem como pela atuação ímpar em uma época de guerras e revoluções científicas no século XVII. Castro (2006) chama-o de “precursor da Biblioteconomia moderna”. Naudé acreditava no acesso à informação em uma biblioteca para todos, sendo um homem com posturas modernas.



**Figura 1 - Gabriel Naudé**



Fonte: Mellan (1648).

Naudé nasceu em Paris, na França, no dia 02 de fevereiro de 1600, durante o reinado de Henrique IV, sendo filho de uma família modesta. Seu pai possuía um pequeno escritório de finanças e sua mãe era analfabeta. Naudé frequentou sucessivamente os colégios do Cardeal Lemoine, de Harcourt e de Navarre, obtendo uma formação clássica, em que leu desde muito cedo os modernos autores que o influenciaram, principalmente, Montaigne e Pierre Charron. Ele formou a sua biblioteca pessoal copiando livros, por não ter recursos para comprá-los (NAUDÉ, 2016). E sempre buscou estudar e ler, valorizando os livros e a biblioteca. Assim, tais práticas contribuíram para a formação de seus pensamentos e posicionamentos sobre a sociedade.

Embora a sua família tenha o encaminhado para a carreira eclesiástica, pois era o meio mais comum de ascensão social, ele optou por estudar Medicina, haja visto que apreciava as realidades às sutilezas teológicas (NAUDÉ, 2016). É pertinente destacar que, de acordo com Rice (1939 *apud* AMORIM, 2010), Naudé concluiu cursos relacionados à arte e literatura, cursou filosofia sob os cuidados de Pierre Padet, que o instigou aos princípios do ceticismo. Ele tornou-se mestre de Artes e prosseguiu com estudos de Medicina sob a orientação de René Moreau, possuidor de uma das melhores e mais belas bibliotecas de Paris.

Devido ao seu espírito curioso, um bibliógrafo precoce, iniciou sua carreira de bibliotecário em 1626 com pouco mais de 20 anos, através do convite feito para organizar a Biblioteca Memiana de Henrique II de Mesmes, presidente do Parlamento de Paris. Esta biblioteca ficou conhecida por toda a Europa, tendo sido considerada

uma das melhores bibliotecas da Paris do século XVII, em virtude de ter sido organizada por assunto. Ressalta-se que, apesar de respeitar os interesses de seu patrão, Gabriel Naudé contribuiu significativamente para a formação da biblioteca, pois aconselhava quais livros eram úteis para a coleção e a maneira como seriam ordenados (AMORIM, 2010; NAUDÉ, 2016).

O catálogo da biblioteca pessoal de Naudé foi objeto de pesquisa, como forma de entender a personalidade e obra deste estudioso. Tratava-se de uma biblioteca surpreendentemente importante, contendo mais de 8.000 (oito mil) volumes, sendo vários deles escritos em latim. A maioria dos livros são de medicina, mas há também obras sobre botânica, zoologia, filosofia, política e história. Há ainda alguns poucos exemplares sobre literatura e teologia (BLANQUET, 2009).

Naudé continuou os seus estudos em medicina em 1626, em Pádua, cidade italiana. Porém, ele permaneceu na cidade por pouco tempo devido ao falecimento de seu pai em 1627, que o levou de volta a Paris retomando o seu trabalho ao presidente de Mesme. É a partir desse momento que ele se aproxima realmente da maioria dos eruditos de sua época, especialmente de Gassendi, e começou a escrever textos políticos influenciado por Maquiavel (NAUDÉ, 2010).

Fruto de recomendação de Pierre Dupuy, célebre bibliotecário de Thou, Naudé tornou-se em 1630 o bibliotecário do cardeal Bagno, Núncio Papal Gianfrancesco de Conti de Bagni, em Paris. Bagno ofereceu a ele o cargo de bibliotecário, secretário e chefe de sua mesa. Tal nomeação lhe rendeu muitas vantagens, tais como a inserção e aproximação com importantes políticos e homens letrados de sua época (RICE, 1939 *apud* AMORIM, 2010).

Com a morte do cardeal Bagno em 1641, Naudé começa a trabalhar como bibliotecário para o cardeal Barberini. Todavia, em 1642 retornou para Paris a convite de Richelieu para administrar sua biblioteca (NAUDÉ, 2016). Vale ressaltar que nessa época, a França enfrentava uma forte crise em todos os campos, principalmente na economia agrícola, causando enormes desigualdades sociais e desemprego em grande escala devido às guerras. A soma desses fatores enfraqueceu o absolutismo real.

Cabe salientar também as impressões que Naudé possuía em relação aos bibliotecários na Itália. Clarke (1970 *apud* AMORIM, 2010) menciona que em cartas enviadas, Naudé relatava a descortesia e ineficiência dos bibliotecários que encontrava em suas viagens às bibliotecas. Na Biblioteca do Vaticano, por exemplo, tinha sido difícil conversar com o bibliotecário responsável. Sobre o acervo dessa biblioteca, notou a riqueza das coleções de manuscritos, embora estivessem desorganizadas, além de não haver índice bibliográfico, somado ao fato de que os pesquisadores raramente serem autorizados a entrar nas salas de leituras. Escandalizou-se por ter saído sem o livro desejado, como também por saber que os livros eram entregues após o depósito de

uma significativa quantia, como garantia de que seriam devolvidos.

Ele relata também que na biblioteca em Urbino os manuscritos estavam em um estado tão deplorável que ocasionavam a desistência dos leitores. Em relação à biblioteca de Milão, menciona que os bibliotecários preferiam seu conforto privado e não pensavam no bem-estar público. Já acerca da biblioteca de Roma, ele descreve que os bibliotecários se tratavam com hostilidade (CLARKE, 1970 *apud* AMORIM, 2010).

De volta a Paris, assumiu a biblioteca do cardeal Mazarino (sucessor de Richelieu), com o desafio de transformar a coleção em uma grande biblioteca aberta aos estudiosos. A Biblioteca Mazarina, localizada na mansão de Mazarin, mais tarde se tornou o sítio histórico da Bibliothèque Nationale de France e foi aberta aos estudiosos em 1643, sendo hoje a mais antiga biblioteca pública da Mazarine (BIBLIOTHEQUE MAZARINE, 2017).

**Figura 2** - Biblioteca Mazarino



Fonte: Bibliothe que Mazarine (2017).

Segundo Clarke (1970 *apud* AMORIM, 2010), a Biblioteca de Mazarino foi a primeira biblioteca na França a dar acesso a todos os públicos, até mesmo aos huguenotes (protestantes), apesar das diferenças religiosas. A ela compareciam diversos grupos de estudiosos para compartilharem conhecimento científico regidos por uma atmosfera liberal. Amorim (2010, p. 42) afirma que seria “Impossível que o conhecimento científico tenha prosseguido sem essa rede científica a qual Naudé pertencia e que na qual compartilhava suas ideias por meio de cartas [...]”. Ou seja, Naudé mantinha um círculo de amigos com muitos filósofos, cientistas e expoentes de sua época que compartilhavam conhecimentos através de cartas trocadas.

É pertinente salientar que devido a extraordinária atividade desenvolvida por Naudé, a biblioteca tornou-se a primeira do mundo acessível aos eruditos, também

chamado de “*grandramassier*” (grande colecionador) (NAUDÉ, 2016).

Em virtude da Fronda<sup>2</sup>, movimento contrário ao Cardeal Mazarino, o Parlamento de Paris confiscou todas as suas propriedades, incluindo a biblioteca, decretando a venda dos livros. Dessa forma, Naudé recorreu ao Parlamento por meio de carta, mas como não foi atendido comprou todo o acervo. Assim, em 1647, é iniciada a construção de um novo edifício na Rua Richelieu destinado à biblioteca, alcançando uma coleção de quase 40.000 (quarenta mil) volumes (AMORIM, 2010; NAUDÉ, 2016).

Naudé ansiava reduzir as dificuldades enfrentadas pelos usuários ao efetuarem suas pesquisas. Nesse sentido, buscou fornecer uma biblioteca pública de referência pública, inclusive para os estudantes das províncias vizinhas. Ele não tinha muita paciência para com aqueles que compravam livros somente para ostentação e os colocavam longe do público, pois na sua visão tais tesouros deveriam ser disponibilizados ao uso público e nunca permanecer escondidos dos que poderiam ser beneficiados (CLARKE, 1970 *apud* AMORIM, 2010).

Nos últimos anos de sua vida, Naudé aceitou o convite da rainha Cristina da Suécia para dirigir a sua biblioteca particular. Contudo, a doença o detém em Amiens, onde faleceu no dia 25 de julho 1653, aos 53 anos de idade (RICE, 1939 *apud* AMORIM, 2010).

### 3 PRINCIPAIS OBRAS

De modo racional e crítico, Gabriel Naudé redigiu no início de sua carreira a obra *Advis pour dresser une bibliothèque* (Conselhos para formar uma biblioteca), apresentando aspectos significativos e concepções sobre o desenvolvimento de bibliotecas modernas em meio ao desenvolvimento científico, tecnológico e social na idade moderna. Publicada em 1627 por François Targa e reeditado em 1644 por Rolet Le Duc, essa obra busca nortear os profissionais de Biblioteconomia no tocante ao funcionamento, formação e organização de bibliotecas, levando em consideração a sua importância no contexto social (NAUDÉ, 2016).

Os pontos principais apontados nessa obra são: I. O interesse que se deve ter em construir bibliotecas e o porquê; II. O modo de se informar e como aprender a organizar uma biblioteca; III. A quantidade necessária de livros que deve possuir uma biblioteca; IV. A qualidade e as condições que devem ter os livros; V. Os meios de poder recuperá-los; VI. A situação do local e onde manter os livros; VII. A ordem e concordância dos livros; VIII. O ornamento e a decoração que deve possuir uma biblioteca; IX. Qual o objetivo principal dessa biblioteca (NAUDÉ, 1627 *apud* AMORIM, 2010).

Novelle (2014) evidencia que o principal objetivo dessa obra foi detalhar critérios

<sup>2</sup> A Fronda foi um movimento que reuniu diferentes grupos sociais contra a regente e o seu Primeiro Ministro, Mazarino, designando um período de desordens políticas que se estenderam entre 1648-1652 (GOMES, 2014).

não somente para os livros, mas também no quesito organização, tratamento e socialização do saber. O que facilita o acesso livre e aberto sem prejudicar a estética da unidade informacional, no intuito de torná-la um ambiente agradável e moderno.

Naudé (2016, p. 17) estabelece considerações práticas e técnicas sobre o universo da organização das bibliotecas,

[...] os Conselhos foram com muita frequência reduzidos à simples condição de **primeiro tratado sobre o funcionamento das bibliotecas modernas** [...]. Em compensação, sua segunda dimensão, a de que é também e sobretudo **o tratado da biblioteca erudita** [...] (NAUDÉ, 2016, p. 17, *grifo nosso*).

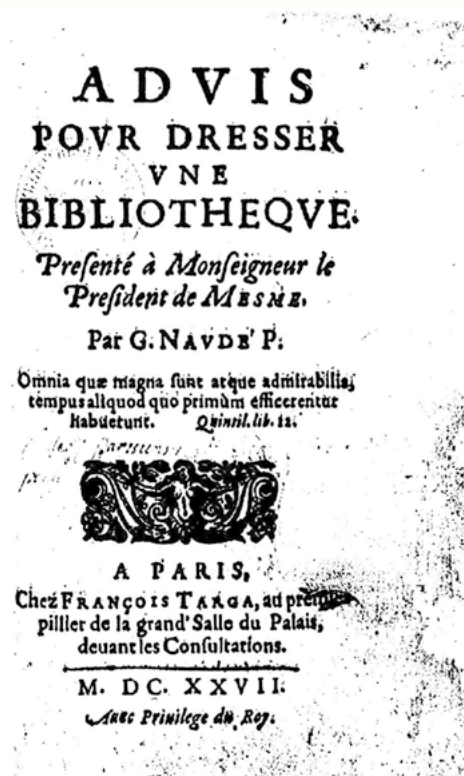
De modo geral, apresenta reflexões sobre os princípios técnicos ou práticos aplicados à formação de bibliotecas como, por exemplo, leva em consideração a qualidade do acervo da biblioteca erudita em que reunia obras de diferentes intelectuais de interesse para a comunidade, e que pautava a exigência da época. Contudo, se na tradição humanista os autores constituíam a biblioteca erudita, na modernidade devem ser bem mais acolhidos. Por fim, a coleção erudita acessível para toda a comunidade.

Morigi e Souto (2005, p. 195) contextualizam que “[...] o bibliotecário deixou de ser um erudito, guardião dos livros para se tornar um profissional mediador no processo de busca da informação. Nesse sentido, ele pode ser visto como um educador do usuário”.

Contudo, o profissional deve se manter em constante atualização e a par dos recursos tecnológicos disponíveis, com a finalidade de facilitar o acesso aos produtos e serviços ofertados na unidade informacional.



**Figura 3** - Advis pour dresser une bibliothèque (Conselhos para formar uma biblioteca)



Fonte: Naudé (1627).

Em 1620, Naudé publica em Paris o livro *Le Marfore ou discours contre les libelles* (O Marfore ou discurso contra os libelos), com apenas 22 páginas e dirigido por Henrique II de Mesmes, presidente do Parlamento. Nessa obra, ele escreve em defesa de Carlos D'Albert, Duque de Luynes, contra os numerosos escritos satíricos que circulavam na sociedade parisiense, os quais acusavam o Rei Luis XIII de mostrar favoritismo irrestrito a Carlos D'Albert por conceder-lhe toda espécie de benefícios. Nesta ocasião, o Duque de Luynes havia derrotado Concini e Maria de Médicis e conseguiu chegar ao poder.

A indignação de Naudé contra as difamações é em razão do anseio pela paz e harmonia de todo o corpo político, e consequente a proteção da população. Em seu discurso, é nítida a preocupação com os perigos que esse tipo de literatura abusiva poderia causar à estabilidade política (AMORIM, 2010).

Segundo Amorim (2010, p. 51), Naudé objetivou a mobilização das massas, no intuito de promover o interesse das pessoas pela participação na política. Ele defendia o governo monarquista, considerado um sistema de governo permanente, em que a ideia do "Marfório é percebido não apenas a preocupação com a conservação do Estado como também a ideia de relação que deve haver entre os que governam e os que são governados [...]". Sendo que os governantes detém o poder de administrar as esferas administrativas (legislativo, executivo e judiciário), correspondendo aos anseios da população; já os governados sujeitam-se à submissão perante as diretrizes elencadas.

Dessa forma, mediante os seus pensamentos ideológicos marcados pelos



escritos de cunho filosófico e político, Naudé, segundo Rice (1939 *apud* Amorim, 2010), conquistou uma reputação na sociedade por meio de suas ideias revolucionárias, as quais consideraram a liberdade e a opinião individual do cidadão, recebendo por merecimento o cargo de Bibliotecário por parte do presidente do Parlamento de Paris. Certamente, a sua obra contribuiu para o seu enriquecimento tanto pessoal, por possibilitou uma melhor compreensão do universo político por meio da mobilização das massas e reflexão das esferas governamentais; quanto profissional, pelo mérito de atuação na área, adquirindo o cargo de bibliotecário. Com isso, possibilitou publicar um livro expressando e considerando a liberdade de expressão buscando a harmonia entre a política e sociedade.

**Figura 4** - Le Marfore, ou discours contre les libelles. Qua tanta insânia, cives? (O Márfore ou discurso contra os libelos. Que tanta insania, Cives?)



Fonte: Naudé (1620).

Em 1625 publica, com 475 páginas, a obra intitulada *Apologie pour tous les grands personnages qui ont esté faussement soupçonnez de magie* (Apologia de todos os grandes personagens que foram falsamente acusados de magia), obra de caráter crítico aos historiadores e cronistas da época. Essa obra tinha coimo intuito de expor pensamentos que levaram em conta as experiências e fatos ocorridos no século XVII, explanando sobre a apologia de todos os grandes personagens que foram falsamente acusados de magia (AMORIM, 2010).

Segundo o dicionário Houaiss, apologia significa “discurso ou texto em que se

defende, justifica ou elogia (especialmente alguma doutrina, ação, obra etc.)” (APOLOGIA, 2009), ou seja, pensamentos defensivos voltados a fenômenos baseados em crenças. Rice (1939 *apud* AMORIM, 2010) assevera que a motivação dessa obra se baseia nos principais escritos: a) “Doutrina Curiosa dos Espíritos de seu Tempo” de Père François Garasse, publicado em 1623; b) “Censura à Doutrina Curiosa de Francois Ogier” em 1625; c) “Novo Julgamento pelo que tem Sido Dito e Escrito a Favor ou Contra a Doutrina Curiosa inscrito por Pierre de Lancre”. Nesse sentido, Naudé buscou temas voltados para magia baseados em pensamento construtivos e críticos perante a sociedade.

Amorim (2010) aborda que as principais ideias de Naudé colocadas na obra são relativas, primeiramente, a opinião dos historiadores na época voltada à figura do mártir nacional; em um segundo momento, busca disseminar as informações sensacionalistas e baratas, objetivando agradar os leitores de forma satisfatória e expondo considerações de circunstâncias históricas e de certa forma acusativas, fim de esboçar novas opiniões de historiadores com pensamento críticos e ideológicos; e o terceiro ponto, envolve a valorização da polimatia, conceituada por Houaiss (2009) como cultura pessoal, extensa e variada, de fato erudição. Portanto, a valorização da veracidade das informações.

**Figura 5** - Apologie pour tous les grands personnages qui ont esté faussement soupçonnez de magie (Apologia de todos os grandes personagens que foram falsamente acusados de magia)

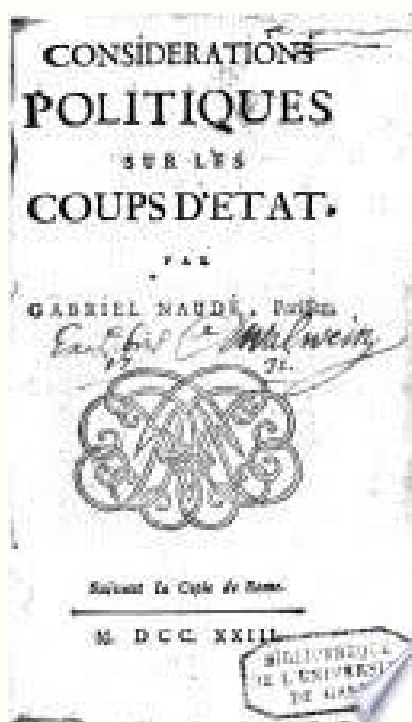


Fonte: Naudé (1653).

Na obra *Considérations politiques sur les coups d'État* (Considerações políticas sobre os golpes de Estado), Gonçalves (2015) expõe que a obra foi publicada em Roma no ano de 1639, sendo dedicada ao Cardeal Di Bagni. Ela foi escrita com base nos diálogos religioso com o cardeal, onde estabeleceu ligações marcantes da época, frisando debates voltados para o Estado. É considerada uma obra de escrita prolixa e rebuscada, que estabelece ligações com o maquiavelismo em consequência da leitura da obra "O príncipe", que marca a razão de estado na época, uma influência bastante consagrada nos seus pensamentos.

De fato, o pensamento de Naudé nessa obra contextualiza a importância de fazer e transformar a política em ações fundamentais para o bem-estar da população. Além disso, ele aponta duas teorias influentes no qual o levou a considerar as suas ideias: **primeiro**, o livro foi interpretado por alguns escritores como uma peça política em defesa dos estadistas e teve como inspiração a figura de Richelieu, a quem Gabriel Naudé teve contato durante sua vida; **segundo**, este tratado foi apenas o resultado do incentivo de seu mestre, o Cardeal Bagni, e não havia intenção de espalhar alguma teoria política entre as massas. Ele tinha como único propósito encorajar Naudé a dissertar sobre o assunto. Isto é observado a partir do prefácio da obra, e está em conexão com o conteúdo do trabalho original impresso de apenas doze cópias (RICE, 1939 *apud* AMORIM, 2010). Naudé, bibliotecário intelectual e crítico da área do saber, intercala pensamentos que afere o pensar de muitos políticos, escritores e estudiosos da política.

**Figura 6** - *Considérations politiques sur les coups d'État* (Considerações políticas de golpes)



Fonte: Naudé (1723).

## 4 PERCEPÇÕES CRÍTICAS:

### REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA PESSOAL, PROFISSIONAL E OBRAS

Gabriel Naudé foi um grande bibliotecário que ultrapassou as fronteiras históricas da Biblioteconomia, por meio do seu conhecimento e atuação contribuiu para o desenvolvimento científico da época. Ele fomentou discussões políticas e sociais como também inovações, que marcaram a época e continuam a repercutir e ensinar para as novas gerações, principalmente sobre as competências do bibliotecário e a organização das bibliotecas. Diante disso, pode ser considerado como um excelente representante para Biblioteconomia que trouxe avanços e ganhos para área.

Ele entendia a importância de estar atento, tanto com a qualidade das obras quanto com o acesso aos livros. E compreendia que o conhecimento deve ser valorizado e disseminado para todos, sejam ricos ou pobres, aliados e adversários, como um espaço democrático, em que se deveria prevalecer somente o conhecimento.

Ciente de suas responsabilidades sociais e políticas, Naudé foi um grande intervencionista de pensamento liberal e humanista, que difundiu o saber através das redes científicas as quais pertencia e que compartilhava as suas ideias por meio de cartas e de debates intelectuais. Ele foi um bibliotecário influente e capacitado que soube dialogar com a sociedade em vários de seus aspectos, de modo que aconselhava e mediava com bastante exímia seus patrões e amigos cientistas. Além disso, ele sabia como reivindicar e intervir sobre o meio social para o bem comum.

Também discutiu temáticas diversas em suas obras, navegando de modo racional, crítico e filosófico numa linguagem simples e objetiva, abordando o paradigma das mudanças na sociedade diante da evolução científica, tecnológica e social. Por exemplo, na obra *Advis pour dresser une bibliothèque* (Conselhos para formar uma biblioteca), ele evidencia o aspecto da construção do saber ponderando questões relacionadas ao papel do bibliotecário, abordando a importância da formação das bibliotecas eruditas e/ou modernas que surgiram e foram se formando mediante a época. Nessa obra, levou-se em consideração a organização, o funcionamento, a disseminação, acesso e recuperação da informação. Certamente, essa obra contribuiu para o desenvolvimento da Biblioteconomia.

Assim, na obra *Le Marfore ou discours contre les libelles* (Marfore ou discurso contra os libelos), Naudé apresentou uma escrita satírica quanto a intervenção política. O intuito era provocar mudanças na sociedade, apresentando concepções revolucionárias que favoreciam a mobilização das massas no âmbito da sociologia política com ensinamentos, e que motivassem a população a pensar de forma diversificada. Isto é, voltada para organização e movimento social que favorecia maior participação ativa dos povos.

Já no livro denominado *Apologie pour tous les grands personnages qui ont esté*

*faususement soupçonnez de magie*, retratou a apologia de todos os grandes personagens (políticos) que foram falsamente acusados de magia. A obra foi classificada como uma crítica histórica, com pensamentos defensivos às crenças e/ou religião, tendo como intuito desmistificar o espírito crítico das pessoas em relação à magia.

Na obra *Considerations politiques sur les coups d'État* (Considerações políticas de golpes), por sua vez, são estabelecidos pensamentos polêmicos ligados ao “golpe de estado”. Segundo Pires (2011, p. 384),

[...] a ideia de ‘golpe’ representa, num só conceito, a afirmação do poder efetivo do sentido de oportunidade e da vitalidade dos que pretendem manter ou conquistar o estado, mobilizando para os seus fins a vontade dos outros homens.

Ou seja, são pensamentos voltados para a política dos estadistas e reflexões com base na obra do maquiavelismo “O príncipe”, através de um discurso erudito e político atrelado aos aspectos do dia a dia.

Portanto, Gabriel Naudé, em virtude do conteúdo apresentado em suas obras, impactou a sociedade com sua literatura crítica, instigando discussões e olhares para o bem-estar do usuário. Bibliotecário e intelectual renomado que definiu suas linhas de pensamentos, atribuindo críticas racionais e expressando evidentes pontos de vista. Os seus escritos desencadeiam um processo de definição de linhas de pensamento convergentes, a um único propósito de massificação do conhecimento, diante da atuação e comportamento dos profissionais ao longo da história e política.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Margarete Jacques. **As contribuições de Gabriel Naudé para a sociedade no século XVII e os reflexos dessas contribuições para a Biblioteconomia no século XXI**. 2010. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2010.

APOLOGIA. In: HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. 2009. Disponível em: <http://www.baixedetudogratis.com/2009/08/dicionario-eletronico-houaiss-vs-3-0-serial.html>. Acesso em: 5 jul. 2017.

BIBLIOTHEQUE MAZARINE. **Cour d'honneur Institut**. Wikimedia Commons. 2008. 1 fotografia, color. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bibliotheque\\_Mazarine\\_Cour\\_d%27honneur\\_Institut.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bibliotheque_Mazarine_Cour_d%27honneur_Institut.jpg). Acesso em: 30 jun. 2017.

BLANQUET, Marie-France. **Gabriel Naudé (1600-1653)**. 2009. Disponível em: <https://www.reseau-canope.fr/savoirscdi/societe-de-linformation/le-monde-du-livre-et-de-la-presse/histoire-du-livre-et-de-la-documentation/biographies/gabriel-naude-1600-1653.html>. Acesso em: 30 jun. 2017.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “o nome da rosa”. **Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp.,

p. 01-20, 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/pbcib/index.php/pbcib/article/view/216>. Acesso em: 30 jun. 2017.

CRIPPA, Giulia. Narrativa como gesto bibliográfico: Gabriel Naudé entre erudição e política. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 22, número especial, p. 21-35, jul. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v22nspe/1413-9936-pci-22-spe-00021.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2019.

GOMES, Cassiana Maria Mingotti Gabrielli. **Diplomacia e concorrência colonial Portugal e França 1640-1715**. 2014. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2014.

GONÇALVES, Eugênio Mattioli. **Prudência e razão de Estado na obra de Gabriel Naudé**. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. [S. l.]: Perspectiva, 1962.

MELLAN, Claude. **Gabriel Naudé**. Ministério da Cultura e Comunicação da França. 1648. 1 fotografia, color. Disponível em: [http://www.culture.gouv.fr/Wave/image/joconde/0493/m051202\\_0005683\\_p.jpg](http://www.culture.gouv.fr/Wave/image/joconde/0493/m051202_0005683_p.jpg). Acesso em: 30 jun. 2017.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 10, n. 2, p. 189-206, jan./dez. 2005. Disponível em: [http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/06/pdf\\_99864bb17b\\_0011138.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/06/pdf_99864bb17b_0011138.pdf). Acesso em: 11 maio 2019.

NAUDÉ, Gabriel. **Advis pour dresser une bibliotheque**. Presenté à Monseigneur le President de Mesme. 1627. 1 fotografia. Disponível em: <https://goo.gl/ZjWkdm>. Acesso em: 01 jul. 2017.

NAUDÉ, Gabriel. **Apologie Pour Tous Les Grands Personnages qui ont esté fausement soupçonnéz de Magie**. 1653. 1 fotografia. Disponível em: <https://goo.gl/Rj6Yce>. Acesso em: 01 jul. 2017.

NAUDÉ, Gabriel. **Conselhos para formar uma biblioteca**. Brasília: Briquet Lemos, 2016. Disponível em: <https://archive.org/details/NaudCompleto>. Acesso em: 02 jul. 2017.

NAUDÉ, Gabriel. **Considerations politiques sur les coups d'etat**. 1723. 1 fotografia. Disponível em: <https://goo.gl/9f5wTh>. Acesso em: 01 jul. 2017.

NAUDÉ, Gabriel. **Le Marfore, Ou Discours Contre Les Libelles Qua Tanta Insania, Cives?** 1620. 1 fotografia. Disponível em: <https://goo.gl/G631Hx>. Acesso em: 01 jul. 2017.

NOVELLE, Laura. **Gabriel Naudé: profissão de bibliotecário, quando se tornou**. 2014. Disponível em: <https://www.biblogtecarios.es/lauranovelle/gabriel-naude-cuando-ser-bibliotecario-se-convirtio-en-profesion/>. Acesso em: 8 jul. 2017.

PIRES, Edmundo Balsemão. **A individuação da Sociedade Moderna: Investigação semânticas sobre a diferenciação da sociedade moderna**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/BfjuSs>. Acesso em: 7 jul. 2017.



# Capítulo 3

## Charles Ammi Cutter: o homem e sua obra

*Maria Paloma Costa*

*Denize Euzebio Ribeiro*

*Francisca das Chagas Viana*

### 1 INTRODUÇÃO

A organização e a representação da informação tem sido uma atividade realizada pelo homem desde épocas remotas. Na Antiguidade, o homem fez uso de ferramentas e materiais diversos para essa representação como, por exemplo: as pinturas rupestres, as tábuas de argila, o pergaminho, o papiro. Em épocas mais recentes, os registros da informação fixaram-se no papel e em mídias diversas, uma delas é o suporte digital.

Durante muitos séculos, as bibliotecas e o conhecimento registrado estiveram não só acorrentados, mas também isolados em grandes volumes e estantes acessíveis apenas para uma camada privilegiada da sociedade, como também a serviço da igreja e da monarquia. O paradigma informacional, com foco no usuário e no acesso, apenas se fortaleceu alguns séculos mais tarde.

A identificação de eventos que contribuíram para o desenvolvimento da ciência e da expansão do conhecimento, de certa forma, acabaram por modificar o panorama informacional, dentre eles: a invenção da imprensa e o surgimento das bibliotecas nacionais, públicas e universitárias. Por volta dos séculos XIX e XX ocorreram mudanças de paradigmas para as bibliotecas e para a história da Biblioteconomia. Martinho (2010), ressalta a Revolução Francesa e a expansão das universidades como alguns destes acontecimentos. Para o autor, a partir dessas mudanças foi possível uma transformação das bibliotecas que antes existiam como mero depósitos de livros, e a partir destas novas configurações passaram a atuar como unidades de disseminação da informação.

Em um contexto histórico recente, o surgimento dos computadores foi uma ocorrência importante para o processo de organização da informação. Essa criação permitiu que algumas atividades já realizadas pelos bibliotecários, pudessem ser automatizadas, dentre elas a catalogação. Essa atividade que já é inerente ao cotidiano das bibliotecas tem nomes importantes a serem referenciados, um deles é o de Charles Ammi Cutter.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi o de elencar as contribuições de Charles Ammi Cutter para a Biblioteconomia, destacando sua vida e a obra. E, com isso, evidenciar a sua trajetória profissional que já naquela época demonstrava uma

preocupação com a organização, a representação e recuperação da informação e, principalmente, a preocupação em atender as necessidades dos usuários.

## 2 RESUMO BIOGRÁFICO DE CHARLES AMMI CUTTER

**Figura 1** - Retrato de Charles Ammi Cutter



Fonte: Boston Athenaeum (2014).

Para a realização de uma síntese biográfica de Cutter, consideramos os trabalhos de Martinho (2010); Martinho e Guedes (2009) e Fortunato (2013) como pesquisas essenciais por apresentarem um quadro cronológico da vida do pesquisado. Abaixo seguem as informações desta cronologia:

Charles Ammi Cutter nasceu na cidade de Boston – Estados Unidos da América em 14 de março de 1837. Filho de Caleb Champney Cutter e Hannah (Biglow) Cutter. Sua mãe faleceu após um mês de nascimento. No ano de 1839 seu pai casa novamente e Cutter é enviado para *West Cambridge* (Massachussets), para morar com o avô (Ammi Cutter) e três tias. Foi introduzido ao mundo das bibliotecas bastante cedo, devido a uma das tias ser bibliotecária em uma pequena biblioteca da cidade. Ele foi criado na atmosfera religiosa da igreja *Unitarian* (MARTINHO, 2010, p. 106).

Essas informações são complementadas por Martinho e Guedes (2009, p. 5) quando estes informam que:

[...] de 1851 a 1855, Cutter estudou no Harvard College e em 1856 entrou para a Harvard Divinity School. Antes mesmo de sua graduação foi designado bibliotecário-assistente da instituição, iniciando o que viria a ser o trabalho de sua vida. Seu primeiro trabalho foi preparar um novo catálogo para a Divinity School, que havia dobrado o volume de seu acervo.

Os anos entre 1857 a 1859 foram importantes para a sua trajetória. Um desses momentos é quando Cutter ganha o prêmio *Bowdoin Prize Dissertation*. Dentre as

atividades realizadas por ele, podem ser evidenciadas algumas características do seu modo de ser como: o entusiasmo e rigor sistemático aplicado em seu trabalho, que lhe deram notoriedade.

Martinho e Guedes (2009) destacam que em 1860 ele graduou-se no Harvard College quando atuou como bibliotecário-assistente. Esse importante passo na carreira foi dado ao lado do Dr. Ezra Abbot, que na época era o catalogador chefe. Foi nesse mesmo período que ele começou a desenvolver um catálogo alfabético, à base de cartões e baseado em índice de autor.

Enquanto ainda trabalhava na biblioteca de Harvard, Cutter conheceu Sarah Fayerweather Appleton, uma das primeiras mulheres assistentes em seu departamento de catalogação. Eles se casaram em 21 de maio de 1863 e nos cinco anos seguintes tiveram três filhos. A casa, que incluía como moradoras duas das tias de Cutter (uma morreu em 1857) e mais uma das irmãs de sua esposa e seu marido, era difícil de sustentar apenas com o salário de bibliotecário. Para complementar a sua renda, Cutter escreveu artigos, assumiu a indexação de trabalhos extras e catalogou trabalhos acadêmicos (FORTUNATO, 2013).

Martinho (2010, p. 108) ressalta que “Em 1868 ele foi convidado para ser bibliotecário do prestigioso *Boston Athenaeum*, devido à sua notoriedade na catalogação, capacidade administrativa e realizações acadêmicas”.

Atuante na produção e estudos com vistas ao movimento de melhorias para as bibliotecas, ele concretizou ações importantes para a catalogação mundial. Assim, Martinho (2010, p. 108) destaca duas dessas ações:

Em 1876, publicou os fundamentos e a metodologia do seu sistema ‘*Special Report no Public Libraries’ do Bureau of Education’s*. A parte I foi intitulada ‘*Library Catalogues*’ e a parte 2 ‘*Rules for a Printed Dictionary Catalogue*’. Em 1880 Cutter procurou desenvolver um código de catalogação simplificado, que foi publicado em 1883 sob título ‘*Condensed code for Authors and Title*’.

Diante do exposto, observa-se que Cutter adentrou o mundo das bibliotecas compostas por volumes de acervos, problemas de organização e recuperação da informação, trazendo ações inovadoras para aquele século. Desenvolver propostas de sistematização que facilitassem o labor bibliotecário e a necessidade de informação dos usuários não seria tarefa fácil para nenhum pesquisador, mas Cutter ousou empreendê-la.

Entre os anos de 1869 a 1880 Cutter viveu um período de grande sucesso pessoal e profissional. Ainda no *Athenaeum*, ampliou o uso da biblioteca também para o público externo e envolveu a biblioteca em uma rede de cooperação com bibliotecas de outras áreas. Em 1898 ajudou a fundar e foi o primeiro presidente da ‘*Western Massachusetts Library Club*’

(MARTINHO, 2010, p. 108).

Os últimos anos da vida de Charles Ammi Cutter, de acordo com Martinho (2010), foi um período marcado por sucessos e fracassos. Ainda conforme o autor, ele continuou trabalhando em projetos importantes para a biblioteca, como a revisão do Código de Catalogação da *American Library Association* (ALA) e permaneceu atuando na Biblioteconomia ministrando aulas.

O início do século XX foi um período difícil para Cutter, pois ele teve problemas de saúde acarretando em impedimentos para a continuidade de seu trabalho. Fortunato (2013) pontua que ele sofreu uma pneumonia quase fatal e entre recaída e recuperação, veio a falecer em 6 de setembro de 1903, aos 66 anos. O seu sobrinho, William Parker Cutter, que já havia trabalhado como bibliotecário, para o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e na biblioteca do congresso, sucedeu seu tio como bibliotecário na Forbes.

### 3 AS CONTRIBUIÇÕES DE CUTTER PARA A BIBLIOTECONOMIA

Durante séculos as bibliotecas tiveram como objetivo principal funcionar como espaços de preservação e guarda da informação. Esse fundamento ainda permanece hoje e é importante para a sociedade, mas não é o principal e muito menos o único. A movimentação em torno da informação permitiu que essas instituições passassem por um momento de reinvenção de vários processos, onde o foco passou a ser o usuário e suas necessidades informacionais.

Aliás, foi em um destes momentos da história das bibliotecas que viveu Cutter, um teórico da Biblioteconomia que contribuiu para o início da prática da catalogação moderna, e acarretou no processo de organização e representação temática da informação. Sobre a sua atuação, Martinho e Guedes (2009, p. 5) fazem as seguintes considerações:

Quando foi nomeado bibliotecário do Boston Athenaeum em 1868, seu primeiro trabalho foi compilar em um catálogo as coleções da biblioteca, assim ele iniciou a criação de um catálogo público da instituição, que ocorreu em cinco etapas entre 1874 e 1882, que segundo seu sobrinho e biógrafo William P. Cutter (1969) foi modelo para outros catálogos dicionários. Esse projeto alavancou a reputação de Cutter na Biblioteconomia.

Acerca do tempo que passou em Boston, *Athenaeum*, Cutter introduziu práticas que foram consideradas inovadoras para a época. Um exemplo foi a inclusão de cartões de empréstimo colocados em um bolso, colado no interior das capas traseiras dos livros. Os seus esforços também alcançaram a Biblioteca da Vaticana. De acordo com Martinho e Guedes (2009, p. 6), no ano de 1930 “ele construiu um catálogo dicionário

seguindo as práticas adotadas nos Estados Unidos, pela Library of Congress (LC)”.

As contribuições de Cutter não ficaram reduzidas à catalogação, embora ele tenha atuado fortemente nessa área. A sua carreira passou por fases de reconhecimento, mas esse fato não o eximiu de receber críticas. Uma delas veio de *Foskett* e estava voltada para a metodologia usada em auxiliar os leitores no processo de análise dos assuntos.

Cutter também participou de dois congressos internacionais de bibliotecas realizados em Londres, em 1877 e 1897. Além disso, ele escreveu artigos e livros relevantes para a área de Biblioteconomia. Martinho (2010, p. 115) destaca outros papéis desempenhados por ele:

Contribuiu com a teoria da área ao publicar textos jornalísticos, literários, resenhas e críticas de livros, relatórios oficiais, revisões de livros, editoriais, publicações em periódicos como *North American Review* de 1866 a 1869; *Nation* de 1869 a 1902 e *Library Journal* de 1876 a 1903.

No período compreendido entre 1880 e 1890, ele passou por problemas profissionais, um deles foi com Dewey na época em que trabalhavam juntos na construção da *American Library Association*. Em 1893, depois de muitos anos passando por dificuldades na vida profissional, Cutter resolveu se afastar das bibliotecas e começou a viajar pela Europa (FORTUNATO, 2013).

Ainda no trajeto de suas cooperações, temos a Classificação Expansiva (*Expansive Classification*), um projeto ambicioso explicitado por Cutter (1891 *apud* MARTINHO, 2010, p. 117) cujo objetivo seria o de “Servir a qualquer biblioteca independente de seu tamanho: da pequena biblioteca em seus primeiros estágios, à biblioteca nacional com um milhão de volumes”. Essa seria uma base para uma posterior fundamentação da classificação da biblioteca do congresso.

O *Expansive Classification* ou esquema de Classificação Expansiva, foi iniciado em 1880, e era estruturado em sete tabelas ou sete níveis de detalhamento da classificação, variando de acordo com o tamanho do acervo. No qual a é primeira para as bibliotecas muito pequenas e a sétima para as maiores, perpassando os níveis mais gerais para os mais específicos, que iam de acordo com a necessidade apresentada pela instituição.

Em 1894 Cutter enfrentaria um novo desafio ao assumir o cargo de primeiro bibliotecário da Forbes, seu desejo era desenvolver um novo tipo de biblioteca onde se emprestaria tudo que uma pessoa quisesse pelo tempo que desejasse. Nela não haveria “regras incômodas” e as crianças eram bem-vindas. Os seus clientes eram livres para percorrer as pilhas abertas em vez de solicitar livros na recepção, dando mais autonomia ao usuário.

Fortunato (2013) relata que ainda no comando da Forbes, Cutter constituiu bibliotecas filiais e instituiu um sistema de bibliotecas itinerantes para atender as

pequenas cidades no Oeste de Massachusetts. Em 1902, montou o departamento de Arte e Música da biblioteca que hoje inclui uma preciosa coleção de fotografias locais, como também criou programas para crianças incentivando nelas a descoberta do mundo artístico e musical.

A partir de seus esboços, ele propôs algumas mudanças nos modelos das unidades de informação com o desenvolvimento de um sistema de classificação que a princípio serviria apenas para as coleções do *Boston Athenaeum*. A sua proposta ganhou fama, sendo considerado um dos mais lógicos e acadêmicos sistemas de classificação e tornando-se um clássico na história bibliográfica.

Martinho e Guedes (2009) fazem algumas considerações a respeito dos princípios estabelecidos por Cutter. Eles ressaltam que o seu trabalho pode ser considerado um marco dentro do contexto do tratamento temático na vertente norte-americana, contribuindo para a construção de outros instrumentos de representação. Para esses autores, esses princípios somaram-se a outras ações que podem ser identificadas na passagem abaixo:

Eles somados ao prestígio da *LC* – devido à difusão de suas listas de cabeçalhos de assunto, propagaram e influenciaram toda uma praxe de representação, o que se supõe foi transmitido às instituições que adotaram esse sistema de tratamento temático. Ainda hoje, após mais de um século, muitos desses princípios continuam atuais (MARTINHO; GUEDES, 2009, p. 6).

É inegável a contribuição de Cutter para a Biblioteconomia, sua atuação em diversas frentes o posiciona como figura emblemática para a área. Inferimos que, de certa forma, os modelos adotados por ele por meio desses princípios, apresentavam um viés de mediação entre a informação e o usuário.

Para Marinho e Guedes (2009, p. 1), Cutter “fincou pilares iniciais para o construto teórico da representação do conhecimento”. A percepção de como essa informação deve ser considerada concentra-se no fato de que ele atuou durante o processo em que as bibliotecas já sentiam algumas mudanças, a partir do paradigma que é fortalecido pela valorização do suporte que se elevou à preocupação com os usuários.

O trabalho de Cutter não apenas contribuiu para o início da prática da catalogação moderna ao lado dos estudos de Panizzi e Jewett, como também inseriu questões do tratamento temático da informação a partir da catalogação de assunto, dando origem a novas concepções de como tratar a informação visando seu fluxo contínuo na sociedade (MARTINHO; GUEDES, 2009, p. 1).

Diante disso, com todas as contribuições para estas áreas temáticas, o trabalho de Cutter não foi unânime. As limitações de alguns de seus processos, ou condições adversas podem, ter motivado falhas na sua produção em determinados pontos. Foskett



(1973 *apud* MARTINHO; GUEDES, 2009, p. 4) faz a seguinte observação a respeito:

Cutter foi 'prejudicado pelo fato de ter aceitado a linguagem natural como o único tipo de terminologia possível', pois isso acarretou em questões fundamentais na criação do catálogo, o que também advinha do fato de Cutter acreditar que 'os nomes de assuntos existiam apenas enquanto tivessem aceitação geral e fossem usados'. Essa é uma das fragilidades apontadas nas regras de Cutter.

Percebe-se que Cutter conseguiu elaborar formas de auxiliar o leitor profissional na análise de assunto a ser selecionado, no entanto, definições metodológicas mais precisas de como fazê-lo, permaneceram vagas. Quanto a isso Foskett (1973 *apud* MARTINHO; GUEDES, 2009, p. 4) ressalta que:

Não devemos censurar Cutter por não ter resolvido todos os nossos problemas ou por não ter tomado conhecimento de alguns deles. As informações com que temos de lidar são quantitativamente muito maiores e individualmente mais complexas do que tudo aquilo que Cutter considerou como passível de se acomodar às suas regras. O que ele fez foi introduzir ordem num processo antes entregue ao acaso, e ao fazê-lo, apontou o caminho para futuros desenvolvimentos.

Cutter deixou um legado de suma importância para a Biblioteconomia. De certa forma, o seu trabalho proporcionou maior clareza quanto a base teórica para o universo da organização, da representação e por que não dizer para a recuperação da informação. Logo, um catálogo com facilidade de busca por autor, título ou assunto facilita a busca do usuário poupando-lhe tempo.

## **4 APRESENTAÇÃO DA TABELA DE CUTTER**

Para melhor compreensão do leitor, serão apontadas considerações a respeito desse trabalho de Cutter que é um dos mais conhecidos no mundo acadêmico e profissional quando se fala de organização e representação da informação em catálogos de bibliotecas.

A Tabela de Cutter é uma tabela de códigos que indicam a autoria de uma obra literária elaborada por Charles Ammi Cutter em 1880 e é utilizada para classificar livros em bibliotecas. A tabela utiliza todas as letras para designar as categorias de livros, em contraste com a Classificação Decimal de Dewey que utiliza apenas números. A Tabela foi criada enquanto Cutter atuava na Biblioteca de Boston Athenaeum (PIEDADE, 1977, p. 118).

Em paralelo, Caribé (2016) faz considerações importantes sobre a formulação desta tabela, uma delas é a de que os livros poderiam ser encontrados consultando-os diretamente nas estantes, a outra é a de cada autor, tivesse seu próprio número. Diante dessa observação, foram surgindo ideias de como seria a metodologia para o uso desta tabela, uma delas seria a numeração decimal, permitindo a interpolação de

novos documentos de forma infinita, assegurando, que a ordem alfabética não fosse perdida.

Em 1880, ele publicou o primeiro formato de sua tabela.

De acordo com essa tabela, o autor deveria ser identificado pela primeira letra do seu sobrenome seguida por algarismos arranjados na ordem alfabético-decimal. No julgamento de Cutter este seria o arranjo ideal, pois permite a inserção de novos números caso ocorra coincidência nos sobrenomes de autores que publicaram na mesma área temática (CARIBÉ, 2016, p. 127).

A primeira tabela de Cutter era constituída de 2 algarismos, porém não atendeu as necessidades das grandes bibliotecas. A partir disso, ele fez uma parceria com Kate E. Sanborn e organizou outra tabela com 3 algarismos, conhecida por tabela de Cutter-Sanborn que está em uso até hoje para compor a notação por autor.

É importante ressaltar que o sistema da tabela é misto, constituído de letras maiúsculas, algarismos arábicos e ponto que indicam a autoria de uma obra. Ela é utilizada para classificar os materiais de uma biblioteca, sendo constituída por 7 tabelas que classifica todo o conhecimento e individualiza os autores.

De acordo com Caribé (2016, p. 128): “Cutter idealizou uma série de letras combinadas com números a fim de individualizar qualquer obra dentro do mesmo número de classificação, sendo as letras em ordem alfabética e os números em sequência decimal”.

Deste modo, a ideia era estabelecer um padrão que pudesse ordenar as diversas obras de um mesmo autor dentro de um mesmo assunto (número de classificação).

Na regra geral de uso da tabela de Cutter é atribuído um número ao sobrenome do autor e adicionado à primeira letra do título da obra, dispensando artigos. Caso não seja encontrado um número para o sobrenome do autor, deve ser considerado o mais próximo e acrescentar a letra do título. Considere o exemplo do autor na figura a seguir:

**Figura 2 - Emprego e representação da notação de autor**

59	Yonge, W.	59	Zes
61	Yor	61	Zet
62	York, J.	62	Ze
63	York, P.	63	Zev
64	Yorke	64	Zi
65	Yorke, M.	65	Zie
66	Yot	66	Zieg
67	You	67	Zies
68	Young	68	Zif
69	Young, C.	69	Zil
71	Young, E.	71	Zim
72	Young, G.	72	Zimmer
73	Young, J.	73	Zimmermann
74	Young, M.	74	Zimmermann, F.
75	Young, P.	75	Zimmermann, M.
76	Young, S.	76	Zimmermann, S.
77	Young, T.	77	Zin
78	Young, W.	78	Zink
79	Youngm	79	Zinz
81	Youngs	81	Zir
82	Yous	82	Zit
83	Youss	83	Zo
84	Yoz	84	Zoc
85	Yp	85	Zoe
86	Yps	86	Zol
87	Yr	87	Zon
88	Yri	88	Zop

Fonte: Tabela de Cutter-Sanborn (2019).

Na imagem acima, pode-se observar que a busca na tabela de Cutter-Sanborn pelo sobrenome do autor William Paul Young foi recuperada por completo. Já o sobrenome do autor José de Alencar, na tabela seguinte, não aparece representado por completo. Porém, utilizou-se o número aproximado para identificação do autor.

**Figura 3 - Emprego e representação da notação de autor**

354	Alco	354	Bavi	354	Casto	354	Delis
355	Alcot	355	Bax	355	Castr	355	Deliu
356	Alcu	356	Bay	356	Casw	356	Delk
357	Ald	357	Baye	357	Cat	357	Dell
358	Alden	358	Bayl	358	Catel	358	Dello
359	Alden, S.	359	Bayly	359	Caten	359	Delm
361	Alder	361	Bayn	361	Cath	361	Delo
362	Alders	362	Baz	362	Cathc	362	Delor
363	Aldi	363	Bazi	363	Cathe	363	Delp
364	Aldo	364	Bazo	364	Cati	364	Delr
365	Aldr	365	Be	365	Catl	365	Dels
366	Ale	366	Beal	366	Cato	366	Delt
367	Alem	367	Bean	367	Catr	367	Delv
368	Alen	368	Bear	368	Catt	368	Delz
369	Alep	369	Beat	369	Catto	369	Dem
371	Ales	371	Beau	371	Cau	371	Deman
372	Alessi	372	Beauch	372	Caul	372	Demar
373	Alew	373	Beaucl	373	Caum	373	Demau
374	Alex	374	Beauf	374	Caus	374	Demb
375	Alexander, C.	375	Beaug	375	Caut	375	Dembo
376	Alexander, J.	376	Beauh	376	Cav	376	Deme
377	Alexander, M.	377	Beaul	377	Cavall	377	Demet
378	Alexander, S.	378	Beaum	378	Cave	378	Demi

Fonte: Tabela de Cutter-Sanborn (2019).

Outros aspectos da tabela são consubstanciados por Mey (1995 *apud* MARTINHO, 2010, p. 116). A citada autora aponta que:

Embora seja útil para nomes de língua inglesa, para autores em

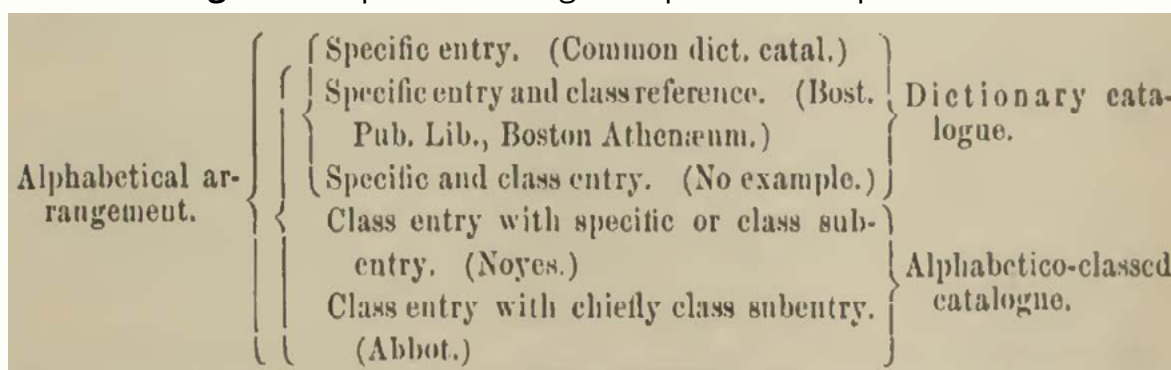
língua portuguesa, é uma notação bastante precária. Sua utilização é relativamente simples. “A tabela de Cutter representa cada sobrenome pelo início, seguida de três dígitos”. Quando o sobrenome não se enquadrar exatamente no sobrenome previsto, deve-se usar o código imediatamente anterior.

A tabela de Cutter sobreviveu até os dias atuais sendo utilizada por diversas bibliotecas no mundo. Ela acompanhou a evolução das tecnologias e foi introduzida aos sistemas de classificação informatizados.

## 5 ESQUEMA CRIADO POR CUTTER QUANTO AOS TIPOS DE CATÁLOGOS

A dedicação de Cutter, no período em que esteve em Boston, proporcionou o desenvolvimento de várias técnicas incluindo o sistema manual de fichas: o programa de empréstimo entre bibliotecas e empréstimos de livros. Dentre as técnicas, vale considerar a sistematização de prática com catálogos.

**Figura 4** - Tipos de catálogos esquematizado por Cutter



Fonte: Martinho (2010, p. 59).

Esta obra trata da catalogação sistemática de dicionários e possui quatro edições, tendo se tornado o principal manual de catalogação da época. A intenção era propor que esse catálogo apresentasse uma busca por autor, título e assunto. De acordo com Robredo (2004, p. 1), havia nesse momento “a mudança de paradigma do documento com o foco para seu conteúdo, ou seja, para a informação”.

[...] com o foco nos séculos XIX e XX, assiste-se a uma sistematização da prática catalográfica com Cutter, o primeiro teórico da catalogação, que busca sair de uma simples prática para uma metodologia mais científica, nesse período ele era bibliotecário da Boston Athenæum. [...] essa revolução na estrutura dos catálogos de biblioteca foi sentida com *a Rules for a Dictionary Catalog*, publicada em primeira edição em 1876 e a última em 1903 (MACHADO, 2003, p. 47).

Algumas características desse código são elencadas por Barbosa (1969 *apud* SANTOS; RODRIGUES, 2013, p. 124).

[...] um código que continha 369 regras, essa obra recebeu muitas críticas pelos inúmeros detalhes considerados desnecessários. Ficou conhecido por muitos como o “pai do catálogo dicionário”. A última edição dessa obra, em 1904, quase coincidiu com a redação do primeiro código da American Library Association (ALA), em 1908, influenciando seu desenvolvimento.

Essa obra trouxe mudanças na lógica de organização, o que até então tinha o critério sistêmico como foco principal, passou a utilizar também a ordem alfabética. Esse trabalho foi “reconhecido imediatamente como um tratado de catalogação e permanece um clássico” (TAUBER; WISE, 1961). Para Dias (1967), esse material foi por mais de meio século a única obra sistemática e bem atualizada de regras sobre a entrada de cabeçalhos de assunto, não tendo havido propostas de uma compilação de um conjunto novo de regras.

estrutura apresentada na obra de Cutter trouxe mudanças para a catalogação de assunto, que até então vigorava. Em Mey e Silveira (2009, p. 12) é possível identificar os pontos-chaves desse método:

- I. Permitir a uma pessoa encontrar um livro o qual o autor, o título e o assunto seja conhecido;
- II. Mostrar o que a biblioteca possui: de um autor determinado, de um assunto determinado e de um tipo determinado de literatura;
- III. Ajudar na escolha de um livro: de acordo com sua edição (bibliograficamente), de acordo com seu caráter (literário ou tópico).

Assim, com base no exposto, é possível imaginar que a em sua trajetória profissional Cutter tenha encontrado objeções e críticas à algumas de suas criações, situação que normalmente ocorre quando visionários apontam novos caminhos para modelos estabelecidos.

## **6 SITUANDO O TRABALHO DE CUTTER NA CONTEMPORANEIDADE**

A Biblioteconomia, assim como outras áreas do conhecimento, tem sofrido influências advindas de fatores tecnológicos, sociais e do intenso fluxo informacional. Há muitas informações sendo disponibilizadas em rede e as distâncias territoriais foram encurtadas com a expansão da internet e da globalização. As bibliotecas reinventam os seus processos com mais rapidez e o foco no usuário, no acesso e na recuperação da informação em tempo hábil comandam o trabalho bibliotecário.

Apartir dessas informações, é válido situar a obra de Cutter na contemporaneidade. Assim, é pensando nesta possibilidade que posicionamos as contribuições desse bibliotecário nascido no século XIX e que, de certo modo, influencia o contexto em que estão inseridas bibliotecas e bibliotecários no século XXI.

Para o posicionamento da obra de Cutter, nesse espaço contemporâneo, citamos Metcalfe (1973 *apud* MARTINHO, 2010, p. 116) quando afirma que “a recuperação da informação contemporânea, pode-se dizer, foi iniciada em 1876 com a obra de Cutter (*Rules for a Dictionary Catalogue*)”.

De acordo com Martinho (2010, p. 121):

Nos atuais *OPAC*’s, com modernos recursos tecnológicos, o pensamento de Cutter continua válido. Olson e Boll (2001) citados pela autora, reafirmam essa questão ao abordar a análise de assunto nos catálogos *on-line*, e as questões referentes à estrutura dos cabeçalhos nesses sistemas. Os autores retomam as considerações de Cutter quanto aos princípios de estrutura das entradas (quanto aos assuntos simples ou compostos) e a linguagem a ser utilizada. Para Cutter, a linguagem que define as expressões é a utilizada pela comunidade usuária (no entanto, consideram que a posição de Cutter de considerar primordialmente os usuários, pode gerar inconsistências nas definições dos cabeçalhos).

Para Martinho (2010), as contribuições de Cutter se fazem presentes na formação acadêmica e profissional das escolas de Biblioteconomia brasileiras que têm como base a influência norte-americana, principalmente no contexto da catalogação de assunto.

A partir do exposto, vimos que a trajetória profissional de Cutter foi importante para o desenvolvimento da Biblioteconomia e das bibliotecas no século XXI. A construção de seus códigos estabeleceu-se como princípios que permeiam o trabalho dos bibliotecários até hoje.

No atual período da história da informação, é possível identificar novas ferramentas que buscam situar a temática da organização e representação da informação priorizando buscas mais eficientes como é o caso dos *Funcional Requirements for Bibliographic Records* – (FRBR) e da *Resource Description And Access* – (RDA). Essas ferramentas tiveram como base para o seu desenvolvimento o Código de Catalogação Anglo Americano (AACR) e, ao lado delas, as ferramentas criadas por Cutter que permanecem ou dão suporte para a criação de novos modos de representar a informação.

Com isso, mediante as informações explicitadas, se por um lado seus catálogos, tabelas e códigos podem ser considerados na atualidade como inconsistentes para a resolução de problemas pontuais das bibliotecas; por outro lado, é importante reconhecer a importância de seu legado para o desenvolvimento da área. As suas inquietações proporcionaram o embasamento teórico e prático para que outros paradigmas fossem estabelecidos.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Charles Ammi Cutter foi um dos precursores do pensamento sistemático da representação descritiva da informação, concebendo a esta área um caráter mais técnico e científico nos procedimentos metodológicos. Estes seriam adotados pelos profissionais responsáveis pela catalogação dos materiais nas bibliotecas e centros de informações, minimizando, assim, a subjetividade na execução deste processo.

Os estudos e instrumentos produzidos por Cutter foram de suma importância para o tratamento temático das informações, que estão dispostas nos mais diversos documentos. Estes nortearam a construção de outros instrumentos para o tratamento temático dos documentos, com o intuito de facilitar a vida do usuário em busca de informações e da recuperação da informação de forma mais rápida e precisa.

A sua catalogação expansiva, conhecida como Cutter Number ou “Cutter” ou Tabela de Cutter, foi sem dúvida o seu trabalho de maior destaque dentro da área da representação descritiva da informação. Ela continua sendo utilizada nos dias atuais, inclusive, auxilia outros sistemas de classificação na perspectiva de melhorar a recuperação da informação.

Cutter foi um grande idealizador e profissional atuante da área da Biblioteconomia. Os seus trabalhos contribuíram para a melhoria dos processos técnicos do tratamento das informações, e para a construção da imagem da Biblioteconomia e do bibliotecário. Os princípios do trabalho de Cutter visavam atender da melhor forma o seu público, oferecendo uma informação tratada, soluções rápidas e serviços diversos dentro da sua biblioteca.

Tendo em vista todos esses aspectos, a influência que Cutter exerceu na Biblioteconomia lhe garantiu uma significativa relevância histórica. O estudo sobre a sua vida permitiu conhecer um homem com um elevado senso crítico, um visionário cujo trabalho revolucionou as práticas existentes na Biblioteconomia mundial.

Uma consideração que não poderia deixar de ser feita pelas pesquisadoras diz respeito à necessidade de mais estudos sobre a vida e obra de Cutter, dentro dos cursos de graduação e pós-graduação nas Escolas de Biblioteconomia no Brasil.

Assim, almejamos que o trabalho em questão possa contribuir para a base referencial do campo biblioteconômico, especificamente para a área da organização e representação da informação a partir da abordagem da catalogação de assunto, mas não somente dela.

Considerando a dificuldade em se alcançar a completude científica acerca de um tema, em uma única pesquisa, entende-se ser esta, uma publicação que visa oferecer subsídios teóricos para minimizar a carência de literatura científica, em Língua Portuguesa, sobre a vida e obra de Cutter.

## REFERÊNCIAS

- CARIBÉ, R. C. V. Notação de Autor: sua história. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 26, n. 2, p. 121-135, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/28650/16207>. Acesso em: 14 maio 2018.
- DIAS, A. C. **Elementos de catalogação**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Bibliotecários, 1967.
- FORTUNATO, F. **Charles Ammi Cutter**: linha do tempo de Charles Ammi Cutter. 2013. Disponível em: <http://charlesammicuter.blogspot.com/2013/07/>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- MARTINHO, N. O. **A dimensão teórica e metodológica da catalogação de assunto**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2010. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/martinho\\_no\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/martinho_no_me_mar.pdf). Acesso em: 12 mar. 2019.
- MARTINHO, N. O.; GUEDES, E. F. Charles Ammi Cutter: sua contribuição para a organização da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: ANCIB, 2009. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3152/2278>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Catalogação no plural**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.
- PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.
- ROBREDO, J. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000001289/143a3c7b1e%2046dcf180ad1cfd65ea1149/>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- SANTOS, A. P. L dos; RODRIGUES, M. E. F. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-13, 2013. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248/264>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- TAUBER, M. F.; WISE, E. **Classification Systems**. The State of the Library Art. New Brunswick, NJ: Rutgers U. Graduate School of Library Service, 1961.

# Capítulo 4

## Atores da Biblioteca Nacional do Brasil: Ramiz Galvão e Cícero Peregrino

*Francisco Leandro Castro Lopes*

*Agenor Leandro de Sousa Filho*

*Midinai Gomes Bezerra*

*Cícera Ana Micaeli Gomes da Silva*

### 1 INTRODUÇÃO

Oficialmente, a Biblioteca Nacional (BN) brasileira foi instalada com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, quando a Rainha de Portugal, D. Maria I e D. João VI, o príncipe regente, instalaram-se no Brasil e trouxeram um imenso acervo de livros e manuscritos. Porém, existem historiadores que alegam que tudo começou em 1755, quando Lisboa sofreu um grande terremoto que provocou incêndios e danificou muitos documentos da Real Livraria, que naquele período era considerada uma das mais importantes bibliotecas do mundo.

Naquela época, o rei Dom José I de Portugal e o ministro Marquês de Pombal resolveram juntar o que havia sobrado da Real Livraria e organizaram, no Palácio da Ajuda, uma nova biblioteca. Foi a partir dessa organização de livros e escritos que se constituiu o acervo trazido para o Brasil, que possuía cerca de sessenta mil peças entre livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas, sendo inicialmente guardado em uma das salas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na Rua Direita, hoje Rua Primeiro de Março.

Já no ano de 1810, no Brasil, um decreto do Príncipe Regente oficializou a construção de um local fixo para a BN (antes chamada de Real Biblioteca). A data de 29 de outubro de 1810 é conhecida como o dia da fundação da Real Biblioteca, no entanto, suas portas só foram abertas à população em 1814.

Alguns anos depois, em 1821, a Família Real regressa à Portugal e carrega consigo a maior parte desse acervo. Três anos depois da proclamação da independência, a obtenção da Biblioteca Real pelo Brasil foi efetivada mediante a Convenção Adicional ao Tratado de Paz e Amizade celebrado entre Brasil e Portugal. Assim, a Biblioteca Real começou a ser identificada como Biblioteca Imperial e Pública da Corte e com o decorrer dos anos foi chamada de BN.

No ano de 1858, em busca de um espaço mais adequado para depositar o acervo que estava em constante desenvolvimento, a Biblioteca foi realocada para a Rua do Passeio, número 60, no Largo da Lapa. Um edifício onde está localizada a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) nos dias atuais.

O crescimento acelerado e permanente do acervo foi essencial para a conclusão de um projeto de construção de uma sede, que atendesse às reais necessidades da biblioteca. Partindo dessa ideia, foi projetado o atual prédio que começou a ser construído em 15 de agosto de 1905, no governo de Rodrigues Alves. A inauguração se concretizou em 29 de outubro de 1910.

Assim, a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) uma das instituições de maior destaque no âmbito de difusão da informação teve, no decorrer de sua trajetória, a atuação de várias figuras de destaque que contribuíram para o seu crescimento institucional ao atuarem na gestão desta unidade de informação. Muitos deles desenvolveram ações que resultaram em benfeitorias para a melhoria dos serviços, que eram desempenhados pela instituição e prestados à sociedade, que foram reconhecidas e que merecem destaque.

Nesse sentido, este artigo apresenta o histórico de atuação de dois importantes ícones, tanto para história quanto para a missão da instituição que foram: Benjamin Franklin Ramiz Galvão (Ramiz Galvão) e Cícero Manuel Peregrino da Silva (Cicero Peregrino). Eles são personalidades que deram valiosas contribuições para o desenvolvimento dessa importante instituição no país, contribuindo assim para o seu reconhecimento internacional.

Na primeira parte, destacam-se contribuições que foram realizadas por Ramiz Galvão que tinham como objetivo fazer da FBN uma organização social e de referência. Na segunda parte, apresenta-se as subvenções de Cícero Peregrino, que proporcionaram avanços importantes para a FBN ao adotar medidas que transformariam sua dinâmica de atuação junto à sociedade.

## **2 RAMIZ GALVÃO**

Benjamim Franklin Ramiz Galvão, intitulado Barão de Ramiz, nascido em 16 de junho de 1846 em Rio Pardo no Rio Grande do Sul é filho de João Galvão e de D. Maria Joana Ramiz Galvão, tendo a sua trajetória de vida marcada pela atuação como médico, professor, filólogo, biógrafo e orador. Faleceu em 9 de março de 1938 no Rio de Janeiro, deixando sua marca registrada pelas muitas realizações no decorrer de sua vida.

Aos seis anos de idade foi ao Rio de Janeiro e deu início aos estudos primários no Colégio Amante da Instrução e, com o apoio do Imperador fez gratuitamente toda a instrução secundária no Colégio Pedro II. Iniciou a sua carreira profissional como

cirurgião no Hospital Militar da Ponta da Armação, seguindo depois para o magistério. Aos dezenove anos obteve Bacharelado em Letras e escreveu o seu grande livro “O Púlpito no Brasil”, publicado em 1867. Helenista emérito, foi professor de Grego no Colégio Pedro II e de Química Orgânica, Zoologia e Botânica na Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Foi um mestre que honrou aquelas cátedras e um educador cuja existência transcurrou a serviço do ensino.

Ao desfrutar da amizade de D. Pedro II desde os anos escolares, no período correspondente entre 1882 a 1889, foi preceptor dos príncipes imperiais, netos de D. Pedro II, filhos do Conde d’Eu e da Princesa Isabel. Teve, assim, o seu momento de proximidade e de convivência com o Imperador, que o convocou para o exercício de cargos honrosos. Com isso, Ramiz Galvão, tanto no Império quanto na República, ocupou vários cargos importantes graças à sua capacidade de trabalho, valor intelectual e profunda cultura. Por decreto do governo imperial de 18 de junho de 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz.

A presença de Ramiz Galvão na história da Filologia ficou marcada com o seu **Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega**, publicado em 1909, suscitando polêmicas vivazes. A mais extremada delas foi com Cândido de Figueiredo que produziu 22 páginas de críticas, formando quase um capítulo do seu livro *Vícios da linguagem médica*, também de 1909. Em resposta, Ramiz Galvão deu lume a *Reparos à crítica*, em 1910, reunindo artigos então publicados no **Jornal do Comércio (grifo nosso)**.

Ele foi diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal por duas vezes e, também o primeiro Reitor da Universidade do Rio de Janeiro (que posteriormente ficou conhecida como Universidade do Brasil, atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ). Além disso, ele foi sócio grande benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi orador perpétuo, membro honorário da Academia Nacional de Medicina e de diversas associações científicas e literárias.

Ramiz cumpriu o seu desempenho enquanto diretor da Biblioteca Imperial no período de 1870 a 1882, sendo posteriormente denominada de Biblioteca Nacional após a proclamação da república. Ao todo, foram doze anos à frente desta instituição desempenhando atividades que visavam garantir melhorias na qualidade do serviço, que era prestado para a sociedade. Sobre o período no qual Ramiz Galvão esteve à frente da FBN, Silva (2009, p. 1) destaca que:

Uma marca da administração de Ramiz Galvão que merece enaltecimento é a realização de concursos públicos, em especial de bibliotecários, exigindo conhecimentos de História Universal, Geografia, Filosofia, Bibliografia, Iconografia, Literatura, Catalogação de Manuscritos e traduções do Latim, Francês e Inglês, tendo como primeiro aprovado no concurso para bibliotecário, o historiador Capistrano de Abreu.

Mesmo não possuindo graduação em Biblioteconomia, uma vez que no Brasil o referido curso não existia, sempre se preocupou em desenvolver ações que objetivavam garantir a melhoria contínua dos trabalhos realizados na FBN. Assim, indo ao encontro deste objetivo, conforme destacado por Silva (2009), está o primeiro concurso público que exigiu conhecimentos em diversas áreas para que o profissional que fosse aprovado neste concurso possuísse as habilidades necessárias e conseguir ser um bom administrador das atividades realizadas na biblioteca.

Ramiz Galvão tornou-se Diretor da BN, tendo uma rica bagagem intelectual, com a missão de substituir Frei Camilo de Monserrate. Naquele período, em que Ramiz Galvão assumiu a Biblioteca com o título de “diretor”, o ensino de Biblioteconomia ainda não tinha se efetivado no Brasil, conforme já mencionado, e “aquele que administrava a Biblioteca era chamado, simplesmente, bibliotecário” (CALDEIRA, 2010, p. 3).

A partir de então, surgiram alguns problemas ao assumir o novo cargo, pois a instituição enfrentou problemas financeiros. Uma vez que o poder público pouco repassava verbas e a BN, enquanto equipamento cultural, era deixada de lado. Desse modo, Ramiz reagiu ao fazer ofícios cobrando a atenção dos gestores públicos e investimentos na manutenção e nas melhorias do local.

Dentre as grandes realizações de Ramiz Galvão à frente da FBN, pode-se citar a organização da exposição camoniana de 1880 e a de História do Brasil, no ano seguinte, com os respectivos e preciosos catálogos. Também promoveu a publicação dos *Anais* daquela repartição e organizou o Asilo Gonçalves de Araújo, instituição destinada a educar crianças pobres, conforme vontade expressa do seu doador, da qual foi seu diretor no período de 1899 até 1931 (MACEDO; CALDEIRA, 2016).

Outra grande realização na gestão de Ramiz Galvão na FBN foi a de transformá-la em um ambiente útil e agradável, para a participação dos intelectuais da Corte. Dessa forma, além de preservar livros, manuscritos e materiais iconográficos, a Biblioteca investiu na função de auxiliar nas buscas e estudos de toda natureza. Além disso, ele modernizou o sistema de funcionamento da biblioteca e organizou um projeto de disposição interna da biblioteca e de disponibilização de seu acervo a um público de especialistas (MACEDO; CALDEIRA, 2016).

Sua dedicação foi forte no intuito de tornar a BN um lugar agradável aos frequentadores, e que pudesse realmente resguardar da forma mais apropriada o acervo que possuía. Assim, resolveu “solicitar ao Império alguns contos de réis que seriam destinados a reformas naquele estabelecimento” (CALDEIRA, 2010, p. 3).

Ramiz decidiu morar perto da BN e conseguiu que um prédio localizado nas redondezas fosse reformado, visto que tinha o seguinte pensamento: “morar próximo àquele estabelecimento possibilitava que o bibliotecário se dedicasse de maneira integral à organização do acervo da instituição” (CALDEIRA, 2010, p. 4).



Ele estendeu o horário de funcionamento da Biblioteca, e esta passou a funcionar de 9h às 15h e logo após, no período noturno das 18h às 21h. sendo esse último turno bastante positivo, “logo no seu primeiro dia de funcionamento no novo turno, a instituição recebeu vinte leitores, entre eles o próprio imperador” (CALDEIRA, 2010, p. 4). Futuramente, foi relatado em seu relatório de janeiro a setembro de 1872, o fato de a biblioteca ter recebido o expressivo número de 6555 leitores, nesse período noturno adotado.

De acordo com Macedo e Caldeira (2016, p. 45), Ramiz Galvão também investiu nos regulamentos da FBN:

Nesse sentido, os novos regulamentos da BN, que entraram em vigor a partir de 1876, dividiram-na em três seções: impressos e cartas geográficas, manuscritos e estampas. O mais importante, porém, foi a criação, no mesmo ano, de um veículo editorial para servir de meio de divulgação dos documentos ali existentes: os Anais da Biblioteca Nacional. A publicação desse periódico acabava por coroar aquilo que seria, para Ramiz, a sua função como bibliotecário. Mas caracterizava também a sua prática como historiador em exercício na BN, pois cabia a ele desenterrar os tesouros esquecidos, organizá-los, arquivá-los e, por fim, trazê-los a público para que possibilitassem toda a sorte de pesquisas.

Ramiz conseguiu, frente ao Ministério responsável na época pela FBN, o pagamento de gratificação pelo horário estendido, referente ao período noturno adotado, e a realização do primeiro concurso para a biblioteca. Caldeira (2009, p. 46) descreve como foi realizado esse processo seletivo, onde o aprovado e classificado em 1º lugar foi o cearense Capistrano de Abreu:

Os candidatos teriam quatro horas para fazer provas de quatro disciplinas: história, geografia, literatura e filosofia. Passada esta etapa, eles seriam submetidos a provas de tradução de textos em inglês, francês e latim. [...] Após a prova de idiomas, os candidatos deveriam mostrar seus conhecimentos arquivísticos e bibliográficos a partir do exercício de classificação de um livro impresso, uma estampa e um manuscrito da biblioteca.

Sempre investindo para transformar a FBN em um local de pesquisa histórica, Ramiz Galvão, como diretor, se empenhou também para torná-la uma instituição guardiã e propagadora do passado da nação, atuando em conjunto com profissionais qualificados, editando novos estatutos, regimentos e por meio da publicação de Anais.

Ao remodelar a equipe de trabalho da FBN, ele passou a ter uma equipe com profissionais como Capistrano de Abreu, Alfredo do Vale Cabral, João Saldanha da Gama e José Alexandre Teixeira de Melo. Fato este que foi importante para o desenvolvimento da instituição, já que somente uma equipe capacitada poderia tratar desses documentos, estudando-os, classificando-os e catalogando-os da melhor maneira possível para seu posterior acesso.

E o serviço não era pouco, especialmente para Ramiz Galvão. Além de zelar pela publicação periódica dos *Anais* e cuidar do funcionamento da biblioteca, era seu trabalho aumentar o acervo da instituição. Naquele momento, seu maior interesse era a aquisição de documentos que ‘lançassem luz’ sobre a história do Brasil, muitos dos quais, segundo ele, estavam fora do país ou mesmo nas mãos de particulares. Cabia, portanto, à Biblioteca Nacional procurá-los e incorporá-los ao seu acervo (CALDEIRA, 2010, p. 5).

No período em que esteve à frente da FBN, Ramiz Galvão adotou um conjunto de medidas que proporcionaram uma melhoria significativa para a instituição como um todo. Dentre essas medidas, destacam-se:

- a) ampliação do horário de funcionamento da Biblioteca, aumentando assim seu público-alvo;
- b) melhorias na estrutura, com iluminação a gás;
- c) contratação de novos funcionários;
- d) o fortalecimento como uma Instituição de Memória, principalmente a partir dos *Anais* da Biblioteca Nacional e do Catálogo de Exposição de História do Brasil.

Para se aperfeiçoar na área de Biblioteconomia, ele, segundo Turazzi (2006, p. 3), “[...] realizou uma grande viagem ao exterior, com a missão oficial de estudar o funcionamento das bibliotecas públicas européias”. Visto que, essas bibliotecas eram as referências naquele período, o mesmo foi em busca de conhecer e aprender as atuações, atividades e como elas funcionavam. Sobre isso, Santos (2013, p. 7) destaca que:

A busca de Ramiz Galvão por informações sobre a administração de bibliotecas é anterior a sua viagem à Europa, que só ocorreu em 1873. O bibliotecário pedia parentes e amigos que a esse continente se dirigiam que lhe trouxessem informações sobre as bibliotecas, especialmente relativas aos [processos] de catalogação, conservação e restauração de materiais, de forma que assim ele tivesse como basear o trabalho que desenvolvia na Biblioteca Nacional nas práticas mais modernas de sua época.

Na sua viagem coletou documentos e obras, fazendo descobertas importantes para auxiliar no funcionamento da BN, visto a sua contribuição no desenvolvimento da biblioteca, não só estruturalmente como no próprio acervo. Assim, exigindo dele novas atitudes e uma postura transformadora à frente da instituição.

Essas mudanças proporcionaram à BN um aumento no uso do espaço, que obteve maior número de usuários, como os trabalhadores e outras pessoas que estavam ocupadas durante o dia. Mas, que podiam usufruir dos serviços desse equipamento cultural em outros momentos. O próprio Ramiz Galvão explicou: “[...] que várias salas e corredores da biblioteca encontravam-se arruinados e mesmo podres” (CALDEIRA, 2009, p. 40), o que prejudicava o funcionamento, a visita de usuários e as atividades desenvolvidas pelos funcionários. Foi defendido por ele também, fugindo um pouco dessa visão de resguardar conhecimentos, que a biblioteca fosse efetivamente um

local de estudos, principalmente por outros eruditos ou intelectuais da época.

No interesse em ampliar o acervo da biblioteca, com obras relevantes sobre o Brasil, Ramiz pesquisou dentro e fora do país e em coleções particulares, documentos de valor histórico nacional. Em *Ofício do Bibliotecário da Biblioteca Nacional (1877-1879 apud CALDEIRA, 2010, p. 6)*, existente no Arquivo Nacional, Ramiz enfatiza que “[...] indubitável é que sem documento não se escreve história e que sem fazer sacrifícios para os haver não levaremos à posteridade mais do que as trevas e a dúvida que já recebemos na herança de nossos maiores”.

Assim, essas aquisições só iriam contribuir para o crescimento e reconhecimento da instituição, tendo como parâmetros a Biblioteca Nacional de Paris e o Museu Britânico.

Ele também realizou um trabalho expressivo de bibliotecário, agregando o seu conhecimento de outros setores e locais que atuou “[...] como jurado e relator de duas importantes exposições brasileiras [...]” (TURAZZI, 2006, p. 3). Com isso, ele trouxe para a BN “[...] duas primeiras exposições da Biblioteca Nacional: a do tricentenário da morte de Camões (1880) e a da História do Brasil (1881) [...]” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1960, p. 13).

A publicação do catálogo da Exposição de História do Brasil ganhou um grande respaldo entre os historiadores, como “[...] o maior monumento bibliográfico já produzido no Brasil” (TURAZZI, 2006, p. 5). Na gestão de Ramiz Galvão foram editados e impressos nove volumes dos Anais da Biblioteca Nacional, sendo o primeiro volume publicado em 1876, segundo Caldeira (2011, p. 7) nele,

Figuram notícias e artigos sobre alguns conjuntos de documentos que foram eleitos para representar o que havia de melhor nas estantes da biblioteca, como a coleção Diogo Barbosa Machado, as cartas do padre José de Anchieta, além da coleção Amanonena e a de Alexandre Rodrigues Ferreira. Todos esses documentos eram não apenas descritos e classificados, mas vinham também acompanhados de estudos feitos pelos funcionários da própria instituição.

Havia um estímulo e carinho dele pela história do Brasil.

Ao idealizar e publicar os Anais da Biblioteca Nacional, Ramiz Galvão, movido mais uma vez por sua paixão pela documentação histórica, buscava fazer com que o público da biblioteca tomasse conhecimento de documentos que ele considerava verdadeiros tesouros nacionais e que, apesar do aumento de frequentadores da biblioteca, ainda continuavam esquecidos e/ou ignorados (SANTOS, 2013, p. 8).

Esses Anais passaram a ser instrumentos de difusão do acervo e de memória da biblioteca, com textos importantes de intelectuais daquele momento para história do país. Um período que o Brasil procurava se firmar, enquanto nação importante para todo o mundo, historicamente, economicamente e politicamente.

Além disso, Ramiz passou por instituições brasileiras importantes como a Academia Brasileira de Letras, onde foi eleito em 12 de abril de 1928 para ocupar a cadeira 32, na sucessão de Carlos de Laet. E, sendo recebido pelo acadêmico Fernando Magalhães em 23 de junho de 1928, onde foi presidente em 1934. Ele também integrou a Academia Nacional de Medicina e o Instituto Histórico e Geográfico brasileiro. As suas principais obras são:

- a) Biografia do Frei Camilo de Moserrate (1887);
- b) O poeta Fagundes Varela, conferência (1920);
- c) Teatro Educativo, Ensaio (1938);
- d) Traduziu a obra A Retirada da Laguna da 3. ed. francesa do Visconde de Taunay (1919).

Portanto, Ramiz Galvão deu grande contribuição não só para o desenvolvimento da BN, mas também ao reconhecimento do Brasil enquanto país de cultura expressiva e de intelectualidade forte. Consequentemente, incentivou a leitura e o acesso às informações relevantes sobre o país e o mundo. No próximo capítulo, será discorrido sobre uma outra personalidade importante para a BN: Cícero Peregrino.

### 3 CÍCERO PEREGRINO

Manuel Cícero Peregrino da Silva, conhecido como Cícero Peregrino, foi advogado, escritor e bibliógrafo nascido em Recife em 1866. Nesta mesma cidade ele se graduou em Direito em 1885 e na Faculdade de Direito ficou à frente da BN por dez anos, participando da reforma que houve no prédio da instituição.

A Faculdade de Direito da capital pernambucana, por ser à época o único estabelecimento de ensino superior no Nordeste, recebia alunos das diversas províncias daquela região. Essa circunstância permitiu a irradiação das ideias da Escola do Recife, formando-se alguns núcleos de seus partidários no Ceará, em Sergipe e na Bahia (PAIM, 1999 *apud* JUVÊNCIO, 2016, p. 73).

Dentro desse contexto, Bittencourt (1995 *apud* JUVÊNCIO, 2016, p. 85) discorre que:

No bojo do ambiente de efervescência de ideias do terceiro ciclo da Escola, Peregrino da Silva assume, por influência de sua família, o posto de bibliotecário da Faculdade de Direito do Recife, substituindo Clóvis Bevilacqua. E é nesse período que suas ações como promotor da erudição começam a se destacar.

Com a Proclamação da República, a ausência de estabilidade no governo, segundo Bittencourt (1955 *apud* JUVÊNCIO, 2016, p. 85),

[...] leva a nomeação, sem consulta prévia, de Peregrino para o cargo de subsecretário da Faculdade de Direito e secretário do Curso [...] em

fevereiro de 1891, tendo ele de deixar a Biblioteca. Contudo, a mesma instabilidade o leva a ser exonerado em agosto do mesmo ano, sendo nomeado, novamente sem consulta prévia, para o cargo de Secretário da Estatística Comercial, no Rio de Janeiro, posto este que ele nega.

Bittencourt (1955, p. 48 *apud* JUVÊNCIO, 2016, p. 89) também explicita sobre a realidade política na República adotada no Brasil:

Duas foram assim às modificações trazidas pela República: uma a modificação política geral com a prática do presidencialismo [...]; a outra está em apontar os nomes de administradores, que de fato representam realizações vantajosas para a sociedade, ao em vez da atenção geral ficar atada à vida política [...].

Dando continuidade em sua formação, ele obtém o título de Doutor em Direito pela mesma faculdade que se formou no ano de 1895, defendendo a tese “A justiça penal entre os romanos”. Para coroar sua posição de líder, a Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife,

Sofre diversas mudanças tais como a catalogação de todo o seu acervo, a implementação de catálogos para orientar as pesquisas, ampliação do número de obras disponíveis para consulta (contando em 1898 com mais de 10 mil volumes), mudança de prédio e a edição, em 1896, do ‘*Catalogo Geral da Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife*’ (JUVÊNCIO, 2016, p. 86).

Ainda de acordo com Bittencourt (1955 *apud* JUVÊNCIO, 2016), Peregrino da Silva sempre procurou promover melhorias nas instituições que dirigiu, desempenhando com destreza as suas atividades de gestão. Além disso, Peregrino era compromissado com as missões que lhe eram dadas por seus superiores, de modo a fazer com que estas instituições desempenhassem seu papel junto à sociedade da melhor forma possível.

Realmente era difícil encontrar quem se consagrasse com maior devotamento ao desenvolvimento da biblioteca da Faculdade do que esse inteligente e ilustrado funcionário, a que se deve a transformação, por que passou essa dependência da Faculdade de Direito de Recife, que começou a movimentar-se com frequência de leitores e ter a vida de relação com os estabelecimentos congêneres (BITTENCOURT, 1967, p. 16 *apud* ANDRADE, 2008, p. 2).

No dia 13 de julho de 1900, Peregrino tomou posse como Diretor da BN, no qual ficou no cargo até o ano de 1924. Ele comandou várias mudanças na instituição, como a inauguração do novo prédio, o acervo com uma nova organização e o estabelecimento de novos serviços aos usuários.

O convite para a direção da BN partiu do Ministro da Justiça e Negócios da época, Epitácio Pessoa, como pode ser identificado na carta:

Cícero. Saúde, etc. Vai vagar brevemente o lugar de Diretor da Biblioteca Nacional. Há uma chusma enorme de candidatos e o Presidente já tem manifestado a sua preferência por um dentre êles. Entretanto, é possível até à última hora, que as coisas se modifiquem e venha ser nomeado quem não tenha ainda sido lembrado pelos políticos da terra. Preciso saber se V. aceita êsse lugar. Não vai nisto uma promessa, pois, há muitos nomes em vista, mas enfim podem as circunstâncias levar-me a intervir no último momento. O lugar é mal remunerado, dá 600\$ por mês; a posição, porém, é bonita. Peço-lhe que, logo que receber esta, me telegrafe com uma simples palavra – sim ou não – reservando-se para escrever-me mais tarde. Col. am.º afs.º Epitácio Pessoa (*apud* BITTENCOURT, 1955, p. 34-35).

Ao aceitar o cargo, Cícero Peregrino assume a Biblioteca e encontra a capital do país no início do processo de uma das suas maiores transformações: a reforma urbana comandada pelo então prefeito Pereira Passos (KOK, 2005 *apud* JUVÊNCIO, 2016).

Quando foi nomeado diretor da FBN, Cícero Peregrino iniciou um verdadeiro choque de gestão ao adotar novas medidas que objetivavam melhorar a forma de prestação de serviços junto à sociedade. E, desse modo, promover uma melhoria nas condições de trabalho dos funcionários da instituição.

Uma de suas primeiras ações foi propor a construção de uma nova sede para a instituição. A alegação apresentada foi a de que a então sede não possuía as condições necessárias, para acomodar uma instituição do porte da FBN.

Não é assumpto em que preciso insistir, o da insufficiencia e má situação do edifício ocupado pela bibliotheca desde 1858. A necessidade de novo edifício impô-se iniludível pela absoluta falta de espaço para accomodação das aquisições e dos volumes que voltam encardenedos [...]. Só a construção de um edifício apropriado poderá proporcionar à Bibliotheca Nacional a installação que ella com todo o direito reclama (BIBLIOTECA NACIONAL, 1901 *apud* ANDRADE, 2008, p. 3).

Peregrino tornou-se o idealizador do prédio que atualmente existe. Essa mudança era uma necessidade evidente da instituição, sendo, inclusive, noticiada pela mídia da época que sempre relatava a precariedade do prédio no Passeio, no qual se encontravam acervos dispostos no chão, entre outros problemas visíveis. Esses são alguns fatos que demonstravam a necessidade de que a Biblioteca tivesse um espaço para melhor arrumação e organização do acervo, atendimento e recepção de frequentadores e, principalmente, a usabilidade e socialização no interior desta.

A Bibliotheca Nacional de Buenos Ayres acaba de se enstallar num vasto e sumptuoso edificio que começado a construir para outro fim foi apropriado às suas necessidades. [...] E porque não reclamar para a Bibliotheca Nacional do Brasil, a installação que lhe é devida e cuja necessidade é reconhecida pelos poderes públicos há cerca de trinta anos? (BIBLIOTECA NACIONAL, 1902, p. 391 *apud* ANDRADE, 2008, p. 6).



Além de apresentar uma proposta para a implantação de uma nova sede para a FBN, Cícero Peregrino realizou a adoção de outras ferramentas como forma de promover uma melhoria na qualidade dos serviços que a instituição prestava para a sociedade. Juvêncio (2016) apresenta as ações/melhorias implementadas à FBN por meio da atuação de Cícero Peregrino. São elas:

- Utilização de máquina de escrever para auxílio na elaboração de documentos oficiais (ofícios, relatórios de gestão etc.);
- Tipografia e encadernação de materiais: por meio da tipografia seriam impressos os Anais da Biblioteca Nacional e relatórios de gestão;
- Melhorias no processo de organização do acervo: essas melhorias incluíram a criação do Catálogo Coletivo das Bibliotecas da Cidade, Catalogação Cooperativa, adoção do Sistema de Classificação Decimal Universal (CDU), Lançamento do primeiro Boletim Bibliográfico (atual Bibliografia Brasileira) de acordo com as normas da CDU;
- Legislação do Depósito Legal: promulgada pelo presidente Afonso Augusto Moreira Pena, a legislação de depósito legal torna obrigatório o envio à FBN de um exemplar de todas as publicações que sejam editadas em todo território nacional. Atualmente, a legislação de depósito legal é regida pela Lei n. 10.004/2004;
- Ampliação do horário de atendimento ao usuário;
- Serviço de Bibliographia e Documentação em correspondência com o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB);
- Centralização do intercâmbio de instituições nacionais com instituições estrangeiras por meio do Serviço de Permutas Internacionais;
- Criação do serviço de informações visando melhor atender os usuários da instituição;
- Inauguração da nova sede da FBN;
- Reestruturação do regulamento da instituição conforme Decreto n. 8.835 de 11 de julho de 1911;
- Criação do primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, primeiro da América Latina e terceiro no mundo.

Na promoção de um debate intelectual, Cícero Peregrino organizou Conferências Literárias, ainda no prédio anterior da Biblioteca. Essas conferências receberam grande destaque e debate na imprensa, que elogiava a iniciativa. Foram matérias publicadas na íntegra pela Revista Rua do Ouvidor, que além de observar também analisavam as atuações dos conferencistas como os ilustres José Veríssimo, Coelho Neto, Juliano Moreira, João Ribeiro, Afrânio Peixoto, Artur Azevedo e Carlos de Laet, o público presente e o seu comportamento.

Nesse período, um acordo com os Correios facilitou a intensificação do Serviço de

Intercâmbio Bibliográfico e do cumprimento da lei do Depósito Legal, intensificada por ele mesmo e que culminou no decreto de 20 de dezembro de 1907. O intercâmbio internacional:

[...] assume três formas: 1º intercâmbio com os associados imediatos (o tipo de trocas de livros); 2º trocas sem equivalente imediato ou benefício: tipo de conta corrente com cartas de crédito e débito que são saldadas ao longo do tempo; 3º distribuição gratuita de publicações através do Sistema de Intercâmbio Internacional, no qual a reciprocidade é uma condição.

d) A Convenção Internacional de 1884 aborda dois itens: 1º publicações de sociedades científicas; 2º os documentos oficiais, parlamentares e administrativos, bem como trabalhos executados por ordem e à custa dos governos (OTLET, 1934, p. 285 *apud* JUVÊNCIO, 2016, p. 76).

A partir de 1902, foi instalada uma oficina de encadernação e uma tipografia, com a qual a Biblioteca começou a imprimir as suas obras. Estabeleceu a criação de um Catálogo Coletivo das bibliotecas da cidade, a catalogação cooperativa e incentivou a introdução da CDU, um sistema de classificação para representação do material informacional utilizado até hoje em muitas bibliotecas do mundo. Contudo, é importante citar que hoje a BN se utiliza da Classificação Decimal de Dewey (CDD).

Em 1904, autorizou o projeto do *ex-Libris* e do emblema da Casa, criados pelo artista Eliseu Visconti. Aprovou-se em 1911 o novo Regulamento da Biblioteca, criando um Conselho Consultivo que discutia as dificuldades e melhorias para a instituição, apontava sugestões e planejava eventos culturais.

Foi por meio destes esforços e de sua capacidade administrativa que Broca (1975, *apud* ANDRADE, 2008, p. 3) o caracterizou como “um homem inteligente, de grande cultura e muita iniciativa [...] tratou logo de imprimir uma orientação mais esclarecida àquele estabelecimento”. Ou seja, é por meio de seus esforços que a FBN conseguiu alavancar o seu papel de promover o acesso e uso de informações por parte da sociedade. Fazendo com que essa aos poucos fosse ganhando lugar de destaque dentro do ambiente republicano.

As mudanças realizadas por Cícero Peregrino, durante o período no qual esteve à frente da FBN, fizeram com que a instituição buscasse aos poucos se igualar a outras Bibliotecas Nacionais, bem como trazer novas metodologias de trabalho. Bittencourt (1955 *apud* JUVÊNCIO, 2016) argumenta que tais mudanças são fruto de sua dedicação enquanto diretor da instituição, como resultado de vários anos de estudo dedicados ao entendimento da Biblioteconomia, Bibliografia e da Documentação. Esta última, emerge durante o século XX, tendo como cerne os ideais de promoção de acesso global às informações que eram produzidas pelo ser humano.

É nesse momento que Cícero Peregrino tem o seu primeiro contato com o Instituto Internacional de Bibliografia, instituição fundada por Paul Otlet e Henri La Fontaine que tinha como objetivo promover a construção de um grande repositório do

conhecimento humano (JUVÊNCIO, 2016).

É a partir do contato com outras instituições que se inicia a realização de cursos na FNB, que eram destinados à formação e capacitação de bibliotecários. O primeiro curso de Biblioteconomia começou a funcionar no Brasil em abril de 1915, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, tendo sido criado quatro anos antes, pelo Decreto nº 8.835, de 11/07/1911.

Através da percepção do diretor, da falta de conhecimentos biblioteconômicos por funcionários e a busca de uma formação especializada deles para as atividades que desenvolviam na Biblioteca, no mesmo ano iniciou, dentro da própria BN, um curso de Biblioteconomia. Foi o primeiro da América Latina e o terceiro no mundo, tendo como modelo a *Ecole de Chartres*, na França. O curso possuía as seguintes matérias básicas: Bibliografia (que abrangia História do Livro, Administração de Bibliotecas e Catalogação); Paleografia e Diplomática; Iconografia e Numismática. Envolvendo teoria e prática no método de ensino, sendo a parte prática feita nas instalações da BN, utilizando os seus serviços, considerados padrão. Esse primeiro curso

[...] cria o *Serviço de Bibliographia e Documentação*, aprimora, com ajuda governamental, a Lei de Depósito Legal, concentra sob responsabilidade da instituição as permutas entre instituições brasileiras e estrangeiras, dentre outras ações (SILVA, 1913b; BITTENCOURT, 1955; FONSECA, 1957 *apud* JUVÊNCIO, 2016, p. 91).

Cícero Peregrino acumulou outras funções ao longo de seu tempo na BN, ocupando outras posições importantes após sair dela. Ele foi prefeito interino do Distrito Federal (1918-1919), reitor da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (1926-1930) e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1938-1939).

Segundo Juvêncio (2016, p. 91) a figura de Peregrino, enquanto notável administrador e sua competência de direção frente à biblioteca. Ele rompeu barreiras e ultrapassou pessimismo de republicanos na época, como verificado nas palavras da comissão responsável pela aprovação de seu ingresso no Instituto, logo abaixo.

[...] Operando em área mais vasta, accentuaram-se, desenvolveram-se suas aptidões. Não é fácil, senão árduo e complexo, o cargo de chefe do denominado maior repertorio de conhecimentos humanos da América do Sul.

[...] Guarda a Bibliotheca inestimaveis preciosidades em edições esgotadas ou de luxo, manuscriptos, estampas, collecções numismaticas e philatelicas! Administraram-na homens superiores, quaes o Bispo de Anemuria, Januario da Cunha Barbosa (um dos preclaros fundadores do Instituto Histórico), Camillo de Montserrat, Ramiz Galvão, Raul Pompeia e Teixeira de Mello.

Manda a justiça affirmar que o Dr. Manoel Cicero mostrou-se digno desse notavel estabelecimento, umas das puras joias do patrimonio brasileiro, continuando as tradições de seus mais brilhantes antecessores. Vai

gerindo a Bibliotheca, mais do que zelosamente, com extremado carinho (AFFONSO CELSO; POMBO; FLEIUSS, 1907 *apud* JUVÊNCIO, 2016, p. 91).

Peregrino da Silva faleceu em 1956 na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, deixando algumas como publicações:

1. A Justiça Penal entre os Romanos (1895);
2. Da admissibilidade da prescrição em matéria pena (1896);
3. Catálogo Geral da Biblioteca de Direito do Recife (1896);
4. O patriarca dos jornalistas brasileiros (1923);
5. Pernambuco e a Confederação do Equador (1924);
6. Apontamentos sobre as primeiras relações diplomáticas entre a República do Peru e o Império do Brasil (1925).

Assim, Cícero Peregrino foi bibliotecário, administrador e intelectual de sua época ganhando respaldo e respeito na sociedade. Além disso, trouxe uma nova visão de biblioteca e deixou um legado e feitos importantes, que viabilizaram a BN a ser o que é atualmente, bem como para a cultura informacional brasileira.

Salienta-se, com isso, que os objetivos centrais dos capítulos 2 e 3 foram de explicitar a trajetória, a importância e as contribuições de dois atores importantes para a BN, Ramiz Galvão e Cicero Peregrino.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O contexto que insere os pressupostos históricos, teóricos e epistemológicos de uma área do conhecimento, sempre serão relevantes e merecerão destaque referencial, pois é neste contexto que está inserido a base para evolução no presente e futuro em âmbito acadêmico, político e profissional.

Nesse viés, as discussões históricas, sempre se farão necessárias. Embora não se mude o passado, acredita-se ser por meio dele, que se dá a construção do presente e futuro da humanidade.

Isto posto, percebe-se neste trabalho, quão valiosas foram as contribuições no âmbito da Biblioteconomia brasileira e dos personagens referenciados como: Benjamin Franklin Ramiz Galvão e Manoel Cícero Peregrino da Silva.

Como foi possível perceber, a sociedade passou e passa por várias transformações e a maior delas foi a ascensão da informação como força que impulsiona as pessoas e ações. A biblioteca é parte integrante disso, principalmente quando esta representa uma nação inteira, como a Biblioteca Nacional do Brasil.

Assim, a BN e seus atores como Ramiz Galvão e Cícero Peregrino, não só contribuíram para o avanço intelectual e histórico do país, mas também na preservação e disseminação de documentos importantes para posteridade, como um verdadeiro equipamento cultural para os brasileiros. Portanto, os caminhos traçados e os trabalhos realizados por pessoas que se empenharam engrandeceram a existência da BN sempre merecerão destaque.

Os esforços desempenhados por aqueles que continuaram e os que estão à frente hoje é imprescindível, visando manter o seu valor histórico e patrimonial. É válido ressaltar que com a adesão das novas tecnologias, a BN precisou passar por adaptações e inovações, como uso da internet e de software para o cadastramento e disseminação do acervo e adesão de novos serviços, tais como a obtenção do ISBN por autores que desejam assim publicar seus livros em editoras, catálogos on-line etc.

Assim, vislumbra-se que novas mudanças essenciais ocorram na BN, e que assim o seja sem que haja o esquecimento de sua história e o porquê de sua existência. Sem deixar de destacar a ênfase da sua grande importância para todo o país, enquanto instrumento informacional educacional, cultural e de memória.

Em síntese, os dois intelectuais aqui estudados e apresentados, contribuíram diretamente para com o crescimento da BN e sua consolidação enquanto patrimônio histórico e social do Brasil. Além disso, levando em consideração seus feitos e contribuições, seus nomes sempre merecerão ser lembrados na história e identidade da Biblioteconomia brasileira.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Ramiz Galvão**: Barão de Ramiz Galvão. Biografia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/ramiz-galvao-barao-de-ramiz-galvao/biografia>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Manuel Cícero Peregrino da Silva: um homem público na Primeira República. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., 2008, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPUH, 2008. Disponível em: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212798942\\_ARQUIVO\\_TrabalhoAnpuhRuralIdentities.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212798942_ARQUIVO_TrabalhoAnpuhRuralIdentities.pdf). Acesso em: 18 mar. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Guia da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1960. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasgerais/drg621953.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg621953.pdf). Acesso em: 15 jun. 2018.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. A Biblioteca Nacional e a formação de um patrimônio documental brasileiro. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais** [...]. [S. l.]: ANPUH, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299780391\\_ARQUIVO\\_TrabalhoANPUH2011\\_AnaPaulaSampaioCaldeira.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299780391_ARQUIVO_TrabalhoANPUH2011_AnaPaulaSampaioCaldeira.pdf). Acesso em: 16 jun. 2018.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. **A Biblioteca Nacional nos tempos de Ramiz Galvão (1870 - 1882)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. **O bibliotecário perfeito**: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional. 2015. 362 f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13985/Tese\\_Ana%20Paula%20Sampaio%20Caldeira\\_vers%C3%A3o%20final\\_p%C3%B3s%20defesa.pdf](https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13985/Tese_Ana%20Paula%20Sampaio%20Caldeira_vers%C3%A3o%20final_p%C3%B3s%20defesa.pdf) HYPERLINK "https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13985/Tese\_Ana%20Paula%20Sampaio%20Caldeira\_vers%C3%A3o%20final\_p%C3%B3s%20defesa.pdf". Acesso em: 18 mar. 2019.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Viver em meio a livros: a atuação de Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional (1870 - 1882). *In*: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPUH, 2010. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276562146\\_ARQUIVO\\_ANPUH2010-Viveremmeioalivros.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276562146_ARQUIVO_ANPUH2010-Viveremmeioalivros.pdf). Acesso em: 15 jun. 2018.

FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da Biblioteconomia e da Bibliografia no Brasil. **Revista do Livro**, [s. l.], ano 2, n. 5, p. 95-124, mar. 1957.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Benjamin Franklin de Ramiz Galvão, barão de Ramiz**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/bfdrgalvao.html>. Acesso em: 18 mar. 2019.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **Manoel Cícero Peregrino da Silva, a Biblioteca Nacional e as origens da Documentação no Brasil**. 2016. 341 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22530>. Acesso em: 18 mar. 2019.

LEITURA BCO. **Conheça um pouco sobre a Biblioteca Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 jul. 2014. Disponível em: <https://maisleiturabco.wordpress.com/2014/07/25/conheca-um-pouco-sobre-a-biblioteca-nacional-do-brasil/> HYPERLINK "https://maisleiturabco.wordpress.com/2014/07/25/conheca-um-pouco-sobre-a-biblioteca-nacional-do-brasil/". Acesso em: 18 mar. 2019.

LUCENA, Felipe. A história da Biblioteca Nacional. **Diário do Rio.com**, Rio de Janeiro, 6 maio 2015. Disponível em: <https://diariodorio.com/a-historia-da-biblioteca-nacional-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MACEDO, Adriana Mattos Clen; CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Ramiz Galvão, historiador e bibliotecário: práticas e lugares da produção historiográfica no Brasil de fins do século XIX e início do século XX. **Hist. historiogr.**, Ouro Preto, n. 22, p. 42-58, dez. 2016. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/download/1123/647>. Acesso em: 18 mar. 2019.

PAIM, Antônio. **A Escola do Recife**. Londrina: UEL, 1999. (Estudos Complementares à História das Ideias Filosóficas no Brasil, v. 5).

SANTOS, Izabel Lima dos. Ramiz Galvão: visionário e trabalhado incansável. *In*: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 36., 2013, Recife.



**Anais** [...]. Recife: ENEBD, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/319550986\\_Ramiz\\_Galvao\\_visionario\\_e\\_trabalhador\\_incansavel](https://www.researchgate.net/publication/319550986_Ramiz_Galvao_visionario_e_trabalhador_incansavel). Acesso em: 18 mar. 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Quem foi Ramiz Galvão?** Fortaleza, 14 jul. 2009. Disponível em: <http://professorjonathascarvalho.blogspot.com/2009/07/quem-foi-ramiz-galvao.html>. Acesso em: 18 mar. 2019.

TURAZZI. A Exposição de História do Brasil de 1881 e a construção do patrimônio iconográfico. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 12., 2006, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. Disponível em: <http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Maria%20Inez%20Turazzi.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

# Capítulo 5

## A Trajetória de Melvil Dewey: um breve relato

*Anízia Maria Lima Nogueira*

### 1 INTRODUÇÃO

Para entender a Biblioteconomia hoje, principalmente no que diz respeito à organização da informação, é importante revisitar a vida e obra de Melville Louis Kossuth Dewey (1851-1931). Esse entendimento se faz necessário não apenas para se aprofundar na base teórico-científica da Biblioteconomia, mas também como um modo de aplicar a sua teoria na atualidade.

Dessa forma, apresenta-se um relato sucinto acerca da biografia de Melville Dewey, reunindo alguns de seus feitos na Biblioteconomia. O que torna possível discorrer acerca das contribuições da Classificação Decimal de Dewey (CDD) para a área, bem como a criação do curso de Biblioteconomia na cidade de Nova Iorque e a relação da CDD com outros tipos de classificação.

Um de seus maiores feitos na área de Biblioteconomia, abordado a seguir, será a invenção do sistema de Classificação Decimal de Dewey, no qual o universo foi tomado como base para a divisão do conhecimento. Uma das inspirações de Dewey foi Francis Bacon, que desenvolveu um sistema de classificação de livros usando classes decimais de 000-999. Além disso, Dewey ajudou na criação da *American Library Association* (ALA) e da primeira faculdade de Biblioteconomia da América, em 1887, ainda quando era bibliotecário do *Columbia College* (BARBOSA, 1969).

Dewey tinha como propósito simplificar a organização da informação, de maneira que, se todas as publicações sobre certo tema estivessem juntas, o usuário teria acesso facilmente a todo o conteúdo e aos assuntos relacionados com essa mesma temática. Essa é a principal característica e contribuição desse método, pois o usuário teria a informação de maneira fácil e prática, podendo aprofundar-se no tema estudado.

Falecido em 1931, ele deixou para os estudiosos e profissionais da área de Biblioteconomia um legado teórico muito importante e capaz de ser adaptado às novas realidades. Além de ter colaborado na criação do curso, sendo, por isso, considerado o pai da Biblioteconomia moderna.

Nesse sentido, para o desenvolvimento dessa pesquisa utiliza-se o procedimento do estudo bibliográfico, a partir da busca em materiais como livros e artigos. E, com

isso, observar os fundamentos dos autores que abordam a temática.

## **2 MELVIL DEWEY: TRAJETÓRIA PESSOAL**

Melville Louis Kossuth Dewey nasceu em 10 de dezembro de 1851, em *Adams Center*, Nova Iorque, e faleceu com 80 anos em 1931. Foi um bibliotecário norte-americano que criou, em 1876, o sistema de classificação bibliográfica mais utilizado e conhecido em todo o mundo (PIEDADE, 1977).

**Figura 1** - Retrato de Melville Dewey



Fonte: Serra (2013).

Nascido em uma família pobre, caçula de um total de cinco irmãos, a ele foi ensinado desde cedo a valorizar o trabalho duro, o que marcou sua vida inteira. Ele entrou na Faculdade de *Amherst* aos 19 anos, em 1870. Ao longo de sua graduação, trabalhou como assistente na biblioteca da faculdade em que estudava e foi a partir desse momento que deu início a sua carreira como bibliotecário. Dewey, como é mundialmente conhecido, foi um vultoso pioneiro da Biblioteconomia norte-americana (BARBOSA, 1969).

Com cinco anos de idade, Melvil Dewey já expressava os atributos que marcariam a sua história de vida. Nessa idade, ele veio a realizar o seu primeiro feito: organizou de forma sistemática a despesa da sua mãe para que a ela pudesse recuperar, de

forma fácil, os produtos lá armazenados. Ou seja, desde muito cedo, apresentou características de ser um indivíduo móxico em todos os campos da sua vida, o que acarretou na redução de seu nome para Melvil.

Dewey casou-se com Annie R. Godfrey de Milford, na cidade de Massachusetts, em 1878. Eles tiveram um filho, Godfrey, nascido em 1887. Dois anos depois da morte da esposa, em 1922, Dewey casou-se com Emily McKay Beal e permaneceram casados até a morte dele.

No ano de 1874 ele se graduou. E, ainda neste ano, também se observa a fundação da *Spelling Reform Association* e o *American Metric Bureau*, em que Dewey foi secretário das duas organizações.

No período de sua graduação, Dewey visitou várias bibliotecas a fim de identificar métodos para organização do acervo. Nessas visitas, ele observou algo muito importante: os livros eram localizados por meio de um armazenamento fixo na estante, com isso o livro tinha seu lugar fixo na prateleira, então ele logo percebeu que, à medida que as bibliotecas aumentavam seu acervo, os livros precisariam ser novamente renumerados, e isso custava tempo e dinheiro (AMORMINO, 2014).

Foi a partir daí que ele percebeu que havia uma insuficiência na organização dos acervos das bibliotecas que visitou. Logo, sentiu a necessidade de criar um sistema de classificação por localização relativa em que o livro não seria mais ligado a uma determinada prateleira, mas sim relativo ao seu assunto.

Segundo Fontoura (2012, p. 143):

A proposta de Dewey visava, acima de tudo, ser tão simples que qualquer pessoa, mesmo com pouco treinamento e qualificação, tivesse condições de organizar os livros nas prateleiras e encontrá-los com facilidade, visando atender às necessidades de seus usuários. Aproximando-os por assunto, o bibliotecário poderia apresentar ao usuário um ou mais livros que tratassem do mesmo assunto pesquisado, mesmo que o título específico solicitado pelo usuário não estivesse na estante.

Dessa maneira, o livro ganhava uma localização que seria relativa também aos outros livros do acervo. O que levou à criação da CDD, obra de grande importância para a Biblioteconomia mundial até hoje (AMORMINO, 2014).

No ano de 1876, quando tinha 25 anos, Dewey publicou, pela primeira vez, a obra *A classification and subject index for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library*, essa obra vinha a ser um folheto com 42 páginas e trazia o conhecimento humano dividido em 100 classes.

Em 1883, Dewey aceitou o emprego de bibliotecário-chefe do *Columbia College*, hoje Universidade de Columbia, na cidade de Nova Iorque, onde foi criado, em 1887, o primeiro curso de Biblioteconomia.

A diretoria do *Columbia College* era contra a entrada de mulheres em seus cursos, e a presença delas no curso de Biblioteconomia só aconteceu devido a insistência de Dewey. Ressalta-se ainda, que em razão dessa persistência, no ano de 1888, ele foi suspenso de suas atividades nesta faculdade. No ano seguinte, 1889, Dewey passou a ser o bibliotecário da Universidade do Estado de Nova Iorque em Albany, se mantendo nesse cargo até 1906.

No dia 26 de dezembro de 1931, em *Lake Placid*, uma cidade localizada no Estado americano da Flórida, no Condado de *Highlands*, Dewey morre em decorrência de um derrame cerebral. E até os dias de hoje, para a Biblioteconomia, ele permanece insuperável por sua criatividade e versatilidade (GUARIDO, 2008).

### 3 A CRIAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY (CDD)

Em meados de 1873, quando trabalhava como assistente bibliotecário da *Amhrst College*, desenvolveu um plano de reorganização da biblioteca. Para isso, ele estudou a antiga organização da biblioteca e ainda visitou mais de cinquenta bibliotecas, a fim de desenvolver o seu próprio método de organização.

É importante frisar que alguns estudiosos afirmam que William T. Harris influenciou Dewey, e que ambos trabalharam em sintonia compartilhando ideias sobre classificação. No quadro abaixo, verifica-se que as origens das classes da CDD estão altamente ligadas à filosofia ocidental.

**Quadro 1 - Principais classes: de Bacon ao DDC**

DDC	0 Generalidades								
	1 Filosofia & Psicologia	2 Religião	3 Ciências Sociais	4 Linguagem	5 Ciências Naturais & Matemática	6 Tecnologia	7 Artes	8 Literatura & Retórica	9 Geografia & História
<b>Bacon</b>	Razão Filosofia					Imaginação Poesia		Memória História	
<b>Hegel</b>	Ideia ( <i>Begriff</i> )		Ideia Imperfeita			Essência ( <i>Wesen</i> )		Ser ( <i>Sein</i> )	
<b>Harris</b>	Ciência (Filosofia)					Arte (Poesia)		História	

Fonte: Olson (2011, p. 6).

Observando o Quadro 1, pode-se dizer que a classificação criada por Harris para os colégios públicos de *St. Louis* foi considerada como um espelho para criação da CDD. Pois, Dewey pretendia estabelecer uma organização de baixa complexidade fazendo com que qualquer usuário estivesse apto a utilizá-la.

Segundo Tálamo (1995, p. 54), a Classificação Decimal de Dewey é “calcada na classificação das ciências de Francis Bacon, tem suas dez classes baseadas na divisão do conhecimento em três grandes grupos: memória, imaginação e razão”.

A CDD foi publicada três anos após a sua criação em *Amherst*. Dewey informou

que chegou a essa conclusão após muitas discussões com outros pesquisadores e também teve como base outros sistemas já existentes. Como o “*Nuovo Sistema di Catalogo Bibliografico Generale*” de Natale Battezzati, de Milão Itália, e da Biblioteca *St. Louis Public School*.

Segundo Anjos (2008, p. 163), o primeiro

[...] esquema foi publicado em 1876, anonimamente, como um panfleto (*A Classification and Subject Index for Cataloguing and Arranging the Books and Pamphlets of a Library*), pelo Colleege, mas com copyright sob o nome Dewey. A segunda edição em 1883 apareceu sob o próprio nome do sistema de Classificação decimal torna-se oficialmente, em 1931, *Dewey Decimal Classification* (DDC), Classificação Decimal de Dewey (CDD), popularmente conhecida por Dewey ou CDD.

Como o sistema de Classificação Decimal de Dewey era o mesmo em todas as línguas, ficaria fácil então localizar títulos desejados em qualquer parte do mundo. A organização por ordem alfabética não era tão prática, por isso a classificação decimal tornou-se uma solução mundialmente conhecida. É importante ressaltar que o sistema decimal não foi uma criação de Dewey, sendo que outros antes dele já utilizavam organizações semelhantes.

De acordo com Piedade (1977, p. 93),

Dewey admitiu que o conhecimento humano fosse representado pela unidade e dividiu em 9 grandes classes, compreendendo que havia necessidade de uma classe que reunia todos os assuntos ele criou uma décima classe. A notação do sistema é constituída de números decimais, mas foram suprimidos o zero e a vírgula. A CDD só utiliza um sinal gráfico, um ponto após o terceiro algarismo, sua notação é considerada pura.

O sistema de Classificação Decimal de Dewey apresenta o melhor índice bibliográfico. É um índice do tipo relativo indicando, sob cada assunto, todos os pontos do sistema em que se encontram os seus vários aspectos. O objetivo da CDD é ordenar as fontes de informação nas unidades de informação por assunto, através de um código decimal. O que inclui também as entradas relativas a termos das tabelas auxiliares. Assim, a CDD trabalha no mínimo com três dígitos, que podem ser seguidos por um ponto e subclasses.

Para Fontoura (2012, p. 143-144):

No detalhamento da proposta, Dewey informa que a biblioteca deveria ser dividida em 9 bibliotecas especiais ou 9 classes. Estas classes deveriam ser 144 consideradas de forma independente, e novamente divididas em 9 divisões especiais do assunto principal. Por último, sugere que estas divisões especiais deveriam ser divididas novamente em 9 seções.

Dewey ainda criou a tabela de divisões de forma que se permite acrescentar



qualquer assunto. A finalidade dessa tabela é conseguir identificar os aspectos comuns entre os vários assuntos.

A marca registrada e os direitos autorais referentes ao Sistema Decimal de Dewey destinam-se, atualmente, à empresa *Online Computer Library Center* (OCLC), que adquiriu tais direitos quando incorporou a editora Forest Press em 1988. Ela classifica livros novos lançados no mercado americano e atualiza o sistema de classificação (TABOSA; CARDOSO; ALBURQUERQUE, 2015, p. 148).

Esse sistema de classificação passou por atualizações ao longo dos anos, segundo a figura explicativa:

**Figura 1** - Classes principais da Classificação Decimal de Dewey

1876 (1ª.ed.)	1995 (20ª.ed.)	2003 (22ª.ed.)
000 Generalidades	000 Generalidades	000 Ciência da Computação, Informação e Trabalhos Gerais
100 Filosofia	100 Filosofia e Psicologia	100 Filosofia e Psicologia
200 Religião	200 Religião	200 Religião
300 Sociologia	300 Ciências Sociais	300 Ciências Sociais
400 Filologia	400 Línguas	400 Línguas
500 Ciências Naturais	500 Ciências Naturais e Matemáticas	500 Ciência
600 Artes Práticas	600 Tecnologia (Ciências Aplicadas)	600 Tecnologia
700 Belas Artes	700 Artes	700 Artes e Recreação
800 Literatura	800 Literatura	800 Literatura
900 História	900 Geografia e História	900 História e Geografia

Fonte: Dewey (1876; 1995; 2003 *apud* ANJOS, 2008).

Diante do exposto, é possível dizer que o sistema de classificação de Dewey sofreu alterações incorporando novos assuntos, para melhor atender as necessidades das bibliotecas. Vale ressaltar que até hoje ele é muito utilizado, em virtude do fácil acesso se comparado com outros sistemas de classificação como a Classificação Decimal Universal (CDU) e a Classificação de Dois Pontos (CC).

### 3.1 A relação entre alguns sistemas de classificação e a CDD de Melvil Dewey

Neste tópico, serão relacionados alguns sistemas de classificação bibliográfica com a CDD. O primeiro a ser abordado é o sistema de classificação de Bliss, o qual, diferentemente da CDD e da CDU, é uma classificação facetada (manifestação das categorias nos domínios focalizados), e não une os assuntos por meio de relacionamentos

hierárquicos. Esse sistema apresenta uma classificação dos termos no interior da faceta e reúne os elementos por semelhança.

O seu sistema é dividido em quatro grandes classes: filosofia; ciência; história; tecnologia e arte. Sua subdivisão é classificada segundo o nível de semelhança. O sistema possui 22 tabelas auxiliares sendo as quatro primeiras para o uso geral e o restante utilizadas para determinadas classes.

De acordo com Anjos (2008, p. 144):

Bliss acreditava totalmente na necessidade de fundações filosóficas e acadêmicas na classificação bibliográfica. Não era suficiente que o esquema de classificação bibliográfica pudesse ser útil de uma maneira instrumental e prática para organizar livros nas prateleiras das bibliotecas, tal esquema deveria também ter valor educacional. Ele pensava que, embora nenhum indivíduo pudesse ser dono e senhor de todo conhecimento, a classificação poderia dar ao indivíduo uma visão geral de todo o mundo das ideias.

Bliss chama as obras gerais dos outros sistemas como a CDD e a CDU de classes numéricas anteriores. Ele expõe ainda, que estes outros sistemas eram insuficientes para serem aplicados em bibliografias e catálogos.

Apesar desse sistema dar liberdade ao classificador, possuía um ponto bastante negativo, pois foi considerado como de difícil aprendizado já que sempre apresentou pouquíssimos exemplos de aplicação. Como possui múltiplas classes, caiu em desuso. Ressalta-se, assim, que essa forma de classificação ainda hoje é utilizada, porém bem menos do que a CDD e a CDU, que são as mais tradicionais.

Já Paul Otlet e Henri La Fontaine, criadores da CDU, ao estudarem o sistema criado por Dewey, ficaram impressionados com a riqueza do material. Inicialmente pediram autorização a Dewey para fazerem uma tradução do material para o francês e, com o decorrer do trabalho, foram inovando, adaptando e fazendo complementos, deixando assim de ser uma mera tradução para ser um novo sistema de classificação que viria a permitir o uso de sínteses.

É importante frisar que, diferentemente da classificação de Bliss, a CDD e a CDU são consideradas as mais utilizadas no planeta. A seguir, apresenta-se um quadro com tabela sistemática de cada classificação mostrando as semelhanças e as diferenças entre elas.

**Quadro 2 - CDD x CDU**

<b>CDD</b>	<b>CDU</b>
000 GENERALIDADES	0 GENERALIDADES
100 FILOSOFIA	1 FILOSOFIA

200 RELIGIÃO	2 RELIGIÃO
300 CIÊNCIAS SOCIAIS	3 CIÊNCIAS SOCIAIS
400 LINGUÍSTICA	4 VAGA
500 CIÊNCIAS PURAS	5 CIÊNCIAS PURAS
600 CIÊNCIAS APLICADAS	6 CIÊNCIAS APLICADAS
700 ARTES	7 ARTES, RECREAÇÃO, DIVERSÃO, ESPORTES
800 LITERATURA	8 LINGUÍSTICA, LITERATURA
900 HISTÓRIA. GEOGRAFIA. BIOGRAFIA	9 HISTÓRIA, GEOGRAFIA, BIOGRAFIA

Fonte: Piedade (1977).

A partir da Tabela 1 é perceptível compreender a equivalência entre cada um dos tipos de classificação. As diferenças que podem ser citadas são: a diminuição dos zeros da CDU e a classe quatro, que está vaga. Apesar do surgimento da CDU ter se dado baseando-se na CDD, é importante deixar claro que são dois sistemas diferentes. Nesse sentido, compreende-se que enquanto a Classificação Decimal de Dewey é mais geral a Classificação Decimal Universal é mais especializada (SILVA, 2012).

### 3.2 Outras contribuições de Melvil Dewey

O sistema de Classificação Decimal de Dewey não foi a única herança deixada por Dewey para a Biblioteconomia, ao contrário, suas colaborações foram diversas. No ano em que publicou seu sistema de classificação, ele também auxiliou na fundação da *American Library Association* ao lado de vários bibliotecários, dentre eles, Charles Ammi Cutter. Nessa instituição, ele foi secretário de 1876 a 1890 e presidente de 1890 a 1891 (AMORMINO, 2014).

Em meados de 1876, Dewey mudou-se para Boston, onde criou o *Library Bureau*, uma companhia que tinha a intenção de vender equipamentos e mobiliários para bibliotecários como máquina de datilografar, fichas catalográficas, fichero para catálogos em fichas, estantes de livros, entre outros.

Posteriormente criou a *Library Journal*, que até hoje tem publicações correntes. Por volta de 1893, deu início ao seu trabalho na antiga Faculdade de Columbia, hoje conhecida como Universidade de Columbia, na cidade de Nova Iorque. Nessa universidade ele foi pioneiro no ensino da Biblioteconomia, criando o primeiro curso de Biblioteconomia, em 1887 (AMORMINO, 2014).

Conforme Becker e Salgado (1998), em 1887 nasceu nos Estados Unidos, a faculdade para formação dos bibliotecários fundada por Melvil Dewey com enfoque tecnicista, diferentemente da escola francesa. Com isso, percebe-se que houve o desenvolvimento de dois modelos distintos de ensino e formação em Biblioteconomia:

o francês (mais humanístico) e o norte-americano (mais pragmático e tecnicista).

Ainda em Columbia, Dewey elaborou um catálogo sistemático e estabeleceu um programa de treinamento de usuários. Ele é considerado um dos pioneiros em oportunizar trabalho qualificado para as mulheres, a quem preferia ter como operadoras dos sistemas descritivos de fontes bibliográficas. Essa presença no curso era algo notável, visto que o Conselho da faculdade era contra. A teimosia de Dewey lhe custou caro: em 1888, foi suspenso de suas atividades na faculdade por aceitar mulheres no curso.

Conforme Anjos (2008, p. 164):

O bibliotecário e teórico da classificação norte-americana Melvil Dewey foi, acima de tudo, um pragmático cujos interesses abrangiam não somente a gerência da biblioteca, mas também, outros esquemas de melhoramento relacionados à vida simbólica e intelectual, que incluíam o desejo de simplificar a ortografia do inglês e introduzir o sistema Métrico de Pesos e Medidas.

Tendo em vista os grandes feitos realizados por Dewey, os diretores da Universidade do Estado de Nova Iorque, em Albany, o convidaram para assumir o cargo de bibliotecário na instituição. Ao passar do tempo, as suas várias conquistas o levaram ao cargo de diretor da Biblioteca Estadual, na mesma cidade em 1889, cargo que ocupou até 1906.

Dewey morreu, mas seu valioso legado sobrevive até os dias atuais. A Biblioteconomia deve muito ao trabalho dele, que foi um dos precursores mundiais na área por pretender formalizar e padronizar o ensino da Biblioteconomia e das práticas bibliotecárias no mundo.

#### **4 PERCEÇÃO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE MELVIL DEWEY PARA A BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Dewey foi um dos autores que de fato contribuiu para a Biblioteconomia contemporânea. Seu maior legado, como já exposto anteriormente, foi a CDD, tida como uma referência na área até os dias de hoje.

Ao longo dos anos, foi se entendendo que o recurso de classificação bibliográfica proporcionaria uma renovação tanto de cunho informacional quanto organizacional, e que tal feito impulsionaria seu acesso e eficiência.

Segundo Silva (2009),

É inegável, embora da década de 70 para cá que os sistemas de classificação bibliográfica tenham entrado em crise de sentido e

de aplicação para organização do conhecimento, que a CDD traz um questionamento, já a partir do período de sua criação, sobre a necessidade de um pensamento contínuo concebido a médio e longo prazo, pois Dewey sabia que depois de certo tempo o mundo estaria repleto de bibliotecas que precisariam estar bem organizadas a partir de um sistema de classificação bibliográfica consistente com vistas a promover acesso eficiente e eficaz para os usuários.

Dewey, desde cedo, pensou longe. Ele já previa que existiria uma grande quantidade de bibliotecas e de usuários com vasta ânsia de conhecimento, necessitando de fácil acesso à informação. É importante frisar que esse sistema de classificação, mesmo com as novas tecnologias em mídias e com diferentes suportes incorporados aos acervos das bibliotecas, segue sendo bastante usado por bibliotecas em todo o mundo.

Há várias influências das ideias de Dewey nas ciências cognitivas e informacionais. Com a criação da CDD, a Biblioteconomia, como ciência, ganha um contexto prático desenvolvendo posteriormente o conhecimento lógico e técnico. Nesse âmbito, agrega novos procedimentos de armazenamento de informação, tendo como propósito a satisfação e a necessidade do usuário.

Conforme Silva e Freire (2012, p. 7),

As ações de Dewey contribuem para o advento da Ciência da Informação basicamente em dois contextos: o primeiro referente a uma nova propositura de organização bibliográfica do conhecimento, uma vez que a CDD se constitui em um amplo sistema de classificação do conhecimento que é utilizado até hoje em diversas bibliotecas espalhadas pelo mundo.

Por conseguinte, ressalta-se que Dewey estimula os atuais estudiosos da informação para que busquem novas proposições e meios de estudos para a organização do conhecimento. A criação de novos métodos de organização faz-se necessária para o desenvolvimento da área. Compreende-se, com isso, que a Biblioteconomia vem desenvolvendo, através dos intelectuais da área, novas reflexões e ações em torno da organização do conhecimento.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho propôs conhecer melhor a vida e a obra de Melvil Dewey como também as contribuições de sua principal obra: o sistema de Classificação Decimal de Dewey, a CDD, pois é notável que este contribui e ainda muito contribuirá de forma significativa no campo da Biblioteconomia. Ele visa, acima de tudo, ser tão simples que qualquer pessoa, mesmo com pouco treinamento e qualificação, possua condições de organizar as bibliotecas com prontidão, visando atender às necessidades de seus usuários.

Relaciona-se a Classificação Decimal de Dewey com a Classificação de Bliss e a Classificação Decimal Universal, quando verifica-se que a CDD é uma classificação mais geral, a Classificação de Bliss é um sistema de classificação facetado, e a CDU é um sistema mais especializado. A maior característica desses sistemas é serem lógicos, e uma das grandes dádivas de se classificar os assuntos é a recuperação deles.

Apesar das dificuldades enfrentadas constantemente nas formas de organizar a informação em seus diferentes suportes, é importante refletir que a base que a área possui sobre a organização não é a única executável. E, sim, uma no meio de muitas opções que estão sendo estudadas pelos pesquisadores, tanto da Biblioteconomia como da Ciência da Informação.

Por fim, espera-se que o enfoque produzido nessa pesquisa sirva de base para que profissionais e estudantes da área tenham conhecimento sobre as contribuições de Dewey para a Biblioteconomia.

## REFERÊNCIAS

AMORMINO JR, M. Melvil Dewey (1851-1931). **Blog Mauricio Amormino Jr.** Belo Horizonte, MG, 11 fev. 2014. Disponível em: <http://mauricio.amormino.com.br/2014/02/11/melvil-dewey-1851-1931/>. Acesso em: 12 jul. 2017.

ANJOS, L. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na Biblioteconomia**: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-10112010-114437/pt-br.php>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BARBOSA, A. P. Classificação Decimal de Dewey. *In*: BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: IBBD, 1969. p. 199-388. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1001>. Acesso em: 12 jul. 2017.

BECKER, P.; SALGADO, D. M. O bibliotecário no olhar do público escolar. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. 6, set. 1998. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/12931>. Acesso em: 13 jul. 2017.

FONTOURA, M. C. **A documentação de Paul Otlet**: uma proposta para a organização racional da produção intelectual do homem. Brasília: UNB, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/marilene/Downloads/A\\_Documentacao\\_de\\_Paul\\_Otlet\\_uma\\_propost.pdf](file:///C:/Users/marilene/Downloads/A_Documentacao_de_Paul_Otlet_uma_propost.pdf). Acesso em: 13 jul. 2017.

GUARIDO, M. D. M. **Como usar e aplicar a CDD**. 22. ed. São Paulo: Fundepe Editora, 2008.

OLSON, H. A. A potência do não percebido: Hegel, Dewey, e seu lugar na corrente principal do pensamento classificatório. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, SP, v. 2, n. 1, p. 03-15, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42331/46002>. Acesso em: 13 jul. 2017.



PIEADADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

SERRA, A. B. *et al.* Melvil Dewey. **Blog Melvil Dewey** (1851-1931). Minas Gerais, 2 Jul. 2013. Disponível em: <http://deweyteoricoorganizacaoainformacao.blogspot.com.br/?view=classic>. Acesso em: 13 jul. 2017.

SILVA, D. L. Sistema de classificação documentaria: cdd x cdu. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECNOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, [s. l.]. **Anais** [...]. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2178/1348>. Acesso em: 13 jul. 2017.

SILVA, J. C. As contribuições de Melvil Dewey para a Ciência da Informação. **Blog Jonathas Carvalho**. Juazeiro do Norte, CE, 6 out. 2009. Disponível em: <http://professorjonathascarvalho.blogspot.com.br/2009/10/as-contribuicoes-de-melvil-dewey-para.html>. Acesso em: 13 jul. 2017.

SILVA, J. C.; FREIRE, G. H. A. Um olhar sobre a origem da Ciência da Informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 17, n. 33, p. 03-15, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SOUSA, R. T. B. Os princípios da teoria da classificação e o processo de organização de documentos de arquivo. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, Associação dos Arquivistas Brasileiros (Acervo de Publicações Brasileiras em Ciência da Informação), Paraná, v. 6, n. 1, p. 12-13, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000029451/9640a5f4ae63b638607df767579bbe52>. Acesso em: 13 jul. 2017.

TABOSA, H. R.; CARDOSO, C. C. C. G.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. Linguagens documentárias e os sistemas de classificação bibliográfica: estudos de proposta de expansão e ampliação da CDD e da CDU. **Biblionline**, João Pessoa, PB, v. 11, n. 1, p. 112-130, 2015. Disponível em: [http://www.academia.edu/21569320/Linguagens\\_document%C3%A1rias\\_e\\_os\\_sistemas\\_de\\_classifica%C3%A7%C3%A3o\\_bibliogr%C3%A1fica\\_estudo\\_de\\_propostas\\_de\\_expans%C3%A3o\\_e\\_amplia%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_CDD\\_e\\_da\\_CDU](http://www.academia.edu/21569320/Linguagens_document%C3%A1rias_e_os_sistemas_de_classifica%C3%A7%C3%A3o_bibliogr%C3%A1fica_estudo_de_propostas_de_expans%C3%A3o_e_amplia%C3%A7%C3%A3o_da_CDD_e_da_CDU). Acesso em: 12 jul. 2017.

TÁLAMO, M. F. M.; LARA, M. L. G.; KOBASHI, N. Y. Vamos perseguir a informação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 4, p. 52-57, set/dez. 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36178> Acesso em: 12 jul. 2017.

# Capítulo 6

## Trajetórias e Contribuições de Manuel Bastos Tigre para a Biblioteconomia

*Ana Rafaela Sales de Araújo*

*Rebecca Maria de Freitas Sousa Oliveira*

### 1 INTRODUÇÃO

A vida de Manuel Bastos Tigre foi abastada de atuações em diversas áreas, com destaque principalmente na publicidade e nas publicações de poesias e peças teatrais, além de colunas em grandes jornais e revista de sua época. Entretanto, a sua única formação acadêmica conhecida era a Engenharia apesar da pouca atuação nesta área.

O marco inicial de Bastos Tigre na Biblioteconomia foi quando se tornou o primeiro bibliotecário por concurso no Brasil, em 1915, para atuar no Museu Nacional. Ressalta-se que nesta época ainda não havia cursos de Biblioteconomia no Brasil, quanto menos a sua regulamentação. O que existia era apenas o termo “bibliotecário”, a partir de 1824, utilizado na Biblioteca Nacional “[...] quando da aprovação do segundo dispositivo legal – Artigos Regulamentares para o Regimento da Bibliotheca Imperial e Pública – elaborado pelo frei Antonio de Arróbida” (SILVA, 2012, p. 38).

O objetivo geral desse artigo biográfico é abordar a trajetória pessoal e profissional de Manuel Bastos Tigre, patrono dos bibliotecários no Brasil, bem como as suas contribuições para a Biblioteconomia. Como objetivos específicos assinalam-se: identificar e descrever as relações entre Bastos Tigre e alguns marcos históricos da Biblioteconomia e discutir o seu papel como patrono da Biblioteconomia, considerando as suas contribuições para a referida área.

A metodologia utilizada consta de uma revisão bibliográfica, mediante um diálogo histórico dividido em três perspectivas: fatos relacionados à vida pessoal de Bastos Tigre; obras e feitos profissionais; e as percepções de sua trajetória sob a ótica da Biblioteconomia.

### 2 TRAJETÓRIA PESSOAL

Manuel Bastos Tigre nasceu na cidade de Recife (PE) no dia 12 de março de 1882, falecendo aos 75 anos na cidade do Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1957. Filho da cearense

Maria Leontina Bastos Tigre e do comerciante gaúcho Delfino da Silva Tigre, Bastos Tigre era o primogênito de uma prole de 24 irmãos, dos quais apenas 13 sobreviveram.

Ele foi um homem de múltiplos talentos: jornalista, poeta, compositor, teatrólogo, humorista, publicitário, revistógrafo, escritor, além de engenheiro e bibliotecário, porém obteve maior êxito na área publicitária (MENEZES, 1966; AS VIDAS..., 1982; COLARES, 1982; MIRANDA, 2016).

Bastos Tigre iniciou o seu gosto pela área literária em 1896, com 14 anos, ao tentar divulgar seu jornal escolar intitulado **O Vigia**. Entretanto, não obteve sucesso, pois era extremamente crítico e irônico em referência ao Colégio Diocesano de Olinda. Em 1898, foi indicado orador oficial em homenagem à inauguração do monumento à Abolição dos Escravos (ALENCAR, 1982).

Em 1906, concluiu Engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Durante o curso, Bastos Tigre virou poeta em meio à boemia da *Belle Époque* desenvolvendo poesias satíricas, iniciando também sua carreira como colunista nos jornais **Correio da Manhã**, substituindo o poeta cearense Antonio Sales na coluna **Pingos e Respingos** e em **O Tagarela**. A sua poesia também era publicada na revista **A Avenida** (ALENCAR, 1982).

Ainda em 1906, Bastos Tigre começou a utilizar o pseudônimo “D. Xiquote” para iniciar a sua carreira como teatrólogo, com a revista musical **O Maxixe**. Contudo, Alencar (1982, p. 15) esclarece que o “[...] desgosto de seu pai ao sabê-lo autor de uma revista, quando o imaginava brilhante engenheiro, teve a força de deportá-lo para a Europa para um curso de especialização”. Assim, nesse mesmo ano, Bastos Tigre viajou para a Inglaterra para se especializar em Eletricidade.

Após o seu regresso ao Brasil, em 1908, Bastos Tigre continuou a sua carreira como teatrólogo escrevendo diversas peças teatrais com variados gêneros como revista, comédia, *vaudeville*<sup>3</sup> e opereta<sup>4</sup>, destacando sempre com humor seu olhar sobre a sociedade de seu tempo (ALENCAR, 1982).

Conforme Menezes (1966), Abreu (1987), Tigre (1992), Balaban (2016), em 1911, Bastos Tigre casou-se com Maria Isabel Coelho Cintra, mais conhecida como Dona Concetta, tendo com ela 5 filhos: Sylvia Bastos Tigre, Selene Tigre Ortega Terra, Hélios Bastos Tigre, Stella Bastos Tigre, Heitor Bastos Tigre. Além destes, em meados de 1906, Bastos Tigre teve um relacionamento com Maria Olympia, do qual nasceu Helena Marília Bastos Tigre, também conhecida como Helena Ferraz.

Em 1914, o presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, decretou

<sup>3</sup> “O *vaudeville* consistia em breves representações teatrais de índole brandamente satírica ou cômica, entremeadas de canções” (MOISES, 2004, p. 464).

<sup>4</sup> “Mistura de ópera, ópera-cômica, *vaudeville*, cenas cômicas, paródia, a opereta encontra-se na delicada posição dos gêneros “novos”, que surgem mediante a mistura de outros tipos de teatralidades mais tradicionais” (NEVES, 2015, p. 63).

estado de sítio<sup>5</sup> no Brasil pela participação na Primeira Guerra Mundial, declarando-se contra a Alemanha (NAUD, 1965). Em resposta, Bastos Tigre fez sérias críticas ao governo em sua coluna no *Correio da Manhã*, expondo a situação em que o país se encontrava. Sendo, por isso, alvo de perseguições e buscando refúgio em Teresópolis.

Após a morte de Bastos Tigre, sua filha Sylvia editou o livro **Reminiscências: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente**, publicado pela editora Thesaurus em 1992. Como Bastos Tigre sempre foi muito organizado, sobretudo no que tange à sua produção literária, material e anotações do livro que pretendia publicar (inclusive com prefácio e índice prontos), Sylvia apenas precisou editá-los e não teve maiores dificuldades. Os seus filhos também doaram parte de seu arquivo para o Museu de Literatura da Casa de Rui Barbosa, situado na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de sua tímida atuação como bibliotecário, em 1982 houve as primeiras iniciativas em contar e guardar os seus feitos para posteridade como, por exemplo, folhetos e/ou livros editados em homenagem ao seu centenário de nascimento, contendo a sua biografia:

- a) ALENCAR, Antonieta Araripe de. **Bastos Tigre**: homenagem dos bibliotecários cearenses ao seu patrono. Colaboradores: Francisca S. Mota *et al.* Fortaleza: Associação de Bibliotecários do Ceará, 1982. 31 p.;
- b) AS VIDAS de Bastos Tigre. Apresentação de Barbosa Lima Sobrinho. Pesquisa de Katia de Carvalho e Guilda Vidal Viruez. Rio de Janeiro: ABI/FUNARTE - Centro de Documentação, 1982. 32 p.;
- c) TIGRE, Sylvia Bastos (coord.). **Bastos Tigre**: notas biográficas. Brasília: [s. n.], 1982. 64 p.

No entanto, acredita-se que a obra biográfica mais completa de Bastos Tigre tenha sido lançada antes, em 1966, por Raimundo de Menezes intitulada: **Bastos Tigre e “La belle époque”**.

### 3 OBRAS E FEITOS

Manuel Bastos Tigre percebia a sociedade sempre com um olhar crítico, principalmente através de seus poemas e colunas nos jornais. Desde o período em que cursava Engenharia já era engajado nesses assuntos. Em 1901, ele fora “líder dos estudantes contra a reforma da Lei Orgânica do Ensino, que terminava com a frequência livre” (ALENCAR, 1982, p. 21). Todavia, em 1904, o presidente Rodrigues Alves sancionou uma nova reforma, na qual Bastos Tigre posicionou-se a favor.

<sup>5</sup> “O estado de sítio corresponde à suspensão temporária e localizada de garantias institucionais, apresentando maior gravidade do que o estado de defesa e obrigatoriamente o Presidente da República deverá solicitar autorização da maioria absoluta dos membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal para decretá-lo” (MORAES, 2006, p. 647).

Em 1915, além de ser nomeado Secretário do Ministro da Agricultura, Bastos Tigre também foi o primeiro bibliotecário por concurso no Brasil, tendo concorrido à vaga para atuar no Museu Nacional. Seu êxito deve-se à apresentação de sua tese intitulada: **Breve ensaio sobre bibliografia**, que abordou a aplicação do Sistema de Classificação Decimal de Dewey na organização lógica dos conhecimentos em trabalhos de Bibliografia e Biblioteconomia (ALENCAR, 1982).

Decano dos bibliotecários brasileiros fez-se profissional dos mais efetivos. Realizou na Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa um trabalho transtemporal em relação a seleção de seu acervo. Foi ainda o primeiro Diretor Bibliotecário da Biblioteca Central da Universidade do Brasil (1936), exercendo o cargo por mais de vinte anos (ALENCAR, 1982, p. 16).

Considerado como um dos homens de letras mais conhecidos no Brasil do início do século XX, enveredou-se no ramo publicitário na redação de quadrinhas e sonetos de propagandas com outros literatos da época: Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Hermes Fontes (SÜSSEKIND, 1987).

Dentre os supracitados, Bastos Tigre era o que obtinha todo o seu sustento desse trabalho, chegando a possuir o escritório **Publicidade Bastos Tigre**, onde atendia diversos anunciantes: Confeitaria Colombo, Cafiaspirina Bayer, Cigarros York, Magazine Notre Dame, Drogeria V. Silva, Cerveja Fidalga. São dele alguns slogans conhecidos ainda atualmente: “Se é Bayer é bom” (aspirina), “Quem tem boca vai ao Roma” (Restaurante Roma), “No vidro é remédio, no corpo é saúde” (Peitoral Infantil), “Fortifica quem o toma, quem o toma forte fica” (Tônico Bayer), dentre outros (SÜSSEKIND, 1987).

Ele se destacou com os seus versos-reclame para o *Rhum Creosotado*: “Veja, illustre passageiro/ O belo tipo faceiro/ que o senhor tem ao seu lado./ No entanto, acredite/ quase morreu de bronquite:/ salvou-o o Rhum Creosotado”. São dele, também, as “Bromilíadas”, paródia de Os lusíadas, publicada na última página da revista D. Quixote, como propaganda do xarope Bromil (SÜSSEKIND, 1987).

A sua expertise publicitária foi marcada pelo aperfeiçoamento parnasiano; pela forma fixa e consagrada como modelo de valorização dos produtos à venda; por quadrinhas bem ritmadas, com rimas marcadas e versos fáceis de guardar, como: “Trace na vida o programa/ Que ao bom destino o conduza/ Tome, erguendo-se da cama,/ O bom café Andalusia” (Café Andalusia); também por sua preferência pelo soneto na propaganda rimada, como exemplo: Soneto-anúncio de Pilogênio, “Fantasia de bonde” (SÜSSEKIND, 1987).

Conde (2007, p. 98, tradução nossa) o denomina como poeta, afirmando que Manuel Bastos Tigre “em 1909 começou a escrever roteiros de filmes que foram publicados na revista Careta e, posteriormente, produziu legendas rimadas para *O filme do diabo* (1915)”.

Por conseguinte, Bastos Tigre possui, por ordem cronológica, 24 peças teatrais com destaque para **O Maxixe**. Uma peça popularizada na sociedade carioca e na França, também com a dança Maxixe.

**Quadro 1** - Peças teatrais

1. O Maxixe	Revista	Teatro Carlos Gomes	1906
2. Grão de bico	Revista	Teatro Apolo	1915
3. O Rapadura	Revista	Teatro Recreio	1915
4. De Pernas P'rô Ar	Revista	Palace Teatro	1916
5. O micróbio do amor	Vaudeville	Teatro Pequeno	1916
6. Viagem ao redor das mulheres	Comédia	Teatro Lírico	1920
7. Ver e amar	Opereta	Teatro Rialto	1922
8. A ceia dos coronéis	Paródia	Teatro Trianon	1923
9. Dito e feito	Revista	Teatro S. José	1924
10. Viva o amor	Revista	Teatro Lírico	1924
11. Zig-Zag	Revista	Teatro Glória	1926
12. Excelsior	Revista	Teatro Fênix	1926
13. Bric-à-Brac	Revista	Teatro Glória	1926
14. Sorte grande	Comédia	Teatro Cassino	1926
15. Sua Excia.	Revista	Teatro Fênix	1926
16. Oooh	Revista	Teatro Lírico	1926
17. Boas falas	Revista	Teatro Recreio	1927
18. Ou vai ou racha	Revista	Teatro S. José	1927
19. Vertigem	Fantasia em 2 atos	Teatro João Caetano	1939
20. Ondas sonoras	Revista	Teatro Municipal	1935
21. Senhorita Vitamina	Comédia	Teatro Carlos Gomes	1940
22. 'Stá Salva a Pátria	Revista	Teatro Apolo	19--
23. Mão única	Revista	Teatrinho Jardel	1949
24. A Duquesa do Bal Tabarin	Opereta (trad.)	-	19--

Fonte: Menezes (1966, p. 390).

Conforme já explicitado por Sússekind (1987), assim como outros literatos do início do século XX, Manuel Bastos Tigre também foi seduzido para o ramo publicitário, realizando a profissionalização para escritores e militância da causa dos direitos autorais (BALABAN, 2016), devido ao alargamento do campo literário, dos processos de redefinição da ideia de arte e do surgimento da indústria do reclame<sup>6</sup>. Nessa mesma época, o livro

<sup>6</sup> “[Bastos Tigre], assim como muitos dos seus contemporâneos, [fez] anúncios comerciais revestidos de forma literária, na maioria das vezes através de versos e sonetos rimados. Nesses casos, para além da retórica convincente, a publicidade utilizava-se da poética para enobrecer o anúncio e, com igual ou maior



passa a ser visto também como mercadoria a ser anunciada (SÜSSEKIND, 1987).

Algumas de suas obras foram compiladas no catálogo on-line da Biblioteca Nacional ([2005]) e de Menezes (1966), totalizando 35 livros de poesia (grande parte), literatura humorística, sátira, burlesco em literatura, censura teatral, crônicas, relatos autobiográficos e apenas uma obra na área biblioteconômica: **Breve ensaio sobre bibliographia** (tese sobre a aplicação do Sistema de Classificação Decimal de Dewey, na organização lógica dos conhecimentos), o que lhe rendeu o 1º lugar no concurso para bibliotecário; 24 peças teatrais e 5 trabalhos como revistógrafo. Além desses, houve ainda manuscritos compostos por cartas e cartões postais destinados à Lima Barreto, a antologia poética, manuscrito organizado por sua filha, Sylvia Bastos Tigre em 1982, após a sua morte.

No acervo da Biblioteca Nacional é possível encontrar também partituras, inclusive o hino ao Governador da Cidade do Rio de Janeiro, com versos de Bastos Tigre, músicas e/ou obras de miscelânea como, por exemplo: **Carta a Helza Cameu**, além de uma obra rara, livro em microfilme com recortes de jornais e revistas sobre Bastos Tigre.

Consta também na Biblioteca Nacional, disponível para consulta na internet, periódicos do acervo raro digitalizados e microfilmados como o **Correio da Manhã**, no qual Bastos Tigre dedicou grande parte de sua trajetória profissional.

### Quadro 2 – Obras de Bastos Tigre

1. Saguão da Posteridade – Tipografia Altina – Capa de Raul Pederneiras – Rio – 1902;
2. Versos Perversos – Livraria Cruz Coutinho – J. Ribeiro dos Santos, Editor – Rio – 1905;
3. O Maxixe – Tipografia Rabelo Braga – Rio – 1906;
4. Moinhos de Vento – Livraria Editora Jacinto Silva – Rio – 1913;
5. O rapadura – Oficina do Teatro e Esporte – Rio – 1915;
6. Grão de Bico – Turnauer & Machado – Rio – 1915;
7. Breve ensaio sobre bibliographia – 35 f. – 1915;
8. Bolhas de Sabão – Leite Ribeiro e Maurillo – Rio – 1919;
9. Arlequim – Tipografia Fluminense – Rio – 1922;
10. Fonte da Carioca – Grande Livraria Leite Ribeiro – Rio – 1922;
11. Ver e Amar – Tipografia Coelho – Rio – 1922;
12. Penso Logo... Eis Isto – Tipografia Coelho – Rio – 1923;
13. A Ceia dos Coronéis – Tipografia Coelho – Rio – 1924;
14. Meu Bebê – Paulo Assniann – Rio – 1924;
15. Poemas da Primeira Infância – Tipografia Coelho – Rio – 1925;
16. Brinquedos de Natal – Editora Leite Ribeiro – Rio – 1925;
17. Chantez Clair – Livraria Editora Leite Ribeiro – Rio – 1926;

importância, da figura conhecida dos seus autores. São os homens de letras fazendo papel de garotos propaganda [...] Na cidade em (trans)formação, fabricantes e comerciantes investiam em reclames para darem visibilidade aos seus produtos dentro de um mundo que se desenvolvia em velocidade ímpar” (SCHERER, 2008, p. 60).

18. Zig-Zag – Rio – 1926;
19. Carnaval – Poemas em louvor ao Momo – Edição do autor – Rio – 1932;
20. Poesias Humorísticas – Flores & Mário – Rio – 1933;
21. Entardecer – Edição do autor – Rio – 1935;
22. Parábolas de Cristo – Borsoi & Cia. – Rio – 1937;
23. Getúlio Vargas – Imprensa Nacional – Rio – 1937;
24. Uma Coisa e Outra – Borsoi & Cia. – Rio – 1937;
25. Li-vi-ouvi – Livraria Editora José Olympio – Rio – 1938;
26. Senhorita Vitamina – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – Rio – 1942;
27. Recitália – Hélios Bastos Tigre – Rio – 1943;
28. Martins Fontes – Sociedade dos Amigos de Martins Fontes – Santos – 1943;
29. Aconteceu, ou podia ter acontecido – Editora A Noite – Rio – 1944;
30. Cancionário – Editora A Noite – Rio – 1946;
31. Conceitos e Preceitos – Editora A Noite – Rio – 1946;
32. Sátiras – 1946;
33. Musa Gaiata - Editora Empresa O Papel Ltda. – São Paulo – 1949;
34. Sol de Inverno – Edição do autor – Rio – 1955;
35. <i>Hors concours, sonetos sem vogaes</i> – [19--].

Fonte: Adaptado de Menezes (1966, p. 389-390), Colares (1982) e Biblioteca Nacional ([2005]).

Menezes (1966) elenca, por ordem cronológica, 5 jornais e revistas fruto do trabalho de Bastos Tigre como revistógrafo e jornalista atuante em sua época. O destaque se apresenta em suas atividades realizadas no **Correio da Manhã**, na seção em verso **Pingos e Respingos**.

### Quadro 3 – Jornais e Revistas

1. Coleção da revista Tagarela – Rio – 1902;
2. Coleção de revista A Avenida – Rio – 1904;
3. Coleção da revista O Filhote – Rio – 1909-1910;
4. Pingos & Respingos – Correio da Manhã – Rio – 1910-1917;
5. Coleção do D. Quixote – Rio – 1917-1923 e 1925;

Fonte: Menezes (1966, p. 390-391).

Como os escritores de sua época, Bastos Tigre utilizava muito o recurso de pseudônimos, geralmente para cada publicação criava uma identidade fictícia, tendo como seu preferido “D. Xiquote”. Em suas obras há sempre uma dose de humor, ironia e criticidade.

### Quadro 4 – Pseudônimos de Manuel Bastos Tigre

1. Mané Fossa	Rio Nu	1900
2. Alpha Linha	A Lanterna	1902
3. Juvenal Neto	Correio da Manhã	1902

4. K. Hem	A Avenida	1904
5. Hilaritas	O Filhote da Gazeta	1909
6. D. Xiquote	Diversos	1902
7. Cirano & Cia.	Pingos & Respingos (Correio da Manhã)	1902-1957
8. R. E. Porter	D. Quixote	1917
9. Oragá	Da Noite para o Dia (A Noite)	1940
10. Periquito	Papagaios (Gazeta de Notícias)	1925
11. Alceste	Crônicas d'A Notícia	1920
12. Bernardo Só	Periscópio (Gazeta de Notícias)	1942
13. Zangão	Colméia (Época)	1912
14. R. Dente	Fora do Sério	1913
15. Pif-Paf	Lanternetas	1916
16. Manuel da Hora	A Propósito (Gazeta de Notícias)	1924
17. Fradique	Umas em Cheio	19--
18. João Qualquer	Crônicas no D. Quixote	1917
19. Sílvio Silvestre	Crônicas	19--
20. P. Ingente	Crônicas	19--

Fonte: Menezes (1966, p. 391).

Em sua tese de doutorado, Benedicto (2019) analisa as obras de Bastos Tigre e verifica que em seu discurso há uma considerável resistência ao negro e à sua cultura. A mulher negra é vista como empregada doméstica, objeto sexual, fedida e o homem negro como preguiçoso, sem educação e sujo.

Constata-se, portanto, que o humor representado nas obras de Bastos Tigre provoca o riso com dupla função: promulgar o racismo e atenuar o seu significado social (BENEDICTO, 2019).

Conforme explicitado acima, Menezes (1966) compila 20 pseudônimos de Manuel Bastos Tigre, com destaque para "D. Xiquote". Porém, o autor torna-se consagrado como Tigre Bastos (1882-1957) nos catálogos de pesquisa e cabeçalhos de assunto da área de Biblioteconomia.

Um aspecto notório quanto ao reconhecimento de Bastos Tigre no âmbito da Biblioteconomia, foi a definição do dia 12 de março, data de nascimento do poeta, como o Dia do Bibliotecário. O então prefeito do Distrito Federal, Francisco Negrão de Lima, estabeleceu a data através da Resolução nº 5, de 11 de março de 1958, em virtude das contribuições de Bastos Tigre através do teatro e do livro para o desenvolvimento cultural do Rio de Janeiro.

A partir dessa Resolução, Alencar (1982) aponta que o 3º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, de 1961, realizado em Curitiba, Paraná, escolheu

## Bastos Tigre como Patrono dos Bibliotecários Brasileiros.

A escolha cresceu em significado quando em 1962 o Decreto nº 884 de 10 de abril de 1962 instituiu 'A Semana Nacional da Biblioteca, a iniciarse, anualmente em 12 de março, data do nascimento do escritor, poeta e bibliotecário Bastos Tigre'. Outro expressivo evento para a classe neste mesmo ano: A Lei nº 4084 de 30 de junho - 'dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regulamenta seu exercício'. O Decreto nº 56.725 de 15 de agosto de 1965 confirmou e regulamenta a citada lei (ALENCAR, 1982, p. 18).

Dezoito anos mais tarde, houve a revogação dos Decretos nº 884, de 10/4/1962 e nº 61.527, de 13/10/1967 e demais disposições em contrário. Como retificação dos supramencionados, entra em vigor o Decreto Federal nº 84.631, de 9 de abril de 1980 que institui a "Semana Nacional do Livro e da Biblioteca" e o "Dia do Bibliotecário" (BRASIL, 1980).

Conforme Callado (1957), Colares (1982), Alencar (1982), Tigre (1992), por curto período, entre 1945 a 1947, foi transferido para a Biblioteca Nacional até ser nomeado em 19 de abril de 1960 como primeiro diretor da Biblioteca Central da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde trabalhou por mais de vinte anos. Vale ressaltar, que o seu trabalho na Biblioteca Central da Universidade do Brasil, iniciou-se em 1936, porém fora nomeado oficialmente em 1960, conforme relatado acima. Aposentou-se compulsoriamente aos 70 anos, pela referida Universidade, mas permaneceu no cargo até os seus últimos dias por determinação do Conselho Universitário, em reconhecimento à sua competência e por vontade própria de Bastos Tigre, já que não queria se afastar da biblioteca.

Menezes (1966) relata que Bastos Tigre dirigiu, ainda, a biblioteca da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) em 1927, sendo também homenageado pela biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que tem o seu nome. No ano de 1956, foi inaugurada uma placa comemorativa em bronze, na Biblioteca Municipal da cidade do Rio de Janeiro, em sua condecoração.

Apesar de em 1925 ter conquistado o 1º Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras (ABL), Balaban (2003) explicita que Bastos Tigre, na tentativa de ingressar na ABL, experienciou três votações malogradas. Porém, após a sua morte, recebeu várias homenagens tornando-se patrono natural de bibliotecários, publicitários e revistógrafos, bem como dos humoristas brasileiros.

## **4 PERCEPÇÃO DE SUA TRAJETÓRIA NA BIBLIOTECONOMIA**

Bastos Tigre traçou uma eclética trajetória, sendo um homem multifacetado, de múltiplos talentos, exímio literato, publicitário, porém faz-se necessário uma reflexão sobre a inadequação do fato de Bastos Tigre ter recebido o título de patrono dos

bibliotecários, já que diante de sua contribuição superficial para a Biblioteconomia, restringindo-se apenas a uma obra na área biblioteconômica: **Breve ensaio sobre bibliographia** e de um título de primeiro bibliotecário aprovado em concurso público no ano de 1915, fato este que gera controvérsia. Conforme Castro (2000), em 1879, o historiador e jornalista Capistrano de Abreu obteve o primeiro lugar em um concurso de alto rigor para o cargo de bibliotecário, promovido pela Biblioteca Nacional.

Lemos (2013) afirma que Bastos Tigre não foi levado à condição de patrono dos bibliotecários pelo seu fazer profissional na área, pois se dedicou mais ao teatro de revista e à publicidade. Ao atribuírem a Bastos Tigre o título de decano dos bibliotecários brasileiros revelou-se uma falta de reflexão crítica dos bibliotecários da época, entre os anos de 1958 a 1961. A Biblioteconomia poderia ter sido melhor representada por Ramiz Galvão (1846-1938), Manuel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956), Frei Arrábida (1771-1850 - período colonial). Bastos Tigre, como produto de sua época, apenas acumulou muitos cargos para garantir a rentabilidade familiar. Ele trabalhou como bibliotecário do Museu Nacional e da Universidade do Brasil, mas não houve em sua trajetória um fato marcante em prol da Biblioteconomia.

Silva (2015) esclarece que Bastos Tigre não foi bibliotecário de formação propriamente dito, mas durante a sua estadia nos Estados Unidos conheceu Melvil Dewey e se identificou com as práticas biblioteconômicas. Desse modo, por sua dedicação nos estudos em Biblioteconomia, tornou-se o primeiro bibliotecário aprovado por concurso no Brasil. Bastos Tigre foi eminentemente criativo e propositivo, porém há outros bibliotecários que exerceram prioritariamente a profissão, realizando grandes feitos e proposições construtivas para o engrandecimento da Biblioteconomia.

Por outro lado, Melo (2012) ressalta Bastos Tigre como modelo de bibliotecário por vocação, de postura ética, possuindo uma vida marcada por homenagens, deixando um grande legado sobre a ética na prática biblioteconômica, fomentando positividade à profissão. Mesmo ainda sem um Código de Ética de Biblioteconomia vigente à época, ele soube promover a profissão e cumprir com o seu papel social.

Melo (2012, p. [6]) revela ainda que, na carreira de bibliotecário, Bastos Tigre “preocupou-se com a organização do conhecimento, formação de leitores, e na biblioteca como órgão social”.

Como bibliotecário, trouxe à luz para a Biblioteconomia as célebres frases:

É o livro amigo mudo que, calado, nos diz tudo [...] A leitura de um bom livro afasta o tédio e estimula o pensamento [...] Se uma hecatombe universal destruísse a civilização, uma biblioteca que escapasse, bastaria para reconstruí-la (TIGRE, 1982, p. 40).

Bastos Tigre influenciou a modernização da Biblioteca Central da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, dirigiu e organizou as coleções

da Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que hoje tem seu nome e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), sem remuneração, apenas pelo prazer. Ele foi o primeiro brasileiro filatelista<sup>7</sup> a organizar uma coleção temática, e inclusive propôs também a inclusão da disciplina filatelia no currículo primário, pois acreditava no seu poder educativo (TIGRE, 1982; 1992).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito aos aspectos biográficos, poucos bibliotecários escreveram sobre a sua história de vida, possivelmente devido à falta de reconhecimento e de conhecimento da profissão no Brasil. Fato este, de certa forma, compreensível diante de uma sociedade que não valoriza os bens culturais e não faz uso deles.

Com relação ao objetivo de abordar a trajetória pessoal, acadêmico-profissional de Manuel Bastos Tigre e as suas contribuições para a Biblioteconomia, a pesquisa constata que ele foi um dos maiores representantes da *Belle Époque*, ícone do humor e da publicidade; exímio bibliófilo, homem de múltiplas atribuições (jornalista, poeta, compositor, teatrólogo, humorista, publicitário, revistógrafo, escritor, engenheiro civil, bibliotecário). No entanto, existem outros bibliotecários brasileiros que marcaram categoricamente a história da profissão, com grandes contribuições na área biblioteconômica.

Por fim, a trajetória profissional eclética e não prioritária na área de Biblioteconomia de Bastos Tigre, suscita mais dúvidas do que justificativas para a nomeação dele como patrono dos bibliotecários e da Biblioteconomia. O que infere, portanto, uma falta de postura crítica e ausência de reconhecimento do legado de outros profissionais que tanto lutaram para preservar a humanidade, o humanismo da profissão de bibliotecário e a valorização da área.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Arnaldo Ferraz de. **Bastos Tigre**: eclética trajetória. Rio de Janeiro: Lado A Editores Associados, 1987.

ALENCAR, Antonieta Araripe de. **Bastos Tigre**: homenagem dos bibliotecários cearenses ao seu patrono. Colaboradores: Francisca S. Mota *et al.* Fortaleza: Associação de Bibliotecários do Ceará, 1982. 31 p.

AS VIDAS de Bastos Tigre. **Apresentação de Barbosa Lima Sobrinho**. Pesquisa de Katia de Carvalho e Guilda Vidal Viruez. Rio de Janeiro: ABI/FUNARTE - Centro de Documentação, 1982. 32 p.

BALABAN, Marcelo. **Estilo moderno**: humor, literatura e publicidade em Bastos Tigre. Campinas: UNICAMP, 2016. (Coleção História Ilustrada).

<sup>7</sup> Colecionador e estudioso de selos postais (MICHAELIS, 2018).



BALABAN, Marcelo (org.). **Instantâneos do Rio Antigo**: Bastos Tigre. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

BENEDICTO, Maria Margarete dos Santos. **Quaquaraquaquá quem riu? Os negros que não foram... A representação humorística sobre os negros e a questão do branqueamento da belle époque aos anos 1920 no Rio de Janeiro**. Orientador: Elias Thomé Saliba. 2019. 262 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30072019-150411/pt-br.php>. Acesso em: 11 mar. 2021.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catálogo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [2005]. Disponível em: [http://acervo.bn.br/sophia\\_web/index.html](http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html). Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. **Decreto Federal nº 84.631, de 9 de abril de 1980**. Institui a “Semana Nacional do Livro e da Biblioteca” e o “Dia do Bibliotecário”. Brasília, DF: Presidência da República, 1980. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Atos/decretos/1980/D84631.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1980/D84631.html). Acesso em: 25 mar. 2021.

CALLADO, Antonio. Morreu o autor dos “pingos e respingos”: com o falecimento de Bastos Tigre perdemos as nossas letras o último humorista sério do Brasil. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, ano 57, n. 19741, p. 14, 3 ago. 1957. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842\\_06&pagfis=79742&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=79742&url=http://memoria.bn.br/docreader#). Acesso em: 9 mar. 2019.

CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

COLARES, Otacílio. Bastos Tigre: bibliotecário e poeta da Belle Époque. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 4/5, n. 2/1, p. 63-73, jul./dez. 1981, jan./jun. 1982. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/00000B/00000BF2....pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CONDE, Maite. Exposing the illusions of modernity: literary society and the Belle Époque of brazilian cinema. **Chasqui**: revista de literatura latinoamericana, Estados Unidos, v. 36, n. 2, p. 98-115, nov. 2007.

LEMONS, Antônio Agenor Briquet de. “Atribuir ao Bastos Tigre a condição de patrono da Biblioteconomia e dos bibliotecários revela a nossa falta de espírito crítico”. [Entrevista cedida a] Chico de Paula. **Biblioo**: cultura informacional, Rio de Janeiro, 27 jul. 2013. Disponível em: <http://biblioo.info/briquet-de-lemos-2/>. Acesso em: 8 mar. 2019.

MELO, Débora. **A importância do discurso da ética na biblioteconomia**: Bastos Tigre um exemplo de ética profissional. [S. l.]: INFOhome, 2012. Disponível em: [http://www.ofaj.com.br/textos\\_conteudo.php?cod=417](http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=417). Acesso em: 9 mar. 2019.

MENEZES, Raimundo de. **Bastos Tigre e “La belle époque”**. São Paulo: Edart, 1966. (Coleção Visão do Brasil, 5).

MICHAELIS, Henriette. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2018. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/filatelista/>. Acesso em: 7 mar. 2019.

- MIRANDA, Antonio. **Bastos Tigre**. 2016. Disponível em: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/pernambuco/bastos\\_tigre.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/bastos_tigre.html). Acesso em: 9 mar. 2019.
- MOISES, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MORAES, Alexandre de. **Direito Constitucional**. 19. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.
- NAUD, Leda Maria Cardoso. Estado de sítio (1910-1922) – 2ª parte. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 2, n. 6, p. 61-88, jun. 1965. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/182495>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- NEVES, Larissa de Oliveira. A opereta francesa e o teatro brasileiro: uma proposta de pesquisa. **Cadernos letra e ato**, Campinas, v. 5, jul. 2015. Disponível em: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/letraeato/article/view/328/325>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- SCHERER, Marta Eymael Garcia. **Bilac – sem poesia**: crônicas de um jornalista da Belle Époque. Orientador: Carlos Eduardo Schmidt Capela. 2008. 259 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91331>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Um novo patrono para a Biblioteconomia. **Biblioo**: cultura informacional, Rio de Janeiro, 12 mar. 2015. Disponível em: <http://biblioo.cartacapital.com.br/um-novo-patrono-para-a-biblioteconomia/>. Acesso em: 29 fev. 2019.
- SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia**: perspectivas históricas e objeto de estudo. 2. ed. Recife: [s. n.], 2012.
- SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- TIGRE, Bastos. **Reminiscências**: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente. Brasília: Thesaurus, 1992. Disponível em: <https://goo.gl/RCSUxi>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- TIGRE, Sylvia Bastos (coord.). **Bastos Tigre**: notas biográficas. Brasília: [s. n.], 1982.

# Capítulo 7

## Ranganathan e as contribuições na Biblioteconomia

*Alla Moanna Cordeiro de Souza Bezerra*

*Aparecida Maria Martins Lopes*

*Maria Isabel Moreira Leal*

*Dalvelgia Oliveira Marques*

### 1 INTRODUÇÃO

Ranganathan foi um bibliotecário de destaque na Biblioteconomia e através deste artigo iremos abordar a sua biografia, bem como a sua importância para o processo de organização e referência no contexto da biblioteca. Assim, evidenciando as suas mais diversas obras e contribuições pessoais, através da sua vivência habitual e relatos pessoais.

Apresentamos em destaque as cinco leis da Biblioteconomia e a Classificação Facetada, que foram obras relevantes para a área. Uma vez que mesmo no decorrer dos anos ainda são objetos de estudo das Universidades e dos profissionais de Biblioteconomia, posto que, permanecem atuais e aplicáveis ao cotidiano.

Com isso, esse trabalho aborda essas duas técnicas explicando que as cinco leis focam na tríade leitura, leitor e biblioteca. Na época de sua criação, essas leis foram revolucionárias e, apesar dos anos, continuam em proeminência sendo passíveis de aplicabilidade nos tempos atuais. A classificação facetada, embora no período que fora desenvolvida já existissem outros métodos de classificação, se destacou por ser flexível e atualizável ao contexto da biblioteca, além de abarcar uma maior quantidade de documentos. Essa classificação até hoje pode ser utilizada no contexto dos sistemas de informação.

### 2 CONTEXTO HISTÓRICO SHIYALI RAMAMRITA RANGANATHAN

Nascido na vila rural da cidade de Shiyali, no Estado de Tamil-Nadu, sul da Índia no dia 9 de agosto de 1892, Ranganathan foi um importante visionário que tinha como principal objetivo o desenvolvimento de pesquisas e melhorias no ensino na Índia, o seu país de origem. Ele era matemático e tinha valores relacionados à educação que já lhe eram peculiares, pois vinha de uma família de cultura Brâmane, casta sacerdotal do país, onde os seus membros têm uma visão holística em que trabalham tanto com a unidade quanto com a pluralidade. Nessa instrução, o aluno ou *sadhaka* necessita

desenvolver certas qualificações e habilidades para a prática do conhecimento, o que fazia de Ranganathan um diferencial dentro da comunidade a qual pertencia.

Ele perdeu seu pai aos seis anos de idade e foi criado por seu avô, o qual era professor de brâmanes e por dois professores do ensino primário que contribuíram bastante para a sua educação.

Graduado em matemática e língua inglesa, Ranganathan fez pós-graduação e estágio em Biblioteconomia na Inglaterra. Ele lecionou como professor de matemática e física em colégios públicos indianos. Em 1924, prestou o concurso para bibliotecário na Universidade de Madras no qual foi aprovado, tendo assumido as suas funções em 1925. Nesse mesmo ano, ele viajou com destino a Londres para estudar Biblioteconomia na *School of Librarianship do University College*, cursando por nove meses na instituição sob orientação de W.C Berwick Sayers.

Ele buscava através de seus estudos implantar de forma intensa a Biblioteconomia, na perspectiva de melhoria nas condições das bibliotecas na Índia. Ele tinha como uma de suas premissas incentivar a criação de bibliotecas públicas, e a também da Biblioteca Nacional na Índia.

O seu caminho como docente ocorreu entre os anos de 1947 e 1955, período em que lecionou Biblioteconomia na Universidade de Dell (FERREIRA, 2011). Nesse período, ele esbarrou na sua grande dificuldade vocal: a gagueira. Essa dificuldade foi superada gradativamente em sua vida profissional.

Muitas pessoas diziam que ele era um deslumbrado pelo trabalho. Por quase duas décadas em Madras, trabalhou por longo tempo 13 horas por dia 7 dias por semana, sem tirar nenhum tipo de descanso.

Nesse mesmo período, também escreveu vários livros relacionados à História da Matemática. Além de ser um estudioso, Ranganathan também exerceu atividades políticas tendo tomado partido pela melhora das condições de trabalho, principalmente relacionadas com as questões educacionais.

No ano 1923, diante de muitas dificuldades, surgiu um cargo de bibliotecário na Universidade de Madras, onde havia feito sua graduação. Mesmo não tendo formação em Biblioteconomia, preparou-se para todas as etapas com várias leituras na área. Mediante a sua aprovação, Ranganathan solicitou uma bolsa de estudos para aprimorar-se em Biblioteconomia. Já no ano seguinte, em 1924, assumiu o posto de bibliotecário em Londres.

Brilhante, estudioso e visionário Ranganathan aperfeiçoou os seus estudos em Biblioteconomia na *University College London*, única escola da época que possuía um programa de graduação em Biblioteconomia. Aliando seus estudos na área aos conhecimentos que tinha em Matemática, ele desenvolveu durante o processo de

graduação o seu sistema de classificação decimal, que só foi concluído quando voltou para Índia onde pode aplicar as teorias a sua prática cotidiana.

Na volta ao seu país de origem, Ranganathan se deparou com um grande desafio: estudar uma forma de aplicar a teoria à prática, já que durante todo seu processo de aprendizagem ele havia observado que as Bibliotecas de Londres tinham distintos serviços, procedimentos diferenciados, equipamentos e construções que chamavam a atenção pela arquitetura. Assim, Ranganathan teria que organizar todo o acervo da Universidade de Madras, onde começaria oficialmente a sua carreira de bibliotecário. Ele sempre escrevia os relatos de suas experiências, fatos insólitos e perspectivas de seu cotidiano.

Ranganathan era um homem disciplinado e dedicado aos estudos. Durante toda a sua vida, ele escreveu cerca de cinquenta livros e aproximadamente de nove mil artigos sobre assuntos variados. A sua teoria relacionada à Biblioteconomia está exposta em cinco obras básicas: *Five Lawsof Library Science*, 1931; *Colon Classification*, 1933; *Prolegomenato Library Classification*, 1937; *Philosophyof Book Classification*, 1951 e *Elements of Library Classification*, 1962 (SEPULVEDA, 1996).

Modernizador e considerado o pai da Biblioteconomia na Índia, Ranganathan foi um grande exemplo de bibliotecário. Ele impulsionou a profissão na Índia e no mundo, através de seus artigos e obras que muito colaboraram para o crescimento da profissão e do fazer bibliotecário. As suas grandes contribuições estão relacionadas com os seus sistemas de classificação e organização. O maior impacto de suas obras deu-se pelo seu esquema de classificação.

Ranganathan teve uma importância fundamental no processo de construção da Biblioteconomia, onde através de seu trabalho mostrou ao mundo a proeminência desse profissional. No dia 27 de setembro de 1972, aos 80 anos de idade, após uma breve enfermidade causada por uma bronquite, ele faleceu na sua residência em Bangalire, capital e maior cidade do estado de Karnataka que está localizado no sul da Índia.

## **2.1 As Cinco Leis de Shiyali Ramamrita Ranganathan**

As leis de Ranganathan são consideradas as cinco leis basilares da Biblioteconomia e foram concebidas em 1928 pelo pensador indiano, a partir das observações nas bibliotecas que ele visitara enquanto estudante de graduação. Nesse período ele teve a oportunidade de frequentar mais de 100 bibliotecas inglesas, onde fez estágios diversos. Ranganathan compreendeu que os usuários dessas bibliotecas não eram o principal foco do trabalho desenvolvido, pois sempre ficavam no plano posterior. Além disso, as suas necessidades não eram atendidas pelos modelos vigentes na instituição “Biblioteca”.

Ao regressar para o seu país de origem, ele levou em sua vivência uma incomensurável bagagem de conhecimentos teóricos e práticos, ampliados nas suas

pesquisas como discente em Biblioteconomia. As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia foram inúmeras, tanto nas áreas organizacionais e sociais. A elementar edição das cinco leis de Ranganathan foi publicada no ano 1931. No Brasil, em todo processo de formação do profissional bibliotecário, essas leis aparecem para demonstrar a importância do leitor (usuário), para a biblioteca. São leis simples mais que tem um profundo significado na atualidade, são elas: Os livros são para usar; A cada leitor o seu livro; A cada livro o seu leitor; Poupe o tempo do leitor e A biblioteca é um organismo em crescimento. Iremos fazer uma abordagem reflexiva de cada lei como veremos a seguir.

### **2.1.1 Primeira Lei - Livros são para uso**

De acordo com Raganathan, o livro impulsiona o conhecimento. Nessa lei, o autor aborda a democratização da informação. A biblioteca passa a funcionar como a organização que tem por função organizar, tratar e disseminar as informações tendo em vista a disseminação do saber.

Essa primeira lei incide principalmente pelas experiências pessoais do indiano, que visitou várias bibliotecas do mundo todo e conversou com diferentes profissionais da área. Em suas pesquisas, ele percebeu que os leitores (usuários), na sua grande maioria, procuravam por assuntos específicos das suas áreas de interesse.

O intuito dessa primeira lei era justamente a percepção de que a biblioteca pudesse de forma simples disseminar informação e conhecimento à sua comunidade. Sendo assim, Targino e Sousa (2017, p. 67) dizem que:

Consequentemente – os livros são para usar – constitui assertiva que enfatiza a popularização do conhecimento e a democratização da informação, pondo em relevo práticas cotidianas da biblioteconomia, ou seja, atividades que se iniciam desde a seleção dos materiais para a formação do acervo, somando-se ao trabalho técnico (classificação, catalogação e indexação), com ênfase para o serviço de referência. Esta conquista destaque ao permitir ao público efetivo ou ao público em potencial localizar informações demandadas, o que eleva os estudos de usuários ao *status* de instrumentos imprescindíveis ao sucesso das bibliotecas, como organismos sociais. Esclarece-se que, qualquer biblioteca mantém sempre um público potencial (na acepção de público possível), mais amplo do que o público efetivo, na acepção de público permanente, estável e fixo.

Conforme Figueiredo (1992), a primeira lei norteia como devem ser os espaços das bibliotecas, os sistemas, os horários de abertura, fechamento, a prestação dos serviços e os valores justos para a remuneração dos seus funcionários.

Do ponto de vista de Figueiredo (1992, p. 186), a análise de Ranganathan explica as práticas bibliotecárias por ele observadas como “[...] atividades exercidas na base da tentativa/erro, ou na adoção de regras costumeiras profundamente empíricas”. Diante de



tal fato, Ranganathan (2009) discorre falando que o serviço do pessoal deve ser realizado com amor. Ou seja, de boa vontade e que só pessoas que gostam de servir podem realizar este tipo de trabalho com efetividade, alcançando o estalão da primeira lei.

### ***2.1.2 Segunda Lei - Para cada Leitor, seu Livro***

A segunda lei de Ranganathan prioriza especificamente o leitor (usuário), para que ele tenha o atendimento específico que necessita. Portanto, visando acatar as necessidades faz-se necessário, entre outras coisas, que os livros estejam organizados em sequência de assuntos para facilitar a pesquisa. Trata-se do respeito aos usuários/leitores/clientes existentes na biblioteca, independente de sexo, raça ou religião. Cabe ressaltar o vínculo social exposto por esta lei, pois a partir do momento em que a biblioteca se preocupa com informação disseminada a sua comunidade.

Vale salientar, que a inclusão é uma vertente extremamente discutida atualmente. Assim, vemos com isso que mesmo num período em que não se expunha com tanta veemência a inclusão social, Ranganathan incorporou essa temática em uma de suas leis. Desse modo, é percebido a centralidade no leitor. Ranganathan (2009, p. 180) afirma que “o primeiro passo é conhecer o leitor”. Nesse mesmo contexto, Silva Júnior (2010, p. 34) utiliza-se da argumentação de que:

[...] Ranganathan aponta para a importância da divulgação e difusão do livro, fatores fundamentais num contexto. Possibilitar que cada leitor obtenha o seu livro é, antes de tudo, afirmar que todo homem deve ter acesso ao conhecimento. O importante para esse princípio é permitir a acessibilidade à informação.

Conforme o pensamento de Ranganathan (2009), se a primeira lei abre as portas da biblioteca, a segunda não só cria formas de interação dentro das bibliotecas como muda a cultura nestes espaços. Perante as afirmações de Figueiredo (1992), cada leitor tem o seu livro e as bibliotecas devem servir a todos independentemente da classe social, sexo, gênero, idade ou qualquer tipo de diferença.

### ***2.1.3 Terceira Lei - Para cada Livro, seu Leitor***

Nessa lei a premissa é que os livros atendam às necessidades do leitor (usuário). Pois, nessa perspectiva, entende-se que cada pessoa, com as suas peculiaridades, busca por uma informação que atenda aos seus objetivos de leitura seja para o entretenimento, pesquisa ou estudo.

A terceira lei indica a necessidade de direcionar as obras disponíveis na biblioteca ao seu respectivo leitor em potencial, ou seja, há uma preocupação na divulgação do acervo para que os livros encontrem os seus usuários. Garfield (1985 *apud* FIGUEIREDO,

1992, p. 187) afirma que “estipular que para cada livro existe um leitor é apontar para a necessidade de que os livros devem estar descritos no catálogo, expostos de maneira a atrair os leitores e prontamente disponíveis”. Vemos aqui, de forma clara, a preocupação com a organização dos livros e a importância da assistência dada pelo bibliotecário, tanto ao acervo quanto aos usuários. Ainda sobre esta lei, Targino utiliza-se da seguinte argumentação:

[...] Agora, a proposta – A cada livro seu leitor – pretende identificar um leitor adequado para cada livro, o que corresponde à adoção de medidas variadas em consonância com cada realidade. Em outras palavras, em 1931, Ranganathan já alerta para os benefícios do acesso livre às estantes, para as imensuráveis vantagens de publicizar os serviços mantidos e, principalmente, para a necessidade imperiosa de diversificar e sistematizar as estratégias de dinamização e de uso das coleções [...] (TARGINO, 2010, p. 1230).

Essa lei se preocupa em encontrar o leitor certo para cada livro existente, com isso, ela objetiva trazer algumas modificações. Isto quer dizer que devemos localizar o leitor de cada livro, e que todos os livros existem para servir a alguém (RIZZI, 2016). Esse encontro passa pela correta indexação, pois é ela a responsável por descrever os adequadamente os assuntos presentes nas obras.

Assim, é primordial que as bibliotecas anunciem o seu trabalho, bem como as novas publicações adquiridas, servindo como mediadora entre o público e o acervo (FERREIRA, 2011). A dinamização da informação através de utilização de instrumentos, sejam por meio de folhetos, e-mails ou outros materiais para a sua divulgação, é essencial. Sendo assim, Ranganathan (2009, p. 189) afirma que:

O recurso mais evidente usado pelas bibliotecas para satisfazer à Terceira Lei é o sistema de livre acesso. Os outros instrumentos dizem respeito ao arranjo das estantes, às entradas do catálogo, ao serviço de referência, à abertura de certos departamentos populares, aos métodos de publicidade e ao serviço de extensão.

Diante do exposto, é necessário não só a divulgação do acervo, mas um estudo junto com a comunidade na qual a biblioteca está inserida. Haja visto ser necessário estudar o ambiente onde a biblioteca está inserida em toda sua diversidade, a fim de identificar que materiais e serviços disponibilizar.

#### ***2.1.4 Quarta Lei - Poupe o tempo do leitor***

Esta lei é de suma importância, já que está diretamente ligada à questão da organização do acervo e a disposição dos materiais nas estantes. Logo, a classificação e catalogação dos livros, são instrumentos importantes para que o leitor (usuário) diminua o seu tempo em busca da informação que deseja.

Essa lei também faz uma abordagem da relevância do serviço de referência, a questão da acessibilidade ao acervo e as estantes de forma interativa. Contudo, as realidades de muitas bibliotecas fazem com que esse quesito seja questionável devido às várias realidades como acervos desatualizados, bibliotecas sem automação. Desse modo, é visualizada a demora ou até mesmo a perda de tempo decorrido no atendimento. Ranganathan (2009, p. 211) reitera que “Ao lidar com novos problemas disso decorrentes, ele introduz o elemento tempo e concentra sua atenção inteiramente no aspecto temporal do problema”.

O tempo gasto pelo leitor/usuário em uma biblioteca está relacionado com a forma de organização dela. Percebemos também que com um número exacerbado de informações esta lei pode ser adequada não somente aos espaços físicos, como também aos virtuais. A modalidade de bibliotecas virtuais é uma realidade crescente e isto nos remete a preocupações tidas antes pelos espaços físicos, a de dar ao leitor a resposta exata do que ele precisa. Quanto a isso, Prado (2016, p. 174) utiliza-se da seguinte argumentação:

[...] E onde mais os nossos leitores estão atualmente? Na Internet. A biblioteca que possui presença digital consistente, com bom uso de mídias sociais, estará à frente de muitas outras e desenvolvendo um papel valioso para o tempo do leitor.

Portanto, organizar para recuperar é uma das primícias dessa lei que requer do/a bibliotecário/a, habilidades e empatia no processamento técnico, para que a informação esteja no lugar certo agilizando o tempo do usuário. O importante é ter buscadores eficientes, sendo eles catálogos físicos ou virtuais. Vale ressaltar também, a importância de se acompanhar o leitor desde o momento em que entra na biblioteca até a sua saída. Sob este aspecto, Ranganathan (2009, p. 211) discorre que

[...] Talvez o método mais conveniente de estudar as consequências desta lei seja acompanhar o leitor desde quando ele entra na biblioteca até o momento em que sai, examinando criticamente cada processo pelo qual ele passa, prestando atenção na economia de tempo que pode ser obtida em cada etapa.

Observamos aqui a suma importância do usuário. Isto consente que, de acordo com as suas necessidades, tenham acesso ao material solicitado. É percebido aqui a relevância do setor de referência das bibliotecas. O setor denominado referência é onde a mediação da informação ocorre, é o estabelecimento do contato entre usuário e bibliotecário. O intuito é ajudar o usuário a entender o funcionamento da biblioteca.

Percebe-se que o anseio pela informação ultrapassou as barreiras e elaborações de meios, para atender esses questionamentos fizeram com que bibliotecários usassem estratégias como catálogos e ajudas presenciais aos usuários desses espaços. Assim, é importante ressaltar que “[...] o trabalho de referência consta de três atividades

principais: informar (ou serviço de perguntas/respostas), pesquisar informações e capacitar usuários” (ACCART, 2012, p. 105). Dessa forma, Ranganathan (2009, p. 212) relaciona vários afazeres que deveriam ser desenvolvidos na biblioteca para melhor entender os usuários, elencados a quarta lei, que trata dos

[...] desenvolvimentos de sistema fechado; arranjos nas estantes; sinalização do recinto das estantes; entrada no catálogo; bibliografia; serviço de referência; método de empréstimos; o tempo do pessoal; catalogação centralizada e localização da biblioteca.

O conceito de poupar o tempo do leitor não enfatiza a perda de tempo somente do leitor, mas também dos funcionários das bibliotecas. Acerca disso, Ranganathan (2009, p. 281) expõe que

A quarta Lei – Poupe o tempo do leitor – tem como corolário ‘Poupe o tempo do pessoal da biblioteca’, a fim de liberar maior número de funcionários para o serviço de referência. Esse corolário possui como implicações muitas práticas do serviço bibliotecário [...].

Contudo, a quarta lei nos remete à conscientização da necessidade e relevância de um planejamento estratégico, para que os serviços de informações e de organizações sejam acessíveis para os usuários. Esse processo ocorre a partir da realidade em que eles estão inseridos, a popularização dos serviços e disponibilização para o acesso à informação.

### ***2.1.5 Quinta Lei - A Biblioteca é uma organização em crescimento***

Nessa lei, um dos pontos que Raganathan discorre é sobre a questão da classificação, que deve ser acessível e permitir mudanças para inclusão de novas áreas do conhecimento. Baseado na afirmativa, ele percebeu a importância em todos os aspectos da biblioteca como um ambiente em expansão que deve contemplar todas as classes e camadas sociais. Ele parte do contexto de que a classificação das obras de uma biblioteca deve sempre permitir a inclusão de novos tópicos. Na opinião de Raganathan, não importa o quanto uma coleção esteja ganhando novos títulos ou o quanto a biblioteca esteja crescendo, o arranjo deve sempre facilitar e dar novas oportunidades de consulta ao leitor (usuário), ficando implícita a inclusão de novos assuntos.

A quinta e última lei nos remete a algo mutável, significando que a biblioteca pode mudar de acordo com que lhe é exigido. A história das bibliotecas acessíveis ao público nos remete aos séculos XVII e XVIII, com o advento da Revolução Industrial e a invenção da imprensa, onde as informações se multiplicaram de forma célere. Com isso, a ideia era de concentrar a informação em um ambiente onde todos pudessem ter acesso igualitário à informação. Inicialmente, estes espaços eram abertos a um público restrito, mas com as mudanças e celeridade das informações, houve transformações estruturais em relação a essas restrições.

É verificável a existência de bibliotecas desde a Antiguidade, ou seja, desde a invenção da escrita. A necessidade de registrar conhecimentos e informação, por parte dos povos antigos, levou-os a montar arquivos antes mesmo da produção dos seus registros. Esse objetivo mudou no decorrer da sua evolução; as mudanças técnicas, como o uso do papel e a invenção da imprensa, tornaram a biblioteca mais acessível e seu caráter passou de instituição fechada e particular para leiga e pública (SANTOS, 2012, p. 187).

Com isso, a quinta lei nos mostra que a biblioteca nunca esteve e nem estará morta, pois ela busca adequar-se às mudanças independentemente do tempo. Assim, é de suma importância perceber que a história modificou o espaço denominado biblioteca, e a necessidade de conhecimento que antes era restrito passou a ser ocupado pelas massas.

No contexto das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC), essa lei continua relevante. Visto que, a inserção de tecnologias nos ambientes de informação quebra barreiras espaciais e a produção e disseminação do conhecimento se torna mais ágil. Assim, percebemos que o acesso da comunidade se tornou um quesito básico para que todos possam adquirir informação.

Vale ressaltar, que a biblioteca é tratada como ponto central na última lei, enquanto as outras focavam no leitor e no livro. O planejamento estrutural e sua organização são pontos fundamentais abarcando os produtos e serviços a serem desenvolvidos nas bibliotecas, entendendo-as como um espaço vivo. E cabendo principalmente ao bibliotecário à quebra de paradigmas estabelecida pelas dificuldades encontradas.

Na quinta lei, Ranganathan (2009, p. 241) aborda sobre o “crescimento de tamanho, sala do catálogo; sistema de classificação; leitores e empréstimos de livros; pessoal; evolução e princípio vital”. Assim sendo, destacam-se as implicações desta lei, que tratam do crescimento das bibliotecas considerando dois tipos: uma voltada para a conservação e a outra voltada para a prestação de serviços (RANGANATHAN, 2009).

Como podemos constatar as cinco leis de Raganathan, apesar de terem sido concebidas há quase 89 anos atrás, continuam modernas e atendem as necessidades da atualidade. Sendo importante que o/a bibliotecário/a conheça e procure atender as especificidades de cada uma, e aplicando de forma dinâmica cada uma das leis aqui citadas.

### **3 RANGANATHAN E A CLASSIFICAÇÃO DE DOIS PONTOS**

Um ponto importante durante o período em que trabalhou como bibliotecário, na Universidade de Madras, foi quando Ranganathan viajou para Londres e realizou estudos com o renomado BerwickSayers - um dos especialistas em classificação da Inglaterra.

Durante o período em que permaneceu no país, ele estagiou em biblioteca

pública e outros tipos de bibliotecas observando as classificações nos diferentes tipos de acervos. Ele analisou que o arranjo temático dos acervos das bibliotecas “carecia principalmente de relação entre os temas ali representados, direcionou seus estudos e pesquisas para o desenvolvimento de princípios teóricos e práticos de classificação em bibliotecas” (SOUZA, 2006, p. 89). Com base nessas análises, em que os sistemas de classificação apresentavam pré-coordenação temática sobre os diferentes assuntos, Ranganathan passou a estudar e construir um modelo de classificação próprio.

Desses estudos, foi originada a *Colon Classification* (Classificação de Dois Pontos como é conhecida em português). Esse sistema se caracterizou como uma classificação analítico-sintética, em que se permitem arranjos variados e uma possibilidade de ampliação de vários conceitos.

De acordo com Barbosa (1972, p. 74), não foi pela criação do sistema de classificação em si que seu trabalho foi relevante, mas sim por “sua idéia de dividir os assuntos em categorias ou facetas, isto é, em grupos de classes reunidas por um mesmo princípio de divisão”. Como mencionado por Tristão e Alarcon (2004), esse sistema partia de uma definição geral para um conceito mais específico denominado como faceta. Mas, o que seria faceta?

Ranganathan classificou o seu sistema e o dividiu em faceta (*facets*) e focos (*focus* ou *foci*). A faceta corresponde a um conjunto de termos que estabelece relação com o assunto global. Por exemplo, ao tratar o assunto Biblioteca podemos ter as seguintes facetas: tipos de bibliotecas, materiais, atividades realizadas. O foco corresponde a divisão da faceta e equivale a espécie. Ao utilizarmos o termo geral “sapato”, por exemplo, teremos a faceta cor que será subdividida em: vermelho, amarelo, azul, branco, preto, verde, roxo. Ou seja, a faceta se distribui ocasionando novas divisões que se transformam em focos, que serão o tanto quanto forem necessários para dividir o assunto. Cada termo dentro de uma faceta é visto como foco isolado, e quando este fica fora do contexto da faceta se torna apenas um isolado.

O foco das facetas é a subclasse, e dentro de cada faceta são apresentadas características diferentes. Esse processo funciona para que haja ordenação, sendo necessário haver um princípio de divisão que os faça reagrupar em subfacetadas. Cada faceta pode se manifestar mais de uma vez, daí o “nome de ciclos de manifestações (*round of manifestation*)” (BARBOSA, 1969, p. 169). Para representar as coordenações e subordinações Ranganathan se apropriou de termos especiais como os “*arrays*”, que consiste em um conjunto de classes coordenadas que apresentam uma mesma característica e que são mutuamente exclusivos. Esse termo significa “lista” ou “fila”.

Entretanto, cada faceta de um assunto e o foco que divide a faceta, estão incluídos dentro de características que Ranganathan definiu com o símbolo PMEST, que significa Personalidade equivalente ao Assunto; Matéria material físico em que o



assunto é composto; Energia ação a respeito do assunto; Espaço localização geográfica do assunto e Tempo período do assunto.

Deste modo, para representar um assunto é necessário que se faça um recorte no universo de conhecimento, no qual esta ideia encontra inserida. Isso funciona como o primeiro recorte do assunto. Essa fórmula PMEST permite que o assunto possa se dividir quantas vezes forem precisas:

[...] são elas que fornecem a visão de conjunto dos agrupamentos que ocorrem na estrutura, possibilitando assim, o entendimento global da área. Os seja, uma categoria é um conjunto de propriedades de qualidades semelhantes, e que na visão do usuário satisfaz uma mesma necessidade. O uso de categorias na organização de conceitos e em consequência, na elaboração de uma classificação é um recurso para o entendimento da natureza do conceito e para a formação das estruturas conceituais. As categorias possibilitam a sistematização do conhecimento (ALARCOM; TRISTÃO, 1967, p. 4).

De acordo com Piedade (1983), esse entendimento sobre esta fórmula e a divisão em cada termo não é procedimento didático, exige um estudo aprofundado posto que ao permitir uma divisão flexível e também um aprofundamento sobre os conceitos. Além da composição da fórmula, Ranganathan desenvolveu tabelas auxiliares, ao todo quatro, para auxiliar na divisão dos termos. Outro aspecto importante se refere a notação, posto que o sistema não exige uma notação pré-estabelecida o que permite sua flexibilidade.

As primeiras edições do sistema, que ao todo totalizam seis (6), datam de 1933, sendo a primeira e a última referente ao ano de 1960, reimpressa em 1963. Da primeira até a quarta edição o sistema possui apenas a utilização do símbolo de dois pontos, termo pelo qual também ficou conhecida esta classificação. No entanto, o sistema atualmente possui 14 tipos diferentes de símbolos, perfazendo um total de 70 sinais. Por este motivo essa classificação é vista como mista e utiliza: 23 letras maiúsculas do alfabeto romano; 10 números arábicos; 26 letras minúsculas do alfabeto romano (exceto i, l, o); 1 letra grega; 1 hífen; 1 vírgula; 1 ponto e vírgula; 1 dois pontos; 1 ponto; 1 aspas; 1 seta anterior (*forwardarrow*); 1 seta posterior (*backwardarrow*); 1 parêntesis inicial (*starter*) e 1 parêntesis final (*arrester*) (PIEADADE, 1983).

Portanto, entre as diversas características que o sistema apresenta, o mesmo ainda possui cerca de 200 tabelas; permite a análise das facetas em todos os níveis; a relação que existe de um assunto e entre assuntos; Fundamenta-se numa série de Postulados escolhidos que: I — Asseguram sequência filiatória; II - Asseguram a possibilidade de intercalação de novas classes sem perturbar a posição das outras; III — Ajudam a tornar o sistema sempre utilizável e por fim permite a utilização não apenas em livros, mais em outros tipos de materiais (PIEADADE, 1983).

## 4 CLASSIFICAÇÃO DE RANGANATHAN: CARACTERÍSTICAS E DISTINÇÕES

Ranganathan contribuiu significativamente aos estudos biblioteconômicos. Dentre as suas obras de destaque, se enquadra a sua significativa contribuição aos estudos de classificação. Posto que, permite uma nova forma de se pensar como estruturar e organizar o conhecimento.

Os sistemas de classificação bibliográfico mais conhecidos como a Classificação Decimal Universal (CDU) e Classificação Decimal de Dewey (CDD) seguem o modelo da árvore de porfírio, “essa estrutura predicativa é conhecida como “árvore” porque os conceitos são organizados em ramificações sempre mais específicas, formando uma espécie de árvore invertida (IMAGUIRE, 2008, p. 63).

Esse é um dos aspectos importantes e de destaque entre a Classificação de Ranganathan e a CDU e a CDD, visto que as subdivisões em categorias de Ranganathan se aproximam das teorias de Aristóteles em que Porfírio baseou a sua teoria (PIECADE, 1983).

Aristóteles classificou os conceitos em dez categorias “as quais quer analisar os predicados do ser: substância, qualidade, quantidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão” (MOREIRA; LARA, 2011, p. 488). As categorias utilizadas por Aristóteles fornecem uma orientação lógica do tempo e espaço do enunciado, de modo que o assunto principal, que seria a substância, apresenta uma qualidade em um determinado local e uma determinada época (MONTEIRO; GIRALDES, 2008). Para melhor compreender a diferença existente entre os sistemas de classificação é necessário analisar os pontos que as separam.

Outro ponto que distingue a sua classificação, foi a visão de que os assuntos apresentam uma expansão e atualização constante. O que não permite inseri-los em um sistema de classificação já pré-definido. Esse é um fato que os outros autores dos sistemas de classificação não conseguiram atender.

Campos (1975) divide as classificações bibliográficas em dois tipos: classificações enumerativas e classificações analítico-sintéticas ou facetadas. Embora a CDU se enquadre em classificações analítico-sintéticas, o autor retrata que o seu sistema ainda é enumerativo permitindo que o mesmo fique preso a conceitos e classes definidas. Entretanto, este aspecto permite analisar um ponto interessante com relação a classificação facetada de Ranganathan, embora seja um sistema simples e homogêneo:

[...] o núcleo central da análise facetada é a distribuição dos termos relacionados com determinado domínio do conhecimento em facetas homogêneas que se excluem mutuamente e que derivam de uma fonte comum pela aplicação rigorosa de uma só característica da divisão. As facetas resultantes não se relacionam entre si exclusivamente pelo processo de inclusão, nem se integram em tabelas rígidas e

enumerativas, mas conservam a máxima capacidade de relacionamento, proporcionando à documentação moderna possibilidades inúmeras de simbolização e representação de assuntos novos (CAMPOS, 1975, p. 30).

Esse seria um dos aspectos importantes a ser observado sobre o sistema de classificação de Ranganathan, ao passo que a flexibilidade e a possibilidade de permitir a estrutura de novos arranjos e construções de modelos novos de representação do conhecimento. Com isso, esse sistema permite se atualizar perante ao crescimento e surgimento de novos conceitos e conhecimentos. Um dos fatos interessantes que Ranganathan apresenta neste trabalho, é o fato de o número de facetas do conhecimento poder ser visto sob qualquer ponto de vista de interesse da documentação (CAMPOS, 1975).

A fórmula PMEST, que Ranganathan utilizou para na elaboração das facetas dividindo em 5 categorias, é vista por muitos teóricos e críticos como insuficiente. Todavia, Campos (1975) aborda que os mesmos que apresentaram modelos novos, apenas permitem a tradução diversificada da fórmula de Ranganathan.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das diversas nuances e leituras feitas podemos observar a grande importância de Ranganathan, para todo o processo de releitura da biblioteca no seu contexto de organização, referência e preocupação social com o usuário.

Ferreira (2011) discorre que Ranganathan estudou teoria da classificação, catalogação, administração de bibliotecas, pesquisa em ciência social e bibliotecas, educação, serviço de referência, documentação, leis da Biblioteconomia, seleção de livros. Assim sendo, dentre suas obras publicadas estão: *The Five Laws of Library Science* (1931); *Colon Classification* (1933); *Classified Catalogue Code* (1934); *Library Administration* (1935); *Model Library Act* (1935); *Prolegomena to Library Classification* (1937-1967); *Theory of the Library Catalogue* (1937); *Library Classification* (1944); *Post-War Reconstruction of Libraries in India* (1944); *Dictionary Catalogue Code* (1945); *Education for Leisure* (1945); *Elements of Library Classification* (1945); *Library Organization* (1946); *National Library System* (1946); *Classification and International Documentation* (1948); *Preface to Library Science* (1948); *Classification, Coding and Machinery for Search* (1950); *Library Development Plan for India* (1950); *Philosophy of Library; Classification* (1951); *Library Legislation, A Handbook to Madras Library Act* (1953); *Headings and Canons* (1955); *Library Manual* (1960); *Social Science Research and Libraries* (1960); *Reference Service* (1961); *Documentation and its Facets* (1963); *Organization of libraries* (1963); *Subject heading and facet analysis* (1964); *Library Service for all* (1965); *Hidden roots of Classification* (1966); *Library Book Selection* (1966); *Choice of Scheme for Classification* (1968); *Classification and Communication* (1969); *Education and Library System of the Nation* (1971); *Fifty years of experience in the development of Colon Classification* (1971/1972); *Library Classification*

*through a century* (1971/1972); *Documentation – Genesis and Development* (1973) e *New Education and School library: experience of half a century* (1973).

Ranganathan contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da biblioteconomia, instituindo diversos trabalhos de autores referentes as suas obras na Biblioteconomia, com destaque para o recente livro “As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia: reflexões e desafios”. Com a análise deste livro percebemos que os assuntos abordados detêm-se sobre as leis da Biblioteconomia e as classificações facetadas, o que reforça a necessidade de compreender sua obra e o significado que ela representa para área. Outro aspecto relevante de ser mencionado é a contemporaneidade com que seus trabalhos são utilizados.

As cinco leis que detêm importância relevante no processo de reorganização com teor filosófico a confirmar-se no ambiente da biblioteca, diante da visão holística de Ranganathan, tornou-se fator primordial para a democratização da literatura, sendo dessa forma fator decisivo de contribuição para a Biblioteconomia.

Contudo, dos aspectos interessantes de Ranganathan está a preocupação em publicar as suas teorias e sistemas, permitindo que as suas obras fossem estudadas e abordadas. Essas técnicas embora tenham sido desenvolvidas há muito tempo, são de importantes para a biblioteconomia o que demonstra o trabalho que esse estudioso trouxe para a área.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969. (Obras didáticas, n. 1).

BARBOSA, Alice Príncipe. Classificações facetadas. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-81, 1972.

CAMPOS, Astério. A teoria das classificações analítico-sintéticas, ou facetadas, e a sua influência sobre a reforma da Classificação Decimal Universal (CDU). **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 23-36, jan./jun. 1975.

FERREIRA, Ana Carolina. **Principais contribuições teóricas de Ranganathan para a Teoria da Classificação**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 63 f. Monografia (Especialização em Arquitetura e Organização da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2011.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 186-191, set./dez. 1992.

IMAGUIRE, Guido. A negação e as árvores conceituais. **O que nos faz pensar**, [s. /], v. 17, n. 23, p. 59-75, june 2008. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.pucrio.br/index.php/oqnf/article/view/247>. Acesso em: 1 jul. 2017.

MONTEIRO, Silvana Drumond; GIRALDES, Maria Júlia Carneiro. Aspectos lógico-

filosóficos da organização do conhecimento na esfera da ciência da informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 13-27, set./dez. 2008.

MOREIRA, Walter; LARA, Marilda Lopes Ginez de. Relações conceituais e categorias filosóficas: aportes das ontologias e da terminologia para a representação do conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: [s. n.], 2011, p. 485-501.

PIEIDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Tradução de Tarcísio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIZZI, Iuri Rocio Franco. As cinco leis da biblioteconomia no Brasil. *In*: LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; STEINDEL; Gisela Eggert (org.). **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia: reflexões e desafios**. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 30-42.

SANTOS, Francisco Edvander Pires; PINTO, Virgínia Bentes. Vida e obra de Ranganathan: influências e contribuições para a Biblioteconomia. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 3, p. 2-19, dez. 2012.

SEPÚLVEDA, Fernando Antonio Miranda. **A gênese do pensar de Ranganathan**: um olhar sobre as culturas que o influenciaram. 1996. 34 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1996.

SEPÚLVEDA, Fernando Antônio Miranda. **A gênese do pensar de Ranganathan**: um olhar sobre as culturas que o influenciaram. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: [www.brapci.inf.br/index.php/article/view/.../7448a966f37c13cfa0bea0db6aa93061](http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/.../7448a966f37c13cfa0bea0db6aa93061). Acesso em: 08 jun. 2018.

SILVA JUNIOR, Carlos Augusto Rolim da. **"Poupe o tempo do leitor"**: a magnífica expressão de Ranganathan sobre o serviço de referência e sua aplicação em uma biblioteca jurídica. 2010. 72 p. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Centro de Universidade Federal da Paraíba, Ciências Sociais Aplicadas, João Pessoa, 2010.

TARGINO, Maria das Graças; SOUSA, Maria Eliziana Pereira de. As cinco Leis de Ranganathan e gestão de bibliotecas universitárias. **Revista FSA**, Teresina, v. 14, n. 1, art. 3, p. 57-78, jan./fev. 2017. Disponível em: <http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1231>. Acesso em: 12 maio 2018.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de classificação facetado para especificação de cerâmica de revestimento. *In*: CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL, 1.; ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 10., 2004, São Paulo. **Anais** [...] São Paulo: [s. n.], 2004, p. 18-21.

# Capítulo 8

## O Protagonismo de Pierce Butler na Biblioteconomia

*Andressa Rayanne Souza Garcia*

*Gracione Batista*

*Hernandes Andrade Silva*

*Rudney do Carmo Paz*

*Samara Matias*

### 1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas, consideradas instituições milenares, estão se atualizando e moldando-se ao longo dos séculos. Elas se caracterizam como uma unidade informacional, que está presente nos mais variados ambientes midiáticos da sociedade.

Etimologicamente, a palavra Biblioteconomia é composta por vocábulos gregos que desmembrados pode-se entender como: *biblion* (livro); *théke* (caixa); *nomos* (regra). De modo geral, e contemporaneamente, é compreendida como normas de organização de livros em um ambiente informacional.

A questão da cientificidade da Biblioteconomia é um assunto meramente contemporâneo, se comparado ao uso das informações nas bibliotecas da antiguidade em que se evidenciava o empirismo. Pois, estas unidades informacionais eram tratadas, sobretudo, com um olhar prático, e diga-se de passagem, um pragmatismo prematuro. O que importava era a preservação da memória, a guarda do que se estava registrado.

O bibliotecário era um membro erudito, dominante de todo o conhecimento que lhe era exposto, porém focava-se, principalmente, em manter a ordem do que estava em suas mãos. Ele não produzia conhecimentos e muito menos os disseminava (BURKE, 2003).

Após o surgimento da imprensa, no século XV, o conhecimento passou a ser difundido e compartilhado em grande escala. A biblioteca, instituição mantenedora da informação, se estabelece adotando uma nova postura. Não era tão suficiente só guardar os livros, mas possibilitar o acesso a esses materiais informacionais (BURKE, 2003).

A Biblioteconomia, ao longo desse percurso, começa a ampliar-se em torno dos assuntos técnicos da área iniciando a produção de manuais voltados para o tecnicismo sob seu fazer prático. O mais conhecido deles foi o *Advis pour dresser une bibliothèque*, de Gabriel Naudé, de 1627, um manual prático que abordava o uso significativo do



catálogo e de uma biblioteca com acervo matizado, que fosse possível atender às necessidades informacionais da sociedade.

Com o passar do tempo, métodos e procedimentos como a catalogação e classificação surgem como normas para organizar o conhecimento. Os manuais deram espaço a publicações que abrangiam não apenas o tecnicismo, mas assuntos que questionavam a forma de fazer Biblioteconomia.

As bibliotecas, principalmente as públicas, assumem um papel social em meio a uma população carente de informação e o bibliotecário torna-se um mediador do acervo e do conhecimento junto aos usuários.

Diante do exposto, o trabalho tem como intuito abordar o histórico de vida de Pierce Butler, a sua trajetória intelectual, profissional e os conceitos que norteiam suas ideias e contribuições, por meio de uma ótica que se caracteriza pelo estudo da pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória com abordagem qualitativa. Tem-se em vista que esse autor é considerado o pioneiro no uso do entrosamento do usuário com os livros, bem como o seu papel social em meio aos ambientes informacionais. Além disso, também é reconhecido por ter elencado o termo vanguardista Ciência da Biblioteconomia.

Assim, as próximas seções tratam de aspectos biográficos, em que aspectos da sua obra e suas ações contribuíram para a evolução da prática da Biblioteconomia e dos estudos na área. E, com isso, abordando uma crítica pessoal sobre sua principal obra escrita na área com o livro “Introdução à Ciência da Biblioteconomia”.

## 2 TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA

Lee Pierce Butler nasceu em 19 de dezembro de 1884, na cidade de Clarendon Hills, Illinois, localizada aproximadamente 29 km da cidade de Chicago, nos Estados Unidos. Filho de John Pierce Butler e Evaline Butler (Eva), passou a sua infância em Blythewood, Massachusetts. Ele cursou mestrado em latim em 1910, na *Dickinson College* (Faculdade de Artes Liberais) situada em Carlisle na Pensilvânia, também localizada nos Estados Unidos.

Em 1912, conseguiu o título de *Philosophiæ Doctor* - PHD em estudos sobre a Cristologia de Irineu na área da Teologia, um bispo da cidade de Lião (onde hoje está localizada a cidade de Lyon, na França), que viveu entre 130-220 d.c. e se destacou por ir contra as ideias do gnosticismo na igreja.

Por anos, Butler se dedicou aos estudos religiosos e foi no Seminário Teológico de Hartford, situado no Condado de Hartford, onde concentrou a maior parte do seu tempo para aprofundar-se no estudo da história medieval da igreja. Realizou atividades de diácono nas igrejas católicas de Indianápolis, DeSoto, Ironton e Missouri, nos Estados

Unidos. Em 1912, retorna para a casa de seus pais em Illinois, passando a trabalhar em atividades com contratos baseados em diárias na cidade. Logo em seguida, começa a trabalhar para o escritório de frente de seu pai, localizado na ferrovia da cidade. Butler percebeu que não possuía vocação para seguir na carreira paroquial e, mais adiante, identificou-se na área da Biblioteconomia.

De 1916 a 1919, Butler trabalhou na Biblioteca de Newberry, em Chicago, passando a conduzir o *Its John M. Wing Foundation on the History of Printing*. A partir de sua administração, a Biblioteca de Newberry passou a se destacar como uma das maiores bibliotecas de pesquisa e conseguiu bolsas de estudos internacionais nos Estados Unidos, devido ao seu acervo possuir o maior número de livros raros.

Já em 1931, Butler lecionava a disciplina História Bibliográfica na *Graduate Library School (GLS)*, da Universidade de Chicago, destacando-se por apoiar o uso de abordagens quantitativas das Ciências Sociais na área da Biblioteconomia.

A síntese de seu pensamento revolucionário e vanguardista se encontra registrada na obra *An Introduction to Library Science*, datado de 1933, e busca elevar a Biblioteconomia ao *status* de Ciência possuidora de todo um arcabouço teórico fundamentado na área. Entre os seus alunos e discípulos mais notórios se destacam: Lester Asheim, Arna Bontemps, Rudolf Hirsch, Haynes McMullen, Jesse Shera e Raynard Swank.

Os seus posicionamentos convergiam em oposição às ideias “humanísticas do século das luzes” na literatura de Biblioteconomia e sobre o caráter técnico, embasado em procedimentos de administração de bibliotecas<sup>8</sup>. A pertinência das suas contribuições, ao inserir na área métodos de abordagem quantitativa, foi o de analisar a Biblioteconomia como um sistema social de comunicação, pois, para Butler, a Biblioteconomia se caracteriza pela “transmissão da experiência acumulada da sociedade através da instrumentalidade do livro” (BUTLER, 1971).

Butler configurava outro problema da Biblioteconomia: o de cunho social de troca de informações e comunicação com a sociedade. Legou os problemas práticos de administração de bibliotecas a um plano inferior ao daquele que estava posto a época, ao inserir a Biblioteconomia no campo social como um agente de comunicação e transformação social, e não apenas dedicada às práticas de conservação e guarda da informação e/ou a procedimentos administrativos.

O termo “Ciência da Biblioteconomia”, cunhado por Butler, não foi bem aceito pelos pesquisadores da área na época. No entanto, tornou-se referenciado para o estudo da Biblioteconomia nas universidades. Butler se dedicou a ciência na *Graduate*

---

<sup>8</sup> Butler se referia ao bibliotecário humanista como o profissional que se comportava como o “zelador” da biblioteca, que, ao invés de trabalhar para disseminar informações, agia como o guardião do conhecimento. Por outro lado, também criticava o bibliotecário conhecido como tecnicista que, na época, começava a se acentuar cada vez mais mediante as TIC, que se detinha exclusivamente em inserir tecnologias nas unidades de informação para procedimentos técnicos e métodos da administração de bibliotecas.

*Library School*, Universidade que foi criada em 1928 para desenvolver um programa de pós-graduação em Biblioteconomia com foco em pesquisa.

Butler apoiou, posteriormente, o desenvolvimento de uma Biblioteconomia mais humanista, menos voltada para o pragmatismo que a torna uma pseudociência em sua opinião e mais ao campo das ideias. Segundo Butler, para que a área fosse considerada de fato uma ciência “um corpo orgânico de conhecimentos científicos teria de ser construído para explicar as complexas atividades dessa agência social” (RICHARDSON JR, 1992, p. 13).

### 3 OBRAS

Abaixo são listados os principais trabalhos e contribuições do bibliotecário Butler, para a área de Biblioteconomia:

- Lista de verificação de Incunabula na biblioteca de Newberry, compilada para o uso do pessoal da biblioteca. Chicago: Newberry Library, 1919.
- Lista de verificação dos livros impressos durante o século XV. Chicago: Newberry Library, 1924.
- Os Primeiros Cinquenta Anos do Livro Impresso, 1450-1500: Notas Descritivas de uma Exposição. Chicago: Newberry Library, 1925.
- Uma Introdução à Ciência da Biblioteca. Chicago: University of Chicago Press, 1933; Cambridge: Cambridge University Press.
- A História Literária da Bolsa. Chicago: Chicago Classical Club, 1937.
- Bolsas e Civilização. Chicago: Universidade de Chicago Press, 1944.
- Cultura e Comunicação. (Com Redmond A. Burke) Chicago: DePaul University Library, 1953.

A subseção a seguir aprofunda a discussão acerca de sua principal obra e contribuição para a área, o livro “Introdução à Ciência da Biblioteconomia”, que possui o intuito de elevar a biblioteconomia além do tecnicismo, pensando-a como uma ciência.

#### 3.1 Principal obra

Em 1933, Pierce Butler lançou a obra *Introdução à Ciência da Biblioteconomia* (*An Introduction to Library Science*) e difundiu a ideia de que a biblioteca é uma instituição social, incumbida de preservar a memória social dos antepassados e possui como missão disseminar esse conhecimento aos indivíduos. Para ele, ao se falar da sociedade, deveria incluir esse aparelho social e sua função na comunidade.

A obra de Pierce Butler, *"An Introduction to Library Science"*, de 1933, é considerada uma emblemática da assim conhecida Escola de Chicago e suas influências. Butler admitiu que essa obra se tornaria obsoleta com o tempo, mas não houve produção que a substituísse. Afirmou que as bibliografias eram importantes desde que houvesse clareza sobre seus fins e que deveria haver um deslocamento do foco nos processos para a função, com ênfase para o status social dos bibliotecários e a função social das bibliotecas (ORTEGA, 2004, p. 06).

Butler enxergava a sua obra como uma contribuição para o desenvolvimento da área, a partir das possíveis alterações nas práticas dos profissionais que nela atuavam. Ele acreditava que o seu livro tão logo se tornaria obsoleto, pois, no decorrer dos anos, tudo o que foi sugerido para a área já estaria sendo posto em prática. Todavia, tal fato não ocorreu e seu livro ainda é considerado um clássico na atualidade.

Ele considerava que uma evolução da área de Biblioteconomia só se daria através de uma nova forma de conduta dos bibliotecários, estes deveriam alterar as suas práticas e pontos de vistas para que a área pudesse ser encarada como uma Ciência de fato. Assim, ele começa a se interessar em teorizar a prática dos fazeres bibliotecários para além daquilo que é inerente à profissão, ou seja, a administração de bibliotecas.

De acordo com Souza (2003, p. 26-27),

Butler, um dos primeiros doutores do primeiro Doutorado em Biblioteconomia criado nos Estados Unidos, na Universidade de Chicago, alertava aos bibliotecários da necessidade de sair do mundo só da prática para o mundo da ciência. Afirmava que as explicações sobre os fenômenos associados às atividades do campo precisariam ser conhecidas. Seu referencial de pesquisa, segundo a visão da época, era predominantemente das ciências naturais, e afirmava e enfatizava exaustivamente uma racionalidade quantitativa da pesquisa científica. Seu livro *An introduction to library science*, originalmente escrito em 1933, tratava também dos aspectos humanísticos que ele designou como os problemas: sociológico, psicológico e histórico a constituir-se como fontes dos fenômenos ou blocos temáticos que interessava investigar.

Para Butler (1971, p. 10), "[...] o bibliotecário aparentemente permanece isolado na simplicidade do seu pragmatismo [...]", ou seja, nas técnicas que compõem a disciplina Biblioteconomia. Desse modo, o autor complementa que os bibliotecários parecem sentir aversão à ciência e ao seu objetivismo e frieza, mas ressalta que a ciência é o único meio capaz de trazer o significado do universo.

Esse era o pensamento que Butler (1971, p. 11) buscava romper quando trazia o discurso, de que "um corpo orgânico de conhecimentos científicos será construído para explicar as complexas atividades dessa agência social". Haja vista que, diante somente das práticas, a Biblioteconomia não poderia explicar a sociedade qual a sua missão, os seus valores e o que caracteriza a essência da área.

Diante disso, segundo o autor, o bibliotecário trata sua profissão como algo

tradicional e o serviço a ser prestado destinado a indivíduos particulares. Para este profissional se dispor a tratar o campo como serviço social atuando junto a uma sociedade é aterrorizante, pois objetiva a perda da secularização da área, de tradição e suas memórias. Esse é um comportamento que ruma contra as concepções do autor, em pensar a biblioteca como uma instituição social.

Butler salienta que não são todos os bibliotecários que estão inseridos nos debates científicos, acerca da Pierce Butler Ciência da Biblioteconomia. Em verdade, poucos debatem sobre o tema em questão, toda a área continua voltada para o que então é estabelecido como o serviço cotidiano do bibliotecário. Todavia, para que algo de novo ocorra, todos devem estar intrinsecamente voltados e inteirados nessa discussão, tendo em vista que somente dessa forma, todas as partes da Biblioteconomia poderão ser pensadas teoricamente e cientificamente. Assim, levando em consideração o seu lado humanístico, ou seja, voltado para o humano e suas transformações no espaço-tempo.

Asua obra em questão tinha a intenção de chegar até os profissionais bibliotecários, que se atinham nas práticas biblioteconômicas e não aos pesquisadores de fato. Uma vez que pretendia mobilizá-los a realizar uma intensa mudança em suas práticas, que refletiriam em toda a área e criando a tão sonhada Ciência da Biblioteconomia.

O livro “Introdução à Ciência da Biblioteconomia” é dividido em quatro partes, a saber: Natureza da ciência; O problema sociológico; O problema psicológico e O problema histórico.

No capítulo intitulado na Natureza da ciência, o autor traz uma breve explicação sobre o que é a ciência moderna. Ele prioriza como abordagem científica a quantitativa, pois, a seu ver, esta resultaria em menos inexatidão subjetiva. Ele critica a ênfase do homem moderno às práticas pragmáticas, ressaltando que esse comportamento deixa uma lacuna entre o que estaria na mente perceptiva e o objeto de sua percepção, ou seja, o que está entre o sujeito e o objeto.

Butler (1971, p. 18) enfatiza que “a Biblioteconomia, em especial, se tornará científica apenas na medida em que adaptar o que lhe é essencial aos métodos habituais do pensamento da mente moderna”. Salientando a relevância da interdisciplinaridade, ele destaca que “serão utilizados resultados de outras ciências e as descobertas da Biblioteconomia serão fornecidas às demais também”.

E conclui o capítulo alertando que se deverá estudar a ciência da Biblioteconomia como um todo, ao invés de estudar determinados tipos de bibliotecas em particular. Dessa forma, o discurso da vocação deverá ceder espaço ao reconhecimento de diferenças reais em níveis de operação e toda a classe deverá pensar em conjunto. Os métodos científicos servirão para elucidar os padrões tecnicistas, e a ciência na Biblioteconomia poderá abordar “[...] apenas o lado racional do fenômeno fundamental da Biblioteconomia que é a transmissão da experiência acumulada da sociedade aos

seus membros individuais através da instrumentalidade do livro” (BUTLER, 1971, p. 21).

No segundo capítulo, denominado “Problema sociológico”, Butler aborda as contribuições da sociedade para a constituição do livro e das bibliotecas e, conseqüentemente, o surgimento da disciplina Biblioteconomia. Ele discorre, durante toda obra, que a instituição biblioteca deve atuar para beneficiar a sociedade, ressaltando que os processos, produtos e atividades existem em decorrência do desenvolvimento das sociedades, ou seja, estão intimamente interligados.

Nesse sentido, a sociedade é o principal agente para a existência dos registros históricos ou o livro, como o autor cita. Assim, levando em consideração que através da escrita dos povos os acontecimentos passados, transcritos para o livro, tornam-se a memória social passada para as futuras gerações através das bibliotecas e instituições sociais.

Acerca da memória registrada, preservada e disseminada, e do homem que se apropria dela para obter conhecimento do seu passado, Butler (1971, p. 25) discorre que: “Mas, em sociedade, ele (o homem) nunca tem de aprender a partir do zero em qualquer aspecto do conhecimento”.

No capítulo posterior, chamado “O problema psicológico”, Butler (1971, p. 41) faz uma análise das motivações e desmotivações que fazem um indivíduo construir uma vida regada à leitura ou achar essa ação demasiada perturbadora e tediosa. O autor traz a seguinte reflexão “antes de poder agir, um homem precisa querer, e antes que possa querer tem de desejar” (BUTLER, 1971, p. 41). Referindo-se logo ao hábito ou gosto pela leitura, Butler menciona o primeiro argumento de quem não incluiu a leitura entre suas ações rotineiras: “para que um indivíduo realize qualquer ato proposital tem de querer fazê-lo com bastante ardor para vencer o marasmo da inércia ou com frequência de seus desejos contraditórios” (BUTLER, 1971, p. 41).

O autor apresenta também que, de certa forma, a leitura é uma prática solitária e até mesmo antissocial. O que implicaria na impossibilidade de outras distrações e contatos com outras pessoas, a fim de o leitor isolar-se somente com o livro e absorver o conhecimento dele proveniente. Assim, podendo gerar aflição em muitas pessoas, levando-as a divagar sobre outros aspectos e sobre os seus companheiros, ocasionando na falta de atenção e desinteresse pelo ato de ler.

Butler ainda cita que “a motivação para a leitura tem de ser suficientemente intensa para vencer as motivações rivais, para chegar a realizar-se plenamente” (BUTLER, 1971, p. 43). E provê como solução, para essas adversidades irreflexivas, transformar a leitura em um comportamento habitual em um hábito hodierno.

Ainda nessa acepção, ele também indica a companhia de pessoas que possuem como rotineira a prática de ler, incentivando assim, a quem esteja próximo iniciar uma leitura e habituar-se a ela continuamente. Visto que, “[...] inevitavelmente, o hábito



pessoal e o meio social estão entre as condições que determinam se a compulsão psicológica para ler vai se transformar em ação ou se vai permanecer apenas em potencial” (BUTLER, 1971, p. 43).

Ele conclui o capítulo expondo três tipos de motivações à leitura: “o desejo de informação, apreciação estética e prazer puro e simples” (BUTLER, 1971, p. 44).

O último capítulo, denominado “O problema histórico”, traça todas as influências históricas que hoje determinam o que é a Biblioteconomia. O livro - que possui todo um contexto de criação, produtos utilizados na sua confecção e as diversas formas que possuíram os símbolos gráficos utilizados pelos escritores, com o surgimento da imprensa e o impacto na disseminação de informação contida nos livros até a formação das bibliotecas institucionais -, foi traçado como parte fundamental da Ciência da Biblioteconomia, afirmando que “cada época formou suas coleções de registros gráficos para atender aos seus hábitos intelectuais” (BUTLER, 1971, p. 60).

O autor ressalta que o modelo de biblioteca era alterado de acordo com a evolução e mudanças na sociedade a qual pertencia. Dessa forma, realça que não há como estudar a Biblioteconomia atual sem adentrar no seu contexto histórico.

Ele observa que o comportamento profissional do bibliotecário sofre influência de correntes históricas, como o pensamento clássico que se preocupa em disseminar os livros de qualidade superior aos usuários. Ou ainda na qualidade mais próxima possível que esses usuários possam compreender, bem como, o pensamento evolucionista, no qual o valor atribuído aos livros está de acordo com sua relevância no progresso da história.

Aborda, ainda, o pensamento bibliotecário que observa a literatura como algo incidental e contínuo da civilização, que prioriza os livros que possuem afinidades com o perfil do leitor. Além disso, destaca que todos esses perfis de entendimento determinaram como o bibliotecário formará o acervo, que é destinado à formação de conhecimento dos usuários.

Sua tarefa principal é colecionar para a comunidade os registros gráficos de maior importância para seu bem-estar social e explorá-los ao máximo em benefício da própria organização e administração do seu cargo para este propósito. Para fazer isso inteligentemente precisa utilizar constantemente o seu conhecimento da história da ciência, particularmente em seu mais recente desenvolvimento (BUTLER, 1971, p. 68).

Pierce Butler foi de fundamental importância para o desenvolvimento da Biblioteconomia, sobretudo, para os bibliotecários. Dessa maneira, discute-se, na seção seguinte, as suas principais contribuições para essa área.

## 4 PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DA BIBLIOTECONOMIA

Lee Pierce Butler entende a Biblioteconomia como uma organização, que trabalha as áreas do conhecimento de maneira objetiva e prática por meio do estudo científico. E, que engloba o armazenamento de conhecimentos proporcionando à Biblioteconomia se desenvolver em setores da ciência e não somente como uma técnica individual por meio da observação, experiência e avaliação.

De acordo com Butler (1971, p. 11):

Os livros são um dos mecanismos sociais para a preservação da memória racial e a biblioteca é um aparelho social para transferir isso ao consciente dos indivíduos. Qualquer interpretação da sociedade tem de incluir uma explicação deste elemento social e de sua função na vida comunitária.

Movido pela ideia de tornar a Biblioteconomia capaz de ser uma área atuante cientificamente, e que o bibliotecário fosse um elo capaz de pensar e não se limitar somente ao ato do fazer prático da profissão, Butler, com sua obra *An Introduction to Library Science*, publicada em 1933, trouxe a proposta de que os serviços que a biblioteca disponibiliza devem se firmar sob a égide social. Ele também compreendia que a ciência na Biblioteconomia deve ser trabalhada conforme os padrões vigentes, para se tornar uma área cientificamente atuante.

O livro *An Introduction to Library Science* é considerado como uma obra marcante, de um dos principais representantes da Escola de Biblioteconomia de Chicago no século XX. Ele trata das funções da biblioteca na sociedade e do papel do bibliotecário. Além disso, apresenta as qualidades e conhecimentos que esse profissional deve contemplar com bases filosóficas, históricas, sociológicas e psicológicas respaldadas pela ideia de que os elementos básicos da Biblioteconomia consistem na acumulação de conhecimento pela sociedade e a sua transmissão contínua às gerações, enquanto esses processos são atualizados através de registros gráficos.

Nas palavras de Butler (1971, p. 23), “[...] com o desenvolvimento da ciência da Biblioteconomia teremos um dia conhecimentos definitivos sobre questões para as quais atualmente temos de usar a opinião subjetiva”.

Butler (1971 *apud* SANTOS; RODRIGUES, 2013) propõe uma construção teórica da Biblioteconomia a partir de problemáticas sociológicas, psicológicas e históricas derivada de uma ciência biblioteconômica. Para ele, a Biblioteconomia tornar-se-á científica quando se adaptar ao que lhe é essencial aos métodos habituais de pensamento da mente moderna.

Ele critica a postura de alguns profissionais que parecem se desinteressar pelos aspectos teóricos da profissão, diferentemente de outros colegas de campos de

atividades diferentes. Talvez essa postura tenha contribuído para que a Biblioteconomia se depare com certa resistência, ao que se refere ao ser caráter científico.

Ainda nesse contexto, Butler (1971 *apud* SANTOS; RODRIGUES, 2013) defende a ênfase no exercício interdisciplinar. Esse exercício demandaria uma adaptação essencial aos métodos habituais do pensamento moderno. Ou seja, o intercâmbio mútuo e contínuo de ideias com outros campos do saber, o uso de resultados de outras ciências e as descobertas da Biblioteconomia sendo fornecidas às demais. “O campo do novo empreendimento será sempre considerado essencialmente como apenas um aspecto do complexo maior que é a atividade humana” (BUTLER, 1971, p. 19).

Ortega y Gasset, em seu discurso *Misión Del Bibliotecário*, em 1935, apresentava que os atributos negativos mais relevantes a serem destacados eram:

1° Já há livros demais; 2° Além de já haver livros demais, eles continuam a ser produzidos torrencialmente; 3° Diante disso, o bibliotecário do futuro terá que orientar o leitor não especializado na selva indomável de livros e ser o médico e o sanitarista de suas leituras. Assim, a missão do bibliotecário haverá de ser não a simples administração do livro, mas o ajuste, a eficácia da função vital que é o próprio livro (SOUZA, 2006, p. 27).

Pouco antes da Conferência de Ortega y Gasset na Espanha, Butler (1971), em 1933, já despertava para a necessidade de o bibliotecário estar intelectualmente disposto para exercer a missão que está refletida na fala do filósofo ibérico. Para Butler, era mister ao bibliotecário deter conhecimento mais amplo, que envolveria bases filosóficas e sociológicas, históricas e psicológicas (SOUZA, 2006).

Butler defendia a teoria de que as explicações, acerca dos paradigmas associados às atividades do campo, precisariam a ser estudadas. O seu referencial de pesquisa, segundo a visão da época, era predominantemente das ciências naturais e afirmava e enfatizava exaustivamente uma racionalidade quantitativa da pesquisa científica (SOUZA, 2003).

Dando continuidade às contribuições de Butler, convém ressaltar também o surgimento das primeiras escolas de Biblioteconomia no mundo. Dentre elas, podemos citar a criação da *École Nationale de Chartres*, na França, no ano de 1821; a fundação nos Estados Unidos da América da *School of Library Sciences*, no ano de 1887 e; a escola de Biblioteconomia de Barcelona, fundada em 1915, dentre outras instituições voltadas à formação de bibliotecários.

Além das escolas citadas anteriormente, vale destacar a Escola de Chicago, fundada em 1928, que, apesar de ter nascido no departamento de Sociologia da mesma universidade, teve uma forte presença na Biblioteconomia norte-americana. Na perspectiva biblioteconômica, a Escola de Chicago trouxe uma abordagem sociológica e epistemológica para a área. Esse movimento modificou a realidade da Biblioteconomia

contemporânea, entre suas principais obras, destaca-se o livro *Investigating Library Problems*, publicado por Douglas Waples em 1939, caracterizado por ser o primeiro manual de metodologia para pesquisa em Biblioteconomia.

A Escola de Chicago contribuiu nas discussões de novas ideias para o campo quanto à cientificidade da área, deixando como legado alguns pensadores (Lee Pierce Butler, Lester Eugene Asheim, Jesse Hauk Shera) que contribuíram na difusão dos pensamentos da escola no tocante ao surgimento de novas filosofias e fundamentos. Na visão de Ortega (2004, p. 6), a obra de Pierce Butler, *An Introduction to Library Science* “é considerada uma emblemática da assim conhecida Escola de Chicago e suas influências”.

A partir desse momento, iniciaram-se discussões evocando o potencial da Biblioteconomia como um campo de pesquisa científica, destacando a existência da relação mútua dos livros com o usuário. Butler começa a defender as novas técnicas da ciência social quantitativa para questões de Biblioteconomia, esse novo conceito foi concebido pela publicação do livro *An Introduction to Library Science*.

Em seus 69 anos de vida, Butler estudou, trabalhou e disseminou a ciência na Biblioteconomia de forma que os bibliotecários e as bibliotecas fossem ativos perante a sociedade. Assim, abrangendo e acolhendo suas necessidades informacionais que, por meio das trocas de experiências, tornar-se-iam capazes de gerar novos conhecimentos. Para entender a sua trajetória de vida, segue quadro 2 (Trajetória de Butler em seus 69 anos) de forma explicativa:

**Quadro 1 - Trajetória de Butler em seus 69 anos**

Acontecimentos	Períodos
Nascimento de Lee Pierce Butler	1884
Mestrado em latim na Dickinson College	1910
Título de PHD - Cristologia de Irineu	1912
Trabalhou na Biblioteca Newberry - Chicago	1916-1919
Administrou a Fundação John M. Wing sobre a História da impressão	1920-1931
Começou a Lecionar na Universidade de Chicago	1931
Lançamento do Livro: <i>An Introduction to Library Science</i>	1933
Falecimento	1953

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na época em que Pierce Butler escreveu a sua obra, a Biblioteconomia sofria grande influência da *Graduate Library School*, da *University of Chicago*, considerada o centro intelectual da área de Biblioteconomia nos Estados Unidos, entre as décadas de 1930 e 1960. Nessa perspectiva, o movimento da Escola de Chicago teve como principal foco a função social da biblioteca e do bibliotecário (ORTEGA, 2004).

Considerando o exposto, observa-se que a literatura científica mantinha um

posicionamento mais social, encarando as Bibliotecas públicas como instrumentos de inclusão social. Nessa concepção, os estudos não priorizavam aspectos voltados para a administração de bibliotecas, a inclusão e desenvolvimento de tecnologias, sendo a Universidade de Chicago muito criticada por esse posicionamento.

Influenciado por essa linha de pensamento, Pierce Butler construiu suas reflexões teóricas, dando ênfase a aspectos sociais e de desenvolvimento científico da área biblioteconômica, não incluindo em seu trabalho ideias técnicas e de cunho tecnológico.

Para Dias (2000), o movimento da Escola de Chicago traz consigo o princípio de que a pesquisa era essencial para o ensino em nível de pós-graduação. Vale destacar, que nos Estados Unidos a tradição sempre foi a de formação do profissional bibliotecário em nível de pós-graduação. Isto é, para o exercício da profissão é preciso a graduação em qualquer outra área do conhecimento.

No entanto, observa-se que o movimento não ignorou as revoluções e contribuições das tecnologias de informação e comunicação. Porém, era discutido em um plano inferior em comparação à preocupação central da escola. Butler observou que a área se distanciava cada dia mais da teorização das práticas bibliotecárias do dia a dia e, dessa forma, a disciplina jamais seria considerada e tratada como uma ciência.

Com isso, o estudo de Butler torna-se relevante ao analisar e preocupar-se com um tema bastante esquecido pelos profissionais e pesquisadores da área, que estavam voltados em sua grande maioria para os trabalhos técnicos ou os avanços tecnológicos. Nesse sentido, alguém teria de mobilizar a classe e ressaltar o papel da Biblioteconomia como ciência para o desenvolvimento e valorização dessa área do conhecimento.

Diante disso, o autor propôs as suas reflexões sobre todas as práticas que envolviam as técnicas bibliotecárias e os fatores que influenciam o seu desenvolvimento junto à sociedade. E, assim, ressaltando que alguns não dependem exclusivamente do trabalho e dos esforços bibliotecários, mas da sociedade como um todo para elevar a biblioteca como instituição social ativa junto à comunidade.

Apesar de atualmente alguns aspectos defendidos por Butler não se enquadrarem mais no atual cenário do campo da Biblioteconomia, a ideia central se encontra vigente e serve como ponto de partida para continuar os estudos nessa temática.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Espera-se que este trabalho possa contribuir para evidenciar o pensamento do escritor Pierce Butler, na sua obra “Ciência da Biblioteconomia”. E, com isso, ressaltar o caráter de suas reflexões, ainda atuais, trazidas no livro e provocar debates e pesquisas

em torno de um tema tão relevante para o desenvolvimento de aparatos teóricos que formulem a tão idealizada Ciência da Biblioteconomia.

Ademais, apresenta-se uma leitura instigante e convidativa a fim de apreciar com maior profundidade a obra que deu origem a este trabalho, lembrando que se trata de um livro enriquecedor intelectualmente. Pois, transita de forma elegante por diversos temas que correspondem ao ofício do bibliotecário e que também se aplicam a vários campos do saber trazendo. De fato, o ingrediente principal para compor a Ciência da Biblioteconomia é a interdisciplinaridade.

Nessa constituição biográfica, tentou-se buscar ao máximo nos levantamentos bibliográficos informações pertinentes ao autor. Contudo, foi verificado que não há muitas informações a respeito de Lee Pierce Butler, de modo que foi apresentada brevemente a sua biografia, bem como algumas reflexões acerca de suas contribuições para a Biblioteconomia e conseqüentemente para a Ciência da Informação. Com isso, ao passo inicial, espera-se que este trabalho estimule a produção de mais pesquisas sobre as ideias do autor para a Biblioteconomia.

Butler teve uma relevante colaboração para a área, haja vista que as suas teorias funcionalistas contribuíram para a fundamentação histórica e epistemológica da Biblioteconomia, assim como no desenvolvimento das teorias sobre as principais funções das bibliotecas e dos bibliotecários.

Desse modo, a partir das concepções apresentadas pela literatura da área sobre o autor, percebe-se a importância de estudos mais enraizados das teorias. Tendo em vista que esses estudos poderão refletir em novos discursos e métodos, ou até mesmo novas teorias para o enriquecimento da área.

Embora o caráter científico na Biblioteconomia tenha sido trabalhado por autores anteriores a Butler, como o alemão Schrettinger, em 1808, no qual relatava a importância do uso de metodologias advindas de outras áreas do conhecimento a fim de ampliar e difundir os métodos que se trabalhavam na Biblioteconomia, Butler destacou-se por incorporar a técnica em prol dos avanços científicos da área.

Baseado nas afirmações de Butler, em seu livro e trazendo este estudo para o momento atual da Biblioteconomia, é possível afirmar que o caráter científico da área tem muito a se desenvolver. Visto que, em meados do terceiro milênio, o fazer prático e técnico deve permanecer como prioridade para a obtenção de estudos que tornem a Biblioteconomia uma ciência relevante para a sociedade da informação.

Neste sentido, a Biblioteconomia tem buscado construir um arcabouço teórico em áreas como a Ciência da Informação, tendo em vista a complexidade dos fenômenos estudados na área, bem como a contribuição de outros olhares e percepções para a elucidação de problemas e compreensão de paradigmas vigentes. Essa relação, embora



muitas vezes conflituosa, contribui para a consolidação e posicionamento da Biblioteconomia enquanto importante campo científico no ambiente acadêmico e profissional.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.

DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/556/338>. Acesso em: 06 jul. 2019.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, Brasília, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7649>. Acesso em: 06 jul. 2019.

RICHARDSON JR, John V. **The gospel of scholarship**: Pierce Butler and a critique of american librarianship. Metuchen, NJ: Scarecrow Press, 1992.

SANTOS, Ana Paula Lima dos; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 116-131, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOUZA, Francisco das Chagas. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/439>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SOUZA, Francisco das Chagas. As possibilidades pedagógicas no ensino de metodologia da pesquisa científica em ciência da informação e os objetos deste campo científico: aproximações Durkheimianas. **EncontrosBibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 8, n. 16, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/15182924.2003v8n16p20/5246>. Acesso em: 07 jul. 2018.

WIKIPÉDIA. **A biblioteca trimestral**. 2006. Disponível em: [https://translate.google.com.br/translate?hl=ptR&sl=en&u=https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Library\\_Quarterly&prev=search](https://translate.google.com.br/translate?hl=ptR&sl=en&u=https://en.wikipedia.org/wiki/The_Library_Quarterly&prev=search). Acesso em: 06 jun. 2018.

WIKIPÉDIA. **Pierce Butler**. [200?]. Disponível em: <https://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&u=https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/richardson/documents/butler.htm&prev=search>. Acesso em: 10 jun. 2018.

# Capítulo 9

## Bliss e a Organização do Conhecimento

*Jorge dos Santos Nogueira*

*José Katulo Amadeu Ferreira*

### 1 INTRODUÇÃO

Os sistemas de classificação bibliográfica são essenciais na organização do conhecimento nas bibliotecas e sistemas de informação, pois viabilizam a disposição física de documentos e sua recuperação. A organização do conhecimento possui vital importância para a Biblioteconomia e, com o tempo, tornou-se também uma área de estudo relevante para a Ciência da Informação, sobretudo em estudos sobre a informação e o conhecimento em ambientes organizacionais.

Desde a Antiguidade, o homem sentiu a necessidade de organizar as informações para produzir conhecimento. Com isso, surgiram as classificações filosóficas que serviram de apoio para a criação das bibliográficas. Assim, ao longo do tempo, diversos teóricos estudaram a classificação, buscando representações dos assuntos que possibilitassem a recuperação da informação, tanto por profissionais quanto pelos usuários de bibliotecas e outros sistemas de informação.

Brown, Bliss, Ranganathan e Dewey são alguns nomes de destaque. Estes autores foram fundamentais para a criação das classificações utilizadas hoje, como a Classificação Decimal Universal (CDU), a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação da *Library of Congress*.

Este trabalho discorre sobre Henry Evelyn Bliss, por ser este autor um dos que mais contribuíram para a classificação bibliográfica e para a organização do conhecimento. Além de ter possibilitado a evolução dos estudos sobre organização e recuperação da informação. Bliss elaborou um sistema de classificação bibliográfica baseado em teorias próprias sobre organização do conhecimento. Neste artigo, serão apresentadas informações sobre a vida, obra e contribuições do autor.

### 2 VIDA

Henry Evelyn Bliss nasceu em 29 de janeiro de 1870, na cidade de Nova York, Estados Unidos. Seus pais eram Henry Hale Bliss e Evelyn Matilda Libingston, ambos descendentes de ingleses. Bliss tinha ainda uma irmã, chamada Florence.

Até os onze anos de idade foi educado em casa por sua mãe, que o ensinou a ler, a escrever e a cantar. Em 1885, ingressou no *College of the City of New York*. Entretanto, três anos depois, desapontado com o formato do curso, denominado de “Curso Clássico”, saiu sem se formar. Pois, tratava de assuntos mais amplos incluindo matemática, ciência, lógica, filosofia e linguagem moderna (CAMILLO *et al.*, 2016). Na Figura 1 vê-se um registro fotográfico de Bliss.

**Figura 1** - Henry E. Bliss



Fonte: Wikipédia ([20--]).

Aos 21 anos (em 1891), foi convidado para trabalhar como bibliotecário substituto na mesma faculdade onde estudou. Consta que ali dava conselhos aos estudantes sobre leitura. E, durante esse período, participou de um importante debate sobre como organizar o conhecimento em bibliotecas, junto a renomados teóricos da Biblioteconomia como Charles Ammi Cutter.

Em 1º de junho de 1901, Bliss casou-se com Ellen de Coster, uma professora de Nova York. Sobre o casamento existem poucos registros, e todos eles apontam para uma união feliz e tranquila.

Em 1903, ano em que teve seu único treinamento formal como Bibliotecário em um curso de verão, chegou a discutir o tema de classificação com Cutter. Bliss parece ter se tornado um bibliotecário de fato ainda bem cedo, mas em uma pequena biblioteca com apenas um assistente (CAMPBELL, 1976).

Logo, se deu conta de que a classificação utilizada pela biblioteca do *College of the City of New York* era inadequada. Ele queria melhorar o sistema de classificação expansiva de Cutter, mas desistiu, por perceber que nos Estados Unidos predominava o uso da CDD. Contudo, não estava satisfeito com esse sistema, que para ele era insuficiente para um sistema de classificação geral aplicável em bibliografias e catálogos (CAMPBELL, 1976).

O trabalho de Bliss na biblioteca do *College of the City of New York* foi conturbado, mantendo difíceis relações com seus superiores na instituição. E, os seus esforços para trazer melhorias à biblioteca tiveram poucos resultados.

Os registros sobre a sua vida consideram que ele praticamente se dedicou ao trabalho, em razão dos problemas pessoais. O que configura como uma fuga à morte de sua mãe devido a um envenenamento. A irmã de Bliss acabou levando a culpa pelo ocorrido (CAMPBELL, 1976).

Bliss permaneceu como bibliotecário do colégio até se aposentar, em 1940, mesmo sem nunca ter obtido diploma de nível superior. Ainda assim, seus trabalhos tiveram grande relevância na história da Biblioteconomia. Após aposentar-se:

Os últimos anos de Bliss foram muito felizes. Em seus últimos dias, ele foi honrado por ter sido convidado para a Biblioteca do Congresso e também para a Escola de Biblioteconomia da Universidade Rutgers, que lhe pediu para dar um seminário sobre classificação no próximo ano letivo; sua morte o impediu. Depois de uma pequena indisposição um dia ou dois antes, ele dormiu em 09 de agosto de 1955 e nunca acordou. Foi sua boa sorte morrer em seu sono e sem nenhuma dor. Deixou dois filhos, John Hale Bliss e Conrad de Koster Bliss, e uma filha divorciada, Mrs. Margaret Bliss Treat. Nenhum de seus filhos seguiu na Biblioteconomia (CAMPBELL, 1976, p. 4, tradução nossa).

Em seus últimos anos de vida, viveu nos estados da Califórnia e Flórida, até a sua morte em Plainfield, Nova Jérsei, em 1955.

### 3 OBRA

Henry E. Bliss desenvolveu trabalhos relacionados à Classificação Bibliográfica e à Organização do Conhecimento, destacando-se como um dos mais relevantes estudiosos no campo da Biblioteconomia no século XX. Os seus estudos trouxeram importantes contribuições também para a Ciência da Informação (CI).

Os seus trabalhos tiveram maior influência em dois momentos históricos: em fins do século XIX, época do separatismo político entre as áreas de Documentação e Biblioteconomia, quando esta se estabeleceu como campo científico; e meados do século XX, período que antecedeu o surgimento da CI. Segundo Silva (2016), a CI surgiu na Inglaterra em 1948 e oficializou-se nos Estados Unidos, na década de 1960.

Os trabalhos de Bliss, Dewey e Cutter foram primordiais para a classificação e organização do conhecimento e ajudaram a compreender a relação entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Segundo Silva (2016, p. 17), isso se dá

[...], em caráter institucionalizado e especializado nos séculos XIX e XX, com o lato desenvolvimento técnico-científico (a comumente chamada

'revolução científica'), o desenvolvimento de diversos sistemas de organização e classificação para bibliotecas como Dewey, Cutter e Bliss, entre outros, e com a chamada explosão informacional (já no século XX, já como consequência da revolução científica e do desenvolvimento tecnológico) e a criação de cursos de ensino superior em Biblioteconomia, notabilizando os Estados Unidos como pioneiro no campo científico-institucional da Biblioteconomia (SILVA, 2016, p. 17).

A Biblioteconomia estava passando por transformações e consolidava-se enquanto um campo do conhecimento, no mesmo período em que Dewey apresentou ao mundo o seu trabalho sobre sistema de classificação, a CDD, no final do século XIX. Bliss foi um crítico desse trabalho, pois almejava um sistema de classificação geral melhor. Mais tarde, veio a escrever trabalhos sobre a CDD. Camillo *et al.* (2016) afirmam que Bliss buscou inspiração em filósofos como Augusto Comte e Spencer, além da experiência como bibliotecário, para elaborar sua teoria.

Em 1902, desenvolveu um sistema de classificação, utilizando-o na biblioteca onde trabalhava, que ficou conhecido pela sigla BC1. Tal sistema só foi divulgado em 1910, quando da publicação parcial no *Library Journal*. Camillo *et al.* (2016, p. 4) afirmam ainda que “[...] anteriormente, outros sistemas de classificação bibliográfica já haviam sido criados, como a Classificação Decimal de Dewey [...], porém a BC1 foi a primeira a ter uma teoria por trás de seus esquemas [...]”.

Dessa forma, a BC1 contribuiu significativamente para o desenvolvimento da classificação bibliográfica.

Bliss escreveu duas obras sobre organização do conhecimento, intituladas *The organization of knowledge in the system of the science* (1929) e *The organization of knowledge in libraries* (1934). Essas obras contribuíram para que muitos o considerassem como um dos mais influentes autores anglo-saxões no contexto da Biblioteconomia.

No ano de 1935 Bliss publicou um livro intitulado *A system of bibliographic classification*, que apresentava um resumo de seu sistema. A obra apresentava um novo sistema de classificação bibliográfica, que ficou mais conhecido como Classificação Bibliográfica de Bliss, Classificação de Bliss ou simplesmente pela sigla BC1.

Em 1940, ele publicou o primeiro de quatro volumes de sua Classificação Bibliográfica, já o segundo no ano de 1947 e os dois últimos no ano de 1953. A sua obra está dividida em quatro grandes grupos: Filosofia, Ciência, História, Tecnologia e Arte (CAMILLO *et al.*, 2008).

As obras de Bliss são consideradas basilares nos estudos de organização do conhecimento e contribuíram para a elaboração de bases científicas, filosóficas e lógicas para o estudo da classificação bibliográfica e para as posteriores classificações. Ele publicou, além das referidas obras, artigos no *Library Journal* e em alguns periódicos americanos, além de um livro de poesias intitulado *Better Late than Never*.

Para Bliss, a base dos sistemas de classificação bibliográfica era o conhecimento organizado que, por sua vez, tornava-se a organização para o pensamento. Ele também considerou que o conhecimento humano deve ser representado com organização durante a atividade de classificar.

Ressalta-se também que a Organização do Conhecimento (OC) possui estreita relação com a Organização da Informação (OI). Segundo Valentim (2008, p. 5), “a informação é insumo para a geração de conhecimento, e o conhecimento só é, de fato, um conhecimento quando explicitado de alguma forma”.

No Quadro 1 visualiza-se um esquema com os principais temas abordados na obra de Bliss.

**Quadro 1 - Os livros de Bliss**

<b>Os livros de Henry Evelyn Bliss</b>	
<b>Sobre a Organização do Conhecimento - Livro 1 (1929)</b>	
Partes	Assunto
Primeira	Conhecimento e organização da ciência
Segunda	Classificação, relacionamentos e síntese
Terceira	Divisão das ciências
Quarta	Evolução das Classes Filosóficas
<b>Sobre a Organização do Conhecimento - Livro 2 (1933)</b>	
Primeira	O problema, princípios, estrutura e sistema
Segunda	Classificação e catalogação por assunto e bibliografia
Terceira	Críticas às históricas classificações de bibliotecas
<b>Classificação Bibliográfica (1940-1953)</b>	
Volume 1	Filosofia, Lógica, Matemática e Ciências Naturais
Volume 2	Ciências Humanas
Volume 3	História dos povos, ética, religião entre outros
Volume 4	Índice geral

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Ainda sobre a publicação dos quatro volumes da Classificação Bibliográfica, Campbell (1976) os descreve da seguinte forma, considerando-se os conteúdos e classes por ordem alfabética: **Volume 1**: trata-se da introdução, tabelas e horários sistemáticos de classe A-G (Filosofia, Lógica, Matemática e Ciências Naturais). Devido ao falecimento de sua esposa em 1943, Bliss precisou de tempo para recuperar-se do choque e publicar o **Volume 2**: que trata das Ciências Humanas e classe de H-K, que embora incompleto passou a despertar o interesse de bibliotecas britânicas e de universidades da Austrália e Nova Zelândia. Já o **Volume 3**: forma as classes L-Z e remete aos estudos humanos especiais, sobre a história dos povos, ética, religião entre outros. Por fim, o **Volume 4** apresenta o índice geral.



## 4 CONTRIBUIÇÕES E CRÍTICA

Bliss é considerado um dos mais influentes teóricos em Organização do Conhecimento, sendo conhecido pela criação de um sistema de classificação bibliográfica que leva seu nome. O autor

[...] foi o único classificacionista que enunciou uma teoria para o esquema de classificação criado mais tarde por ele. É claro que ele traçou o esboço em 1910, o que o levou a um estudo de 25 anos e ao exame de vários esquemas com suas avaliações críticas, como observou em seus dois trabalhos e também em inúmeros princípios que defendeu antes de ter concebido e publicado seu esquema de classificação em 1935. Não existe outro exemplo em toda a história da Classificação para bibliotecas onde um pesquisador tenha levado 25 anos para o estudo da classificação, apresentado sua teoria e defendido seus próprios princípios para então conceber o esquema como uma aproximação à teoria por ele anunciada. Bliss foi o primeiro classificacionista capaz de dizer que um esquema de classificação representava a 'organização do conhecimento' e, por isso, ter o respeito dos cientistas e especialistas no ramo (KAULA, 2007, documento em linha).

Além disso, Bliss detém até hoje grande reconhecimento pela criação do sistema, pois, diferentemente de outros classificacionistas, elaborou uma teoria que embasou o seu sistema de Classificação Bibliográfica. Ele trabalhou durante 25 anos na organização de seu esquema, baseando-se em princípios por ele enunciados em seus trabalhos.

A Classificação de Bliss divide o conhecimento em quatro grandes classes: Filosofia, Ciência, História, Tecnologia e Artes, que buscam abarcar a totalidade do conhecimento. O sistema possui notação mista, constituída de letras maiúsculas e minúsculas, além de sinais gráficos, tendo como base a notação 35, que considera as 26 letras do alfabeto inglês e algarismos de base notacional.

A sua estrutura baseia-se na ordenação de diferentes disciplinas, do geral para o particular. O que permite uma grande flexibilidade e adaptação, com inclusão de novos tópicos que naturalmente surgem a partir do desenvolvimento científico e tecnológico.

Para San Segundo Manuel (1996, p. 96, tradução nossa):

Bliss estabelece a totalidade do conhecimento e divide cada disciplina de acordo com quatro pontos de vista: o filosófico, o teórico, o histórico e o prático. Tenta conciliar o ponto de vista científico e o ponto de vista prático ou bibliotecário, para tanto procura não distinguir entre a classificação do conhecimento e a classificação documental. Dessa maneira, afirma que, se uma classificação bibliográfica refletir "a ordem natural da realidade objetiva, mudanças drásticas para acomodar o progresso do conhecimento não serão muito necessárias.

As classes principais do seu sistema são representadas por letras maiúsculas, em um intervalo de A a Z, sendo cada subdivisão composta de duas ou mais letras

maiúsculas. Existem também divisões numéricas, que se situam antes das classes principais, chamadas de “anterior numeral classe”, e que em outros sistemas poderiam ser consideradas como classes de Obras gerais ou Generalidades (BARBOSA, 1969; PIEDADE, 1983).

O Quadro 2 apresenta uma ilustração das classes principais da Classificação de Bliss.

**Quadro 2** - Classes principais da *Bibliographic Classification*

1	Introdução e tabelas auxiliares
2/9	Generalidades, Fenômeno, Conhecimento, Ciência da Informação e Tecnologia
A/AL	Filosofia e Lógica
AM/AX	Matemática, Probabilidade, Estatística
AY/B	Ciências Gerais, Física
C	Química
D/DF	Astronomia
DG/DY	Ciências da Terra
E/GQ	Ciências Biológicas
GR/GZ	Ciências Biológicas aplicadas: Agricultura e Ecologia
H	Antropologia Física, Biologia Humana, Ciências da Saúde
I	Psicologia e Psiquiatria
J	Educação
K	Sociedade (inclui Ciências Sociais, Sociologia e Antropologia)
L/O	História (inclui estudos da área, Viagens e Topografia, e Biografia)
LA	Arqueologia
P	Religião, Ocultismo, Moral e Ética
Q	Bem-estar Social e Criminologia
R	Política e Administração Pública
S	Direito
T	Economia e Gestão de Empreendimentos Econômicos
U/V	Tecnologia e Artes Utilitárias (incluindo Doméstica e Gestão de Serviços)
W	Artes
WW/WX	Música
X/Y	Língua e Literatura
ZA/ZW	Museologia

Fonte: Bliss Classification Association (2018).

A obra é composta de 4 volumes, com mais de 45.000 entradas, com introduções para cada grande área, além de conter índices e tabelas. De caráter pedagógico e grande adaptabilidade, a classificação era considerada ideal para o âmbito acadêmico como, por exemplo, as bibliotecas universitárias.

Contudo, apesar de possibilitar uma maior liberdade na classificação, o sistema não trazia explicações nem exemplos de aplicação, além de possuir tabelas auxiliares

em excesso, o que tornava seu uso e aprendizagem complicados. Talvez devido a isto, sua utilização caiu em desuso. Porém, ainda hoje essa classificação é utilizada em muitas bibliotecas do Reino Unido.

Após sua morte, fundou-se em 1967, no Reino Unido, a *Bliss Classification Association*, que aproveitou a base da Classificação de Bliss para criar um sistema, conhecido como Classificação Bibliográfica de Bliss 2ª Edição (BC2). O projeto foi iniciado por Jack Mills e os primeiros volumes da classificação foram publicados em 1977 (CAMPBELL, 1976).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Classificação de Bliss foi considerada uma das mais completas no que diz respeito ao desenvolvimento de classes entre as classificações bibliográficas, pois permitia o desenvolvimento de classificações alternativas, que se adaptavam à realidade de cada biblioteca.

Diversos autores consideram que Bliss contribuiu para a criação de classificações bibliográficas com uma fundamentação filosófica e acadêmica de valor educacional. Para Anjos (2008, p. 144), Bliss foi “o primeiro bibliotecário a observar a diversidade dos pontos de vista sob os quais se pode considerar certa área de conhecimento na discussão da teoria que fundamenta o seu plano”.

De acordo com Kaula (1982, p. 12), “Bliss foi o primeiro classificacionista capaz de dizer que um esquema de classificação representava a ‘organização do conhecimento’ [...]”. Ainda segundo a autora, Bliss foi o único criador de um sistema de classificação baseado em teorias.

Pelas pesquisas sobre a classificação de Bliss e suas contribuições, percebeu-se que, embora esta classificação não seja mais utilizada, foi de inestimável relevância para a criação e evolução de novas classificações.

Bliss será lembrado não só pela sua classificação, mas pelos seus estudos sobre organização do conhecimento. E mesmo na atualidade, período em que as ciências e tecnologias têm evoluído rapidamente, o seu legado para a organização e recuperação da informação permanece atual e necessário.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Liane. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia**: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. 291 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-10112010-114437/pt-br.php>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.
- BLISS CLASSIFICATION ASSOCIATION. **The Bliss Bibliographic Classification**: schedules. London: Bliss Classification Association, 2016. Disponível em: <https://www.blissclassification.org.uk/bcsched.shtml>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- CAMILLO, Everton da Silva *et al.* Organização do conhecimento: Henry Evelyn Bliss e sua terminologia refletidos na Knowledge Organization Journal. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 4, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/30979>. Acesso em: 5 jun. 2018.
- CAMPBELL, D. J. A short biography of Henry Evelyn Bliss (1870-1955). **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 134-145. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/236891095\\_A\\_SHORT\\_BIOGRAPHY\\_OF\\_HENRY\\_EVELYN\\_BLISS\\_1870-1955](https://www.researchgate.net/publication/236891095_A_SHORT_BIOGRAPHY_OF_HENRY_EVELYN_BLISS_1870-1955). Acesso em: 13 jun. 2016.
- KAULA, P. N. Repensando os conceitos no estudo da classificação. *In*: CONFERÊNCIA SOBRE PESQUISA EM CLASSIFICAÇÃO, 4., Augsburg, 1982. **Anais** [...]. Augsburg: [s. n.], 1982. Disponível em: <https://d.docs.live.net/2cabf8bee14c3239/Bliss%20e%20a%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento.doc>. Acesso em: 14 jun. 2018.
- PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977. p. 60.
- SAN SEGUNDO MANUEL, Rosa. **Sistemas de organización del conocimiento**: la organización del conocimiento en las bibliotecas españolas. Madrid: Universidad Carlos III, 1996.
- SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Tópicos e Biblioteconomia e Ciência da Informação**: epistemologia, política e educação. Rio de Janeiro: Agência Biblioo, 2016.
- VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Gestão da informação e gestão do conhecimento em ambientes organizacionais: conceitos e compreensões. **Revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119521>. Acesso em: 5 jun. 2018.
- WIKIPÉDIA. **A photo of Henry Hale Bliss in 1873 in Paris**. ([20--]). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henry\\_hale\\_bliss\\_1873.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henry_hale_bliss_1873.jpg). Acesso em: 30 jun. 2021.

# Capítulo 10

## Vida e obra de Rubens Borba Alves de Moraes

*Maria Vanessa do Nascimento*

*Cicera Soares da Silva*

*Germano Araújo Sampaio*

### 1 INTRODUÇÃO

Discorrer sobre a vida de alguém não é tarefa fácil, principalmente quando não se conheceu de perto a pessoa e o que se sabe sobre ela é baseado no que foi escrito por terceiros. Mas, esse trabalho torna-se um pouco mais simples quando se tem a oportunidade de acompanhar uma história de vida narrada nas páginas de um livro, tendo sido escrito pelo próprio protagonista da história.

Amante da literatura, Rubens Borba de Moraes uniu a sua paixão pelos livros ao gosto de escrever, passando a relatar os fatos da sua vida em escritos que hoje reúnem boa parte da sua trajetória. Quando se aliam à esses escritos as produções de outros autores como Bandeira (2007), Mindlin (1998), Fonseca (1979), Matos (2011) entre outros - que também viram a importância de ressaltar a história de vida de uma figura que tanto fez pelo ensino, pela cultura e pela área da Biblioteconomia -, torna-se possível abordar em linhas gerais a trajetória pessoal e profissional do autor. Assim, como as suas obras, ensaios, o diálogo de suas ideias com autores contemporâneos e o seu legado cultural.

Em conjunto com esses autores e com o próprio Borba de Moraes será possível caminhar rumo às suas memórias que reúnem fatos de toda a sua trajetória de vida, revelando histórias interessantes não só sobre sua vida como escritor, mas também sobre o caminho percorrido por ele desde a sua infância. O autor, bibliófilo, biógrafo, bibliotecário, ensaísta, historiador, pesquisador e modernista pragmático no estudo e compreensão do Brasil deixa transparecer nos seus escritos a sua simplicidade e até doses de humor.

Nascido na cidade de Araraquara, Rubens Borba Alves de Moraes, descendente dos conhecidos Borba Gato, não teve uma infância muito próxima da família. Ele conviveu com a sua mãe apenas até os quatro anos de idade, quando ela veio a falecer e, desde então, passou a ser criado e educado pela família materna.

No entanto, aos sete anos de idade, a convivência com a sua família materna foi

por hora interrompida passando ele a ter um convívio mais próximo com o seu pai, que o mandou para estudar fora aos nove anos de idade. A convivência com o pai, porém, não foi constante: quando Borba de Moraes completou dez anos de idade, viajou para Genebra sozinho para continuar os seus estudos, perdendo o contato com o seu genitor e não voltando mais a vê-lo pessoalmente.

Rubens Borba Alves de Moraes destacou-se nacional e internacionalmente de forma profícua em várias áreas de conhecimento, sendo inclusive um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna em São Paulo. No âmbito do ensino da Biblioteconomia, o também bibliotecário trouxe contribuições significativas merecendo destaque para a organização do primeiro curso da área na Escola de Sociologia e Política, em São Paulo, aberto inclusive para leigos. Ele desenvolveu um trabalho precursor na gestão de todas as bibliotecas onde trabalhou como a Biblioteca Nacional (BN) e a Biblioteca da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque.

Os seus estudos bibliográficos renderam-nos obras significativas de releitura do nosso passado histórico, a título de exemplo destacam-se a Bibliografia Brasileira e o Manual Bibliográfico de estudos brasileiros, esse último em parceria com William Berrien.

Esse entusiasta de livros e colecionador de obras raras ainda lançou, como homem de seu tempo, o olhar sobre a cultura e a sociedade brasileira. Reunia-se periodicamente na casa de Mário de Andrade com vários artistas modernistas, tendo papel de destaque nos preparativos para a Semana de Arte Moderna em São Paulo. Ao lado desses intelectuais discutiu a criação do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo e tornou-se diretor da Divisão de Bibliotecas desse órgão. Na seara política, participou ativamente da Revolução Constituinte de 1932.

Com base nas memórias do próprio Rubens Borba Alves de Moraes e dos escritos de outros autores sobre a vida desta ilustre figura, este trabalho reúne alguns dos principais fatos que marcaram a sua história e sua trajetória até chegar à área da Biblioteconomia. E, com isso, trazendo à tona algumas curiosidades sobre o autor que apenas o mesmo poderia nos revelar.

## **2 ENTRE O BRASIL E A EUROPA**

Rubens Borba Alves de Moraes, nasceu no dia 23 de janeiro de 1899, na cidade de Araraquara, localizada à 270 km da capital paulista. Ele era descendente de Borba Gato “[...] famoso bandeirante fundador de Sabará” (MORAES, 2011, p. 1), cuja descendência vem de Manuel de Borba Gato “[...] figura primacial dos primeiros tempos de mineração” (ABREU, 1954, p. 154).

Com o passar das gerações, a família de Borba de Moraes se volta mais para o trabalho agrícola do que para a mineração. Com isso, inicialmente, eles trabalharam



com o cultivo da cana e posteriormente com café. Segundo Bandeira (2007, p. 3), “Não tinham dinheiro, riqueza ou luxo, mas viviam do que possuíam, com todo conforto”.

Os primeiros anos de vida de Rubens Borba Alves de Moraes foram passados na fazenda Atalaia, propriedade dos seus avós maternos.

Seu tempo de criança teve todas as nuances de uma vida passada no campo. Montava a cavalo, subia em árvores, tomava leite ao pé da vaca, tinha seu animal de estimação. Levava uma rica vida afetiva, cercado pelo carinho da avó e das tias que lhe dispensavam grande afeto (BANDEIRA, 2007, p. 5).

No entanto, ele conviveu muito pouco com sua família materna, ficou sem a mãe aos quatro anos de idade e somente até os sete viveu na referida fazenda. Em 1908, aos nove anos de idade, foi mandado para estudar na Europa por seu pai, mais especificamente em Paris e em Genebra. Segundo Mindlin (1998, p. 109), “[...] era mais barato estudar na Europa do que em São Paulo”.

A primeira escola onde Rubens estudou no exterior foi um colégio interno de padres jesuítas indicado por seu tio Mario, que residia em Genebra. O colégio era localizado em Friburgo na Suíça, cidade situada à 140 km da cidade de Genebra. De acordo com palavras do próprio autor, o mesmo ao entrar no internato “[...] não sabia uma palavra qualquer de língua estrangeira, nunca tinha convivido com estrangeiros. [...] O regime do colégio era severo como era de todos os internatos daquele tempo, principalmente dos jesuítas” (MORAES, 2011, p. 68).

A adaptação de Borba de Moraes ao internato não foi das melhores, ele sofreu tanto psicológica quanto fisicamente, como relata no seguinte trecho de um dos seus livros:

Levantávamos no verão às cinco e meia da manhã, no inverno às seis. No enorme dormitório soava uma campainha, todos pulavam da cama e iam correndo para os lavatórios. Quem não se levantava logo era arrancado da cama aos empurrões. Um padre gordo e baixo, com a cara vermelha, divertia-se em puxar os cabelos dos dorminhocos. Depois das orações feitas de joelhos, ao pé da cama, descíamos para o ‘estudo’. Ali ficávamos de barriga vazia, preparando as lições, até soar a campainha e sairmos em tropelia para o refeitório (MORAES, 2011, p. 68).

Em alguns meses, a aparência física do menino de Araraquara deixava transparecer o martírio vivido no internato. Após receber uma visita de seu pai, que o percebeu magro e sofrido, foi levado para Paris, e em 1909 foi matriculado como interno no *Collège Stalinislas*, onde teve uma adaptação aparentemente melhor e cursou o último ano do primário.

Anos mais tarde, em Genebra, estudou no *Collège de Genève* de grande fama.

Fora fundado por Calvino, era uma das tradições da cidade. Por ele tinha passado uma infinidade de homens ilustres, genebrinos e estrangeiros.

Ser *professeur du Collège* era um título ambicionado e respeitado. [...] ali ensinavam algumas celebridades locais e outras conhecidas na Europa inteira, como Eugène Pittard, Henri de Ziegler etc. (MORAES, 2011, p. 73).

Ali passou sete anos da sua vida e estudou canto, latim, história, língua, literatura francesa, alemão, inglês, matemática, física, química e história natural. Em Genebra, ele começou a ter um contato mais próximo com as bibliotecas, quando Ziegler, um dos seus professores, forneceu-lhe uma “[...] carta para obter um cartão de frequência na biblioteca da faculdade de letras da universidade” (MORAES, 2011, p. 77), lugar onde passava horas a fio estudando. Nesse sentido, a educação e a cultura em Genebra marcaram fortemente sua formação intelectual.

Borba de Moraes fez graduação na *Faculté des Lettres de Genebra*, em 1919. No mesmo ano, voltou para o Brasil cheio de ideias munido com uma bibliografia de Literatura (romances, contos, poemas e crítica literária), sobretudo de autores franceses que ainda eram pouco conhecidos pelos brasileiros. Já crescido, “[...] o rapaz brasileiro que estudava no estrangeiro, de volta ao seu país, tinha que passar, forçosamente, por uma dolorosa adaptação, um verdadeiro processo de aculturação, que nem sempre conseguia vencer” (MORAES, 2011, p. 114).

### **3 A VOLTA PARA O BRASIL E A RELAÇÃO COM A BIBLIOTECONOMIA - ALGUNS ASPECTOS CRONOLÓGICOS**

Primeiro veio o reencontro com a família materna que passara dez anos sem ver, comunicava-se apenas por cartas que demoravam a chegar por conta do trajeto de navio. Nesse mesmo período, reencontra o amigo de infância Mário de Andrade que lhe apresenta um pouco da literatura brasileira.

Com uma sólida formação acadêmica, Rubens Borba Alves de Moraes procura trazer para as nossas terras um pouco das novas ideias que circulavam no Velho Mundo. Ele trouxe na mente e na bagagem uma leitura que ajudou a disseminar entre os colegas as obras de Lafargue, Villiers de l'Isle Adam, Huysmans, Apollinaire, Claudel, Cocteau, Blaise Cendrars, Max Jacobs, entre outros autores cujos livros não se encontravam facilmente nas livrarias de São Paulo (MATOS, 2011).

Ao adentrar no mercado de trabalho brasileiro “[...] foi funcionário da Secretaria da Fazenda, trabalhando na Receita, mas isso não durou muito e escapou de uma carreira nesse setor” (MINDLIN, 1998, p. 109). O trabalho na Secretaria da Fazenda foi o primeiro de muitos outros que Rubens viria a exercer e se destacar.

Os aprendizados adquiridos nos seus estudos no decorrer da vida e o seu interesse pela literatura transformaram Rubens Borba Alves de Moraes em um homem culto e apaixonado por livros, principalmente livros raros. O que também fez despontar

o seu lado escritor.

Em 1921, a casa do autor de Macunaíma, localizada à rua Lopes Chaves, em São Paulo, constituía o ponto de encontro de Rubens Borba e vários intelectuais como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Menotti del Pichia, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Luís Aranha entre outros. Todas as terças-feiras esse grupo de artistas travava discussões, regadas à leitura de vários textos, sobre o cenário cultural brasileiro e planejava o que viria a ser uma das maiores revoluções culturais do nosso país: a Semana de Arte Moderna, realizada em 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo.

Os grupos mais conservadores e a imprensa deram pouca atenção ao movimento, mas após a Semana de 1922 “[...] ocorreu uma verdadeira revolução nas artes brasileiras, revelando novas linguagens, formas e abordagens, que chocavam pelo realismo e pela ousadia” (OLIVEIRA, 2000, p. 276). Apesar de ter sido um dos organizadores do movimento, Rubens Borba acabou não podendo participar do evento por questões de saúde, como Mindlin (1998, p. 110) expõe no seu depoimento: “[...] tendo sido um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, de 1922, dela não participou, pois adoeceu justamente nesta semana!”.

Com os desdobramentos da Semana de 22, os intelectuais que se reuniam na casa de Mário de Andrade precisaram de um espaço mais amplo. No caso, utilizaram um palacete deteriorado na rua Conselheiro Nébias, onde continuaram suas conversas, leituras de textos e exposições artísticas e ficaram conhecidos como ‘grupo dos hominhos’ como lembra Bandeira (2007, p. 12). Rubens Borba relata as suas impressões:

Esse grupo não era somente ligado pela literatura ou arte moderna. Muitos não escreviam e não tinham interesse pelo modernismo fora das discussões do grupo. O que nos unia era uma sólida amizade, uma comunhão de ideias, uma maneira de encarar a vida [...] (MORAES *apud* BANDEIRA, 2007, p. 13).

Em entrevista a Marco Aurélio Andrade de Filgueiras Gomes, em 1982, o futuro bibliófilo resume aquele período: “Uma efervescência enorme, uma enorme curiosidade. O que nós lemos e o que nós ‘fuxicamos’, durante aqueles anos que vão de 1922 a 1924, foi uma coisa enorme” (MORAES, 1982, não paginado).

Ainda em 1922, Rubens colabora para a criação da revista Klaxon. As suas contribuições, ao advento modernista, destacaram-se na confecção dos nove números da primeira revista modernista do país. A revista citada circulou entre os anos de 1922 e 1923, com a participação de muitos intelectuais da época dentre eles: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Sérgio Buarque de Holanda, Tarsila do Amaral e Graça Aranha (PONTES, 2014).

O autor também se aventurou na escrita em jornais da época como o Correio

Paulistano e Jornal do Comércio, nos quais tecia críticas literárias sobre autores brasileiros contemporâneos, como Menotti Del Picchia e Oswald de Andrade, colaboradores dos respectivos periódicos. Declarando que “[...] são fontes secundárias e precisam ser criticadas” (MATOS, 2011, p. 154).

A Klaxon serviu de incentivo para Rubens Borba arriscar-se na seara editorial: em 1924, em parceria com Tasso da Silveira, funda a casa editora Candeia Azul. A editora lançou apenas três títulos, sendo o último, ‘Domingo dos séculos’, um livro de crônicas de autoria da personalidade aqui tratada. “Suas crônicas, se assim podem ser chamados esses escritos, são diretas, bem humoradas, às vezes ferinas. Pequeno exemplo, dirigido aos críticos furibundos da Semana” (LIVRARIA DA TRAVESSA, 2018, não paginado). Mas o livro teve pouca repercussão e o empreendimento fracassou.

Ainda no ano de 1924, as suas incursões no campo político deram-se de forma mais acentuada, a partir do conturbado contexto vivido na cidade paulista.

Em 1924, num belo dia, fomos surpreendidos, num barzinho de São Paulo, por uma revolução. Era um general, o general Isidoro, fazendo uma revolução para derrubar a oligarquia. Nós caímos em nós. Quando começaram a bombardear São Paulo, e uma bomba caiu a 500 metros da minha casa, resolvemos fugir de São Paulo, porque estavam bombardeando a cidade. Bombardearam o bairro do Mário de Andrade também (MORAES, 1982, não paginado).

Em 1928, ele contribui para a criação de um outro periódico, a Revista de Antropofagia, sendo essa também uma consequência da Semana de Arte Moderna. Ele também participou ativamente do **Grupo Clarté**<sup>9</sup> e escreveu textos para as revistas **Terra Roxa & Outras Terras** e **Anhembi**. A revista de Antropofagia, segundo a Biblioteca Nacional Digital (2018, não paginado),

[...] teve dois momentos distintos ou duas dentições. A primeira, de maio de 1928 a fevereiro de 1929, caracterizou-se por uma acentuada irreverência e por uma consciência ingênua do modernismo semelhante à da revista Klaxon. Neste primeiro período, era uma publicação de oito páginas. Na segunda dentição, limitada a uma página no Diário de São Paulo entre março e agosto de 1929, a antropofagia assume contornos mais definidos. Defende a devoração das técnicas, informações e elementos culturais dos países subdesenvolvidos para reelaborá-los, convertendo-os em produtos de exportação.

Em 1932, Rubens Borba participa como tenente da guerra constitucionalista no Vale do Paraíba e as atrocidades do embate mudam a sua percepção sobre o idealismo político. Em suas memórias, ele relata que:

<sup>9</sup> O grupo e a revista, que tinham à sua frente o escritor Henri Barbusse e que ganhou o nome de um dos seus romances, Clarté, era bastante heterogêneo, reunindo intelectuais que posteriormente aderiram ao comunismo, como Barbusse e Raymond Lefebvre, e outros que se mostraram críticos, como o escritor Anatole France. [...] o grupo se colocava na contracorrente do relativo consenso nacional em apoio à guerra, que unificava não apenas intelectuais de esquerda e direita, mas inclusive parte da militância socialista (SILVA, 2017, p. 56).

Não há heroísmo em matar pobres diabos que estão padecendo o que você padece, suarentos e fedidos como você, enganados como você pelos discursos do que ficaram confortavelmente em casa falando, falando, falando. [...] Dá vontade de ir para bem longe e esquecer tudo, apagar esta passagem suja de nossa vida. Os políticos que fiquem com os proveitos, eles merecem, foram eles que fizeram toda esta bagunça imunda e sangrenta (SALIBA, 2011, não paginado).

Em 1935, inicia-se uma nova etapa na vida de Rubens Borba Alves de Moraes na qual se destaca sua relação com a Biblioteconomia. Nesse ano, ele assume o cargo diretor da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, atual Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade. Na sua gestão a Biblioteca passou por mudanças significativas.

Em 1937, incorporou a Biblioteca Pública do Estado e, a partir de então, importantes aquisições de livros, muitos deles raros e especiais, enriqueceram seu acervo. O crescimento de seu acervo e serviços ocasionou a mudança da biblioteca para o atual edifício, localizado na Rua da Consolação. Inaugurado em 1942, na gestão do Prefeito Prestes Maia [...], o novo edifício, projetado pelo arquiteto francês Jacques Pilon, é considerado um marco da arquitetura Moderna em São Paulo. A Seção de Obras Raras e Especiais foi criada por Rubens Borba de Moraes e aberta ao público em 1945. No entanto, a formação desse acervo data dos anos 20. Dentre as principais aquisições de obras raras e especiais, destaca-se a compra, em 1936, da biblioteca de Félix Pacheco, escritor, senador e Ministro das Relações Exteriores, que reuniu a maior coleção privada de obras raras e de Brasileira do país, em seu tempo (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2018, não paginado).

No período de 1936 a 1942, como diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, colaborou significativamente para a área cultural, reorganizou a estrutura interna da biblioteca e colocou em prática estratégias para estabelecer uma rede de Bibliotecas na cidade de São Paulo, tendo sido um dos participantes ativos na criação do Departamento de Cultura de São Paulo, hoje Secretaria de Cultura.

Atuou como professor e no ano de 1936 fundou a primeira escola profissionalizante de Biblioteconomia do país, dentro da estrutura da Biblioteca Municipal da capital paulista. O curso de Biblioteconomia, fundado por Rubens Borba, tinha como um dos objetivos ser a base para a organização da documentação do acervo do Departamento de Cultura (MORAES, 2018, não paginado). Além de ter sido grande contribuinte para o campo da Biblioteconomia, auxiliando a sua institucionalização no cenário brasileiro de ensino, Rubens Borba também atuou na luta pelo reconhecimento da profissão de bibliotecário(a), sendo um dos fundadores da Associação Paulista de Bibliotecários.

Em 1939, foi agraciado com uma bolsa da Fundação Rockefeller, estudou por seis meses a organização das maiores bibliotecas dos Estados Unidos: a Biblioteca do Congresso e das Universidades de Harvard, Michigan e da Califórnia. Fez estudos e estágios no campo da Biblioteconomia nos Estados Unidos. Cabe ressaltar, que nos EUA não existe graduação em Biblioteconomia e sim um curso técnico que confere o

direito do diplomado de atuar na catalogação. Só em poucos casos esses profissionais atuam em serviço de referência e, assim, só os bibliotecários detentores de mestrado podem exercer cargos de gerência (CALABRESI, 2014).

Em 1944, Rubens Borba vai para o Rio de Janeiro sendo encarregado da reorganização da Biblioteca Nacional. Ele preparou um relatório minucioso onde reportou a difícil situação de conservação do acervo, a precariedade dos serviços, o mau estado de conservação do prédio e o despreparo dos funcionários. Elaborou, nesse sentido, um dos documentos clássicos na área do planejamento bibliotecário brasileiro, tendo sido posteriormente divulgado no v. 2, n. 1 da Revista de Biblioteconomia de Brasília (CUNHA, 2009).

No ano de 1945, torna-se diretor da Biblioteca Nacional, mas a carreira do Mestre Rubens na Biblioteca Nacional seria curta, pois, em dezembro de 1947, “[...] o diretor-geral do ministério mandou chamá-lo e, constrangido, disse-lhe que precisava do cargo para oferecê-lo a uma outra pessoa, indicada ao ministro por um político” (BANDEIRA, 2007, p. 69). Durante a sua gestão na Biblioteca Nacional, Rubens Borba

[...] exerce uma administração de destaque no que diz respeito à organização e à metodologia da instituição. Assume então o cargo de vice-diretor da Biblioteca da Organização das Nações Unidas - ONU, em Nova York, entre 1948 e 1949, quando é nomeado diretor do Centro de Informações da ONU, o que o leva residir em Paris, até o ano de 1954. De volta a Nova York, retorna também à Biblioteca da ONU, agora como diretor, quando por fim se aposenta compulsoriamente, em 1959. Entre 1963 e 1970, trabalha como professor na Universidade de Brasília (MORAES, 2018, não paginado).

O seu esforço e dedicação ao trabalho renderam-lhe bons frutos. Ele foi o primeiro professor a receber o título de emérito da Universidade de Brasília. Segundo Bandeira (2018, não paginado), Rubens Borba

Foi um bibliógrafo de mais alta competência, tendo compilado e analisado criticamente as mais importantes obras já escritas no Brasil; é também considerado um dos maiores conhecedores de obras raras sobre o Brasil, possuindo a maior coleção particular desse tipo de livros. Era simples e magnânimo, e tentava repartir todo aquele conhecimento com quem dele se aproximasse e se interessasse. Declarava, enfaticamente, a necessidade dos bibliotecários não serem apenas técnicos, mas principalmente cultos, pois ‘a profissão exige um certo lastro de conhecimento para todos aqueles que trabalham com a cultura e tentam encaminhar outras pessoas’.

Aos 75 anos, Rubens Borba de Moraes, com invejável disposição de espírito, ainda enfrentou a construção de uma casa em Bragança. Depois de tantas contribuições para o cenário brasileiro, sobretudo nas áreas de ensino de literatura e de cultura, veio a falecer neste mesmo estado no ano de 1986, aos 87 anos (MINDLIN, 1998, p. 110). Com



certeza uma grande perda para o mundo literário e para as áreas supracitadas. Mas, os seus feitos ficaram eternizados nos seus livros, autobiografias e na trajetória que o mesmo percorreu. Quando morreu, ele deixou o seu vasto acervo para a Biblioteca José Mindlin, incluindo a sua coleção de obras raras, obras essas que ele tinha bastante orgulho e cuidado.

#### **4 RUBENS BORBA DE MORAES E O AMOR PELOS LIVROS: DA BIBLIOFILIA AO LEGADO LITERÁRIO**

A bibliofilia pode ser interpretada como uma paixão, um vício, uma mania de se adquirir e colecionar livros. A palavra vem do grego *biblion* (livro) e *filia* (amor).

Para Moraes (1998, p. 18), “[...] a bibliofilia não é somente um passatempo de homens cultos, um *hobby* inocente, um emprego de capital para alguns expertos, um negócio para milhares de pessoas no mundo. É uma obra de benemerência”.

O autor declara que o exercício da bibliofilia obedece a critérios “[...] nunca um bom colecionador deve ir comprando o que lhe agrada no momento” (MORAES, 1998, p. 18). Cavedon *et al.* (2007, p. 347) concorda com Moraes sobre a principal característica do bibliófilo em ser criterioso e seletivo:

O bibliófilo não é um colecionador qualquer, ele tem lógica que norteia sua coleção. [...] Mais que uma simples coleção, o bibliófilo possui um acervo que deve evidenciar um acúmulo de tempo, de energia, de dinheiro, e de conhecimento intelectual, que assume as suas características e reforça sua identidade social distinta.

O amor de Rubens Borba de Moraes pelos livros contribuiu significativamente para a bibliofilia brasileira, tendo ele escrito um manual, intitulado **O Bibliófilo Aprendiz**, contendo as memórias sobre a sua vida com os livros, bem como dicas e incentivos ao colecionismo.

A seguir, expomos os principais legados que este autor deixou-nos, identificando suas produções e evidenciando as particularidades que envolveram a publicação de tais obras.

**Quadro 1 - Obras de Rubens Borba Alves de Moraes**

<b>ANO</b>	<b>OBRA</b>
1924	<b>Domingo dos séculos</b> (Rio de Janeiro: Candeia Azul, 1924; São Paulo: Imprensa Oficial, 2010, edição fac-similar); ensaio;
1943	<b>O problema das bibliotecas brasileiras</b> (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.); conferência
1949	<b>Manual bibliográfico de estudos brasileiros</b> (Rio de Janeiro: Editora Gráfica Souza, 1949; Brasília: Senado Federal, 1998, em 2. v.), em coautoria com William Berrien;
1958	<b>Bibliographia brasiliana</b> (Amsterdam: Colibris, 1958, 2 v. em inglês; Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications, 1983, 2 v. em inglês; São Paulo: Edusp: Fapesp, 2010, em português, ISBN 978-85-314-1232-5); catálogo e compêndio de referência a bibliófilos, bibliotecários e estudiosos de livros raros sobre o Brasil;)
1965	<b>O bibliófilo aprendiz</b> (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965; 2. ed. revista e aumentada pela mesma editora em 1975; 3. ed. pelas editoras Briquet de Lemos e Casa da Palavra em 1998; e 4. ed. pelas mesmas editoras em 2005); espécie de introdução à bibliofilia
1969	<b>Bibliografia brasileira do período colonial</b> (São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969)
1979	<b>Lembranças de Mário de Andrade: 7 cartas.</b> (São Paulo: Digital, 1979)
1979	<b>Livros e bibliotecas no Brasil colonial</b> (Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979; Brasília: Briquet de Lemos, 2006, 2. ed.)

Fonte: Elaborado pelos autores.

De forma sucinta, discorreremos a seguir acerca das contribuições das obras produzidas por Rubens Borba Alves de Moraes.

### **a) Domingo dos séculos**

Ensaio despojado, destacando as impressões do autor sobre o período modernista. Segundo Maria Eugênia Boaventura, “A palavra para defini-lo é jovialidade. É um livro alegre, me diverti muito quando li”, diz a professora de literatura da Unicamp. O autor explica o título: “Arte moderna, arte de domingo, de quem ‘digere bem’ e vai dar seu passeiozinho, sorrindo, sem preconceitos” (MENEZES, 2001, não paginado).

### **b) O problema das bibliotecas brasileiras**

O problema das bibliotecas brasileiras origina-se de uma palestra apresentada pelo autor no salão de conferências da biblioteca do Ministério das relações exteriores do Brasil, no dia 23 de setembro de 1943 e publicada pela Editora Casa do estudante do Brasil no mesmo ano. Nesta conferência, já se observa as questões preponderantes levantadas pelo bibliotecário acerca da gestão e organização de nossas bibliotecas, comparando nosso modelo com de outros países e afirmando de forma incisiva:

“Chegamos ao cúmulo de encontrar maiores facilidades para o estudo de assuntos brasileiros em bibliotecas estrangeiras” (MORAES, 1943, não paginado).

### c) Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros

A primeira das referidas contribuições foi o **Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros**, que planejou, organizou e editou, com a colaboração - mais honorífica do que real - do professor norte-americano William Berrien. Produto típico de uma época técnica e de um trabalho em equipe, o **Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros** é muito superior ao **Catálogo da Exposição de História do Brasil**<sup>10</sup>, melhor sistematização do material, referências bibliográficas sempre acompanhadas de comentários e ensaios introdutórios para cada área (FONSECA, 1979).

### d) Bibliographia brasiliana

Em **Bibliographia Brasiliana ou a Bibliographical essay on rare books about brazil** (Amsterdam, Editora Colibris, 1958/1959, em 2 volumes), o autor apresenta-nos detalhes acerca de umas centenas de obras raras sobre o Brasil e de autores brasileiros. Sobressaem-se nessa espécie de dicionário bibliográfico a qualidade e erudição dos estudos realizados por Rubens Borba (FONSECA, 1979). Só em 2010, a obra, compêndio essencial de livros raros do país de 1504 e 1900, ganhou a primeira versão em português.

### e) O bibliófilo aprendiz

Moraes (1998, não paginado) apresenta essa obra como uma “Prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas”. Esta definição da obra, corresponde ao subtítulo deste trabalho que visa orientar os colecionadores particulares aos quais Rubens Borba atribuiu muitos agradecimentos por se tornarem, a partir da prática da bibliofilia, cuidadores de um tesouro intelectual.

Seria um não acabar mais o querer mostrar que, graças a colecionadores particulares, muito tesouro é salvo. No Brasil então, onde a administração pública, além de ignorante é desmazelada e demagógica, se não fosse o colecionador particular, o bicho, a sujeira e o clima destruiriam tudo que o nosso passado nos legou (MORAES, 1998, p. 18).

Nesse trabalho, o autor tece severas críticas ao trato que os poderes públicos dispõem à guarda de seus registros e à conservação da sua memória.

<sup>10</sup>Obra de Ramiz Galvão; 1881, primeira bibliografia brasileira.

## **f) Bibliografia brasileira do período colonial**

Catálogo contendo 745 escritores brasileiros nascidos antes de 1808, é uma obra originada a partir dos estudos do autor em bibliotecas brasileiras e portuguesas. Fonseca (1979, p. 7) destaca que:

[...] O mérito principal deste novo livro de Rubens Borba de Moraes é o de revelar as contribuições de autores brasileiros do mesmo período em outras áreas do saber. A inteligência brasileira não se manifestou, então, apenas em poesias e sermões. Aquelas e estes constituem, de fato, a maioria mas houve obras de Matemática, Física, Química, Botânica, Zoologia, Mineralogia, Medicina, Higiene, Farmacologia, Agricultura, Zootecnia, Engenharia, Arquitetura, História, Direito, etc.

## **g) Lembranças de Mário de Andrade: 7 cartas**

Cartas recebidas do amigo de infância Mário de Andrade, no período entre 1938 a 1940. Nessa seleção escolar constam breve biografia e amizade entre Rubens e Mário de Andrade (BANDEIRA, 2007).

## **h) Livros e bibliotecas no Brasil colonial**

Moraes (1979, p. 1) apresenta no prefácio de Livros e bibliotecas no Brasil colonial “[...] não é possível estudar-se a história das ideias, a divulgação de novas técnicas, a história da cultura brasileira enfim, sem saber quais os livros e periódicos que existiam à disposição dos brasileiros em diferentes épocas”.

Esta obra busca recuperar, desde o início da colonização até o início do século XIX, época da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, a história dos livros e bibliotecas.

Analisando criticamente os acontecimentos históricos, políticos que permearam a formação do acervo brasileiro, fica evidente que desde 1549 o Brasil possui livros e bibliotecas, contrariando a ideia de que este país só tivera sua primeira biblioteca em 1808 (FIQUER, 2012, p. 27).

Este livro traz contribuições acerca das bibliotecas dos jesuítas e de outras ordens religiosas, apresentando como se deu a decadência dos conventos, importantes locais formadores de acervo; como se formaram as bibliotecas particulares; como era realizado o comércio dos livros; a censura; a instalação da tipografia e; a biblioteca real do Rio de Janeiro. Enfim, o autor apresenta um histórico completo sobre a história dos livros e das bibliotecas em solo brasileiro.

## **i) Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro**

Camargo (1993) destaca, na apresentação do referido livro, que a instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro trouxe significativas mudanças ao país. Ela abriu

caminho para numerosas edições, possibilitou o surgimento de editoras e tipografias, bem como a criação de um mercado de livros até então inexistente no país.

Esta obra permitiu a identificação das publicações dos primeiros anos de funcionamento da Imprensa Régia, de 1808 a 1822. Os títulos foram organizados cronologicamente, e são acompanhados de estudo de Rubens Borba de Moraes sobre a história da Imprensa Régia e sua produção. O primeiro volume abrangeu os títulos publicados, com a identificação de autoria e uma descrição concisa do conteúdo de cada obra, e o segundo incluiu as disposições legais de rotina (CAMARGO, 1993).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Homem do seu tempo, o mais pragmático dos modernistas, colecionador de obras raras, Rubens Borba de Moraes consegue, a partir de pesquisas e ações contínuas, estudar e compreender um Brasil ainda hoje ignorado por muitos.

Rubens Borba de Moraes é um exemplo de brasileiro que, embora tenha passado boa parte da sua juventude no exterior, sofrendo influência de uma educação e uma cultura totalmente diferente da existente no Brasil. E não perdeu a sua essência, trazendo consigo importantes contribuições que se somaram ao ensino e à cultura brasileira.

Assim, intentou-se descrever alguns dos fatos mais importantes da vida do bibliófilo supracitado, com reconhecida influência tanto no âmbito da literatura e atuação no campo da Biblioteconomia, sendo um dos pioneiros no ensino dessa área e no desenvolvimento do campo em território brasileiro.

Crítico literário, editor, político decepcionado, diplomata, bibliógrafo, bibliófilo, bibliotecário e professor, o pensador aqui biografado brevemente deixou-nos uma fortuna de escritos e ideias ímpares. Mais do que nunca, faz-se necessário o estudo da obra de Rubens Moraes, não só pelos bibliotecários e outros profissionais da informação, mas por toda e qualquer pessoa interessada em nossa cultura e nosso passado. Que venham novos capítulos, agora escrito por nós, de uma vida de amor aos livros.

## REFERÊNCIAS

ABREU, José Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954, 2 v.

BANDEIRA, Suelena Pinto. **O mestre dos livros**: Rubens Borba de Moraes. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007.

BANDEIRA, Suelena Pinto. **O professor**. 2018. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/o-professor/>. Acesso em: 21 jun. 2018.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Revista de Antropofagia**. 2018. Disponível em:

<http://bndigital.bn.gov.br/revista-de-antropofagia/>. Acesso em: 21 jun. 2018.

CALABRESI, Ana Paula. **Mestrado e Biblioteconomia e Ciência da Informação no Canadá**. 2014. Disponível em: <https://bsf.org.br/2014/01/29/mestrado-ciencia-da-informacao-canada/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Bibliografia da imprensa régia do Rio de Janeiro**. São Paulo: EDUSP; Cosmos, 1993. 2 v.

CAVEDON, Neusa Rolita *et al.* Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 345-371, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a14v1328.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

CUNHA, Murilo Bastos da. **A atualidade de Rubens Borba de Moraes**. 2009. Disponível em: [https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=427](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=427). Acesso em: 14 maio 2019.

FONSECA, Edson Nery. Rubens Borba de Moraes e a bibliografia brasileira. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 7, n. 1, jan./jun. 1979. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002039/e30660c9086f5311a1c6be4c6d03f520/>. Acesso em: 29 mar. 2019.

LIVRARIA DA TRAVESSA. **Domingo dos séculos**. 2018. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/domingo-dos-seculos/artigo/01b779db-9788-4b2a-bfea-93481922c2fd>. Acesso em: 21 jun. 2018.

MATOS, Felipe. Rubens Borba de Moraes: recordações de um modernista quatrocentão. **Fronteiras**: revista Catarinense de História, Florianópolis, n. 19, p. 151-155, 2011. Disponível em: [http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2019%20vers%20fin/f19%20resenha4\\_felipe%20matos.pdf](http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2019%20vers%20fin/f19%20resenha4_felipe%20matos.pdf). Acesso em: 21 jun. 2018.

MENEZES, Cynara. Em busca do modernismo perdido. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/semanaresenha1.htm>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MINDLIN, José. Rubens Borba de Moraes: um intelectual incomum. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 79, n. 192, p. 108-111, maio/ago. 1998. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1035/0>. Acesso em: 21 jun. 2018.

MORAES, Rubens Borba. **O problema das bibliotecas brasileiras**. 1943. Disponível em: <https://medium.com/@mo.re.no/o-problema-das-bibliotecas-brasileiras-b437640d9026>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e Bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1979.

MORAES, Rubens Borba de. **Grandes entrevistas**: Rubens Borba de Moraes. Entrevistador: Marco Aurélio Andrade de Filgueiras Gomes. São Paulo: revista Rua 7, 15 ago. 1982. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/RubensBorbadeMoraes.htm#>. Acesso em: 15 abr. 2019.



MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1998.

MORAES, Rubens Borba de. **Testemunha ocular**: recordações. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte Literária Brasileira**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

PONTES, Iran. **A revista Klaxon**. 2014. Disponível em: <https://designculture.com.br/a-revista-klaxon>. Acesso em: 21 jun. 2018.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **História da Biblioteca Mário de Andrade**. 2010. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/index.php?p=7653>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SALIBA, Elias Thomé. **Borba de Moraes, o primeiro bibliógrafo brasileiro a ganhar reputação internacional**. 2011. Disponível em: <http://www.oexplorador.com.br/borba-de-moraes-o-primeiro-biblio-grafo-brasileiro-a-ganhar-reputacao-internacional/>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SILVA, Michel Goulart da. Socialismo e revolução nas páginas do Clarté. **Tempos históricos**, [s. l.], v. 21, p. 52-73, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/17731/12144>. Acesso em: 22 maio 2019.

# Capítulo 11

## Lydia de Queiroz Sambaquy e suas Contribuições para a Biblioteconomia e Ciência da Informação no Cenário Nacional

*Ana Cristina Guimarães Carvalho*

*Maria Gezilda e Silva Nascimento*

*Julyana Alves Sales*

*Emanoella Callou Belém*

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino e a prática da Biblioteconomia no Brasil passaram por diversas mudanças no decorrer de sua trajetória. Neste processo, muitos profissionais estiveram engajados, dentre os quais destacam-se: Rubens Borba de Moraes, Dorothy Gropp, Adelpha Figueiredo, Manoel Bastos Tigre e Laura Russo. Lydia de Queiroz Sambaquy também compõe o quadro de profissionais que contribuíram para a evolução da Biblioteconomia e do fazer bibliotecário brasileiro, justificando, assim, a construção destes escritos que toma como enfoque a sua vida e atuação profissional.

Nesta perspectiva, adotando uma estrutura narrativa, tratamos inicialmente dos aspectos pessoais que permearam a vida de Lydia e de seus familiares, num esforço de compreender o contexto em que se afirmou a nossa personagem. Em seguida, relatamos o nascimento e o desenvolvimento gradativo da profissional Lydia, a sua produção e atuação, suas conquistas e projeções que marcaram a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Finalmente, teceremos algumas reflexões acerca do legado de Lydia Sambaquy para a Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Através de uma abordagem exploratória, de caráter bibliográfico, realizamos uma incursão nas fontes de pesquisa, representadas por artigos científicos publicados em revistas e eventos da área, tese de doutorado e um catálogo de autoria da personalidade estudada, envidando, assim, um conjunto de esforços analíticos e reflexivos que buscam aproximação com o objeto de estudo aqui delineado. Através de um diálogo estabelecido com diversos autores como Brandão (1999), Oddone (2004, 2005, 2006, 2013), Silva (1987), Fonseca (1957), Ferreira (1979), Carvalho e Nascimento (2017), procuramos evidenciar as contribuições teóricas e empíricas de Lydia de Queiroz Sambaquy, para a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

## 2 LYDIA SAMBAQUY E O CURSO DE SUA TRAJETÓRIA PESSOAL

A história de nossa personagem remonta à antiga Fazenda Califórnia, no sertão de Quixadá, um reduto da família Queiroz. De origem tradicionalmente cearense, a família em que nasceu Lydia de Queiroz Sambaquy, trouxe à sociedade gerações de admiráveis brasileiros, dentre os quais podemos citar: Eusébio de Queiroz Lima, grande referência na área do direito e Rachel de Queiroz, prima de Lydia em primeiro grau, e escritora consagrada na literatura brasileira, cuja imagem alcançou considerável projeção pública em consequência, principalmente, de sua participação na Academia Brasileira de Letras, estreando a atuação feminina em movimentos e instituições desta natureza (ODDONE, 2013).

Esperidião de Queiroz Lima, pai de Lydia, é outro membro da família a alcançar singular notoriedade em seu campo de atuação: as áreas da saúde e da veterinária. Doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diplomado no curso de ciências médicas e cirúrgicas, e especialista em veterinária, Esperidião inicia, em 1903, a sua carreira em medicina veterinária clinicando em Manaus e no Acre, onde estuda a doença provocada pelo *Tripanosoma equinus*. Em decorrência de tais estudos, Esperidião de Queiroz Lima é nomeado, em 1912, veterinário do Serviço de Indústria Pastoril, no Pará, onde permanece até 1915. Ele chefiou também as comissões de combate à raiva em Mato Grosso e Santa Catarina, entre os anos de 1931 e 1933, período em que estuda e demonstra que os morcegos *Desmodus rotundus* transmitem raiva a animais herbívoros. O seu estudo alcança repercussão imediata e suas pesquisas são reconhecidas nos principais centros especializados internacionais (ODDONE, 2013).

Como se vê, o exercício da profissão conduz o patriarca da família Queiroz para diversas localidades do país. Além dos estados do Amazonas, Acre, Pará, Mato Grosso e Santa Catarina, o clã Queiroz ainda fixa residência em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo. Durante a permanência da família no norte do país, mais precisamente no Pará, nasceu, em 23 de março de 1913, Lydia de Queiroz Sambaquy, outra grande personalidade dentre os Queiroz Lima, a evidenciar-se nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Lydia acompanha a família no trânsito residencial até 1929, quando se casa com Júlio Furquim Sambaquy, aos 16 anos de idade. Neste ano, pressionado pela crise do café, seu pai, que se aventurara como pequeno cafeicultor em São José do Rio Preto, muda-se com a família para a então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro. O marido de Lydia, Júlio Furquim Sambaquy, que no governo de João Goulart tornar-se-ia Ministro da Educação, também era produtor de café na região paulista e, como o pai de Lydia, sofreu com a crise econômica de 1929, decidindo, em 1930, percorrer os mesmos caminhos trilhados pelo sogro transferindo-se com a recém-formada família para o Rio de Janeiro (ODDONE, 2013).

Examinando a vida pessoal de Lydia, é possível perceber que ela vivia em situação muito confortável, o que se configurou como fator determinantemente favorável à sua formação. O seu meio familiar proporcionou-lhe as condições e oportunidades necessárias para o seu acesso à educação. Nesta direção perceptiva, Oddone (2013, p. 80) afirma: “[...] como se deduz, o ambiente familiar no qual Lydia de Queiroz Sambaquy cresceu e foi educada se caracterizava por uma condição esclarecida, propícia ao estudo, à reflexão e ao pensamento crítico”.

Entre 1925 e 1929, Lydia frequenta o curso secundário no Colégio das Irmãs de Santo André, em São José do Rio Preto. Naquele período, o ensino secundário não possuía diretrizes nacionais, sendo oferecido de acordo com critérios e modelos vigentes em cada unidade da federação (BRANDÃO, 1999).

Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, o curso frequentado por Lydia em seu domicílio anterior, não possuía qualquer legitimação, levando-a a retornar para o mesmo curso secundário, desta vez no Colégio Pedro II, no período compreendido entre 1933 e 1936. Dedicada e aplicada, Lydia desperta a atenção de Cecil Thiré, professor de matemática do colégio Pedro II, que a incentiva a seguir carreira nesta área. Segundo levantamentos feitos por Oddone (2004), Lydia seguiu as orientações do professor, chegando a cursar engenharia até o terceiro ano. Entretanto, um convite inusitado mudaria completamente os seus planos.

Aos 25 anos, Lydia de Queiroz Sambaquy era uma jovem senhora, casada e mãe de três filhos. Apesar da precoce constituição familiar, que acompanhava os ditames comportamentais da época, Lydia, com o apoio de seu marido, seguia alimentando o desejo por construir-se enquanto profissional. Em 1938, por incentivo de sua irmã Sylvia, ela participa dos treinamentos ministrados na biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e, vislumbrando abraçar a Biblioteconomia, matricula-se no curso oferecido pela Biblioteca Nacional.

Quando recebe seu diploma de bibliotecária, em 1941, Lydia já trabalhava regularmente na Biblioteca do DASP, primeiro como assistente técnico e mais tarde como técnico de administração, assumindo, posteriormente a direção da referida biblioteca, quando do afastamento de sua irmã Sylvia (ODDONE, 2004). É neste cenário, tendo como plano de fundo a biblioteca do DASP, que Lydia Sambaquy inicia seu percurso pela Biblioteconomia.

### **3 LYDIA SAMBAQUY, SUAS OBRAS E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

Os esforços empreendidos pelas irmãs Queiroz, Sylvia e Lydia, em prol da biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), contribuíram demasiadamente para elevar a notoriedade desta biblioteca na conjuntura

biblioteconômica brasileira. Essa biblioteca representou “uma das mais importantes instituições de coleta, tratamento e disseminação da informação técnico-científica que já existiram no Brasil” (ODDONE, 2013, p. 78).

A primeira responsável pela Biblioteca do DASP foi Sylvia de Queiroz Grillo, designada para o cargo de diretora do setor ao retornar de um período como bolsista nos Estados Unidos. Lá ela completou os seus estudos universitários em Biblioteconomia, atendendo uma recomendação do Ministro da Educação e Saúde Pública à época, Gustavo Capanema.

O ministro do primeiro governo Vargas nutria especial interesse pelas bibliotecas brasileiras, e o preocupava a carência de pessoal devidamente treinado para desenvolvê-las. Ao sugerir que Sylvia investisse na formação biblioteconômica, Capanema vislumbrava a viabilização de projetos referentes às bibliotecas e à Biblioteconomia no Brasil, com os quais envolvia-se diretamente, como: o planejamento de bibliotecas populares; o diagnóstico das bibliotecas federais; projetos para intercâmbio de livros entre países; criação da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, estudos para estruturação de bibliotecas municipais; dentre outras projeções em direção ao universo da Biblioteconomia no Brasil (ODDONE, 2013).

As novas configurações da administração pública, pensadas por intelectuais como Capanema, demandavam uma racionalização dos serviços que ainda não haviam alcançado o interior das bibliotecas existentes no país. Neste sentido, a formação de Sylvia em Biblioteconomia alinhava-se aos propósitos dos novos conceitos de gestão de bibliotecas, considerando o relevante papel que elas poderiam exercer no processo de desenvolvimento intelectual e científico de uma nação.

De volta ao Brasil, Sylvia inicia a prática de alguns dos procedimentos técnicos que aprendera na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Entretanto, a implementação de rotinas de tratamento e organização dos documentos informacionais, que teve a biblioteca do DASP como espaço precursor no desenvolvimento destas ações, esbarrava na ausência de normas e esquemas de classificação. Assim, subordinando-se a estudos e instrumentos elaborados no exterior, onde os conhecimentos e práticas em torno do tratamento da informação encontravam-se mais avançados.

O trecho da carta de Sylvia Grillo a Lucille L. Keck, da *Joint Reference Library* de Chicago, em 1939, revela os empenhos iniciais desenvolvidos ao pensar a organização do acervo da biblioteca do DASP. Bem como, repercute um retrato da incipiente Biblioteconomia nacional, que ainda não dispunha de uma base firme de conhecimento acerca das práticas e rotinas biblioteconômicas.

[...] Veja, eu organizei o catálogo dicionário, a circulação etc., mas não classifiquei os livros porque antes queria conhecer o esquema Anderson-Glidden [Anderson; Glidden, 1928]. Para seguir sem a classificação dos

livros, tive que reuni-los nas estantes por assunto, de modo aproximado, rotulando cada seção de acordo com os assuntos. Como você bem pode imaginar, esse arranjo não vai funcionar por muito tempo, pois o grande número de aquisições que vem sendo constantemente realizadas traz novos assuntos, para os quais novas seções nas estantes se tornam necessárias. Nossa capacidade de armazenamento é bastante limitada e é por isso que estamos necessitando tanto do esquema de classificação. [...] Nós carecemos, totalmente, não apenas de tabelas de classificação, mas também de livros sobre catalogação, circulação, organização e administração de bibliotecas [...]. Por favor, não deixe de me escrever sobre as obras de referência que você acredita que possam me interessar, pois quero saber mais sobre as bibliotecas técnico administrativas (GRILLO, 1939, não paginado *apud* ODDONE 2013, p. 70).

Em 1939, com o afastamento de Sylvia Grillo da direção da biblioteca do DASP, Lydia Sambaquy, que já atuava na biblioteca, assume o cargo dando prosseguimento ao trabalho iniciado por sua irmã e estruturando os serviços e o acervo que constituíam aquela biblioteca. Capacitada para enfrentar os problemas biblioteconômicos e documentais daquele momento, Lydia apropria-se da experiência e de todo o suporte que a biblioteca do DASP lhe proporciona. Ela coordena diversas bibliotecas, permitindo, assim, que suas técnicas e pensamentos chegassem ao maior número de profissionais possível (ODDONE, 2005). Para Oddone (2005, não paginado), a atuação de Lydia provocou:

[...] uma descontinuidade entre a Biblioteconomia que se conheceu até ali e a que se veria a partir de então, pouco a pouco legitimada pela comunidade profissional. A autoridade e a influência desse novo modelo concorreram para organizar conceitos, práticas e artefatos e para tornar estável o domínio de competências relacionado à área. Isso permitiu a formação de uma Biblioteconomia forte e uniforme, que era compreendida e aceita por todos – ou pela grande maioria – preparando o caminho para o que viria a seguir.

No afã de contribuir favoravelmente para o desenvolvimento da área, Lydia estabelece parcerias com os bibliotecários da Biblioteca Nacional que à época representava a única instituição formadora de bibliotecários no Brasil. Nos contatos instituídos, Lydia demonstrava preocupação no que se referia à qualificação de pessoal para atuar nas bibliotecas brasileiras e sinalizava total apoio à ideia, ainda semeada por sua antecessora, de implantar cursos que viessem preencher essa lacuna. Delineava-se a partir daí, um contexto favorável à implantação de novos cursos de Biblioteconomia no país.

Com o intuito de elaborar princípios, estabelecer diretrizes, compartilhar experiências e fomentar a produção escrita, em 1939, a biblioteca liderada por Lydia, ganha um espaço na **Revista do Serviço Público** para divulgar notícias, estatísticas e demais informações relevantes da biblioteca do DASP. O periódico, criado em 1937, tinha como propósito veicular matéria doutrinária, informativa, crítica e noticiosa a respeito da difusão do conhecimento no campo da Administração Pública (SILVA, 1987).

Os textos publicados no espaço destinado à biblioteca do DASP eram, em



sua maioria, de autoria de Lydia, mas haviam também textos assinados por outros membros da biblioteca. No fascículo de julho/agosto de 1939, Lydia publicou o ensaio **O que é a biblioteca moderna** e, em 1940, na mesma revista, uma análise dos sistemas de classificação vigentes, sob o título **A Classificação Decimal de Melvil Dewey e Classificação Decimal de Bruxelas**, ambos, direcionados à comunidade profissional biblioteconômica.

Ainda em 1940, é publicado na Revista do Serviço Público o **Esquema da Organização da Biblioteca do DASP**, cujo objetivo era divulgar as atividades desenvolvidas no âmbito daquela biblioteca. Em 1944, este documento é reformulado e publicado novamente, em uma edição especial da revista.

Sob a gestão de Lydia, a biblioteca do DASP exerceu importante papel na formação de novos bibliotecários no Brasil. Compondo uma política institucional de capacitação de servidores públicos, idealizada pelo DASP, a biblioteca implanta, em 1941, o curso preparatório para bibliotecários, que, atrelado à reordenação da carreira, tinha como objetivo primeiro oportunizar aos servidores públicos recém-contratados, a chance de ascender à qualificação de bibliotecário (ODDONE, 2013).

O curso era ministrado em seis meses e ao final previa um estágio na biblioteca do DASP, que, por seu caráter progressista, figurava como uma biblioteca-laboratório. Tal iniciativa visava aproximar teoria e prática, favorecendo a construção de saberes e experiências por meio do contato dos novos bibliotecários com o ambiente e as rotinas da biblioteca. Assim, evidenciando, a preocupação em formar profissionais capazes de satisfazer as demandas mais práticas das bibliotecas.

Neste sentido, o curso da biblioteca do DASP possuía um perfil voltado para os aspectos de natureza prática no âmbito da atividade biblioteconômica, diferenciando-se do curso superior em Biblioteconomia ofertado pela Biblioteca Nacional, que seguia a tendência da formação humanística francesa, incluindo em sua grade de disciplinas, matérias como: Bibliografia; Paleografia e Diplomática; História Literária; Iconografia e Cartografia (FONSECA, 1957). Esta configuração do curso da Biblioteca Nacional originou críticas por parte dos pensadores da área, que entendiam que este modelo de ensino não alcançava o atendimento das reais necessidades de uma biblioteca. A este respeito, Dias (1958, p. 11 *apud* Oddone, 2004, p. 76) afirmou:

[...] bibliotecas se ressentiam de uma preparação mais racional, mais prática, dos bibliotecários aos quais eram confiados seus serviços. De nada valiam, para esses casos, os conhecimentos altamente especializados ministrados no curso da Biblioteca Nacional. [...] [E]ste, a rigor, somente preparava o bibliotecário para o exercício da profissão num determinado tipo de biblioteca: a Biblioteca Nacional [...].

Contrapondo-se ao modelo de curso da Biblioteca Nacional, sob outra perspectiva,

o curso da biblioteca do DASP voltava-se para questões de ordem organizacional e administrativa de bibliotecas; catalogação e classificação de acervos, ganhando, assim, *status* de curso inovador e delineando um novo modelo de Biblioteconomia brasileira (ODONNE, 2004).

O reconhecimento sobre a importância do curso de Biblioteconomia do DASP para o cenário biblioteconômico brasileiro é perceptível na fala de Moraes (1983, p. 21): “Muito se deve ao DASP, que instituiu excelentes cursos, criou a carreira de bibliotecário e fez da sua biblioteca um centro de aperfeiçoamento para todos os que estão ligados a esses problemas”.

A importância deste curso é reafirmada pelos impactos posteriores que ele causou, destacando-se entre estes a completa reformulação do curso da Biblioteca Nacional (ODDONE, 2004).

Estas transformações não seriam possíveis sem o engajamento e a articulação de sua principal mentora: Lydia Sambaquy. A partir de suas concepções e ações a biblioteca do DASP se fortalece, tornando-se uma referência para as demais bibliotecas do serviço público. E, tendo em vista, que as bibliotecas vinculadas a instituições privadas eram quase inexistentes no início de século XX (ODDONE, 2004).

Em consequência dos seus esforços, Lydia tem a oportunidade de conhecer, *in loco*, a realidade das bibliotecas norte-americanas cuja experiência é narrada na palestra **A ação social da biblioteca pública**, proferida em 1942, durante o evento **Exposição de Atividades do Governo Federal**, promovido pelo DASP e ocorrido logo após o seu regresso dos Estados Unidos.

Naquele mesmo ano, em São Paulo, durante uma segunda edição do evento elaborado pelo DASP, Lydia Sambaquy profere a palestra intitulada **Como a biblioteca pode e deve servir ao Brasil**, onde reflete sobre os múltiplos papéis que a biblioteca pode assumir, dentre os quais merecem destaque: a biblioteca como laboratório de pesquisa e estudo; a biblioteca como centro de informação e recreação; a biblioteca e as ações de fomento à leitura; o DASP e suas contribuições para o desenvolvimento da Biblioteconomia nacional. Todas estas concepções servirão de fundamentação para o surgimento do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), a ocorrer anos mais tarde.

Ainda em 1942, Lydia Sambaquy cria o Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC), tendo como principal objetivo construir uma rede cooperativa de bibliotecas para catalogação de livros (ODDONE, 2004). Considerada uma iniciativa inovadora e audaciosa, o SIC contava com o laboratório experimental em que se transformara a biblioteca do DASP, além de outros recursos. Motivada pelo entendimento de que ações cooperativas poderiam alinhar tecnicamente as disparidades existentes nas diversas unidades de informação, espalhadas pelo país, Lydia planejou e coordenou o SIC, num

movimento pela valorização da Biblioteconomia brasileira como mostra Oddone (2004):

Planejado e coordenado por Lydia, o SIC constitui a principal bandeira de seu projeto de Biblioteconomia brasileira nos anos seguintes e mesmo mais adiante, após o fim do Estado Novo e seu afastamento da Biblioteca do DASP. A idéia que fundamentava o SIC era a da cooperação. Consciente da amplitude do território brasileiro, do desequilíbrio do desenvolvimento econômico e social em suas diversas regiões e da disparidade do estágio de proficiência que predominava entre as bibliotecas do país, Lydia compreendeu que só uma ação cooperativa sistemática poderia produzir um progresso geral, simultâneo e uniforme, das múltiplas unidades de informação nacionais. Esse progresso, contudo não era visto como um fim em si mesmo, mas como meio de alavancar e sustentar o crescimento e a valorização da Biblioteconomia brasileira, equipando- a outras atividades produtivas indispensáveis à nação (ODDONE, 2004, p. 84-85).

Em 1945, com o fim do Estado Novo, Lydia deixa a biblioteca do DASP e se divide entre as atribuições do SIC, agora sob a responsabilidade da Fundação Getúlio Vargas – FVG, e o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, no qual ensinava catalogação e classificação (ODDONE, 2004; 2005).

Uma das primeiras preocupações de Lydia, quando do início das atividades do SIC, era estabelecer um código de catalogação próprio já que os códigos existentes, como o da *American Library Association* e o da Biblioteca Apostólica Vaticana, não atendiam às particularidades e especificidades das questões linguísticas e bibliográficas nacionais. Entretanto, todas as tentativas de elaboração desse instrumento esbarraram em inúmeros obstáculos, resultando em nenhum acordo (ODDONE, 2004).

Assim, apesar da genialidade e das vantagens que o projeto propunha, no meio biblioteconômico se instituiu uma forte resistência à efetiva implementação do SIC (LEMOS, 1979 *apud* ODDONE, 2004). A falta de consenso em torno dos padrões uniformes de registro, acesso e recuperação da informação estimularam os bibliotecários a tecer excessivas críticas ao sistema, colocando-se sempre em posição defensiva, sob o escudo de seus critérios, suas políticas, seus princípios e suas conveniências (ODDONE, 2004). Tal reação leva Sambaquy a escrever, em 1953, **O serviço de intercâmbio de catalogação e as críticas que lhe são feitas**, com vistas a estabelecer um debate firme sobre o tema e clarificar as intenções do sistema de padronização de normas.

Entretanto, em 1972, após trinta anos de efetivo exercício, o SIC encerra as suas atividades. Segundo Ferreira *et al.* (1979, p. 68-69), dois fatores são apontados como os principais responsáveis por este declínio:

A ausência de padronização dos instrumentos técnicos utilizados para elaborar as fichas - em especial o código de catalogação e lista de cabeçalho de assunto e as divergências existentes, desde os primeiros anos, entre critérios adotados pela coordenação do sistema no Rio de

Janeiro e os critérios defendidos por influentes bibliotecários paulistas.

Apesar de ter estado, durante toda a sua existência, no centro de fortes conflitos e acirrados embates, o SIC simbolizou um importante passo para o desenvolvimento da produção técnica da Biblioteconomia brasileira, uma vez que ofereceu “uma resposta precisa para um dos problemas biblioteconômicos que mais pressionavam essas bibliotecas: a catalogação dos acervos” (ODDONE, 2006, p. 47). O SIC promoveu a integração e capacitação das bibliotecas brasileiras. Até 1968, o sistema produziu fichas catalográficas para mais de cem mil livros, agregando e atendendo aproximadamente trezentas bibliotecas em todo o país (LEMOS, 1979 *apud* ODDONE, 2004).

Esta ideia de cooperação entre bibliotecários/as e bibliotecas sempre fora defendida por Lydia, e expressa em seus textos e discursos. A exemplo disto, em 1951, ela publica na Revista do Serviço Público o artigo **Desenvolvimento das bibliotecas públicas na América Latina**, que tratava sobre catalogação cooperativa. Este mesmo estudo ainda seria apresentado dois meses depois na Conferência da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em São Paulo, onde ela diria:

O que importa é que as bibliotecas compreendam que, para servir bem, não lhes é necessário conhecer somente que livros possuem, mas também onde se encontra o livro ou a informação que realmente está sendo desejada. [...] É importante que não esqueçam os bibliotecários ou os organizadores de bibliotecas, que estas não mais podem viver isoladas e que a cooperação que derem umas às outras lhes será devolvida muitas vezes multiplicada, em juros elevados (SAMBAQUY, 1951, p. 39 *apud* ODDONE, 2004, p. 110).

A partir desta ocasião, Lydia abraça as propostas internacionais de trabalho elaboradas pela UNESCO e passa a integrar o Comitê II do evento, responsável pela ação interamericana necessária ao desenvolvimento das bibliotecas públicas. Em pleno exercício de suas novas atribuições, Lydia produz um relatório que é encaminhado ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), no qual estão presentes ideias que também irão compor o referencial ideológico do futuro IBBD (ODDONE, 2004).

Em 1952, por intermédio da UNESCO e da Fundação Getúlio Vargas, Lydia Sambaquy realiza visitas às principais bibliotecas e centros de informação da Europa e dos Estados Unidos, com o intuito de aprimorar suas ideias acerca da cooperação. Assim, como reafirmar a necessidade de criação de um órgão nacional dedicado ao trabalho bibliográfico, responsável por fomentar as atividades científicas e tecnológicas no país (ODDONE, 2004). Delineiam-se, a partir daí, as articulações iniciais para a implantação do IBBD.

Neste cenário, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação é idealizado. Traçado, planejado e escrito por Lydia Sambaquy, numa parceria com a UNESCO, o órgão, fundado em 1954, propunha capitalizar recursos bibliográficos para a utilização

da comunidade científica. E instituindo um novo regime de informação no Brasil, que logo representaria uma espécie de força motriz para novos desenvolvimentos (ODDONE, 2006).

Aproximando-se dos conceitos de Documentação, que à época alcançava cada vez mais notoriedade no cenário nacional, em 1956, Lydia e seus contemporâneos como Edson Nery da Fonseca e demais funcionários do IBBD, juntamente com o bibliotecário Octavio Calazans Rodrigues, da Biblioteca Nacional, empreenderam esforços para construir um novo arcabouço teórico que contemplasse as práticas e posturas introduzidas pelo IBBD, disseminando-as entre bibliotecários e pesquisadores (ODDONE, 2004).

Diante das novas demandas bibliográficas de uma comunidade científica em expansão, foram implementadas diversas iniciativas. Dentre tais iniciativas estão: a criação do curso de pesquisa bibliográfica, que oferecia a bibliotecários e profissionais de outras áreas; serviços de orientação e informação científica baseados em sofisticadas técnicas de documentação, como lembra Oddone (2004, p. 113):

[...] Além de trabalhar e produzir com afinco para erguer uma instituição que todos respeitasse, era necessário construir e manter uma imagem pública que fizesse jus a todo aquele esforço. Entre 1955 e 1956 muitas iniciativas nessa direção começaram a ser realizadas. Uma das primeiras foi a criação dos cursos de pesquisa bibliográfica. Nesses cursos, direcionados principalmente à comunidade de bibliotecários brasileiros, muitas inovações foram postas em prática. Uma das mais notáveis foi a idéia - sem dúvida originária de uma visão mais internacional da Biblioteconomia brasileira - de permitir que interessados que não fossem bibliotecários se matriculassem nos cursos.

Os conhecimentos apreendidos pelos profissionais participantes eram disseminados nos respectivos campos de atuação, através da implementação de novas práticas e propagação de novos discursos. O que contribuiu para fortalecer a área, influenciando decisivamente uma nova conjectura de modelo profissional proposto pelo IBBD para a Biblioteconomia, como assinalaram Gomes e Zaher (1972, p. 315 *apud* ODDONE, 2004, p. 114):

O Curso de Bibliografia Especializada [...], apesar do nome, incluía em seu currículo outros tópicos que não eram ministrados nas escolas de graduação, como a própria bibliografia especializada, normalização da documentação, mecanização de serviços técnicos, etc. Todas essas matérias foram incluídas posteriormente nos programas das escolas, com nomes diversos.

Outra das iniciativas criadas no IBBD, foi a participação da área em eventos genuinamente científicos (ODDONE, 2004) dos quais se pode ressaltar: Simpósios de Bibliografia, a participação de bibliotecários nos comitês da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e a conseqüente a criação do Comitê de Documentação,

responsável pela elaboração e revisão de normas utilizadas até os dias atuais.

A conjuntura favorável ao crescimento dos serviços de informação científica permaneceu sem maiores discordâncias por aproximadamente dez anos, a contar da data de fundação do IBBD (ODDONE, 2006). Entretanto, problemas de naturezas diversas incluindo financeiros, políticos, técnicos e ideológicos comprometem o desempenho daquela instituição.

No início da década de 1960, Lydia enfrenta muitas dificuldades para custear a assinatura das inúmeras coleções de periódicos que compunham o acervo da biblioteca do IBBD. Outra problemática desestabilizadora se refere à infiltração dos equipamentos eletrônicos e informáticos nas rotinas produtivas do órgão. O gerou alguns questionamentos que levam bibliotecários e gestores do IBBD a aderir à perspectiva da ciência que emergia, a Ciência da Informação que se institui rompendo paradigmas que se mostravam insuficientes para atender as necessidades bibliográficas e documentais no novo contexto informacional (ODDONE, 2006).

As novas demandas informacionais exigiam a realização de “pesquisas, geração da informação, produção de repertórios secundários, reprodução, disseminação e distribuição de documentos” (ODDONE, 2006, p. 52). E convergindo para as expectativas provenientes destas novas necessidades informacionais, as atividades desempenhadas pelos bibliotecários do IBBD, sob a orientação de Lydia Sambaquy, configuravam-se em um trabalho propriamente informacional em que se materializava um domínio híbrido entre a Biblioteconomia, documentação e informação científica (ODDONE, 2013). Deste modo, é possível perceber que o conjunto de práticas exercidas pelo IBBD não se restringia somente ao domínio da Biblioteconomia (ODDONE, 2006). Os cursos oferecidos pela instituição são um claro exemplo disso.

Ao oportunizar que profissionais de outras áreas participassem dos cursos oferecidos pelo IBBD, Lydia concebia a Biblioteconomia para além das rotinas e práticas desenvolvidas no âmbito das bibliotecas. Entretanto, a abertura dos cursos para não bibliotecários desagradou parte da categoria, causando certo desconforto entre alguns de seus membros, como a exemplo de Laura Russo que defendia a exclusividade dos cursos para bibliotecários. Apesar das divergências ideológicas, Lydia seguiu firme no pensar de uma Biblioteconomia mais ampla e agregadora, instituindo este princípio no regime posto em ação pelo IBBD, enquanto dispositivo de articulação de forças no cenário de capacitação para a produção e consumo do conhecimento científico (ODDONE, 2004).

Em 1965, após onze anos à frente do IBBD, Lydia deixa a presidência do órgão que prossegue suas atividades sob os cuidados das bibliotecárias Jannice Mont-Mór, Celia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, parceiras de Lydia no projeto promissor do IBBD.

Em 1976, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq),



cria pela Resolução 20, de 25 de março, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que absorve e assume as atividades desempenhadas pelo IBBD.

A fim de promover uma compreensão mais panorâmica em torno da vida e obra de Lydia Sambaquy, apresentamos a seguir um painel cronológico.

**Quadro 1** - Lydia Sambaquy sob a perspectiva cronológica

1913	Nasce Lydia Sambaquy, no Pará;
1925 a 1929	Cursa o Ensino Secundário no Colégio das Irmãs de Santo André, em São José do Rio Preto;
1929	Casa-se com Julio Furquim Sambaquy;
1930	Muda-se com o esposo para o Rio de Janeiro;
1933 a 1936	Realiza novamente o Ensino Secundário, desta vez no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro;
1938	A convite da irmã Sylvia, participa de estágios realizados na Biblioteca do DASP;
1939	Assume a direção da Biblioteca do DASP. Inicia sua produção na área publicando revisões de literatura, boletins informativos, notícias e estatísticas referentes à Biblioteca do DASP na Revista do Serviço Público;
1941	Diploma-se bibliotecária, pela Biblioteca Nacional. Cria, com o apoio do DASP, o curso preparatório para bibliotecários;
1942	Cria e implementa o SIC, Serviço de Intercâmbio de Catalogação;
1945	É nomeada professora efetiva da graduação em Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional. Deixa a biblioteca do DASP para dedicar-se ao SIC e ao trabalho docente;
1954	Implanta o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, IBBD;
1959	Torna-se vice-presidente eleita da Federação Internacional de Documentação;
1965	Deixa a presidência do IBBD;
2006	Morre de causas naturais em seu apartamento, no Rio de Janeiro.

Fonte: CARVALHO; NASCIMENTO (2017).

O quadro acima apresenta uma síntese do percurso de Lydia de Queiroz Sambaquy, em sua trajetória pessoal e profissional. Nascida no seio de uma família abastada, Lydia contou com as oportunidades que lhe conduziram pelos caminhos da educação formal, consagrando-se como um ícone da biblioteconomia brasileira. Primeiro, à frente da biblioteca do DASP e, depois, como presidente do antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, função que ocupou por onze anos. A idealização e implementação do Sistema de Intercâmbio de Catalogação é outro empreendimento profissional que constitui a carreira de Lydia. Uma carreira que ainda compreende a sua atuação docente no curso de formação de bibliotecários da Biblioteca Nacional, e a sua experiência na vice-presidência da Federação Internacional de Documentação, entre 1959 e 1962, onde se destacou como membro honorário.

Lydia emprestou as habilidades pessoais que incluíam coragem, persistência, ousadia e determinação para o alcançar de seus objetivos, apesar das dificuldades encontradas. Em 13 de janeiro de 2006, Lydia de Queiroz Sambaquy despede-se da vida, deixando para a área de Biblioteconomia um conjunto de práticas e concepções que ecoam até os dias atuais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES E APONTAMENTOS**

Sob uma perspectiva histórica, tendo como eixo central a vida e a carreira de Lydia Sambaquy, refletimos acerca das práticas documentárias, do despontar da informação científica e da ampliação dos cursos de formação de bibliotecários, fatores bastante pertinentes ao desenvolvimento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação no Brasil.

Um novo olhar para a Biblioteconomia, o delineamento de novas ideias, baseadas nas primeiras iniciativas de processamento técnico de acervos e na concepção de disseminação da informação para a comunidade pesquisadora, compõe parte do legado deixado por Lydia, que promoveu uma transformação no campo a partir de suas ações. Preocupações com a organização de acervos e sua ordenação nas estantes dão lugar a outras mais amplas como: a organização de sistemas de bibliotecas, os catálogos coletivos e a criação de bibliotecas públicas.

A exemplo, a Biblioteca do DASP, que inicialmente era acessada exclusivamente por funcionários daquele Departamento, transformou-se, durante a gestão de Lydia, em uma verdadeira biblioteca pública, onde se permitia a todos os sujeitos, sem distinção, livre circulação às estantes; onde já se contava com catálogo dicionário e um serviço de referência na sua concepção mais inovadora; uma biblioteca onde os livros eram dispostos nas estantes segundo a ordem natural dos símbolos de uma classificação de assuntos; uma biblioteca que realizava o empréstimo domiciliar de livros, promovendo a disseminação de seus conteúdos e favorecendo o crescimento intelectual de seus leitores, oferecendo-lhes o máximo de auxílio com o mínimo de exigências (ODDONE, 2004). Enfim, a biblioteca do DASP havia se transformado num centro de referência, cujas ações refletiam o pensamento de sua principal idealizadora: Lydia Sambaquy.

Em mais uma de suas empreitadas, o SIC foi planejado visando à racionalização dos trabalhos de catalogação, integrando e capacitando as bibliotecas brasileiras numa crescente rede de bibliotecas cooperantes, aptas a desenvolver, de modo colaborativo, as atividades de catalogação de acervos.

O IBBD, foi sem dúvidas o ponto alto desta trajetória, sendo resultado de muitos esforços, condutas e processos realizados gradativamente ao longo dos anos que antecederam sua criação. A sua instituição provocou grandes alterações na oferta de serviços de informação, ao mesmo tempo em que se configurou como suprimento de

força para os bibliotecários (ODDONE, 2013). Sob a direção de Lydia, o IBBD efetivou funções de natureza fundamentalmente informacional e materializou um domínio híbrido entre a Biblioteconomia, Documentação e Informação Científica, anunciando a chegada da Ciência da Informação, enquanto campo de conhecimento.

A produção científica de Lydia Sambaquy muito contribuiu para o fortalecimento da Biblioteconomia, posto que, se constituiu em torno de temáticas essencialmente típicas da área, em sua maioria direcionadas a profissionais e estudiosos, objetivando analisar e discutir assuntos inerentes ao campo. Além de compartilhar experiências e práticas cotidianas da biblioteca do DASP, que pudessem servir de apoio e modelo para outras bibliotecas institucionais em processo de (re)estruturação.

Em síntese, a liderança exercida por Lydia no decorrer de seu exercício profissional, fosse à frente da biblioteca do DASP, implantando o SIC ou na direção do IBBD, contribuiu para a constituição da Biblioteconomia enquanto campo de atuação. Lydia demonstrava curiosidade em saber como seriam as bibliotecas do futuro, inquietando-se com a perspectiva da relação entre a evolução da tecnologia da informação e as bibliotecas. Além da adoção de procedimentos técnicos mais uniformes, Lydia entoou discursos em defesa de competências profissionais especializadas, influenciando a implementação de estratégias de legitimação social, como o surgimento de associações profissionais, novos cursos de graduação e a própria legislação profissional (ODDONE, 2013), marcando assim, a sua passagem pela Biblioteconomia brasileira.

Diante do exposto, podemos afirmar que estudar a Biblioteconomia historicamente, a partir dos atores situados neste cenário profissional, significa conhecer o passado, que com todas as suas fundações, oferece uma compreensão melhor do presente e dá sentido à percepção e à construção de uma identidade para a área.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Cristina Guimarães; NASCIMENTO, Maria Gezilda e Silva. Lydia Sambaquy e suas contribuições para a Biblioteconomia e Ciência da Informação no cenário brasileiro. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 2809-2824, dez. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/947/973>. Acesso em: 20 jun. 2018.

FERREIRA, José Ricon *et al.* Redes nacionais de informação, catalogação na fonte e outras experiências. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 67-88, jan./jun. 1979. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/41903>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da Biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, p. 95-124, mar. 1957.

MORAES, Rubens Borba de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. 2. ed. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1983.

ODDONE, Nanci Elizabeth. **Ciência da Informação em Perspectiva Histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil 1930 - 1970)**. 2004. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/691/1/oddone2004.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

ODDONE, Nanci Elizabeth. Lydia de Queiroz Sambaquy e a Ciência da Informação no Brasil. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 7., 2005, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: ANCIB, 2005. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/vienancib/index>. Acesso em: 10 jun. 2018.

ODDONE, Nanci Elizabeth. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1152>. Acesso em: 3 jul. 2017.

ODDONE, Nanci Elizabeth. Lydia Sambaquy e a Biblioteca do DASP: contribuições para o campo biblioteconômico no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 77-91, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://revistaacervo.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/515/514>. Acesso em: 3 jul. 2017.

SILVA, Luis Antonio Gonçalves. **A institucionalização das atividades de informação científica e tecnológica no Brasil: o caso do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação**. 1987. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1987. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/handle/123456789/932>. Acesso em: 3 jul. 2017.

# Capítulo 12

## Quando *Techné* e *Episteme* Caminham Juntas: trajetória e contribuições de Jesse Shera para a Biblioteconomia e Ciência da Informação

*Izabel Lima dos Santos*

*Antonia Janiele Moreira da Silva*

*Francisca Eugenia Gomes Duarte*

### 1 INTRODUÇÃO

Olhar para o passado costuma ter o salutar efeito de nos permitir utilizar as experiências e trabalhos realizados por outras pessoas, como ponto de partida para a construção de novas estruturas para nossa área de atuação. Mas, para que isso ocorra é fundamental que as contribuições dos profissionais que vieram antes de nós estejam disponíveis e sejam por nós conhecidas. A necessidade de se ter conhecimento dessas trajetórias não é percebida de hoje, Nitecki (1993, p. 17) já afirmava ser indispensável um curso dedicado ao estudo da história “[...] dos bibliotecários e das suas contribuições intelectuais para o campo”.

Num contexto interdisciplinar, a pesquisa científica promove a interação dos diversos campos de estudo, origina uma série de produções, espalha o conhecimento e contribui para a evolução da sociedade e da ciência. Ou seja, os saberes produzidos servem de ponto de partida para a construção de novas experiências.

Nesse ambiente tão rico e diverso, alguns pesquisadores destacam-se pela singularidade de seus estudos, pelas descobertas e abrangência dos resultados e pelas contribuições prestadas para as suas respectivas áreas do conhecimento quanto para outras esferas. Na Biblioteconomia, são muitos os teóricos e estudiosos que contribuíram para o desenvolvimento da área, seja no que se refere aos aspectos técnicos, seja nos conceituais.

Dentre esses profissionais destacamos neste texto a figura de Jesse Shera, cuja trajetória, apesar do destaque que o teórico recebeu na última década, ainda é pouco conhecida no Brasil. Um estudo realizado por Araújo, Lage, Souza e Assis (2010, p. 85) indicou que

Apesar de ter sido tão bem classificado como teórico da área nas duas enquetes feitas com pesquisadores brasileiros [...] Shera foi citado em apenas 2,17% dos artigos publicados nos sete periódicos, durante o período analisado [entre 2003 e 2007]. Tal fato parece sugerir uma certa

ideia compartilhada a respeito da importância do autor, mas que não é acompanhada pela efetiva utilização de suas ideias.

Dentre toda a produção de Shera, somente a obra intitulada **Epistemologia Social** goza de maior reconhecimento por parte do público, ficando uma série de obras importantes relegadas à invisibilidade. Buscando trazer à luz outras contribuições deste autor, surge este artigo que tem como pressuposto a seguinte indagação: quais as contribuições de Jesse Shera para a Biblioteconomia?

Partindo desse questionamento, este estudo tem como objetivo apresentar a trajetória pessoal e profissional de Shera, explicar acerca de alguns conceitos elaborados pelo pesquisador e discorrer sobre as suas contribuições para a Biblioteconomia.

## 2 BIOGRAFIA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Jesse Hawk Shera nasceu na cidade de Oxford, estado de Ohio, no dia 8 de dezembro de 1903 e era filho de Charles Hypes Shera e Jessie Hawk. Os seus estudos básicos ocorreram na *William McGuffey High School*, onde ele foi, dentre outras coisas, membro da equipe de debates e presidente da classe sênior de 1921 (AMERICAN NATIONAL BIOGRAPHY, [2018]). Em 1928, Shera se casou com a bibliotecária Helen May Bickham com quem teve dois filhos, Mary Helen Shera e Edward Brookins Shera (WINGER, 1990; ZANDONADE, 2004).

Inicialmente, Shera planejava ser professor de inglês. Por isso, em 1925, concluiu a graduação<sup>11</sup> em literatura inglesa pela Universidade de Miami e, em 1927, realizou o mestrado<sup>12</sup> em inglês pela Universidade de Yale. Entretanto, os seus planos de seguir essa carreira foram frustrados, basicamente, por dois motivos: o contexto econômico nada favorável e a ausência de cargos de professor universitário disponíveis.

Foi por não conseguir um emprego em sua área de formação que ele aceitou, pouco tempo após concluir o mestrado, o cargo de catalogador assistente na biblioteca da Universidade de Miami. Nesse primeiro emprego ele teve a oportunidade de trabalhar com Ned King, um dos primeiros bibliotecários a atuar na cidade. Apesar de não ser funcionário direto da instituição, uma vez que era horista, Jesse Shera achou a oportunidade estimulante e, sob a tutela de King, buscou aproveitá-la ao máximo. O seu empenho fez com que, em pouco tempo, ele se tornasse um aprendiz capaz de substituir o mestre em algumas ocasiões.

Ao rememorar o seu período trabalhando na Universidade de Miami, Shera (1970 *apud* WRIGHT, 1994, p. 235, tradução nossa) relata que Ned King

<sup>11</sup> A.B ou B.A (*bachelor of arts*) é o grau concedido, nos Estados Unidos e no Canadá, a quem conclui a formação universitária básica (graduação) nas áreas de humanidades, ciências sociais, filosofia, estudos religiosos, estudos interdisciplinares ou na área cultural em geral.

<sup>12</sup> Shera possuía um M.A. (*master of arts*).



[...] me deixou trabalhar em todos os lugares da biblioteca. Eu tive que trabalhar no balcão de informações, no balcão de distribuição e na sala de reservas. Eu trabalhei como assistente administrativo para ele, embora nunca tenha tido esse título. Eu fiz todo tipo de coisas. Eu fui movido de uma coisa para outra, e foi... extraordinário.

Ou seja, apesar da Biblioteconomia não ter sido a sua escolha profissional inicial, Shera buscou, desde o momento que nela ingressou, aproveitar as oportunidades de aprendizado que a área lhe oferecia, ao mesmo tempo em que colocava seus conhecimentos a serviço dela.

No ano seguinte, em 1928, ele foi trabalhar na *Scripts Foundation for Research in Population Problems*, onde compilava e organizava dados populacionais usando uma máquina tabuladora - a *Hollerith Machine* - considerada uma das precursoras dos modernos computadores (WEBER, 2010).

Após 11 anos trabalhando como bibliotecário, Jesse Shera retomou os seus estudos acadêmicos na *Graduate Library School* (GLS), na Universidade de Chicago, a fim de buscar uma formação especializada na área de Biblioteconomia. Segundo Furner (2004, p. 797, tradução nossa) "Shera cursou a GLS [...] como estudante de doutorado entre 1938 e 1940, graduando-se com um Ph.D. em 1944 [...]". O seu orientador foi Louis Round Wilson<sup>13</sup> e a sua banca contou com a presença de Lee Pierce Butler<sup>14</sup>.

Apesar do seu ingresso inesperado na Biblioteconomia, que ele mesmo definiu como "um ato de desespero de minha parte" (SHERA, [1964] *apud* WEBER, 2010, tradução minha), Jesse Shera teve uma vasta atuação na área. A lista de instituições nas quais ele trabalhou como bibliotecário inclui, além das já citadas, a liderança de um censo realizado na Biblioteca do Congresso (1940 e 1941), a *Central Information Division* do *Office of Strategic Services* (1941 a 1944) e a Biblioteca da Universidade de Chicago, onde foi diretor associado.

Além da atuação como bibliotecário, Shera também foi professor universitário. A sua carreira de docente em tempo integral<sup>15</sup> começou em 1947, quando ocupou o cargo de professor assistente na GLS, da Universidade de Chicago. Nesse período, ele lecionava as disciplinas de História das bibliotecas americanas, Bibliotecas universitárias, Catalogação, Administração de bibliotecas e Classificação (WINGER, 1990).

A segunda instituição na qual ele atuou como docente foi a *School of Library Science* (SLS) da *Western Reserve University* (WRU), onde foi diretor no período de 1952 a 1970. Foi na WRU que a carreira de docente e de pesquisador de Shera floresceu e onde ele pode contribuir de modo mais incisivo, para modificar a formação acadêmica na área de Biblioteconomia. Logo nos primeiros anos de sua gestão, ele

<sup>13</sup> Louis Round Wilson (1876 - 1979) foi um dos fundadores da GLS, da Universidade de Chicago.

<sup>14</sup> Lee Pierce Butler (1884 - 1953) foi professor na GLS, da Universidade de Chicago. Ele foi um dos primeiros a usar o termo "*library science*".

<sup>15</sup> Desde 1944 ele já lecionava em regime parcial na GLS (FURNER, 2004).

[...] aumentou o tamanho do corpo docente, expandiu a população de estudantes de pós-graduação da SLS e iniciou um programa de doutorado em 1956, que serviu de modelo para outras escolas de Biblioteconomia em sua abordagem disciplinar (WINGER, 1990, p. 119, tradução nossa).

Parte do sucesso de Shera advém de sua parceria com Margaret Egan<sup>16</sup>. Juntos eles lançaram o conceito de Epistemologia Social e trabalharam pelo desenvolvimento teórico da Biblioteconomia. Em entrevista concedida em 1968, Shera declara que Egan foi decisiva para que ele assumisse o cargo de diretor na WRU (SHERA, 1968 *apud* FURNER, 2004).

Juntos também elaboraram uma definição para o controle bibliográfico, descrevendo como os mecanismos que orientam o esforço necessário para identificar e obter de maneira eficiente uma informação específica, diante da totalidade de recursos informacionais disponíveis (EGAN; SHERA, 1949).

Margaret Egan foi a grande parceira de pesquisa de Shera e uma de suas amigas mais próximas. A morte repentina dela o abalou profundamente, tendo ele, anos depois, declarado “Eu senti como se metade de mim tivesse ido embora. Como eu continuo sem essa garota?” (SHERA, 1968 *apud* FURNER, 2004, p. 798, tradução nossa).

Embora admirado por seus colegas mais próximos, a personalidade de Shera dificultava o estabelecimento de parcerias com outros profissionais. Millis (1983 *apud* GROSSMAN, 2010, p. 166, tradução nossa) declarou certa vez que

Era difícil para ele [Shera] sofrer ao lado dos tolos alegremente. Ele era muito inteligente, uma pessoa bem informada. A postura dos tolos costumava perturbá-lo mais do que era bom para ele. Ele não perdia a paciência, mas mostrava seu aborrecimento, seu desprezo.

Todavia, curiosamente, o mesmo Millis também declarou que Shera sempre foi muito mais interessado nos assuntos pessoais de seus amigos do que nos seus próprios. E que mesmo quando não estava em suas melhores condições físicas e de saúde – Shera sofreu com sérios problemas de visão por toda vida –, era incapaz de ser desagradável com aqueles que o cercavam (WRIGHT, 1994).

Jesse Shera foi um ativo participante de uma série de entidades de classe, dentre elas: a *Association of American Law Schools* e a *Ohio Library Association* tendo sido, em ambas, presidente. Além delas, ele também ajudou a fundar o *American Documentation Institute* e o *Center for Documentation and Communication Research* (CDCR). Em 1953, tornou-se editor da revista *American Documentation*, permanecendo no cargo por sete anos. Após isso, contribuiu para o *Wilson Library Bulletin*, no período de 1961 a 1968.

(ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY, [2018]; BOSAK; JEW;  
<sup>16</sup> Margaret Elizabeth Egan (1905 – 1959) foi uma bibliotecária, professora universitária e pesquisadora norte americana. Ela atuou na *Cincinnati Public Library* e no *Industrial Relations Center* da Universidade de Chicago antes de se tornar professora na GLS dessa mesma universidade. Em 1955, ela se tornou professora na SLS, da *Western Reserve University*.

MOONDANCE, [2013]; WINGER, 1990).

Ele foi também um escritor prolífico, tendo publicado centenas de textos ao longo de sua carreira. Para se ter dimensão do volume de sua produção, os documentos que formam o seu arquivo pessoal ocupam quase nove metros no *Case Western Reserve University Archives* (WINGER, 1990). Ele escrevia fazendo uso de seu amplo referencial teórico-prático e era capaz de tratar de questões relacionadas a todos os tipos de biblioteca.

A sua vasta e significativa produção científica, sem sombra de dúvidas, foi responsável por disseminar as suas ideias e permitir que ele fosse convidado a participar de eventos relacionados a Biblioteconomia ao redor do mundo. Exemplo disso é sua participação na *Sarada Ranganathan Lectures* realizada em 1967, na Índia, pelo próprio Ranganathan. Nesse evento Shera realizou cinco palestras, a saber: Biblioteca e o Indivíduo; Biblioteca e Sociedade; Biblioteca e Conhecimento; Transição e Mudança; Educação do bibliotecário (ZANDONADE, 2004).

Esse evento não foi o único momento em que Ranganathan e Shera interagiram. Na verdade, eles eram admiradores do trabalho um do outro e trocavam correspondências regulares. Shera chegou, inclusive, a revisar uma das edições da *Colon Classification* e, por seu turno, Ranganathan sugeriu a ele leituras que impactaram no desenvolvimento do conceito de Epistemologia Social (GROSSMAN, 2010; VIEIRA, LUCAS, 2018).

Jesse Shera também esteve no Brasil, enquanto convidado dos Cursos de Pesquisas Bibliográficas realizados pelo então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, no ano de 1957. Sambaquy (1957, p. 7) informa que a vinda dele ao país foi “[...] para administrar uma série de conferências sobre ‘Processos Modernos de Documentação’”. Acerca dessa visita a crônica biblioteconômica da época, mostra que a comunidade bibliotecária brasileira se interessava pelo trabalho dele, especialmente, no tocante ao desenvolvimento dos processos de catalogação e classificação e as questões relacionadas a Documentação (MOURA, 1957 *apud* ODDONE, 2006)

O pesquisador faleceu no dia 8 de março de 1982, mas as suas reflexões influenciam a Biblioteconomia e outras áreas do conhecimento até os dias de hoje.

### **3 CONTRIBUIÇÕES DE SHERA PARA A BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Jesse Shera é considerada por muitos profissionais e estudantes, um dos autores que mais contribuiu para a Biblioteconomia do século XX. No início de seu trabalho buscou soluções para o armazenamento e o uso do conhecimento registrado e debateu acerca das características do profissional de Biblioteconomia na execução de suas atividades, e o efeito das tecnologias na biblioteca. A contribuição mais famosa de Shera para a área foi o conceito de Epistemologia Social. Em artigo intitulado **Epistemologia Social**,

**semântica geral e Biblioteconomia**, ele relata que a necessidade de informação orienta o indivíduo e a sociedade. O que é absorvido e conhecido por qualquer grupo deve ser comunicado e comunicável, fazendo do conhecimento e da linguagem elementos inseparáveis e imprescindíveis para a humanidade, pois “[...] a linguagem é a estruturação simbólica do conhecimento em forma comunicável e porque é o instrumento através do qual o conhecimento é comunicado” (SHERA, 1977, p. 10).

A sua trajetória de formação profissional foi um tanto quanto diferente da de outros bibliotecários da época, o que fez com que alguns considerassem que ele havia entrado na Biblioteconomia pela porta de trás (WRIGHT, 1994) e acabou por lhe transformar em um crítico do modelo de ensino e do currículo de Biblioteconomia até então praticado.

Embora suas primeiras publicações datem da década de 1930, o que o fez ser reconhecido no meio biblioteconômico foi sua tese de doutorado, defendida em 1944 e posteriormente publicada como livro, na qual ele pesquisou as origens da biblioteca pública nos Estados Unidos. O seu trabalho tinha como diferencial não buscar somente uma descrição histórica dos acontecimentos, mas sim partir da premissa de que seriam os padrões sociais estabelecidos por instâncias como o Estado e a família os responsáveis por originar as bibliotecas.

Através de uma pesquisa junto aos registros históricos de 1085 bibliotecas criadas, entre 1733 e 1855, na região norte americana conhecida como *New England*, Shera conseguiu estabelecer os interesses, objetivos e usos dessas instituições no momento de sua fundação. Munido da tabulação desses dados, ele os comparou com o então contexto social e cultural da região, a fim de demonstrar que os interesses e características das comunidades atendidas pelas bibliotecas foram decisivas para a criação, desenvolvimento e manutenção dessas instituições (WINGER, 1990).

As suas conclusões não foram recebidas passivamente pela comunidade bibliotecária de então, pois argumenta que é a sociedade que molda a biblioteca em vez do contrário contrariava o pensamento dos profissionais da época. De acordo com Winger (1990, p. 121, tradução nossa), Shera manteve o seu posicionamento, apesar das críticas, e “[...] sua reputação como um historiador da biblioteca foi estabelecida com esse livro”.

Shera se preocupava muito com a qualidade da formação dos bibliotecários. Ele não temia em dizer que “[...] os bibliotecários são basicamente empiristas, sem treinamento em pesquisa e no método científico” (SHERA, 1964, p. 145, tradução nossa) e acreditava que a pouca qualidade da formação profissional era extremamente prejudicial para a área, porque fazia com que os bibliotecários se agarrassem aos modelos tecnicistas e realizassem poucas atividades de pesquisa. Essa combinação empobrecia teoricamente a Biblioteconomia e dificultava o seu desenvolvimento. Shera

reconhecia, porém, como um passo importante o entusiasmo, quase infantil, com que a área buscou apropriar-se de metodologias de pesquisa<sup>17</sup> no pós Segunda Guerra.

Mais adiante, já como professor, propôs um currículo e uma agenda de pesquisa pioneiras, pois focavam no ainda incipiente campo de estudos da *recuperação da informação* (WINGER, 1990). A dedicação e o esforço empreendidos por Shera, para trazer as discussões referentes a esse tema para o meio bibliotecário, advêm de suas experiências profissionais prévias.

Como primeira frente de atuação, citamos as pesquisas que realizou sobre catalogação e classificação, e, principalmente, sobre o catálogo sistemático. Em parceria com Margaret Egan, publicou um importante livro sobre o tema, onde são abordadas as características, princípios e funções deste instrumento de representação, a fim de que tal ferramenta viesse a proporcionar a melhor recuperação possível para as pesquisas feitas pelos usuários (SHERA; EGAN, 1969), pois “o armazenamento e a recuperação da informação só fazem sentido quando são utilizados para o bem da humanidade” (SHERA, 1977, p. 11) e visam proporcionar o acesso à informação, em prol da construção do conhecimento.

A sua segunda frente de atuação surge na década de 1970; com o entendimento de que a Biblioteconomia deveria apropriar-se dos recém-criados “[...] sistemas e equipamentos eletromecânicos” (FONTOURA, 2012, p. 66). Para Shera O uso de computadores serviria para expandir e melhorar o processo de representação da informação, superando, assim, as limitações das fichas catalográficas e, também, o que considerava ser o maior problema das bibliotecas: recuperação da informação no momento conveniente.

Além disso, a adoção dessa tecnologia possibilitaria um maior detalhamento do processo técnico e permitiria aos bibliotecários, tempo e estrutura, para analisarem de maneira mais aprofundada as informações que disponibilizavam.

Ao mesmo tempo em que motivava os bibliotecários a adotar o uso do computador no desempenho de suas atividades, Jesse Shera também alertava em relação aos perigos de tornar-se servo dela ao invés de seu usuário (SHERA, 1976). Ele advogava que, por melhores que fossem as máquinas, elas jamais deveriam determinar o escopo da atuação das bibliotecas. O que deveria guiar as ações dessas instituições deveria ser sempre as necessidades de seus usuários, pois a tecnologia era apenas um meio, nunca um fim.

---

<sup>17</sup>Os primeiros métodos de pesquisa incorporados pela Biblioteconomia possuíam um caráter fortemente estatístico. Essa presença foi tão marcante que Shera (1964) chegou a declarar que por um período a pesquisa em Biblioteconomia tornou-se quase um sinônimo de pesquisa estatística. Entretanto, o autor via isso como natural, pois como “[...] os métodos e técnicas da própria Biblioteconomia foram empiricamente derivados, não surpreende que a pesquisa em Biblioteconomia também tenha sido empírica a princípio” (SHERA, 1964, p. 146, tradução nossa).

O alerta feito por Shera possui forte relação com aquela que foi sua grande proposição para a área de Biblioteconomia: a Epistemologia Social. O autor defendia que os profissionais deveriam dominar a tecnologia das máquinas e utilizar as suas potencialidades, para suprir as nossas necessidades. Desta forma, podemos olhar a epistemologia social como uma espécie de 'aculturação da máquina' (SHERA, 1977). Ou seja, ele acreditava que a Epistemologia Social dotaria a área de um arcabouço teórico sólido o suficiente para incorporar os computadores as suas rotinas sem se deixar submeter às características deles.

A adoção das inovações tecnológicas serviria de suporte no aprimoramento da função do bibliotecário, auxiliando-o ao melhor atendimento ao usuário. E, nesse contexto, atingindo o objetivo da Biblioteconomia que vai além da mera organização do acervo, tendo em conta que

O objetivo da biblioteconomia seja qual for o nível intelectual em que deve operar é aumentar a utilidade social dos registros gráficos, seja para atender à criança analfabeta absorta em seu primeiro livro de gravuras, ou um erudito absorvido em alguma indagação esotérica. Portanto, se a biblioteconomia deve servir à sociedade em toda extensão de suas potencialidades, deve ser muito mais do que um monte de truques para encontrar um determinado livro numa estante particular, para um consulente particular (SHERA, 1977, p. 11).

Em suas obras, Shera deixa implícita a importância da atuação do bibliotecário enquanto mediador da informação. Ressalta ainda que esse profissional deve conhecer todas as funções do conhecimento na sociedade, para que, ao disseminá-lo, venha a suprir, da melhor forma, as necessidades e demandas informacionais dos sujeitos.

O Conceito de Epistemologia Social – cunhado em parceria com Margaret Egan e apresentado ao público pela primeira vez em 1952, no artigo intitulado *Foundations of a theory of bibliography* – busca refletir sobre a produção do conhecimento pela sociedade considerando suas nuances e o papel desempenhado pelas unidades de informação. E, conseqüentemente, pelo bibliotecário nesse processo.

A proposição da Epistemologia Social, constrói, no tocante aos aspectos humanísticos, uma maior densidade teórica para a área de Biblioteconomia. Shera entendia que os aspectos práticos, voltados para o processo técnico dos documentos e os instrumentos que lhes davam suporte estavam em estágio mais avançado, do que as reflexões em torno do impacto social da área. Além disso, ele e Egan acreditavam que a Biblioteconomia deveria estar direcionada prioritariamente para o atendimento das necessidades informacionais dos usuários e não para os dados e/ou a tecnologia. Assim, é partindo dessas crenças que a Epistemologia Social é definida como responsável por

[...]fornecer uma estrutura para a investigação eficiente de todo o complexo problema dos processos intelectuais das sociedades – um estudo pelo



qual a sociedade como um todo procura uma relação perceptiva para seu ambiente total. Levantaria o estudo da vida intelectual a partir do escrutínio do indivíduo para uma pesquisa sobre os meios pelos quais uma sociedade, nação, ou cultura alcança compreensão da totalidade dos estímulos que atuam sobre ela. O foco desta nova disciplina seria sobre a produção, fluxo, integração, e consumo de todas as formas de pensamento comunicado através de todo o modelo social. De tal disciplina poderia emergir um novo corpo de conhecimento e uma nova síntese da interação entre conhecimento e atividade social (SHERA, 1977, p. 11).

Com essa proposta, ele também buscava erigir uma espécie de disciplina-mãe (ODDONE, 2007), um guarda-chuva teórico que fosse capaz de abrigar e viabilizar o diálogo entre as áreas de Biblioteconomia, Bibliografia, Comunicação e Documentação. Jesse Shera considerava o fomento e a interação entre disciplinas uma prática salutar e necessária, tendo chegado a afirmar que “No mundo da pesquisa moderna, a cooperação de acadêmicos e cientistas de uma variedade de disciplinas em um ataque em equipe a problemas de grande complexidade é uma das características mais distintas e importantes” (SHERA, 1964, p. 147-148, tradução nossa).

Shera acreditava que a prática interdisciplinar, proporcionada pela Epistemologia Social, era a chave para “[...] pensar as relações entre informação e sociedade no sentido de compreender como a informação pode interferir nas relações sociais e, por conseguinte, nas construções e classificações mentais de saberes” (SILVA, 2014, p. 175).

Seria através desse entendimento que a Biblioteconomia poderia desenvolver técnicas, que melhor orientassem sua conduta em relação ao gerenciamento dos recursos gráficos visando ampliar seu uso e sua utilidade social.

Na concepção de Shera, a Biblioteconomia deveria gerir e disponibilizar os recursos gráficos, que são a representação do conhecimento, da maneira mais eficiente, acessível e socialmente relevante possível. Essa deveria ser a sua aspiração máxima, pois ao fazer isso a área iria transpor a realização da técnica pela técnica e construir para si uma posição da qual a sociedade não poderia prescindir.

### **3.1 Obras de Jesse Shera: algumas considerações**

A vasta produção escrita de Jesse Shera é composta por 11 livros (alguns como autor, outros como editor), 45 capítulos de livro, 10 relatórios, 108 textos em publicações periódicas, 74 colunas no *Wilson Library Bulletin*, 29 editoriais para a *American Documentation*, 104 resenhas de livros (LOUW, [2014]; WINGER, 1990) e abrange temas como história das bibliotecas, catalogação, classificação, uso de tecnologias pelas bibliotecas, dentre outros. Ademais, dos significativos números apresentados muitas de suas obras foram republicadas em formatos diferentes do original.

O Quadro 1 a seguir apresenta as dez obras escritas por Jesse Shera, que mais

receberam citações segundo seu perfil no Google Acadêmico<sup>18</sup>.

**Quadro 1** - Relação dos trabalhos de Jesse Shera mais citados

TÍTULO DO TRABALHO	QUANTIDADE DE CITAÇÕES
<i>The Foundations of Education for Librarianship</i>	421
<i>Foundations of the public library; the origins of the public library movement in New England, 1629-1855</i>	353
<i>History and foundations of information science</i>	229
<i>Foundations of a theory of bibliography</i>	220
<i>Sociological foundations of librarianship</i>	215
<i>Los fundamentos de la educación bibliotecológica</i>	156
<i>Libraries and the organization of knowledge</i>	155
<i>Introduction to library science: basic elements of library service</i>	136
Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação	95
<i>Documentation and the organization of knowledge</i>	76

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir do Quadro 1 é possível perceber que dentro os trabalhos de Shera mais citados estão escritos predominante em língua inglesa. Apesar do inglês ser a língua franca da ciência, o fato de muitos desses trabalhos estarem escritos nesse idioma pode ser um inibidor para que estudantes de países não anglófonos acessem o seu conteúdo. Isso justificaria, parcialmente, os dados apresentados na introdução deste trabalho que afirmam que Shera é considerado um dos maiores nomes da Biblioteconomia pelos pesquisadores brasileiros, mas ainda permanece sendo pouco citado.

Os dados apresentados no quadro também reforçam que Shera trabalhou com vários temas relacionados a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação. Alguns exemplos de temáticas por ele discutidas são Biblioteca Pública, Bibliografia, Filosofia, Teoria da Biblioteconomia, Epistemologia, Bibliotecário de referência, Contexto social da Ciência da Informação, dentre outras.

Contemporâneo de nomes como Ranganathan, Lee Pierce Butler, Joseph Z. Nitecki, dentre outros, Shera foi capaz de se destacar e produzir trabalhos impactantes e cujas contribuições para a Biblioteconomia e Ciência da Informação parecem ser atemporais.

## **4 DISCUTINDO AS CONTRIBUIÇÕES DE SHERA PARA A BIBLIOTECONOMIA E PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Analisando a trajetória profissional e os trabalhos produzidos por Shera é possível observar que ele se dedicou a construir alternativas para a Biblioteconomia fundamentar suas ações, a fim de que ela superasse as fronteiras restritas nas quais se

<sup>18</sup> Dados coletados no dia 02 de abril de 2019 no perfil do biografado no Google Acadêmico.

encontrava. A sua busca por essa expansão se deu em variadas frentes, não tendo ele hesitado em questionar práticas e entendimentos arraigados em nome da construção de uma área e de uma profissão sólidas.

Jesse Shera sempre percorreu caminhos inusitados na Biblioteconomia e isso lhe permitiu percebê-la para muito além de suas práticas cotidianas. Na verdade, longe do senso comum que considera a Biblioteconomia puramente tecnicista, ele a entendia como sendo uma área fundamentalmente epistemológica (SHERA, 1977).

Esse entendimento deriva do fato da Biblioteconomia ser um elo importante na cadeia de informação e comunicação e de todos os seus processos, práticas e instrumentos estarem, em alguma medida, relacionados com “[...] linguagem, simbolismo, abstração, conceituação e avaliação” (SHERA, 1977, p. 12). Portanto, em seu entendimento, a área possui os elementos básicos para erguer-se enquanto campo de reflexão sobre si e a sociedade ao seu redor, bem como de construção teórico-prática de instrumentos que levassem ao gerenciamento dos recursos informacionais além do patamar da mera estocagem de itens.

Independente da vertente do trabalho de Shera que é escolhido para uma análise mais detalhada serão encontrados traços de sua formação multidisciplinar, de seu espírito crítico e de sua capacidade de enxergar os problemas a partir de pontos de vista criativos.

Um exemplo disso parte das suas reflexões relacionadas à adoção dos computadores pela Biblioteconomia, pois ele soube se apropriar do conhecimento de outras áreas e empregá-los nas rotinas das bibliotecas, ao mesmo tempo em não ignorava que os benefícios da adoção dessa tecnologia podiam ser suplantados se os profissionais não adotassem uma postura ativa frente a ela. Esse padrão de conduta de pesquisa e atuação profissional pode ser identificado em vários outros momentos de sua carreira.

O seu trabalho nem sempre foi bem recebido. O seu livro *Sociological Foundations of Librarianship*, publicado em 1970 e que trazia a síntese de seus principais posicionamentos, foi duramente atacado pela crítica no momento do lançamento. Uma resenha publicada pouco após sua disponibilização dizia que a obra não passava do agrupamento de velhas ideias pouco úteis (GROSSMAN, 2010).

Todavia, mesmo quando esteve sob duras críticas – a defesa de sua tese, sua postura rígida (e talvez demasiado conservadora) no tocante a seleção de materiais de informação, ou a sua insistência na aproximação entre Biblioteconomia e Documentação são exemplos de momentos em que isso ocorreu – Jesse Shera se manteve firme em seus posicionamentos, buscando sempre contribuir para o fortalecimento das discussões referentes à Biblioteconomia.

Algumas das proposições de Shera podem não ter ecoado tanto e tão profundamente quanto ele gostaria e/ou seria desejável quando foram publicadas. Todavia, isso não o impediu de ser agraciado com várias premiações<sup>19</sup> ainda em vida pelo conjunto de suas realizações. Entretanto, não é isso que mostra a relevância de suas contribuições, mas sim o fato delas terem sobrevivido ao tempo e hoje servirem de referencial para discussões em diversas áreas tais como a Biblioteconomia, as Ciências Cognitivas, a Educação e a Ciência da Informação.

A criatividade e a criticidade mencionadas anteriormente deram origem a trabalhos que colocaram os usuários e suas necessidades no centro das atenções, contribuindo para que as suas produções, – algumas com mais de 50 anos – estejam alinhadas com muitos dos atuais debates e preocupações da Biblioteconomia. Dessa forma, podemos avaliar as contribuições de Shera tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Numa análise bibliométrica simples encontra-se um pesquisador cujo índice h é de 28, e que acumula mais de 3700 citações recebidas em apenas uma ferramenta de análise<sup>20</sup>. Diante da variedade de fontes existentes, atualmente, são números que impressionam.

Ao voltar o olhar para os aspectos qualitativos, encontra-se um pesquisador que nunca se encaixou bem em seu tempo e que, simultaneamente, entendia o passado e vislumbrava o futuro de sua área de atuação como poucos. Essas características correspondem ao que Agamben (2009) sintetiza como fundamental para ser contemporâneo. Nas palavras do filósofo italiano

[...] o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Jesse Shera reunia todas essas características e foi isso que o permitiu construir uma obra inovadora para sua época, que segue sendo revolucionária nos dias de hoje.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesse Shera desenvolveu vários conceitos no âmbito da Biblioteconomia que, posteriormente, foram incorporados também pela Ciência da Informação. Deixou marcas profundas e positivas quando atuou como bibliotecário em variados tipos de unidades de informação e nas outras atividades desenvolvidas como professor

<sup>19</sup> Alguns dos prêmios recebidos por Jesse Shera foram: *Melvil Dewey Medal*, em 1968; *Lippincott Medal* e *Ohio Library Hall of Fame*, em 1973; *Kaula Gold Medal* (Índia), em 1976; dentre outros.

<sup>20</sup> Dados obtidos no perfil que o biografado possui no Google Acadêmico e foram coletados no dia 02 de abril de 2019.

universitário, diretor de centro, escritor, editor, representante de classe e bibliógrafo.

Shera foi um pesquisador inquieto, criativo, persistente e dono de uma cultura geral notável. A combinação dessas características lhe permitiu trabalhar com todos os temas referentes à Biblioteconomia e áreas correlatas de seu tempo. Ele trouxe reflexões pioneiras sobre os possíveis impactos da presença dos computadores nas bibliotecas, e um dos primeiros a buscar orientar a atuação da biblioteca para os usuários. Os seus estudos enfatizavam os aspectos sociológicos e humanísticos e tinham como foco a Biblioteconomia, além das perspectivas técnicas. Toda a trajetória de Jesse Shera ilustra o seu compromisso com as áreas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

Jesse Shera exerceu grande influência na Biblioteconomia, na Documentação e na Ciência da Informação e contribuiu inexoravelmente para o desenvolvimento dessas áreas. Os seus trabalhos fomentam debates nos meios acadêmico e científico, e servem de inspiração para muitos pesquisadores na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

AMERICAN NATIONAL BIOGRAPHY. **Shera, Jesse Hauk**. Oxford: Oxford University, [2018]. Disponível em: <http://www.anb.org/view/10.1093/anb/9780198606697.001.0001/anb-9780198606697-e-2001172>. Acesso em: 9 maio 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; LAGE, Danilo Francisco de Souza; SOUZA, Ráisa Mendes Fernandes; ASSIS, Romênia Aparecida. A contribuição de J.H. Shera para a Ciência da Informação no Brasil. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 15, n. 2, p. 71-89, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/712>. Acesso em: 14 mar. 2019.

ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY. Jesse Hauk Shera. *In*: ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY. **Pioneers of Information Science**. Maryland, [2018]. Disponível em: <https://www.asist.org/pioneers/jesse-hauk-shera/>. Acesso em: 9 maio 2018.

BOSAK, Cynthia; JEW, Vincent; MOONDANCE, Hanako. **Reaching back to look forward: the legacy of Jesse Shera**. Estados Unidos da América, [2013]. 14 slides. Disponível em: <https://www.slideshare.net/cbosakUniv/jesse-hauk-shera-workshop-presentation-test3>. Acesso em: 12 jun. 2018.

EGAN, Margareth; SHERA, Jesse Hauk. Prolegomena to bibliographic control. **Journal of Cataloging and Classification**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 17-19, 1949.

FACHIDIOT. *In*: **COLLINS Dictionary**. Glasgow: HarperCollins, 2012. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/submission/1182/fachidiot>. Acesso em: 12 jun. 2018.

FONTOURA, Marcelo Carneiro da. **A Documentação de Paul Otlet: uma proposta para a organização racional da produção intelectual do homem**. 2012. 220 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/17113>. Acesso em: 14 jun. 2018.

FURNER, Jonathan. “A Brilliant Mind”: Margaret Egan and Social Epistemology. **Library Trends**, Illinois, v. 52, n. 4, p. 792-809, Spring 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2142/1698>. Acesso em: 14 set. 2019.

GROSSMAN, Hal B. ‘Without Reserve’: Jesse Shera in the Wilson Library Bulletin and Elsewhere, 1961–1970. **Library & Information History**, Oxford, v. 26, n. 2, p. 152–169, June 2010.

LOUW, Gerald. **Jesse Hauk Shera**. Estados Unidos da América, [2014]. 12 slides. Disponível em: <https://www.slideshare.net/geraldleeroy/jesse-hauk-sheraslide-share>. Acesso em: 12 jun. 2018.

NITECKI, Joseph Z. **Metalibrarianship**: a model for intellectual foundations of Library Information Science. Estados Unidos da América, 1993. v. 1

ODDONE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652006000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652006000100006). Acesso em: 12 jun. 2018.

ODDONE, Nanci. Revisitando a “epistemologia social”: esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, dez. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1190/1360>. Acesso em: 14 jun. 2018.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. **O I.B.B.D. e os Serviços que se propõe a prestar**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1957. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1003/1/SAMBAQUY.%20O%20IBBD%20eos%20servi%C3%A7os%20que%20se%20prop%C3%B5em%20a%20prestar.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SHERA, Jesse Hauk. Darwin, Bacon, and research in Librarianship. **Library Trends**, [s. /], v. 13, n. 1, p. 141-149, jul. 1964.

SHERA, Jesse Hauk. **Knowing books and men; Knowing computers, too**. Littleton, Colorado: Libraries Unlimited, 1973.

SHERA, Jesse Hauk. Failure and Success: Assessing a Century. **Library Journal**, [s. /], v. 101, n. 1, p. 281-287, Jan. 1976.

SHERA, Jesse Hauk. Epistemologia social, Semântica geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92>. Acesso em: 9 maio 2018.

SHERA, Jesse Hauk; EGAN, Margaret. **Catálogo sistemático**: princípios básicos e utilização. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1969.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Múltiplas interlocuções da informação no campo**



**da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos.** 2014. 489 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17065>. Acesso em: 14 jun. 2018.

VIEIRA, Keitty Rodrigues; LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira. Jesse Shera e sua contribuição para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Encontros Bibli:** revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [s. l.], v. 23, n. 51, p. 17-30, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2018v23n51p17>. Acesso em: 12 jun. 2018.

VIEIRA, Keitty Rodrigues; LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira; ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Jesse Shera: entre citações e bibliografia. *In*: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 35., 2017, Santa Catarina. **Anais** [...]. Santa Catarina: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2017. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1307>. Acesso em: 01 jun. 2018.

WEBER, Kimberley Smarling. **Jesse Hauk Shera.** Newton, Connecticut, 2010. Disponível em: <https://capstoneportfoliokimberleysweber.weebly.com/ils-503-jesse-shera.html>. Acesso em: 9 maio 2018

WIKTIONARY. **Fachidiot.** 2018. Disponível em: <https://en.wiktionary.org/wiki/fachidiot>. Acesso em: 12 jun. 2018.

WINGER, Howard W. SHERA, JESSE HAUK (1903-1982). *In*: WIEGAND, Wayne A. (ed.). **Supplement to the Dictionary of American Library Biography.** Englewood, Colorado: Libraries Unlimited Inc., 1990. p. 119-123. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=SqpJMeDXMwUC&pg=PA119&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=SqpJMeDXMwUC&pg=PA119&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 9 maio 2018.

WRIGHT, Herbert Curtis. Aproximación a Jesse Shera (1903-1982) y la Biblioteconomía. **Documentación de las Ciencias de la Informacion**, Madrid, n. 17, p. 231-240, 1994. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/viewFile/DCIN9494110231A/20061>. Acesso em: 12 jun. 2018.

ZANDONADE, Tarcisio. Social Epistemology from Jesse Shera to Steve Fuller. **Library Trends**, Illinois, v. 52, n. 4, p. 810-832, Spring 2004.

# Capítulo 13

## Biblioteconomia no Brasil: contribuições de Laura Garcia Moreno Russo

*Valeska Paulino Nogueira*

*Jéssica Monteiro Lima do Nascimento Araújo*

### 1 INTRODUÇÃO

O entendimento do percurso da Biblioteconomia no mundo e mais especificamente no Brasil, no que se refere à formação e regulamentação, é notadamente pertinente para os profissionais da área. Pois, oferece subsídio para a reflexão da relevância de acontecimentos e sujeitos que contribuíram de forma direta para a configuração profissional, que verificamos hoje, e para a construção da identidade da Biblioteconomia.

De acordo com o Conselho Federal de Biblioteconomia (CBF):

Na década de 50, algumas bibliotecárias brasileiras, lideradas pela dinâmica figura de Laura Garcia Moreno Russo, de São Paulo, iniciaram os esforços para ver a biblioteconomia oficialmente reconhecida junto aos poderes públicos e junto à sociedade brasileira (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2018, não paginado).

Vendo em Laura Garcia Moreno Russo grande importância acerca das contribuições dadas para regulamentação da área, nos propomos a discorrer sobre os eventos no contexto de sua atuação profissional. Dentre suas generosas contribuições, que perduram até os dias atuais, destacamos a criação da lei que regulamenta a Biblioteconomia como uma profissão com nível superior e sua atuação junto à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB)<sup>21</sup>, que serão abordados, de forma mais detalhada e em articulação com informações sobre sua formação acadêmica e trajetória profissional, ao longo deste trabalho.

### 2 LAURA GARCIA MORENO RUSSO E A BIBLIOTECONOMIA

Laura Garcia Moreno Russo nasceu em 20 de fevereiro de 1915, no Rio de Janeiro. Na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo cursou Biblioteconomia, no ano de 1942, e Documentação, no ano de 1959. Concluiu o curso de pós-graduação "Superior de Bibliotecas e Arquivos" (*Ministerio de Educación Nacional de España*, Biblioteca Nacional

<sup>21</sup> Hoje chamada de Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições.

de Madrid), em 1958. E obteve título de graduação em Direito pela Universidade de São Paulo, em 1975.

Ela foi uma bibliotecária que ao longo de sua caminhada profissional, observou, pesquisou, publicou e lutou pela união da classe de bibliotecários para que juntos tivessem “força e voz” perante a sociedade. Devido a todos os esforços e trabalhos realizados por Laura Russo, no contexto da Biblioteconomia, ela obteve reconhecimento no Brasil e em outros países. Nos Estados Unidos, recebeu Diploma de Cidadã Honorária de *Springfield* e na Alemanha, recebeu Homenagem e Medalha da *Deutsche Staatsbibliothek* em Berlim. Já no Brasil, Laura recebeu um prêmio da Associação Paulista de Bibliotecários em reconhecimento à excelência de sua atuação em bibliotecas hospitalares, a Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo, através do decreto nº 17/1991 da Câmara Municipal de São Paulo, de 25 de junho de 1991, no qual considera-se:

A vida da senhora Laura Garcia Moreno Russo tem sido uma trajetória incansável de implantação e direção de bibliotecas e arquivos, publicação de trabalhos, cursos ministrados, conferências e orientação técnica para organização de livros e dados fundamentais para a vida cultural e para diferentes setores da administração. A exorbitância de seu exemplo e o mérito de seu talento têm extrapolado até as fronteiras nacionais. Tanto, que tem recebido o reconhecimento de dezenas de cidades que sucessivamente lhe têm demonstrado a gratidão com medalhas, diplomas e títulos de cidadã (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1991, não paginado).

Além da formação acadêmica citada, Laura Russo aperfeiçoou-se em sua área de atuação, através de cursos de pós-graduação como o Mestrado em Biblioteconomia e Arquivística, realizado na Biblioteca Nacional de Madrid e outros cursos de capacitação nas temáticas de restauração, classificação decimal, indexação, microfilmagem e automação. Esses cursos contribuíram para o seu exercício profissional em bibliotecas e centros de documentação.

Realizou cursos relacionados à sua formação em Direito, com temáticas voltadas para os códigos penal e de processo civil e os direitos autorais e processuais do trabalho brasileiros. Os conhecimentos advindos de sua segunda formação acadêmica contribuíram em todo o processo de busca pelo reconhecimento dos direitos dos bibliotecários, diante do poder público, como profissionais com ensino superior. Além disso, Laura destacou-se por seu ativismo político em prol da classe e sua marcante contribuição para a aprovação da legislação, que regulamenta o exercício profissional dos bibliotecários e dá suporte jurídico a esses profissionais, bem como para a criação do Sistema Conselho Federal de Biblioteconomia e Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB).

## 2.1 O currículo de Laura Russo

Laura Russo possui um extenso currículo, que foi apresentado em detalhe no já citado decreto da Câmara Municipal de São Paulo. Assim, a seguir, listamos os cursos de extensão em âmbito nacional e internacional em que Laura Russo estudou: títulos honoríficos e homenagens recebidos; cargos exercidos; trabalhos publicados; projetos elaborados e implantados:

### Cursos de extensão universitária no Brasil:

- Documentação Científica e Arquitetura do Livro, Universidade Federal da Bahia, 1959;
- Classificação Decimal e Documentação Científica, Escola de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1959;
- Seminários de Assuntos Biblioteconômicos, APB, 1962;
- Difusão da Informação Teórica e Científica, APB, 1963;
- Difusão da Informação Técnico-Científica, APB, São Paulo, 1965;
- Documentação Científica, Universidade de São Paulo, 1966-1967;
- Biblioteca e Automação, APB, 1968;
- Restauração de Livros e Documentos, Prefeitura de São Paulo, 1970;
- Noções Básicas de Microfilmagem, São Paulo, Kodak, 1971;
- Estudo sobre o novo código de processo civil, Centro de Aperfeiçoamento Jurídico, 1973;
- O novo Código Penal, Faculdade de Direito da USP, 1974;
- Indexação e Resumos, ABEED / APB, 1974;
- Curso sobre Direitos Autorais, Instituto Interamericano dos Direitos Autorais e Faculdade de Direito da USP, 1975;
- Curso de Direito Processual do Trabalho, Faculdade de Direito da USP, 1981.

### Cursos de Extensão Universitária Estrangeiros:

- *Lo Espanñol em la Creación Artística*. Madrid, Espanha. Instituto de Cultura Hispánica, 1958;
- Inglês do Ponto IV. *Agency for International Development, Georgetown University, USA*, 1964;
- *Social Science Research and Training. Department of Health, Education and*

*Welfare, USA, 1964-1965;*

## **Títulos honoríficos – homenagens:**

- Prêmio da Associação Paulista de Bibliotecários, pelo trabalho “Bibliotecas Hospitalares, 1947”;
- Homenagem e placa de prata da Casa de Cervantes. São Paulo – 1957;
- Homenagem e Medalha da *Deutsche Staatsbibliothek*. Berlim, III Centenário, 1961;
- Medalha Honra ao Mérito, no Dia Internacional da Mulher, em 1962;
- Diploma de Cidadã Honorário de *Springfield, Illinois*, Terra de Lincoln – USA, 1964;
- Homenagem e placa de prata, da Associação Paulista de Bibliotecários, pelo trabalho desenvolvido para regulamentar a Lei 4084/62 – Decreto 56.725/65;
- Menção Honrosa da Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1966;
- Paraninfa da turma de Bibliotecários da Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Placa de prata, 1966;
- Homenagem da Câmara Municipal de Presidente Prudente, pela participação da Comissão que apresentou o projeto da Biblioteca Pública da Cidade, 1967;
- Bibliotecária do Ano. Portaria 844/68 do Ministério da Educação e Cultura, 1968;
- Homenagem dos Bibliotecários Brasileiros, durante o V CBBB em 15-1-1967. Placa de Prata;
- Homenagem e placa de prata, da Faculdade de Biblioteconomia e Documentação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 12 de março de 1968;
- Homenagem e placa de prata dos Bibliotecários de Campinas, 1968;
- Homenagem e placa de prata da Associação Paulista de Bibliotecários, à Bibliotecária do ano, 1968;
- Homenagem e placa de prata do Conselho Regional de Biblioteconomia e da Associação dos Bibliotecários do Rio de Janeiro pelo 10º aniversário da Lei 4084/62, da regulamentação profissional, 30-6-1972;

- Homenagem e medalha de ouro, do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará, 1973;
- Presidente de Honra do VII Congresso de Biblioteconomia e Documentação, Pará, 1973;
- Medalha do VI Congresso Internacional do Microfilme. São Paulo, 1974;
- Homenagem e placa de prata da Associação dos Bibliotecários São Carlenses, 1975;
- Homenagem e denominação de “Laura Russo” ao Centro de Estudos das Faculdades Integradas Teresa D’Ávila, de Santo André, 1977;
- Homenagem e placa de prata da Câmara Municipal de São Carlos, em 14-2-1977;
- Homenagem e placa de prata, conferida pela Prefeitura do Município de São Bernardo, pela colaboração prestada à Comissão de reestruturação administrativa da Biblioteca Municipal da Cidade, em 19-3-1979;
- Homenagem. Diploma e medalha conferidos pela Sociedade Geográfica Brasileira de São Paulo, tendo em vista as atividades desenvolvidas durante a mudança do Arquivo Intermediário da Prefeitura do Município de São Paulo, que salvou preciosa documentação da cidade, 1979;
- Homenagem. Convidada de honra da colação de grau da primeira Turma de Bibliotecários das Faculdades Integradas Teresa Ávila, de Santo André, 1979;
- Homenagem da FEBAB, durante o Seminário de Reprografia, pelo 202 aniversário da Lei 4084/62. São Paulo, 1982;
- Homenagem e placa de prata da Escola de Biblioteconomia e Documentação de Formiga-MG, em 23-6-1983;
- Homenagem e placa de prata do CRB-8, pelo Jubileu de Prata da Lei 4084/62, em 30-6-1987;
- Homenagem Especial do 142 CBBB, Recife, 20-9-87;
- Homenagem. Diploma e medalha da Biblioteca Nacional, em 29-10-1987, pelos serviços prestados ao Livro e à cultura nacional;
- Homenagem do Centro Acadêmico da Escola de Biblioteconomia e Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, dando à entidade a denominação de “Centro Acadêmico Laura Garcia Moreno Russo” e à homenageada, o título de Paraninfa, 19 de maio de 1988, com placa de prata;



- Homenagem da APB, durante os festejos de seu jubileu de ouro, como participante de Diretoria, 1973/75, em agosto de 1988, durante a 10º Bienal internacional do Livro.

## **Cargos exercidos:**

- Bibliotecária da 6º Medicina de Homens, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Serviço do Professor Celestino Bourroul, 23 de abril de 1942 a 10 de junho de 1950;
- Bibliotecária da Seção de Aquisição e Registro da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, 1942-1959;
- Bibliotecária Chefe, por concurso público federal, do Ministério do Trabalho. Título de nomeação assinado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas. Diploma do concurso, conferido pelo DASP, em 1944;
- Bibliotecária da Primeira Clínica Cirúrgica de Mulheres, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Serviço do Dr. Ayres Netto, 1950-1952;
- Bibliotecária da Casa de Cervantes, atual Faculdade Ibero-Americana, 1955-1957;
- Bibliotecária da Academia Paulista de Letras, 1956-1957;
- Fundadora e Primeira Presidente da Associação dos Bibliotecários Municipais de São Paulo, 1957-1959;
- Bibliotecária Chefe da Seção de Psicologia Infantil da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, da Prefeitura de São Paulo, 1959-1961;
- Editora do FEBAB, Boletim Informativo, v.1 a 26, com 78 fascículos, 1960-1972;
- Conselheira da Associação dos Servidores Municipais de São Paulo, 1961-1963;
- Secretária do Grupo Latino americano da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários - FIAB/GRAL, 1961-1966;
- Bibliotecária-Chefe da Seção de Aquisição e Registro da Biblioteca Municipal de São Paulo, 1961-1968;
- Fundadora e primeira Presidente da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB, 1961-1974;
- Primeira Presidente eleita do Conselho Federal de Biblioteconomia, CFB -1966-1968;
- Diretora da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, 1968;
- Fundadora e Diretora da Divisão de Documentação - DAMU, da Prefeitura de São Paulo, 1968-1977;

- Editora da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v.1-10, 1973-1977;
- Membro da Comissão Fiscal da Associação Paulista de Bibliotecários, APB, 1973-1975;
- Diretora Técnica do Departamento de Expediente e Informação da Prefeitura do Município de São Paulo, 5 de julho de 1977 a 4 de setembro de 1979;
- Auditora da PCE-Planejamento e Consultoria Empresarial, 1980/82;
- Membro eleito do Conselho Federal de Biblioteconomia, 1981-1984;
- Coordenadora da Comissão de Legislação e Normas do CFB, 1981-1984;
- Membro da Comissão de reformulação da Lei 4084/62 do CFB, 1981-1984;
- Presidente da Comissão para a reformulação da Lei 4084/62. Portaria n. 06 do CFB, 1988-1989;

### **Trabalhos publicados:**

- Bibliotecas Hospitalares. Revista Clínica de São Paulo, 18 (2), 1945;
- Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários: tese apresentada ao II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. FEBAB, Boletim Informativo, 10 (3/4): 37-41, 1964;
- Deontologia e Ética Profissional. Tese apresentada ao II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Curitiba, 1961;
- Entradas de Autores Corporativos. Tese apresentada ao VIII Seminário da SALAM, Organização dos Estados Americanos, 1963;
- O Código de Ética Profissional do Bibliotecário Brasileiro. FEBAB, Boletim Informativo, V (1/2): 32-35, 1963;
- Escolas de Biblioteconomia no Brasil. Atas do V Colóquio de Estudos Luso-brasileiros, p. 245-269, 1969;
- Estudos comparativos dos currículos de Biblioteconomia. FEBAB. Boletim Informativo, 9 (3/4), 1964;
- A Divisão de Bibliotecas Infante-Juvenis de São Paulo: sua história e seus trabalhos. FEBAB, Boletim Informativo, 10 (1/2): 12-20, 1964;
- Relatório de estágios em Bibliotecas dos USA, apresentado à *Agency International Development* (AID), em 1965. FEBAB, Boletim Informativo 12 (5/7): 8391, 1965;
- A Biblioteconomia Brasileira: 1915-1965. Rio de Janeiro, INL, 1968;
- O Analfabetismo e as Bibliotecas: tese apresentada ao Seminário da UNESCO,

- em São Paulo, 1966. FEBAB, Boletim Informativo, 14 (5/6): 78: 91, 1966;
- Planejamento de Bibliotecas Públicas. Revista Acrópole. São Paulo, 329:21, jun., 1966;
  - Biblioteca Instrumento de Cultura. Revista Globo: entrevista, 1967;
  - Bibliotecas das Faculdades de Medicina do Brasil. FEBAB, Boletim Informativo 15 (1/2): 11:28, 1967;
  - Centros de Informação e Processamentos Técnicos. FEBAB, Boletim Informativo 16 (5/6): 65-71, 1967;
  - Padrões para a instalação de escolas de Biblioteconomia. FEBAB, Boletim Informativo, 18 (3/4): 36-42, 1968;
  - Bibliotecas Especializadas em Assuntos Agropecuários. Rio de Janeiro, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, 1969;
  - A Documentação na Administração Pública. FEBAB, Boletim Informativo, 23 (3/4): 69-77, 1971;
  - A Legislação Profissional Necessita Mudar? FEBAB, Boletim Informativo, 24 (1/2): 59-68, 1971;
  - O que a FEBAB e o que ela necessita ser. FEBAB, Boletim Informativo, 24 (1/2): 69-94, 1971;
  - Os Processamentos Técnicos Dificultam ou Aceleram a Informação? RBBB, 1 (1/3): 44:48, 1973;
  - FEBAB: estrutura e funcionamento. São Paulo, FEBAB, 1973; 67 p.;
  - CFE: organização e legislação. São Paulo, FEBAB, 1973, 93 p.;
  - Bibliotecas Públicas Municipais de São Paulo. São Paulo, FEBAB, 1973;
  - Bibliotecas Públicas. RBBB, 2 (4/6): 119-125, 1973;
  - A Preparação dos Acervos e a Boa Qualidade do Microfilme. RBBB, 4 (4/6): 143-149, 1974;
  - Catálogos do público em Bibliotecas. RBBB, 6 (1/3): 69-78, 1975;
  - Mercado de trabalho. RBBB, 8 (1/3), 1976;
  - O "Lobby" e a atuação dos bibliotecários no Congresso Nacional. RBBB, 8 (4/6), 1976;
  - *Brazilian Federation of Association of Librarians. Cleveland, USA, The Journal Of Library History*, p. 313-315;
  - Odette Senna de Oliveira Felina. Homenagem, v. 17 (1/2): 1984;

- Qual era a situação do Bibliotecário antes da fundação da FEBAB? Entrevista com a RBED, v. 17 (1/2): 93-97, jan/jul 1984: 132-135;
- Os Conselhos Regionais de Biblioteconomia e o Registro de Pós-Graduados em Biblioteconomia, sem graduação na área específica. Brasília, CFB, 1984;
- Movimento Sindicalista, rumo à Federação Nacional: entrevista com INFORMA, n. 87, jan. 1987;
- Visão panorâmica do movimento associativo do Bibliotecário brasileiro: Associações, Associações Profissionais, FEEAB e Sindicatos. 14º CBBB, Recife, Sessão da FEBAB, setembro de 1987;

### **Projetos elaborados e implantados:**

- Orientação Técnica ao Projeto de Construção da Biblioteca Pública de Presidente Prudente, 1967;
- Orientação Técnica ao Projeto de Planejamento, Instalação e Organização da Biblioteca Municipal de Santo André, 1968;
- Projeto de instalação da Faculdade de Biblioteconomia de Santo André, Fundação Santo André, em 1968;
- Projeto de Microfilmagem do Arquivo da Junta Comercial de São Paulo, em 1969;
- Projeto de Reforma Administrativa do Instituto Nacional do Livro. Processo MEC 235.546/70;
- Projeto de Criação do Departamento Nacional de Bibliotecas e Arquivos. FEBAB, Boletim Informativo, 22 (1/2): 11-22, 1970;
- Projeto de Reforma Administrativa do Arquivo Nacional, FEBAB, Boletim Informativo, 22 (3/4): 37-105, 1970;
- Projeto de Reforma Administrativa da Biblioteca Nacional. FEBAB, Boletim Informativo, 22 (5/6): 106-135, 1970;
- Assessoria ao Projeto de Microfilmagem de Documentos do Tribunal de Alçada Criminal. Ofício 28/71 – GP;
- Anteprojeto de Reforma Administrativa da Biblioteca Municipal de São Bernardo do Campo, em 1973;
- Projeto e execução de microfilmagem do Arquivo do Tribunal de Contas do Município de São Paulo. Processo 195.185/74-PMSP;
- Projeto de Microfilmagem dos Arquivos da CMTC, em 1976;
- Levantamento e diagnóstico da situação do Arquivo da Secretaria da Fazenda de São Paulo. Processo SP-9407, 1976-1977;

- Projeto e execução da microfilmagem dos Diários Oficiais da Prefeitura do Município de São Paulo, 1892-1979. DAM-4 e EXP. GAB. 1976-1979;
- Projeto e execução da microfilmagem dos prontuários de servidores falecidos, da Prefeitura do Município de São Paulo, abrangendo o período de 1892 a 1976 - DAM4 e EXP.GkB.,1977-1979;
- Projeto e execução da microfilmagem dos prontuários de servidores aposentados, da Prefeitura do Município de São Paulo,1892- 1978. EXP. GAB., 1978-1979;
- Projeto e execução da microfilmagem do acervo histórico, do Arquivo Washington Luis, da Prefeitura do Município de São Paulo, 1978-1979 - EXP. GAB. 1979;
- Projeto e execução da microfilmagem dos documentos da COGESP, Exp. Gab, Tribunal de Contas do Município, 1970-1979;
- Projeto de reforma e execução da mudança do Arquivo Administrativo e dos Cadastros de 12.500 processos, da Prefeitura do Município de São Paulo, 1977-1979;
- Projeto e execução da reforma dos cadastros do Instituto Americano de Educação e Cultura, 1980-1982. São Paulo;

Analisando seu extenso e abrangente currículo, percebe-se que Laura Russo foi uma bibliotecária muito importante na área biblioteconômica. Seu engajamento em âmbito nacional e internacional; a publicação de trabalhos que representam fontes de informação para os profissionais da área, através dos quais ofereceu um apanhado resultante de suas experiências e estudos sobre temáticas que marcaram seu perfil e percurso profissional; as atuações de destaque em bibliotecas hospitalares, na Santa Casa de Misericórdia, na Biblioteca Mário de Andrade, na prefeitura de São Paulo, na Academia Paulista de Letras, nas quais ocupou cargos de chefia/Direção, que motivaram os prêmios e medalhas recebidos; a ocupação de posições de liderança/presidência em associações e conselhos de classe regionais e federais; e as lutas em prol dos movimentos associativos; a criação da FEBAB. Todo esse conjunto de contribuições dadas à Biblioteconomia e à Sociedade representam o legado de Laura Russo.

## **2.2 Laura Russo e suas contribuições na FEBAB**

Fundada em 26 de julho de 1959, a FEBAB é vista como um dos produtos das lutas de Laura Russo, já que a ideia de criação da Federação foi apresentada por ela e Rodolfo Rocha Júnior no II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD) em Salvador – BA (ALMEIDA, 2012).

De acordo com o site da FEBAB, a missão dessa instituição é “defender e incentivar o desenvolvimento da profissão”, tendo como objetivos:

Congregar as entidades para tornarem-se membros e instituições filiadas; coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais; apoiar as atividades de seus filiados e dos profissionais associados; atuar como centro de documentação, memória e informação das atividades de biblioteconomia, ciência da informação e áreas correlatas brasileiras; interagir com as instituições internacionais da área de informação; desenvolver e apoiar projetos na área, visando o aprimoramento das bibliotecas e dos profissionais; contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das comissões e grupos de áreas especializadas de biblioteconomia e ciência da informação (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES, 2018, não paginado).

É possível observar que as ideias e questões defendidas por Laura Russo, foram elementos que pautaram a elaboração da missão e dos objetivos da FEBAB. As lutas e direcionamentos sobre as formas de atuação e posicionamento dos bibliotecários, perante a sociedade, foram marcas do discurso de Laura Russo.

Em entrevista concedida à Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, em 1984, Laura Russo faz um retrato do panorama da Biblioteconomia em sua época de atuação, e aponta de forma clara os passos dados para a criação da FEBAB. Laura menciona o I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em 1954 na cidade de Recife, como um importante acontecimento para a Biblioteconomia. Com pioneirismo na realização de eventos da área, o Congresso teve como temática “a Situação Atual da Biblioteconomia no Brasil”. Ela ainda destaca o trabalho apresentado pela bibliotecária Luiza Fonseca, que exercia funções de Bibliotecária do Serviço de Documentação da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. O trabalho de Luiza Fonseca trouxe ao cerne das discussões a necessidade de estabelecimento de um currículo mínimo, que pautasse os estudos dos então oito cursos de Biblioteconomia estabelecidos no país, além de alertar sobre a necessidade de movimentos e instituições associativas e a criação de uma entidade representativa da classe bibliotecária. Os cursos existentes na época eram:

- Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, 1915;
- Curso de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1940 (resultado da incorporação do Curso criado em 1936 pela Prefeitura de São Paulo);
- Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal da Bahia, 1942;
- Curso de Biblioteconomia, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1945;
- Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1947;
- Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal de Minas Gerais, 1950;
- Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal de Pernambuco, 1950;



- Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Paraná, 1952.

Com o aumento no número de cursos de Biblioteconomia no Brasil, conseqüentemente, houve um aumento no número de bibliotecários formados e, nesse contexto, as capacidades exigidas pelas práticas profissionais intensificaram a necessidade de uma formulação planejada sobre as disciplinas que deveriam compor o currículo mínimo da profissão. O alerta feito por Luiza Fonseca, com relação à necessidade de criação e unificação de um currículo mínimo que contemplasse as principais disciplinas a serem estudadas no decorrer do curso e a criação de entidades de classe. E, assim, deu voz aos anseios dos bibliotecários da época que enfrentavam dificuldades e desejavam um aprimoramento e evolução das Bibliotecas, bem como da formação em Biblioteconomia e uma maior representatividade e visibilidade perante a Sociedade.

[...] Naquele ano de 1954, existiam seis associações de bibliotecários e a tese de Luiza Fonseca já retratava a necessidade de ser criada uma entidade para congregar os bibliotecários do país, através de suas respectivas associações. [...] era pequeno o número de entidades pelas quais as atividades dos bibliotecários eram conhecidas (REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1984, p. 94).

Com apenas seis associações de bibliotecários, sendo elas a Associação Paulista de Bibliotecários (1938); Associação Pernambucana de Bibliotecários (1948); Associação Brasileira de Bibliotecários (1949); Associação Riograndense de Bibliotecários (1952) e Associação Paranaense de Bibliotecários (1952), Laura Russo enfatiza que o I CBBB verificou o consenso de seus participantes, sobre a necessidade de uma entidade de representação maior.

Como representante dos bibliotecários paulistas na 24ª Sessão Anual da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários (IFLA), realizada em outubro de 1957 na cidade de Madrid, Laura Russo começa a realizar estudos sobre a estrutura da IFLA e em 1958 se integra ao grupo de bibliotecários que empreendem os primeiros esforços para a regulamentação da profissão. Ela buscava regimentar os bibliotecários como profissionais liberais, o que ocorreu em 7 de outubro de 1958, através da portaria 162 do Ministério do Trabalho. Ainda em 1958, participou, em conjunto com Afra de Lima e Marina da Rocha Miranda, da entrega do anteprojeto de regulamentação profissional à Câmara Federal que foi apresentado no plenário no dia 4 de dezembro como projeto 4.770/58.

Nas palavras de Laura Russo, extraídas da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (1984, p. 95), o objetivo da proposta de criação da FEBAB era “[...] criar um organismo de âmbito nacional, para coordenar as reivindicações da Classe e apresentá-las às autoridades de maneira uníssona”. A proposta foi bem aceita pela classe de profissionais e assim foi criado um grupo que tinha a responsabilidade de estruturar a nova entidade, composto por Laura Russo como secretária-geral, Maria Helena Brandão como secretária e Maria Alice de Toledo Leite como tesoureira.

Além de estruturar a FEBAB, ficou a cargo desse grupo acompanhar os trâmites do Projeto de Lei 4.770/58 na Câmara Federal e solicitar junto ao Ministério da Educação e da Cultura (MEC) a nomeação de bibliotecários, para a realização de estudos e elaboração da proposta de um Currículo Mínimo. Através da portaria nº 20 do MEC, de 15 de janeiro de 1959, os processos para o estabelecimento de disciplinas componentes do Currículo Mínimo da área de Biblioteconomia foram iniciados, tendo no ano de 1962 a fixação feita pelo MEC e o Conselho Federal de Educação (CFE).

De acordo com Mueller (1988, p. 71), o “[...] currículo mínimo é a denominação dada a uma relação de matérias (assuntos) descritas mediante ementas, cujos conteúdos devem constituir o cerne dos programas de formação profissional”.

A partir desse direcionamento dado pelos assuntos contemplados no currículo mínimo é que as instituições estabeleceriam seus currículos plenos, que deveriam englobar disciplinas optativas e extracurriculares no intuito de compor um currículo de acordo com as necessidades, especificidades e propostas dos cursos oferecidos no país. O currículo previa o cumprimento de três anos letivos, compostos por 2.050 horas/aulas distribuídas em treze disciplinas: Introdução aos estudos históricos e sociais; História da arte; Evolução do pensamento filosófico e científico; História da literatura; Documentação; História do livro e das bibliotecas; Catalogação e classificação; Bibliografia e referência; Organização e administração de bibliotecas e paleografia.

Nesse sentido, a caracterização da formação superior do curso de Biblioteconomia e o consequente estabelecimento do currículo mínimo foram marcos para a formação da área.

Laura Russo foi responsável pela Secretaria-Geral da FEBAB até 14 de janeiro de 1961. A partir de 16 de janeiro do mesmo ano foi instituída como a primeira presidente da FEBAB, sendo ainda componentes da primeira Diretoria, Fernando Leite Ribeiro como vice-presidente; Maria Helena Brandão como secretária-geral; Philomena Bocatelli como primeira-secretária; Odette Senna de Oliveira Penna como segunda secretária; Maria Alice de Toledo Leite como primeira tesoureira; Heloísa Medeiros como segunda tesoureira e Cacilda Basílio de S. Reis como bibliotecária.

Dentre os objetivos propostos na gestão de Laura Russo presidindo a FEBAB, destacam-se:

Congregar as Associações de Bibliotecários com o objetivo de defender a classe, nos terrenos técnicos, cultural, social e econômico; contribuir para a solução dos problemas atinentes à Classe, quer regionais, que nacionais; prestar toda a assistência possível às Associações filiadas; servir como centro de documentação e informação das atividades biblioteconômicas do país, contribuindo, dessa maneira, para o aprimoramento cultural e técnico da classe e desenvolvimento das bibliotecas brasileiras (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES, 1989, não paginado).

Durante a atuação de Laura Russo como presidente da FEBAB, ocorreu um importante evento para a área de Biblioteconomia: a aprovação da Lei 4.084, em 30 de junho de 1962, que estabelece os requisitos para o exercício da profissão de bibliotecário, as atividades atribuídas aos Bacharéis em Biblioteconomia e as instituições responsáveis pela fiscalização e supervisão do exercício da profissão, representados pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia e pelo Conselho Federal de Biblioteconomia, respectivamente. Guimarães (1996, p. 3), ao discorrer sobre a Lei 4.084, afirma que a mesma:

Estabelece a reserva de mercado, vinculando o exercício profissional à devida habilitação legal para tanto, habilitação essa oriunda dos cursos superiores de Biblioteconomia brasileiros devidamente reconhecidos ou ainda por instituições estrangeiras desde que com revalidação de diploma no Brasil. Nesse sentido, a lei houve ainda por bem resguardar direitos adquiridos anteriormente à sua promulgação.

Ainda no ano de 1962, Laura Russo, presidindo a FEBAB, apresentou ao Ministério do Trabalho o anteprojeto de decreto que, depois de mais de 2 anos, deu origem ao decreto 56.725 de 16 de agosto de 1965. Esse anteprojeto seria responsável pela criação da Lei nº 4.084, que dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário.

Percebemos, assim, a importância que Laura Russo e a FEBAB tiveram para a Biblioteconomia, por sua articulação e luta junto ao Congresso para regulamentar a profissão.

A FEBAB teve papel primordial na conquista da regulamentação da profissão de bibliotecário como profissão de nível superior e, por meio do CBBB, vem ao longo dos anos contribuindo com a interação e disseminação de estudos e pesquisas sobre a área, bem como na discussão do tema: ensino de biblioteconomia. Mesmo não sendo um órgão voltado à formação de Bibliotecário (ensino de biblioteconomia), mas sim um órgão de classe voltado aos anseios do profissional, a FEBAB contribuiu ao longo dos anos com o ensino (ALMEIDA, 2012, p. 86).

Em 1961, Laura Russo dá início ao debate sobre ética profissional através da publicação e apresentação de um anteprojeto no III CBBB. Em 1963, ainda sob a direção de Laura Russo, a FEBAB atuou no sentido da implementação e registro do primeiro Código de Ética do Profissional Bibliotecário Brasileiro, que tinha por objetivo “fixar as normas orientadoras de conduta” para o exercício das atividades profissionais.

Ao tratar sobre as questões éticas colocadas em pauta e normatizadas através do código, Cuartas, Pessoa e Costa (2003, p. 195) consideram que “[...] o caráter ético da profissão é determinado pela qualidade das ações realizadas pelos indivíduos que a exercem e que incorporam os valores assumidos como ideais pelo grupo profissional em questão”.

No decorrer dos anos, o texto base elaborado por Laura Russo sofreu adaptações e adequações e continua sistematizando as exigências éticas da profissão de bibliotecário.

Em julho de 1966, Laura Russo foi nomeada presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia, permanecendo no cargo até 1969. Também permaneceu como presidente da FEBAB até 1974.

Entre os anos de 1974 e 2001, Laura Russo continua participando de forma ativa nas atividades da área de Biblioteconomia, por meio de colaboração em projetos; realização de cursos de aperfeiçoamento profissional; realização de visitas técnicas em bibliotecas nacionais e internacionais; exercício de cargos de direção, com destaque para sua eleição para CFB, onde assume a coordenação da Comissão de Legislação e Normas. Ela recebeu prêmios e medalhas, com destaque para o Prêmio Biblioteconomia Paulista “Laura Russo”, que foi instituído em 1998, “[...] com o objetivo de homenagear instituições, profissionais e pesquisadores que se tenham destacado em ações de promoção, incentivo e enriquecimento da Biblioteconomia Paulista” (CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA 8ª REGIÃO, 2018, não paginado).

O Prêmio representa um reconhecimento às contribuições que Laura Russo ofereceu à Sociedade, ao longo de sua trajetória, e visa dar reconhecimento às pessoas ligadas à Biblioteconomia que desenvolvem ações, estudos e ideias que colaboram com o fortalecimento da profissão. Laura Russo faleceu em 2001, e o Prêmio “Laura Russo” representa uma forma de resgate memorialístico de seu histórico inspirador de lutas e conquistas para a Biblioteconomia.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da trajetória de Laura Russo, marcada por esforços, lutas e conquistas, reforçamos o entendimento de que a atuação de profissionais nas causas da área representa um ganho para a profissão. Como é natural, vivemos em um processo de evolução e à Biblioteconomia, na figura de seus atores constituintes (discentes, bibliotecários, órgãos e instituições de classe), cabe atuar de forma ativa.

A formação oferecida nos cursos de graduação e pós-graduação; o nível de atualização e flexibilidade dos docentes frente às mudanças necessárias e naturais nos direcionamentos dos processos inerentes à profissão; o empenho e interesse dos discentes por uma formação de qualidade, que alie conhecimentos teóricos e experiências práticas, oferecidas por estágios componentes da grade curricular ou não; o exercício profissional de bibliotecários que primem pela oferta de serviços de qualidade, através da realização de atividades de forma comprometida; e a atuação eficiente e eficaz dos órgãos e instituições de classe no sentido de, efetivamente, cumprir o papel a que se propõem: de fiscalizar e representar a área, terão influência direta nos caminhos que a Biblioteconomia trilhará e na visão e no reconhecimento, que a sociedade terá em relação aos seus profissionais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil**: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino. 2012. 158 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11170/1/2012\\_NeiliaBarrosFerreiradeAlmeida.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11170/1/2012_NeiliaBarrosFerreiradeAlmeida.pdf)[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11170/1/2012\\_NeiliaBarrosFerreiradeAlmeida.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11170/1/2012_NeiliaBarrosFerreiradeAlmeida.pdf). Acesso em: 20 jun. 2018.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Decreto nº 17/1991, de 25 de junho de 1991**. Dispõe sobre a outorga de Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo à Senhora Laura Garcia Moreno Russo e dá outras providências. São Paulo: 1991. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/8o7rr1ni6acxxo/00000E1Y8.PDF?dl=0>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **O CFB**: histórico. Brasília: 2018. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/institucional/historico/o-cfb/>. Acesso em: 13 set. 2018.
- CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA 8ª REGIÃO. **XIII Prêmio Paulista de Biblioteconomia “Laura Russo”**. São Paulo: 2018. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/8546-2/>. Acesso em: 20 set. 2019.
- CUARTAS, Enriqueta Graciela D.; PESSOA, Maria Lúcia de Moura da Veiga; COSTA, Cosme Guimarães da. Código de Ética do profissional Bibliotecário: 15 anos depois. **BIBLOS**, [s. l.], v. 15, p. 195-209, 2003. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19603>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **1959**: o início da estruturação e da organização da classe. São Paulo: 1989. Disponível em: [http://www.febab.org.br/febab201603/wp-content/uploads/2012/08/Jornal\\_FEBAB\\_-\\_1.gif](http://www.febab.org.br/febab201603/wp-content/uploads/2012/08/Jornal_FEBAB_-_1.gif). Acesso em: 10 jul. 2018.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Sobre a FEBAB**: missão e histórico. Disponível em: <http://www.febab.org.br/sobre/historico/>. Acesso em: 22 jul. 2018.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. **A Legislação Profissional do Bibliotecário**. São Paulo: Ensaios APB, 1996. Disponível em: [http://abecin.org.br/e-books/ensaios\\_apb/Ensaios\\_APB\\_n\\_32.pdf](http://abecin.org.br/e-books/ensaios_apb/Ensaios_APB_n_32.pdf). Acesso em: 22 jul. 2018.
- MUELLER, Suzana Machado Pinheiro. Avaliação do estado da arte da formação em biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 71-81, jan./jun. 1988. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/301/301>. Acesso em: 21 jul. 2018.
- RUSSO, Laura Garcia Moreno. [Entrevista cedida a] **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s. l.], n. 17, p. 93-97, jan./jul. 1984. Disponível em: [http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf\\_e7ba7f3122\\_0018332.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf_e7ba7f3122_0018332.pdf). Acesso em: 10 jul. 2018.

# Capítulo 14

## Edson Nery da Fonseca: trajetória biográfica, obras e sua contribuição para a Biblioteconomia

*Naira Michelle Alves Pereira*

*Rafael Gomes de Sousa*

*Rafaelle Gleici dos Santos*

### 1 INTRODUÇÃO

Considerado como um dos bibliotecários mais conceituados e renomados do Brasil, Edson Nery da Fonseca (1921-2014) tem sua história de vida e trajetória profissional como bibliotecário, bibliógrafo, professor, fundador e defensor de cursos de graduação e de pós-graduação em Biblioteconomia no século XX.

Ele deixou um legado importantíssimo para a área, o qual por meio de uma das suas publicações mais utilizadas como instrumento didático em sala de aula, o livro *"Introdução à Biblioteconomia"*, passou a ser referendado e considerado um autor basilar para formação bibliotecária no país.

Devido a importância que teve para área, este ensaio sobre Edson Nery da Fonseca foi compilado a partir de fontes encontradas em alguns periódicos como, *Biblio - Cultura Informacional*<sup>22</sup>, o qual possui informações e notícias valiosas sobre sua carreira.

Também foram extraídos conteúdos de grande relevância de um *blogger* organizado por uma equipe de alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de São Carlos, além de informações de um trabalho final de curso e de uma extensiva matéria sobre a sua vida realizada pela jornalista Carol Pires. Várias obras ainda foram citadas neste trabalho, para elucidar a sua rica carreira profissional e sua estimável contribuição para a Biblioteconomia.

É indiscutível o quanto Edson Nery foi fomentador de ideias, aguçando sua visão crítica para a Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Era considerado vanguardista para a área em diversos aspectos, sendo que o primeiro deles era institucional e se dimensionava em diversos feitos. Dentre as suas ações protagonistas para o engrandecimento da área que teve grande destaque e reconhecimento, podemos

<sup>22</sup> O artigo de opinião intitulado "Livros nacionais fundamentais para entender a Biblioteconomia", escrito por Jonathan Carvalho, é um exemplo disso. Disponível em: <http://biblio.info/livros-nacionais-fundamentais/>.



citar a criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-1948), curso que antes era oferecido pela Prefeitura do Recife. Ele trabalhou na criação do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD-1954), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e participou da fundação da Universidade de Brasília (UNB-1962) como professor, participando ativamente do processo de implantação da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB) e dos cursos de graduação e pós-graduação em Biblioteconomia pela mesma Universidade (CARVALHO, 2014).

Essas ações foram marcantes não só para a história da Biblioteconomia brasileira, como também para a sua própria história.

No livro, *"Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações"*, de sua própria autoria, apresenta relatos de sua vida, rememorando os caminhos percorridos, suas amizades, intimidade e um sumário preenchido de vários porquês da sua vida.

Edson Nery indubitavelmente possuía um dos maiores e melhores discursos quando defendia os livros, a Biblioteca e o bibliotecário dos avanços tecnológicos, pois afirmava que eles conviviam tranquilamente com a mídia eletrônica, virtual e que o bibliotecário não precisaria mudar de nome para exercer a sua nova profissão.

Nas próximas seções, você leitor está convidado a conhecer um pouco mais sobre a história, atuação profissional, obras e a contribuição de Edson Nery para a biblioteconomia brasileira em um cenário germinante que passava por intensas transformações sociais.

## **2 TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA**

Edson Nery da Fonseca, filho de Inácio Nery da Fonseca e Maria Luísa Nery da Fonseca, nasceu na capital do Pernambuco aos 6 dias de dezembro de 1921, onde morava na Rua do Progresso, bairro Soledade no Recife. Oriundo de uma família de pai comerciante e mãe dona de casa, Edson Nery tinha mais seis irmãos – Ida, Amelinha, Jorge, José, Lúcia e Paulo.

Cursou seu primário e ginásio durante os anos de 1930 a 1941. Para o ensino superior, a sua grande vontade seria cursar Letras, mas como não havia oferta do curso em Recife nesse período, ingressou na Faculdade de Direito. Naquela época só existiam três escolas superiores em Recife sendo Direito, Engenharia e Medicina.

Para cursar Direito, o candidato deveria fazer um curso chamado Pré-jurídico no Colégio Oswaldo Cruz, como era instituído na época. Assim, no primeiro ano do curso, o seu professor, Moacir de Albuquerque, recomendou que lessem a obra *"Casa Grande e Senzala"*, de Gilberto Freyre, para que pudessem entender sobre os autores

brasileiros e a literatura no Brasil.

Desde então surgiu uma grande admiração em Edson Nery por Gilberto Freyre e suas obras. Até que no segundo ano de seu curso, precisamente em 1941, por intermédio de um sobrinho de Freyre, em razão de estudarem juntos e sempre o ver defendendo o autor dos ataques, foi convidado para um jantar que o escritor também participaria.

Gilberto Freyre pediu ao sobrinho que combinasse um jantar entre os três no Restaurante Leite, na praça Joaquim Nabuco, no Recife, o mais tradicional da cidade e um dos mais antigos do Brasil, de 1882. Do encontro, Nery guarda duas vergonhas. Aos 20 anos, nunca tinha ido a um restaurante e, quando o garçom lhe perguntou se queria o filé bem ou malpassado, não fazia ideia do que significava aquilo. “Gilberto Freyre era muito generoso e, quando viu minha cara, se adiantou: ao ponto, não é isso?” A outra foi um ensaio que tinha escrito e entregou a Freyre sobre a poesia na obra dele. Era tão ruim que nunca falaram no assunto (PIRES, 2012 não paginado).

Nessa mesma época Gilberto Freyre se casou e foi para o Rio de Janeiro. Edson Nery, paralelo ao curso pré-jurídico que fazia, participou de um retiro no Mosteiro de São Bento, pensando ainda em virar monge, mas logo interrompera a vontade devido a convocação para prestar serviço militar no 14º Regimento de Infantaria até o ano de 1945.

[...] devido ao fato de já ser um universitário, conseguiu se matricular e ser aprovado na prova do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR. No CPOR, Edson teve a oportunidade de ter uma maior aproximação de algo que se tornaria uma de suas paixões ao longo de sua vida, a literatura. Graças aos auxílios prestados por Pedro Veloso, sargento do exército, Edson escreveu um artigo sobre o mesmo e pela primeira vez havia sido intitulado por um colunista como “O Escritor Edson Nery da Fonseca” (SILVA, p. 16, 2010).

Em virtude da grande admiração pela literatura, e por meio dela, publicava conteúdos literários para o Jornal do Comércio e para o Diário de Pernambuco, onde exercia as funções de diretor, editorialista e redator de duas seções diárias: “Coisas da Cidade” e “Crônica Internacional” (ALMEIDA JUNIOR, 2004).

Ele saiu do exército brasileiro após tramitar entre a infantaria e artilharia. E, logo, fora instigado a cursar Biblioteconomia, ofertada pela Biblioteca Nacional (1946), na cidade do Rio de Janeiro.

Em toda a sua carreira profissional, Edson Nery sempre se mostrou um excelente estudioso na área da Biblioteconomia, sendo um instigante amante e autor de várias obras literárias. A sua atuação se deu de forma marcante e sua trajetória de vida proporcionou não somente uma referência aos bibliotecários, mas para toda a cultura brasileira um

exemplo a ser seguido.

### **3 AS CONTRIBUIÇÕES DE EDSON NERY DA FONSECA PARA A BIBLIOTECONOMIA**

Falar sobre as contribuições de Edson Nery da Fonseca para a Biblioteconomia é compreender suas percepções, conceitos e críticas sobre a formação e as práticas bibliotecárias. Assim, como a sua importância para a concepção e construção da biblioteca em seu plano técnico, cultural e humano.

Edson Nery compreendia o estudo e ensino da Biblioteconomia sob quatro pilares: o livro, a leitura, a biblioteca e o bibliotecário. Esses quatro pilares fundamentam sua mais importante obra para a literatura acadêmica da Biblioteconomia no Brasil: *"Introdução à Biblioteconomia"*, publicada pela primeira vez em 1992:

Coube-me ser o primeiro professor da disciplina Introdução à Biblioteconomia na Universidade de Brasília. Eu não seguia aquela estrutura que estava no currículo, não. De ano para ano, adotava um conteúdo diferente. Finalmente, na hora em que a UnB me dá uma licença sabática para escrever um livro sobre Introdução à Biblioteconomia, então eu já parti para um conteúdo completamente diferente. Pensei muito e achei que nenhum daqueles conteúdos didáticos que eu adotei satisfaziam. Introdução à Biblioteconomia, realmente, deveria se estruturar em torno desses quatro elementos que constituem a Biblioteconomia – o livro, a leitura, a biblioteca e o bibliotecário. De modo que se, hoje, voltasse a dar a disciplina, eu a organizaria de acordo com essas quatro unidades (FONSECA, 1993, p. 63).

Com esta obra, Edson Nery buscou alertar a comunidade biblioteconômica brasileira sobre a necessidade de se construir um ensino fundamentado em uma visão holística da área. Permitindo, assim, a partir de fundamentos teórico-conceituais e práticos, manifestar uma prática bibliotecária pautada nas necessidades de informação dos usuários, a partir de uma visão mais humana e menos tecnicista de biblioteca. Desse modo, seria possível compreender a biblioteca como um ambiente de informação em que seus aspectos tecnicista e pedagógico pudessem, de fato, encontrar um equilíbrio no principal objetivo da sua existência: o usuário/o leitor.

O objetivo de Introdução à Biblioteconomia é de aglutinação de disciplinas que eram dadas como compartimentos estanques. E daquilo resultava o bibliotecário sair do Curso de Biblioteconomia com uma visão departamentalizada. Sem ter das diferentes disciplinas uma visão global. Acho fundamental que exista a disciplina para acabar com essa deformação que havia na formação do bibliotecário. O livro seria, talvez, um marco em língua portuguesa. O livro tem só o mérito de ter sido o primeiro escrito em português sobre essa disciplina (FONSECA, 1993, p. 63).

O percurso inicial da Biblioteconomia requer conceitos e princípios exímios, que

possam compreender essa ciência com clareza e profundidade. Edson Nery publica esse livro que traz um apanhado de experiências pautadas no teórico e prático, sendo recomendado não somente para a Introdução do curso. Mas, sobretudo, instigar tanto os discentes como os profissionais a (re)pensarem como se dá a atuação das bibliotecas na sociedade.

Compreendendo o papel das bibliotecas de um ponto de vista mais humano a partir de suas diversas práticas, Edson Nery desenvolveu sua trajetória na Biblioteconomia de forma combativa, denunciando descasos tanto de profissionais quanto dos governos no que tange a missão das bibliotecas. Assim, sendo uma importante personalidade da história da Biblioteconomia no Brasil, é considerado por muitos o mais polêmico autor da Biblioteconomia brasileira (CASTRO, 2000).

A sua trajetória na Biblioteconomia começou mais precisamente por volta de 1946, quando aos 25 anos é nomeado, pela Prefeitura Municipal de Recife, para atuar na Diretoria de Documentação e Cultura (DDC).

O DCC foi um importante órgão que atuou no âmbito cultural e educacional na cidade de Recife. O que marcou o início da trajetória de Edson Nery no campo da Biblioteconomia, despertando-o, a partir de seus projetos de implantação de bibliotecas e outros equipamentos de cunho educativo e cultural, para a necessidade de estudar mais sobre as bibliotecas:

O DDC fez época no Recife, com uma discoteca, auditório, cabines individuais e uma biblioteca especializada em música erudita. Pretendia também montar uma rede de bibliotecas populares nos bairros recifenses de Afogados, Casa Amarela, Encruzilhada e Santo Amaro, começando pela Encruzilhada. O psiquiatra e antropólogo René Ribeiro fez um estudo sobre a população do referido bairro. Não havia bibliotecários no Recife. José César foi conversar sobre o problema com a diretora da biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), Lydia de Queiroz Sambaquy, e obteve para mim uma bolsa de estudos nos Cursos da Biblioteca Nacional. Minha mãe preparou chorando minha mala e embarquei para o Rio de Janeiro num Constellation da Panair do Brasil (FONSECA, 2009, p. 48).

Ele obteve o seu diploma no Curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional, o que durante esse período lhe rendeu amigos de referências, como Rubens Borba de Moraes (Diretor da Biblioteca) e o crítico Otto Maria Carpeaux, que fora estagiário da biblioteca da Fundação Getúlio Vargas – FGV (PIRES, 2012).

Retornou em 1948 para a cidade de Recife, fundando o primeiro curso de Biblioteconomia do Nordeste com o apoio institucional da DDC. Segundo Silva (2010), isso só foi possível graças à contratação de três bibliotecários pelo Departamento, que até então nunca tinha contratado antes um bibliotecário. Foi nesse novo cenário do DDC que o diretor José César fundou o primeiro curso de Biblioteconomia do Nordeste, sob a coordenação de Edson Nery. Ele também era o responsável por lecionar as disciplinas

de “Bibliografia e referência” e “Catalogação e Classificação”, uma experiência que marcou o início da sua trajetória como professor.

O grande sucesso alcançado pelo DDC com o curso, estimulou o reitor da Universidade do Recife, Joaquim Amazonas, a conversar com Edson Nery sobre o seu desejo de levar o curso de Biblioteconomia para a universidade. Ficando com o mesmo a incumbência de dialogar e negociar com o diretor do DDC, sobre a possibilidade de o curso de Biblioteconomia ser cedido para a Universidade de Recife. José César, então diretor do DDC, resolve atender ao pedido do reitor da Universidade de Recife, cedendo o curso de Biblioteconomia para a Universidade no segundo semestre do ano de 1949 (SILVA, 2010).

Edson Nery ficou na direção do curso e da reforma das Bibliotecas da Faculdade de Direito e Engenharia até o ano de 1951, quando sua gestão foi interrompida pela Universidade após a publicação de um artigo de sua autoria intitulado “Verdades incômodas” pelo jornal Diário de Pernambuco em 18 de novembro de 1951.

[...] fui chamado pelo reitor Joaquim Amazonas que me disse: “Em seu artigo de ontem o senhor ofendeu gravemente o diretor do Museu do Estado, que é membro do conselho de curadores da Universidade, de modo que ou se retrata ou serei obrigado a dispensá-lo”. Soube depois que o governador de Pernambuco também pressionara o reitor por causa desta frase de meu artigo: “É preciso que o governo deixe de fazer ‘obras de fachada’ – como a falsa campanha contra os mucambos – e procure de fato resolver os problemas”. Respondi que o artigo fora escrito em defesa de um curso da Universidade; reconhecia que havia sido contundente com o detrator, chamando-o de “intrigante”, “velhaco” e “grande boneco desengonçado”, mas recusava a retratação. Disse-me que, como esperava esta resposta, já havia providenciado a rescisão do contrato; que eu passasse na tesouraria para receber o que me era devido (FONSECA, 2009, p. 63-64).

Após ser demitido do seu trabalho na Universidade de Recife, mudou-se para a cidade de João Pessoa, onde ministrou, através do Instituto Nacional do Livro (INL), entre os anos de 1952 e 1953, cursos intensivos de Biblioteconomia para bibliotecários da Paraíba, Pernambuco e Alagoas, além de inspecionar as bibliotecas que recebiam doações de livros no estado de Alagoas.

Em 1954, Edson Nery foi morar no Rio de Janeiro, “[...] naquele ano ele fora convidado para ser chefe da Biblioteca Demonstrativa Castro Alves [...]” (SILVA, 2010, p. 22).

A Biblioteca Demonstrativa Castro Alves estava magnificamente instalada na sobreloja do edifício do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE) e era muito frequentada, sobretudo por funcionários públicos. Ela proporcionou-me a alegria de atender usuários que pediam orientação de leitura (FONSECA, 2009, p. 74).

Nesse mesmo período, Edson Nery ainda atuou como bibliotecário do

Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). O ano de 1954, também marca o início da sua trajetória no âmbito das políticas nacionais de informação científica, ao ser convidado, por Lydia Sambaquy<sup>23</sup>, para fazer parte da diretoria do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), ficando responsável pela Diretoria do Serviço de Bibliografia.

Entre os anos de 1956 e 1960 fora eleito presidente da Associação Brasileira de Bibliotecários, e filiou-se à Federação Internacional das Associações de Bibliotecários (IFLA). Ele também organizou e dirigiu a Comissão de Documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Em 1962, fora convidado para integrar o corpo docente da nova Universidade de Brasília (UnB) como professor associado em regime parcial, para ministrar as disciplinas de metodologia da pesquisa aos alunos de pós-graduação. Em 1965, tornou-se professor titular da UnB, iniciando o projeto para criação da Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica.

Sobre esses acontecimentos, Silva (2010) explica que, após a mudança da capital federal para Brasília e da fundação da Universidade de Brasília (UnB), o nome de Edson Nery foi indicado para realizar serviços de consultoria no processo de planejamento e implementação das Bibliotecas da UnB. E, a partir disso, passou a integrar o Conselho de Ensino Superior das Repúblicas das Américas (CHEAR), por indicação de Anísio Teixeira que era um dos idealizadores do projeto de criação da UnB.

Para tanto, Edson Nery teve como missão conhecer as principais universidades, bibliotecas e museus dos Estados Unidos, onde teve a oportunidade de observar práticas bibliotecárias e estruturas arquitetônicas desses ambientes, ajudando-o a realizar seu trabalho de consultor.

Edson Nery organizou as bibliotecas da UnB e começou o trabalho de desenvolvimento de suas coleções a partir da doação de acervos particulares como: o acervo do baiano Homero Pires, do paulista Pedro de Almeida Moura e do Escritor Agripino Grieco.

Ainda segundo Silva (2010), após a inauguração da UnB, Edson Nery passou a integrar o corpo docente da Universidade de Brasília, em meados de 1962, convidado pelo então Ministro da Educação, Darcy Ribeiro. E foi durante sua trajetória como professor, que assumiu a responsabilidade de organizar o projeto de criação do curso de Biblioteconomia da UnB.

Em 1966, após a criação da Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica da UnB, assumiu a direção da faculdade. Já no ano de 1972, a Faculdade de Biblioteconomia passou a integrar a Faculdade de Estudos Sociais Aplicadas da UnB

<sup>23</sup> Lydia Sambaquy foi responsável pela criação do então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e após sua fundação ficou à frente da presidência da instituição.



como Departamento de Biblioteconomia, permanecendo sob a Direção de Edson Nery.

No final de 1970, Edson foi contratado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento para passar todo o ano seguinte na UFPE - Universidade à qual ele já havia pertencido e fora demitido - atuando como consultor para um edifício que seria destinado à Biblioteca Central. Além dessa atividade ele fora contratado também, pelo Centro de Estudos Latino-Americanos para avaliar a coleção brasileira e planejar a sua atualização. Em suas férias de final de ano de 1977 e início de 1978, Edson Nery foi contratado pela UNESCO para realizar um planejamento de um sistema nacional de bibliotecas em Guiné-Bissau, mas o local, segundo a narrativa do próprio autor, não dispunha de nenhuma estatística que possibilitasse a realização do correto planejamento, tendo então, sua atividade em Guiné-Bissau, falhado (SILVA, 2010, p. 26).

Após aposentadoria Edson Nery retorna para Olinda, a sua cidade natal. Desde então passou a se dedicar às lides de proferir conferências e à publicação de livros voltados, principalmente, para a área da Biblioteconomia e também sobre o legado freyriano (CUNHA, 2009).

Nos seus anos finais, ainda lúcido, apesar do seu quadro de saúde se agravar dia após dia, rejeitava-se a ir para hospital e à possibilidade de ser intubado, optando por receber atendimento médico domiciliar. Edson Nery faleceu aos 92 anos, em sua casa, no dia 22 de junho de 2014, por complicações decorrentes de infecções pulmonar e urinária. Foi velado em sua residência, onde compareceram seus familiares, amigos e admiradores. Por volta das 9h do dia posterior houve a missa de corpo presente no Mosteiro de São Bento, sendo sepultado em seguida no Cemitério dos Ingleses, em Recife, onde sua família também estava sepultada.

A sua atuação em toda a extensão da Biblioteconomia, além de memorável e polêmica, foi calcada em propiciar a área muitos feitos. A sua trajetória serve de referência para muitos profissionais na fundamentação teórica e *práxis* biblioteconômica.

Na próxima seção, aborda-se uma breve cronologia de suas obras.

#### **4 CRONOLOGIA DAS OBRAS DE EDSON NERY DA FONSECA**

A produção bibliográfica sempre foi uma constante na vida de Edson Nery da Fonseca. Ele escreveu várias obras que hoje são consideradas referências para o ensino da Biblioteconomia brasileira. E, por vezes, também se dedicou à escrita de outras facetas tão importantes quanto, contribuindo assim para outras áreas do conhecimento.

Iniciada ainda na década de 1950, a sua produção de livros percorreu mais de meio século de produções bibliográficas em diversos contextos (jornais, revistas, opúsculo, posfácio, discografia, filmografia, bibliografias), deixando um legado que muito contribuiu

e ainda contribui para Biblioteconomia e áreas afins do conhecimento. Somando-se a isso, fez parcerias com outros autores de nível nacional e internacional como S.C. Bradford, Xavier Placer, J.H. Shera, José E. Mindlin, Raquel de Queiroz, Antônio Miranda, dentre outros. O que o fez ser reconhecido não só no Brasil, como em diversos países.

Além de ser reconhecido como bibliófilo, é carinhosamente denominado pelo amigo, o intelectual Antônio Houaiss, de “bibliósofo”. Houaiss relacionou os termos bibliotecário e filósofo, para indicar que Edson Nery não só atuava na profissão como também pensava sobre ela, contextualizando suas reflexões em inúmeros artigos científicos por ele publicados.

Mesmo tendo alguns trabalhos antes de se diplomar em Biblioteconomia, Edson Nery dedicou toda a sua escrita à produção de textos na área a qual tinha um maior domínio. Compreender o mundo a sua volta e transmitir em forma escrita, o fez de melhor ao longo os anos que se sucederam.

O seu legado ficou para as gerações futuras trazendo inquietações, as quais permitem à Biblioteconomia se reinventar constantemente como espaço de ação e transformação social que emergem das suas práticas cotidianas, sempre colocando o usuário como o centro dessas ações. A materialização desse legado é encontrada na sua produção intelectual, que são replicados em cursos de graduação e pós-graduação, extremamente essencial na formação e qualificação dos futuros profissionais da informação.

No livro *“Interpretação de Edson Nery da Fonseca”* (2001), pode-se contabilizar quinze livros; vinte opúsculos; setenta e duas colaborações em obras individuais e coletivas; oito verbetes em obras de consulta; vinte e três itens entre prefácios, apresentações, introduções e posfácios; duzentas colaborações em revistas que variam entre artigos, bibliografias e resenhas; quatrocentas e dezenove colaborações em jornais; quatro editorações; dezenove organizações de obras individuais e coletivas; sete entrevistas; quatro discografias; três filmografias e cento e três bibliografias passivas.

Como forma de visualizar a produção do autor de forma sistemática, organizamos uma tabela de forma cronológica que reuniu as suas produções bibliográficas na área da Biblioteconomia, de forma a servir como fonte de informação bibliográfica.

**Quadro 1** – Produções bibliográficas de Edson Nery da Fonseca

Década	Obras - Biblioteconomia
1950	FONSECA, Edson Nery da. <b>Bibliotecas e Bibliotecários da Província</b> . Brasília: Editora: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1959.

1960	FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia de Obras de Referência Pernambucanas. São Paulo: Imprensa Universitária, 1964.
	FONSECA, Edson Nery da. Roteiro para Organização de Bibliotecas Universitárias. Brasília: Gráfica Piloto UNB, 1967.
	FONSECA, Edson Nery da. Ramiz Galvão: bibliotecário e bibliógrafo. São Paulo: Livraria São José, 1963.
1970	FONSECA, Edson Nery da. <b>Problemas de Comunicação da Informação Científica</b> . São Paulo: Thesaurus Editora, 1973.
	FONSECA, Edson Nery da. <b>Conservação de Bibliotecas e Arquivos em Regiões Tropicais</b> . Brasília: Edições ABDF, 1975.
	FONSECA, Edson Nery da. <b>Distrito Federal</b> . São Paulo: Bloch Educação, 1976.
	FONSECA, Edson Nery da. <b>A Biblioteconomia Brasileira no contexto mundial</b> . Brasília: Edições Tempo Brasileiro; Ministério da Educação e Cultura, 1979.
1980	FONSECA, Edson Nery da. <b>A Biblioteca Escolar e a Crise da Educação</b> . São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.
	FONSECA, Edson Nery da. <b>Ser ou não ser bibliotecário e outros manifestos contra a rotina</b> . Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1988.
	FONSECA, Edson Nery da. <b>Problemas Brasileiros de Documentação</b> . Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1988.
	FONSECA, Edson Nery da. <b>Bibliometria: teoria e prática</b> . São Paulo: EDUSP, 1986.
1990	FONSECA, Edson Nery da. <b>Introdução à Biblioteconomia</b> . São Paulo: Pioneira, 1992. 153 p.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Neste contexto de notabilidade das obras de Edson Nery, conclama-se para o livro *“Introdução à Biblioteconomia”*, lançado em 1992 e editado em 2007. O qual aparece como uma importante fonte de informação para o ensino da Biblioteconomia.

Dividido em 5 capítulos, a obra traz um panorama realístico do mundo biblioteconômico. Logo na introdução o autor comenta a evolução da Biblioteconomia e sua relação com a Documentação e a Ciência da Informação; no primeiro capítulo explana sobre o livro, abordando a sua autoria e seu conteúdo. No segundo capítulo aborda a biblioteca, incluídos os aspectos relacionados com a evolução do termo; os novos conceitos de biblioteca; as diferentes categorias de bibliotecas e as bibliotecas no Brasil. Dedicou-se o terceiro capítulo ao leitor e a leitura, analisando as diferenças entre as palavras leitor e leitura; o leitor e o não leitor, a leitura e os seus diferentes aspectos, finalizando com o leitor e a leitura no Brasil. O quarto capítulo, não menos importante, trata do bibliotecário.

Segundo Cunha (2009), neste capítulo o autor analisa a evolução do termo,

comenta as missões do bibliotecário, a sua formação, meios para sua atualização (os principais periódicos, os eventos técnicos, as associações e as obras de referência). O bibliotecário no Brasil é o último tópico coberto neste capítulo.

Na análise das produções de Edson Nery, especificamente as obras da área da Biblioteconomia, constatou-se o que ele sempre teria duras críticas a área, pois mesmo inserido no contexto, lutava por uma Biblioteconomia melhor. Assim, o profissional poderia ser bem mais aproveitado na sociedade.

Foi neste sentido que incentivou alguns profissionais a pensar uma Biblioteconomia diferente, de forma crítica e reflexiva para com a área. Por outro lado, desagradou alguns que viam e entendiam a Biblioteconomia como algo estático, sólido, não passivo de transformação.

No contexto acadêmico/científico, as suas produções estavam sempre voltadas à defesa da interdisciplinaridade entre as áreas. Para Edson Nery, a Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação têm os seus espaços e objetivos próprios.

Repetimos que, para nós, a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação têm objetivos diferentes. Dentre os da primeira, podemos salienta a democratização da cultura – através de bibliotecas públicas –, a preservação e difusão do patrimônio bibliográfico de cada nação – tarefa das bibliotecas nacionais e das bibliografias nacionais correntes e retrospectivas – o apoio documental ao ensino e à pesquisa oferecido pelas bibliotecas universitárias; à Documentação compete fornecer resumos de pesquisas, em processo ou já concluídas, tanto quanto de artigos, comunicações a congressos, relatórios, teses, patentes etc., e, eventualmente, traduções e reproduções desses documentos, muitos dos quais não-impresos; a Ciência da Informação não veio substituir a Documentação, eis que seu objetivo é estudar a gênese, transformação e utilização da informação (FONSECA, 2007, p. 8).

Percebe-se, claramente, que ao longo de todos esses anos Edson Nery transitou por diversas áreas, de modo a ser conhecido e reconhecido em períodos importantes da nossa história, na história da educação brasileira. Com isso, ele sempre exaltou a importância da biblioteca para uma sociedade e o futuro da profissão de bibliotecário.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção da Biblioteconomia brasileira teve muitos personagens e um dos mais ilustres foi Edson Nery da Fonseca, uma referência na Biblioteconomia, que construiu um legado não somente no campo da Biblioteconomia. Mas, em diversas áreas do conhecimento, tornando-a interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar com outras áreas.

Defensor de uma Biblioteconomia integrativa, sua comunicação científica

alcançou relevância notória. Segundo Edson Nery (1992, p. 2), “o importante é que as especializações se inter-relacionem, ao invés de se excluírem. É preciso ver os fenômenos de modo holístico, e não fragmentados”.

Contribuiu na formação de inúmeros bibliotecários brasileiros, os quais carregam consigo a sabedoria de um profissional da informação envolvido ativamente na organização, preservação, recuperação e uso da informação para gerações futuras.

Nesse contexto, pode-se destacar a atuação de Edson Nery sobre três perspectivas: político-institucional como bibliotecário, acadêmica como docente e acadêmica como escritor/pesquisador.

No âmbito da sua atuação **Político-institucional como bibliotecário**, pode-se destacar:

- a. O início da sua trajetória no DDC em 1946, onde trabalhou com a implantação de bibliotecas e outros equipamentos culturais;
- b. Fundação do primeiro curso de Biblioteconomia do Nordeste pelo DDC, em 1948;
- c. Diretor do Curso de biblioteconomia da Universidade de Recife, entre 1949 e 1951;
- d. Ofertou cursos intensivos de biblioteconomia pelo INL, entre 1952 e 1953;
- e. Foi chefe da Biblioteca Demonstrativa Castro Alves;
- f. Atuou como bibliotecário no DASP;
- g. Foi Diretor do Serviço de Bibliografia do IBBD;
- h. Presidente da Associação Brasileira de Bibliotecários;
- i. Organizou e Dirigiu a Comissão de Documentação da ABNT;
- j. Foi Superintendente do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco, em meados de 1980;
- k. Coordenador de Assuntos Internacionais da Fundação Joaquim Nabuco (1982);
- l. Assessor do Presidente da República, José Sarney (1987);
- m. Membro da Comissão responsável pela preservação do acervo privado da Presidência da República (1988).

No âmbito **Acadêmico como docente**:

- a. Integrou-se, em 1962, ao corpo docente da UnB como professor associado em regimento parcial;
- b. Foi responsável pela implantação das bibliotecas da UnB;
- c. Tornou-se professor titular da UnB em 1965;

- d. Foi responsável pela criação da Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica da UnB;
- e. Foi Diretor da Faculdade de Biblioteconomia, que posteriormente passou a integrar a Faculdade de Estudos Sociais Aplicadas da UnB, como Departamento de Biblioteconomia..

No âmbito **Acadêmico como escritor e pesquisador**, atuou em diversos campos da Biblioteconomia e de outras áreas do conhecimento como:

- a. História das bibliotecas;
- b. História da Biblioteconomia;
- c. Práticas bibliotecárias;
- d. Bibliografia, Documentação, bibliometria, Ciência da Informação;
- e. Comunicação Científica;
- f. Biblioteca Universitária;
- g. Preservação e conservação de acervos;
- h. Biblioteca escolar;
- i. Estudos sobre as relações entre a Biblioteconomia e Documentação;
- j. Universidade, Bibliotecas, Arquivos e Museus;
- k. História de Pernambuco;
- l. Estudo das obras de Gilberto Freyre.

Partindo dessas perspectivas, compreende-se que a sua atuação na área jamais passou despercebida, sempre foi convidado para contribuir e transmitir seus conhecimentos na área de Biblioteconomia e afins, tanto no Brasil quanto internacionalmente. Mesmo sendo convidado a contribuir com a construção de uma sociedade mais justa por meio dos instrumentos de transformação social, como as bibliotecas, às vezes suas ideias não eram as mesmas do governo da época, conflito esse que chegou a gerar até sua demissão.

De fato, as bibliotecas nunca foram prioridades em planos de governo, o que se tem em termos práticos são lutas de profissionais da informação que ao longo dos anos vem se fortalecendo em torno da construção e manutenção desses equipamentos culturais, sejam eles privados ou públicos. A maior contribuição que fica de Edson Nery é sua garra, coragem e sabedoria com as quais atuou a frente de uma profissão pouco reconhecida até na atual conjuntura.



## REFERÊNCIAS

- CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.
- CUNHA, Murilo bastos da. RECENSÃO: FONSECA, Edson Nery da. Introdução à biblioteconomia. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2007. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 142-144, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n2/11.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Um homem de tantas vozes. *In*: **INTERPRETAÇÃO de Edson Nery da Fonseca**. Recife: Bagaço, 2001. p. 94-95.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2007.
- FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteca Escolar e a Crise da Educação**. São Paulo: Pioneira, 1983, 20p.
- FONSECA, Edson Nery da. **Vão-se os dias e eu fico**: memórias e evocações. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- FONSECA, Edson Nery da. **Ser ou não ser bibliotecário e outros manifestos contra a rotina**. Brasília, DF: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1988a
- FONSECA, Edson Nery da. **Problemas brasileiros de documentação**. Brasília, DF: IBICT, 1988b.
- FONSECA, Edson Nery da. Tudo que no mundo existe começa e acaba em livro. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 10, n. 1, p. 5-11, 1981.
- FONSECA, Edson Nery da. Ciência da informação e prática bibliotecária. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 16, n. 2, p. 125-127, jul./dez. 1987. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/255>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- FONSECA, Edson Nery da. Maturidade precoce da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 23, n. 3, p. 377-378, set./dez. 1994. Recensão. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/539>. Acesso em: 16 nov. 2009.
- FONSECA, Edson Nery da. Editorial. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 21, n. 3, p. 171-172, set./dez. 1992. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/428/428>. Acesso em: 28 ago. 2019.
- PRYATHON, Cecília; SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da; SILVA, Lígia Santos da. O mundo pernambucano através das fontes de informação: 1965-2003. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 96 - 107, jul./dez. 2008.
- SILVA, Nathalia Caliman Ferreira da. **Um bibliotecário e sua paixão: leituras da Biblioteconomia brasileira a partir da vida e obra de Edson Nery da Fonseca**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) -Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://eprints.rclis.org/14819/1/Elementos\\_textuais.pdf](http://eprints.rclis.org/14819/1/Elementos_textuais.pdf). Acesso em: 10 jun. 2019.

# Capítulo 15

## Frederic Wilfrid Lancaster: projeções e publicações para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação

*Sindyá Santos Melo*

*Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira*

### 1 INTRODUÇÃO

Essa biografia objetiva apresentar uma amostra da proatividade profissional e validação acadêmica das contribuições nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, que foram deixadas por Frederic Wilfrid Lancaster.

Dentre as várias obras citadas nesse trabalho, tem-se como obra basilar um conjunto de trabalhos intitulado ***“The Evaluation and Transformation of Information Systems: Essays Honoring the Legacy of F. W. Lancaster”***, editado por Lorraine J. Haricombe e Keith Russell (2008). Por sua singularidade e busca bibliométrica, também ganha destaque o artigo intitulado ***“A contribuição de F. W. Lancaster para a ciência da informação no Brasil”***, de Carlos Alberto Ávila Araújo *et al.* (2009).

Lancaster, como expoente nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, em múltiplas percepções do futuro da biblioteca prognosticou um contexto em que acadêmicos e profissionais se apropriassem de informações bibliográficas, em um sistema eletrônico de acessibilidade fácil e de rápida recuperação informacional.

Em linhas gerais, Lancaster se apropriou de cada oportunidade que lhe foi dada e, notadamente, atendeu às suas expectativas e a de outros com direcionamentos a tempos vindouros no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Essa investigação compreende que Lancaster estava especialmente preocupado com a distribuição proativa da informação, por meio de uma Disseminação Seletiva da Informação (DSI), com extensão aos futuros serviços das bibliotecas e ao comportamento dos/as bibliotecários/as diante do próximo avanço digital (YOUNG, 2008).

Por fim, diante dos avanços tecnológicos, as predições de Lancaster e o legado científico, técnico e didático deixados por ele, assumem lugares de destaque nas citações. Assim sendo, foi um pesquisador e ator contributo para a constituição, desenvolvimento e avanço da produção científica nos mais diversos países.

## 2 FREDERIC WILFRID LANCASTER

Reconhecido internacionalmente como um líder nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Frederic Wilfrid Lancaster nasceu em Durham, Inglaterra, em 4 de setembro de 1933.

Na década de 1950, inicia sua vida acadêmica e profissional. “Lancaster licenciou-se como advogado na Universidade de Northumbria, Newcastle, em 1955, onde também estudou Biblioteconomia. Na época era bibliotecário da rede de bibliotecas públicas de Newcastle” (CAMPOS, 2013, p. 154, tradução nossa), associando-se em 1955 a *British Library Association*.

Em 1959, emigra para os Estados Unidos tornando-se bibliotecário na Biblioteca Pública de Akron, em Ohio (CAMPOS, 2013). Fato que narra em entrevista ao apontar influências profissionais relevantes em sua carreira profissional. Desta maneira, direciona-se para Frank Rodgers, ambos iniciando trabalho no mesmo dia na *Newcastle Public Library*. Posteriormente, tornando-se Rodgers, um bibliotecário na Universidade de Miami (ESTABROOK; LANCASTER, 2008).

Lancaster enfatiza que por uma variedade de razões, Rodgers viaja para os Estados Unidos se empregando na Biblioteca Pública de Akron. Por ocasião da entrevista relembra que:

Alguns anos mais tarde, eu sem saber exatamente o que fazer, ele me persuadiu a vir para os Estados Unidos. Em essência, foi toda uma estranha série de eventos, porque ele muda-se da Biblioteca Pública de Akron para a Universidade de Illinois. Por conseguinte, eu fui e o substitui na Biblioteca Pública de Akron. Naquele tempo havia uma séria escassez de bibliotecários americanos qualificados e os empregadores estavam recrutando na Inglaterra. Então eu consegui esse emprego na Biblioteca Pública de Akron, permanecendo lá por alguns anos. Isso foi uma grande influência (ESTABROOK; LANCASTER, 2008, p. 969-970, tradução nossa).

É notório que o grande evento profissional na vida de Lancaster foi Frank Rodgers. A segunda grande influência, foi trabalhar para Cyril Cleverdon no Projeto ASLIB/Cranfield. Lancaster, afirma que a experiência retira-o exclusivamente da Biblioteconomia para um novo campo, a Ciência da Informação – recuperação da informação. A próxima pessoa que influenciaria a sua vida, seria Saul Herner, trazendo-o para Washington, onde trabalha em empresa de consultoria. O que lhe forneceu experiências em diversos tipos de contratos com agências federais. Esse fato o encaminha para uma posição na Biblioteca Nacional de Medicina (ESTABROOK; LANCASTER, 2008).

Nos anos finais da década de 1960, Lancaster foi pioneiro na avaliação de bases de dados, notadamente, a partir do trabalho intitulado Medical Literature Analysis and Retrieval System (MEDLARS), para a National Library of Medicine dos EUA (JACKSON,

2005 *apud* ARAÚJO *et al.*, 2009). Após a publicação, outra profissão em potencial surge em seu horizonte e a ele seriam direcionados convites à docência em universidades. Para tanto, Herb Goldhor encoraja Lancaster à Universidade de Illinois, sendo a terceira grande influência no seu desenvolvimento profissional (ESTABROOK; LANCASTER, 2008).

Como professor, Lancaster ingressou na Escola de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação na Universidade de Illinois em 1970, atuando como docente até a sua aposentadoria em 1992. Mesmo aposentado, continuou a dirigir pesquisas de alunos como membro emérito do corpo docente (HARICOMBE; PRABHA, 2008).

Em sua jornada docente, Lancaster ministrou cursos para centenas de estudantes. As disciplinas em que atuou foram: Armazenamento e Recuperação de Informações; Controle de Vocabulário para Recuperação de Informações; Medição e Avaliação; e Fundamentos da Biblioteconomia (HARICOMBE; PRABHA, 2008).

Para Kyrillidou e Cook (2008), os interesses de pesquisa de Lancaster abrangiam todo o campo da biblioteca, sendo verdadeiramente um renascentista da biblioteca com impacto em tudo o que fez. Por ser um dos autores mais prolíficos na área da Biblioteconomia, ele era continuamente citado e publicado. Sua motivação era o contínuo acompanhamento do desenvolvimento do conhecimento e registro de seus resultados.

Acima de tudo, professor Lancaster foi um educador cujo ensino pensativo inspirou criativos pensamentos e provocou ideias de pesquisa em todos aqueles que o rodeiam. Ele preencheu seus papéis de educador e pesquisador ao criar livros didáticos de referência que relataram os resultados de sua pesquisa e serviram de base pedagógica, sendo, ferramentas na comunicação de resultados (KYRILLIDOU; COOK, 2008, p. 889, tradução nossa).

Para Young (2008), como uma mente proativa e dotada de criatividade, Lancaster na década de 1970 já projetava um sistema de informação eletrônico que visionava a biblioteca sobre uma mesa, onde acadêmicos e pesquisadores teriam acesso a diversos arquivos compostos de informações bibliográficas, em sua totalidade digitais. E, os periódicos científicos, por sua vez, seriam editados, acessados e distribuídos através de um sistema online, o que permitiria:

(1) facilitar a rápida e eficaz comunicação entre pessoas e grupos; (2) manter índices de pesquisas em andamento para torná-los altamente acessíveis; (3) fazer a literatura científica arquivística possível e acessíveis; (4) fornecer facilidades para ajudar o cientista a construir e explorar seus próprios arquivos de informações; e (5) fornecer acesso rápido e conveniente às instalações de um ou mais centros de análises informacionais (YOUNG, 2008, p. 844, tradução nossa).

Portanto, enquanto pesquisador e docente da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, percebe-se que Lancaster se mostrava preocupado com a distribuição facilitada, rápida e direcionada da informação por meio de mecanismos eficazes

de DSI. O que o tornou, portanto, como um pesquisador a frente de seu tempo e contemporâneo ao que permeia no século XXI.

Por fim, ele foi um bibliotecário, pesquisador, detentor de numerosas publicações, professor, palestrante e membro de diversas entidades ligadas a Biblioteconomia e Ciência da Informação, a saber: Associação Americana de Bibliotecas; Sociedade Americana de Ciência da Informação; Associação de Biblioteca, em Londres (HARICOMBE; RUSSELL, 2008). Lancaster persistiu em mostrar áreas cujo desbravamento é necessário à sociedade.

Diante do todo empreendido, Lancaster falece em 25 de agosto de 2013, em Illinois (EUA) deixando para além, pesquisadores conscientes e pensantes.

### 3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Os pesquisadores Haricombe e Russell (2008) publicam um artigo descrevendo o currículo de Frederic Wilfrid Lancaster, sendo autorizadas e ratificadas as informações pelo próprio Lancaster. Portanto, pela riqueza de registros, esta obra perfaz fonte precípua desta seção.

Cronologicamente, Frederic Wilfrid Lancaster inicia sua atuação profissional como Assistente Sênior, nas Bibliotecas Públicas de Newcastle-upon-Tyne, na Inglaterra em 1953, onde permanece até 1957. E, no mesmo ano, assume como Assistente de Informações na Tube Investments, Ltd., Birmingham, até 1959. Nos Estados Unidos sua atuação profissional segue como descrição no Quadro 1:

**Quadro 1** - Registros de Emprego de Lancaster

PERÍODO	ATUAÇÃO PROFISSIONAL/INSTITUIÇÃO
1959 - 1960	Bibliotecário Sênior, Ciência e Tecnologia, Biblioteca Pública de Akron, Akron, Ohio
1960 - 1962	Bibliotecário Técnico, The Babcock e Wilcox Co., Barberton, Ohio
1962	Assistente de Pesquisa Sênior, ASLIB, Londres, Inglaterra
1964 - 1965	Consultor Residente e Chefe do Grupo de Avaliação de Sistemas, Herner and Company, Washington, DC
1965 - 1968	Especialista em Sistemas de Informação, National Library of Medicine, Bethesda, Maryland
1969	Companheiro (por tese) da Associação de Bibliotecas da Grã-Bretanha
1969 - 1970	Diretor de Serviços de Recuperação de Informações, Westat Research, Inc., Bethesda, Maryland
1970 - 1972	Professor Associado e Diretor de Programa em Biomedicina Biblioteconomia (70-73), Escola de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Universidade de Illinois em Urbana-Champaign

1972 - 1992	Professor da Escola de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade de Illinois em Editor Urbana-Champaign, <i>Library Trends</i> , 1986–2006
1992	Professor Emérito da Escola de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

Campos (2013) defende que Lancaster inicia sua carreira como pesquisador em 1963, desenvolvendo uma linha nova de pesquisa direcionada à “Recuperação da Informação”.

Considerando informações a partir do Quadro 1, visualiza-se que Lancaster esteve como docente durante grande parte da sua vida profissional. O seu impacto como professor de Ciência da Informação saltou os muros da Universidade de Illinois, fato visualizado em diversas publicações e vasta experiência no ensino. Contexto no qual se fez responsável por cursos, muitas vezes sob os auspícios da UNESCO em países como: Argentina, Brasil, México, Noruega e Polônia. Ele também proferiu palestras em vários outros países (ESTABROOK; LANCASTER, 2008).

Descritos por Haricombe e Russell (2008, p. 976, tradução nossa), em uma lista de prêmios relacionada as contribuições científicas de Lancaster, ganham destaque as seguintes condecorações:

Prêmio *G. K. Hall da American Library Association* para melhor livro sobre Biblioteconomia, 1989;  
 Prêmio de Mérito de 1988 da Sociedade Americana de Ciência da Informação, 1988;  
 Primeiro Prêmio *Outstanding Information Science Teacher*, da Sociedade Americana de Ciência da Informação, 1980;  
 Prêmio John Brubaker Memorial para o melhor artigo de 1980, no mundo da Biblioteca Católica;  
 Prêmio de 1970, 1974, 1978 e 1992 da Sociedade Americana de Ciência da Informação para o melhor livro do ano em Ciência da Informação;  
 Prêmio Ralph Shaw de 1978 pela excelente contribuição para a literatura de Biblioteconomia.

Estabrook perscrutando a Lancaster o que mais lhe dava orgulho, escreve:

Bem, acho que o que mais me orgulha é o reconhecimento. Eu tenho sete prêmios da Sociedade Americana de Ciência da Informação e Tecnologia, que é muito mais do que qualquer outra pessoa conseguiu, quatro melhores prêmios de livros, melhores informações Science Book Awards, um dos melhores prêmios de Ciência da Informação. Eu fui o primeiro ganhador do Prêmio de Excelência em Ciência da Informação. Recebi o prêmio de Mérito. Quero dizer, o que mais você pode fazer no que diz respeito ao reconhecimento nacional? Também dois dos meus livros recebeu prêmios da American Library Association. Tem o University Scholar Award, que não deve ser desprezado. Então, sou orgulhoso do



reconhecimento que recebi em mais de trinta anos ativos (ESTABROOK; LANCASTER, 2008, p. 971, tradução nossa).

Percebe-se que ao descrever a materialização do reconhecimento por seus pares, Lancaster também expande a importância do seu legado documental em publicações nas áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Outros formatos de honrarias devem ser registrados neste trabalho, tais como:

Beneficiário do Festschrift da Essen University, Essen, Alemanha, 1995;  
Bolsista do Ministério da Educação espanhol para ensino e pesquisa na Universidade de Granada, no período de fevereiro a junho de 1994;  
Bolsista de Ensino Fulbright no Indian Statistical Institute, em 1991 na Índia;  
Selecionado pela University of Illinois como University Scholar para o período 1989 a 1992;  
Nomeado como professor visitante no College of Library and Information Science, Universidade de Wuhan, 1988;  
Bolsista de ensino da Fulbright no The Royal School of Librarianship, em 1985 na Dinamarca;  
Bolsista de pós-doutorado, Conselho Norueguês para o Desenvolvimento Científico e Pesquisa Industrial, Norsk Senter for Informatikk, 1976;  
Bolsista de ensino da Fulbright no Brasil no Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia, em 1975, dentre outras honrarias conquistadas por Lancaster (HARICOMBE; RUSSELL, 2008).

Dentre os serviços executados por Lancaster, pode-se dizer que ele atuou como consultor em mais de trinta agências e bibliotecas, tanto nos Estados Unidos como em outros países, incluindo as entidades:

National Library of Medicine (NLM); UNESCO; Center Intelligence Agency (CIA); American Film Institute; U.S. Army Corps of Engineers; the National Institute of Neurological Diseases and Stroke; the Arab League Documentation Centre in Egypt; the National Libraries of Australia and Venezuela; and the Bureau National d'Information Scientifique et Technique in Paris (HARICOMBE; RUSSELL, 2008, p. 977).

Os mesmos autores registram a participação de Lancaster em mais de cem conferências nacionais e internacionais, com eventos ocorridos em países como: Argentina; Austrália; Brasil; Canadá; China; Colômbia; Costa Rica; Dinamarca; Egito; Inglaterra; Finlândia; França; Alemanha; Guatemala; Hong Kong; Índia; Israel; Itália; México; Namíbia; Holanda; Noruega; Polônia; Portugal; Cingapura; África do Sul; Espanha; Sri Lanka; Suécia; Síria; Taiwan; Tunísia; Peru; e as Índias Ocidentais (HARICOMBE; RUSSELL, 2008).

A informação acentua a internacionalidade empregada no espírito científico de Lancaster no tocante ao conhecimento. Mas, também, se aculturar do contexto presente e futuro das áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

## 4 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Torna-se evidente que para investigar o quantitativo de publicações de Lancaster, bem como os trabalhos que construíram sua base nos escritos do pesquisador, citando-o, seria necessário garimpar por todos os países onde plantou informação e conhecimentos. E, assim, deixando o seu legado e inspirando outros a realizarem novas investigações.

Todavia, não é a proposta deste trabalho elencar toda sua bibliografia, mas a condensação das notáveis contribuições para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Por isso, nas subseções a seguir, listamos apenas suas principais contribuições.

### 4.1 Livros

De acordo com Morales Campos (2013), Lancaster foi autor de 15 livros, alguns dos quais foram nomeados livros do ano pela *American Society for Information Science* (ASIS) ou a *American Library Association* (ALA). Segue Quadro 2, organizado por década com as suas publicações.

**Quadro 2 - Livros publicados distribuídos por décadas**

Década de 1970
LANCASTER, F. W. <i>Controle de vocabulário para recuperação de informação</i> . Washington: Information Resources Press, 1972.
FAYEN, E. G.; LANCASTER, F. W. <i>Informações de recuperação: on-line</i> . Los Angeles: Melville Pub. Co., 1973.
LANCASTER, F. W. <i>Para sistemas de informação sem papel</i> . New York: Academic Press, 1978.
LANCASTER, F. W. <i>Sistemas de recuperação de informação: características, testes e avaliação</i> . 2. ed. New York: Wiley, 1979. (Information Sciences series)
Década de 1980
LANCASTER, F. W.; MARTYN, J. <i>Métodos investigativos em biblioteconomia e ciência da informação</i> . Arlington, VA: Information Resources Press, 1981.
LANCASTER, F. W. <i>Bibliotecas e bibliotecários em uma era de eletrônica</i> . Arlington, VA: Information Resources Press, 1982.
LANCASTER, F. W. <i>Avaliação e medição de serviços bibliotecários</i> . México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1983.
Década de 1990
LANCASTER, F. W. <i>Métodos bibliométricos na avaliação da produtividade e impacto da pesquisa</i> . Bangalore, [Índia]: Sarada Ranganathan Endowment for Library Science, 1991.
BAKER, S.; LANCASTER, F. W. <i>A medição e avaliação de serviços de biblioteca</i> . 2nd ed. Arlington, VA: Information Resources Press, 1991.
LANCASTER, F. W. <i>Se você quer avaliar sua biblioteca</i> . 2nd ed. Champaign, IL: University of Illinois, Graduate School of Library and Information Science, 1993.

LANCASTER, F. W.; WARNER, A. J. <i>Recuperação de informação hoje</i> . Arlington, VA: Information Resources Press, 1993.
HARICOMBE, L.; LANCASTER, F. W. <i>No frio: boicotes acadêmicos e o isolamento da África do Sul</i> . Arlington, VA: Information Resources Press, 1995.
LANCASTER, F. W.; SANDORE, B. <i>Tecnologia e gestão em serviços de biblioteca e informação</i> . Champaign, IL: University of Illinois, Graduate School of Library and Information Science, 1997.
JACSÓ, P.; LANCASTER, F. W. <i>Construa seu próprio banco de dados</i> . Chicago: American Library Association, 1999.
<b>Década de 2000</b>
LANCASTER, F. W.; WARNER, A. J. <i>Aplicativos para bibliotecas e aplicativos de serviço</i> . Medford, NJ: Information Today, 2001. (ASIS monograph series)

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

## 4.2 Artigos individuais

Os seus trabalhos individuais têm como abordagens a recuperação da informação; controle de vocabulário; indexação; sistemas de recuperação on-line; ferramentas de gestão dentre outros registrados e organizados nos quadros a seguir por décadas.

### Quadro 3 - Artigos publicados – década de 1960

Para sistemas de informação automáticos. <i>New Scientist</i> , v. 20, n. 367, p. 535–38, 1963.
Algumas observações sobre o desempenho de indicadores de função EJC em um sistema de recuperação mecanizada. <i>Special Libraries</i> , v. 55, n. 10, p. 696–701, 1964.
Descobrimos alguns fatos da vida na recuperação de informações. <i>Special Libraries</i> , v. 55, n. 2, p. 86–91, 1964.
Testando índices e dispositivos de linguagem de índice: o Projeto ASLIB Cranfield. <i>American Documentation</i> , v. 15, n. 1, p. 4–13, 1964.
Controle de documentos mecanizados: uma revisão de algumas pesquisas recentes. <i>ASLIB Proceedings</i> , v. 16, n. 4, p. 132–152, 1964.
Um estudo de caso na aplicação de técnicas de avaliação do sistema Cranfield. <i>Journal of Chemical Documentation</i> , v. 5, n. 2, p. 92–96, 1965.
Documentação de engenharia: indexação vs. classificação. <i>Machine Design</i> , p. 105–107, jan. 1965.
Avaliando o pequeno sistema de recuperação de informação. <i>Journal of Chemical Documentation</i> , v. 6, n. 3, p. 158–60, 1966.
Avaliação de sistemas por meio de testes de comparação. <i>College and Research Libraries</i> , v. 27, n. 3, p. 219–221, maio 1966.
Sobre a necessidade de indicadores de função em sistemas de recuperação pós-coordenada. <i>American Documentation</i> , v. 19, n. 1, p. 42–46, jan. 1968.
Interação entre solicitantes e um grande sistema de recuperação mecanizada. <i>Information Storage and Retrieval</i> , v. 4, p. 239–252, 1968.
MEDLARS: relatório sobre a avaliação de sua eficiência operacional. <i>American Documentation</i> , v. 20, n. 2, p. 119–42, 1969.

Custos, desempenho e benefícios dos sistemas de informação. *Proceedings of the American Society for Information Science*, v. 6, p. 501–505, 1969.

MEDLARS: um sistema de informação multiuso. *INSPEL*, v. 4, n. 1, p. 22–27, 1969.

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

#### Quadro 4 - Artigos publicados – década de 1970

Controle de qualidade aplicado às operações de um grande sistema de informação. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 21, n. 5, p. 370–371, 1970.

Educação do usuário: o próximo grande avanço na ciência da informação? *Journal of Education for Librarianship*, v. 11, n. 1, p. 55–63, 1970.

Estamos prontos para recuperação de informações on-line? In: ASSOCIATION FOR COMPUTING MACHINERY, 26., 1971, Nova York. *Anais [...]*. Nova York, 1971. p. 565–68.

A avaliação de índices publicados e revistas abstratas. *Bulletin of the Medical Library Association*, v. 59, n. 3, p. 479–94, 1971.

Resultado de uma avaliação. *Journal of Documentation*, v. 27, n. 1, p. 1–10, 1971.

A análise de custo-efetividade de sistemas de recuperação e disseminação de informações. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 22, n. 1, p. 12–27, 1971.

Avaliando a eficácia de um sistema on-line de recuperação de linguagem natural. *Information Storage and Retrieval*, v. 8, n. 5, p. 223–45, 1972.

Avaliação crítica de um sistema de pesquisa e recuperação de literatura médica baseado em computador. *Post Graduate Medicine*, v. 51, n. 5, p. 47–50, 1972.

O bibliotecário de serviços de informação. *Australian Special Libraries News*, v. 7, n. 6, p. 139–149, 1974.

Um estudo das atuais publicações de conscientização nas neurociências. *Journal of Documentation*, v. 30, n. 3, p. 255–272, 1974.

A Terceira Conferência Internacional de Estudo sobre pesquisa em classificação. *Bulletin of the American Society for Information Science*, v. 2, n. 4, p. 23–24, 1975.

Acessibilidade da informação na pesquisa científica em processo. *Ciência da Informação*, v. 4, n. 2, p. 109–117, 1975.

Ferramenta útil de informática para bibliotecas. *Ajour*, v. 5, p. 177–78, 1976.

A divulgação de informação científica e técnica. In: THE 1976 CONFERENCE OF NORDDATA, 1977, Helsinki. *Anais [...]*. Helsinki, 1977.

Onde bibliotecas? ou murchar bibliotecas. *College and Research Libraries*, v. 39, n. 5, p. 345–357, 1978.

Avaliando os benefícios e a promessa de um programa internacional de informação (AGRIS). *Journal of the American Society for Information Science*, v. 29, n. 6, p. 283–288, 1978.

Missão possível: um futuro sistema de informação. *Canadian Library Journal*, v. 36, n. 6, p. 339–342, 1979.

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

### Quadro 5 - Artigos publicados – década de 1980

A biblioteca de pesquisa de 2001. <i>Oklahoma Librarian</i> , v. 30, p. 42–46, out. 1980.
Otimizando a seqüência de interação usuário / bibliotecário na literatura pesquisando situação. <i>The Reference Librarian</i> , v. 1/2, p. 117–121, 1981.
Algumas considerações relacionadas à relação custo-benefício de serviços online em bibliotecas. <i>Aslib Proceedings</i> , v. 33, n. 1, p. 10–14, 1981.
A evolução da sociedade sem papel e suas implicações para as bibliotecas. <i>International Forum on Information and Documentation</i> , v. 7, n. 4, p. 3–10, 1982.
Avaliando coleções por seu uso. <i>Collection Management</i> , v. 4, n. 1/2, p. 15–43, 1982.
Publicação eletrônica: seu impacto na distribuição de informações. <i>National Forum</i> , v. 63, p. 3–5, 1983.
Biblioteconomia futura: preparando-se para uma carreira não convencional. <i>Wilson Library Bulletin</i> , v. 57, n. 9, p. 747–753, 1983.
Alguns padrões de publicação na ciência indiana e japonesa: uma comparação bibliométrica. <i>International Forum on Information and Documentation</i> , v. 9, n. 4, p. 11–16, 1984.
Mitointerpretação (editorial convidado). <i>Electronic Library</i> , v. 2, n. 4, p. 209–211, 1984.
Implicações para a educação em biblioteconomia e ciência da informação. <i>Library Trends</i> , v. 32, n. 3, p. 337–348, 1984.
O bibliotecário eletrônico. <i>National Central Library Newsletter (Republic of China)</i> , v. 15, p. 83–85, 1984.
A avaliação de serviços de informação. <i>Open</i> , v. 17, n. 10, p. 428–434, 1985.
A sociedade sem papel revisitada. <i>American Libraries</i> , v. 6, n. 8, p. 553–555, 1985.
Computadores e bibliotecas: a resposta da educação bibliotecária. <i>Illinois Libraries</i> , v. 67, n. 5, p. 469–472, 1985.
Obsolescência, capina e utilização do espaço. <i>Wilson Library Bulletin</i> , v. 62, n. 9, p. 47–49, 1988.
Educar o especialista em informação agrícola. <i>Revista AIBDA</i> , v. 6, n. 2, p. 101–124, 1988.
Publicação eletrônica. <i>Library Trends</i> , v. 37, n. 3, p. 316–325, 1989.

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

### Quadro 6 - Artigos publicados – década de 1990

Atitudes no meio acadêmico em relação à viabilidade e conveniência da publicação acadêmica em rede. <i>Library Trends</i> , v. 43, n. 4, p. 741–752, 1995.
De custodiante a engenheiro de conhecimento: a evolução da biblioteconomia como profissão. <i>Journal of Information, Communication &amp; Library Science</i> , v. 1, n. 4, p. 3–8, 1995.
Necessidades, demandas e motivações no uso de fontes de informação. <i>Journal of Information, Communication &amp; Library Science</i> , v. 1, n. 3, p. 3–18, 1995.
A evolução da publicação eletrônica. <i>Library Trends</i> , v. 43, n. 4, p. 518–527, 1995.
Segundos pensamentos sobre a sociedade sem papel. <i>Library Journal</i> , v. 124, n. 15, p. 48–50, 1999.
Avaliação como ferramenta de gestão. <i>Public Libraries</i> , v. 29, n. 5, p. 289–294, 1990

Fonte: Haricombe e Russell (2008).



### Quadro 7 - Artigos publicados – Anos 2000

A indexação e a abstração têm futuro? *Anales de Documentacion*, n. 6, p. 137–144, 2003.

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

## 4.3 Artigos em coautoria

Lancaster também teve uma importante contribuição nas publicações em parceria com outros autores, a partir da década de 1960.

### Quadro 8 - Artigos em parcerias com outros autores – década de 1960

LANCASTER, F. W.; HERNER, S. Análises de conteúdo modular. *Proceedings of the American Documentation Institute*, v. 1, p. 403–405, 1964.

Lancaster, F. W.; Climenson, W. D. Avaliando a eficiência econômica de um sistema de recuperação de documentos. *Journal of Documentation*, v. 24, n. 1, p. 16–40, mar. 1968.

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

### Quadro 9 - Artigos em parcerias com outros autores – década de 1970

LANCASTER, F. W.; SMITH, L. C. Ciência, bolsa de estudos e comunicação do conhecimento. *Library Trends*, v. 27, n. 3, p. 367–388, 1979.

DRASGOW, L. S.; LANCASTER, F. W.; MARKS, E. B. (1979). A mudança da face da biblioteca: um olhar sobre bibliotecas e bibliotecários no ano de 2001. *Collection Management*, v. 3, n. 1, p. 55–77, 1979.

JUHASZ, S.; KNOX, J.; LANCASTER, F. W.; RIPPERGER, E. A. AKWAS: autor e palavras-chave em seqüência alfabética. *Applied Mechanics Reviews*, v. 32, n. 12, p. 1537–1546, 1979.

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

### Quadro 10 - Artigos em parcerias com outros autores – década de 1980

GOLDHOR, H.; LANCASTER, F. W. O impacto dos serviços online nas assinaturas de publicações impressas. *Online Review*, v. 5, n. 4, p. 301–311, 1981.

Lancaster, F. W. A publicação eletrônica. *Show-Me Libraries*, v. 33, n. 1/2, p. 58–62, 1981.

Allen, W.; Lancaster, F. W. Uma abordagem de estudo independente direcionada a um curso de fundações. *Journal of Education for Librarianship*, v. 21, n. 4, p. 313–326, 1981.

LANCASTER, F. W.; QUEIROZ, G. G. de. Crescimento, dispersão e obsolescência da literatura: um estudo de caso em dosimetria termoluminescente. *Journal of Research Communication Studies*, v. 2, n. 4, p. 203–217, 1981.

LANCASTER, F. W.; NEWAY, J. M. O futuro dos serviços de indexação e abstração. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 33, n. 3, p. 183–189, 1982.

CARVALHO, M. B. P. de; LANCASTER, F. W. O cientista brasileiro publica no exterior. *Ciência e Cultura*, v. 34, p. 27–634, 1982.

LANCASTER, F. W.; NEWAY, J. M. A correlação entre pertinência e taxa de duplicação de citações em pesquisas em bancos de dados. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 34, n. 4, p. 292–293, 1983.



LANCASTER, F. W.; MEHROTRA, R. Onde cientistas indianos publicam. <i>Current Science</i> , v. 53, n. 13, p. 684-688, 1984.
KONOPASEK, K.; LANCASTER, F. W.; OWENS, T. A literatura de psicologia educacional e a literatura usada por escritores em psicologia educacional. <i>Contemporary Educational Psychology</i> , v. 10, n. 4, p. 314-328, 1985.
LANCASTER, F. W.; LEE, J.-L. Técnicas bibliométricas aplicadas ao gerenciamento de questões: um estudo de caso. <i>Journal of the American Society for Information Science</i> , v. 36, n. 6, p. 389-397, 1985.
LANCASTER, F. W.; PORTA, M., et al. Fatores que influenciam fontes citadas por cientistas: um estudo de caso para Cuba. <i>Scientometrics</i> , v. 10, n. 5-6, p. 243-257, 1986.
LANCASTER, F. W.; PONTIGO J. Aspectos qualitativos da distribuição de Bradford. <i>Scientometrics</i> , v. 9, n. 1-2, p. 59-70, 1986.
LANCASTER, F. W.; SATTAR, A.; PORTA, M. A. A política da citação da ciência. <i>Nature</i> , v. 325, n. 6100, p. 102, 1987.
LANCASTER, F. W.; STINSON, E. R. Métodos síncronos versus diacrônicos na medição da obsolescência por estudos de citações. <i>Journal of Information Science</i> , v. 13, n. 2, p. 65-74, 1987.
LANCASTER, F. W.; PRABHA, C. G. Comparando a dispersão de citações e citações literárias. <i>Scientometrics</i> , v. 12, n. 1-2, p. 17-31, 1987.
LANCASTER, F. W.; PORTA, M. Avaliação de uma coleção acadêmica em uma área específica por meio de checagem bibliográfica: uma comparação de fontes. <i>Libri</i> , v. 38, n. 2, p. 131-137, 1988.
FILARDO, T. W.; LANCASTER, F. W.; SELF, P. C. Síndrome de imunodeficiência adquirida (AIDS) e o crescimento epidêmico de sua literatura. <i>Scientometrics</i> , v. 17, n. 1-2, p. 49-60, 1989.

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

### Quadro 11 - Artigos em parcerias com outros autores – década de 1990

ELZY, C. A.; LANCASTER, F. W. Olhando para uma coleção de maneiras diferentes: uma comparação de métodos de verificação bibliográfica. <i>Collection Management</i> , v. 12, n. 3/4, p. 1-10, 1990.
Diluvio, C.; Kim Lee, S.-Y.; Lancaster, F. W. O local de publicação influencia o comportamento de citação? <i>Scientometrics</i> , v. 19, n. 3/4, p. 239-244, 1990.
LANCASTER, F. W.; STELK, R. E. O uso de livros didáticos na avaliação da coleta de uma biblioteca de graduação. <i>Library Acquisitions: Practice and Theory</i> , v. 14, n. 2, p. 191-193, 1990.
ELZY, C.; LANCASTER, F. W. et al. Avaliando o serviço de referência em uma grande biblioteca acadêmica. <i>College and Research Libraries</i> , v. 52, n. 5, p. 454-465, 1991.
CONNELL, T.; LANCASTER, F. W. et al. Identificar barreiras ao acesso efetivo a assuntos em catálogos de bibliotecas. <i>Library Resources and Technical Services</i> , v. 35, n. 4, p. 377-391, 1992.
ABDULLAH, S. BT.; LANCASTER, F. W. A contribuição dos cientistas para a literatura popular, seu papel como testemunhas especialistas e sua influência em seus pares. <i>Scientometrics</i> , v. 20, n. 1, p. 55-64, 1992.
ESTEIBAR, B. A.; LANCASTER, F. W. Ranking de periódicos em biblioteconomia e ciência da informação por pesquisa e relacionamento de ensino. <i>Serials Librarian</i> , v. 23, n. 1/2, p. 1-10, 1992.

LANCASTER, F. W.; METZLER, L.; ZETER, M. J. A influência de Ranganathan foi examinada bibliometricamente. <i>Libri</i> , v. 42, n. 3, p. 268–281, 1992.
BURGER, R. H.; LANCASTER, F. W.; RAUCHFUSS, B. M. Uso de literatura por cientistas do leste europeu. <i>Scientometrics</i> , v. 24, n. 3, 419–439, 1992.
LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços bibliotecários à luz das inovações tecnológicas. <i>Revista Espanola de Documentacion Cientifica</i> , v. 15, n. 3, p. 266–279, 1992.
KROOKS, D. A.; LANCASTER, F. W. A evolução das diretrizes para construção de tesouro. <i>Libri</i> , v. 43, n. 4, p. 326–342, 1993.
ALLEN, B.; LANCASTER, F. W.; QIN, J. Comunidades persuasivas: uma análise longitudinal de referências nas transações filosóficas da Royal Society, 1665–1990. <i>Social Studies of Science</i> , v. 24, n. 2, p. 279–310, 1994.
LANCASTER, F. W.; LOESCHER, J. A biblioteca corporativa e gerenciamento de problemas. <i>Library Trends</i> , v. 43, n. 2, p. 159–169, 1994.
ELZY, C.; LANCASTER, F. W. et al. Pesquisando bancos de dados em CD-ROM: comparação dos resultados da busca do usuário final com resultados de dois modos de busca por intermediários especializados. <i>RQ</i> , v. 33, n. 3, p. 370–386, 1994.
LANCASTER, F. W.; BUSHUR, S.; LOW, Y.-M. A influência de Kochen examinada bibliometricamente. <i>Library Trends</i> , v. 41, n. 4, p. 549–566, 1995.
LANCASTER, F. W.; SU, S.-F. Avaliação de sistemas especialistas em aplicações de serviços de referência. <i>RQ</i> , v. 35, n. 2, p. 219–228, 1995.
LANCASTER, F. W.; ULVILA, J. W., et al. Avaliação de sistemas interativos baseados em conhecimento. <i>Journal of the American Society for Information Science</i> , v. 47, p. 57–69, 1996.
QIN, J.; LANCASTER, F. W.; ALLEN, B. Tipos e níveis de colaboração na pesquisa interdisciplinar nas ciências. <i>Journal of the American Society for Information Science</i> , v. 48, p. 893–916, 1997.
LANCASTER, F. W.; XU, H. Redundância e exclusividade de pontos de acesso em catálogos on-line. <i>Library Resources &amp; Technical Services</i> , v. 42, n. 1, p. 61–66, 1998.
LANCASTER, F. W.; PINTO, M. Resumos e abstração na descoberta do conhecimento. <i>Library Trends</i> , v. 48, n. 1, p. 234–248, 1999.

Fonte: Haricombe e Russell (2008).

Considerando os registros das publicações de Lancaster, ao longo desta biografia, faz-se notável sua contribuição à Biblioteconomia e à Ciência da Informação.

## 5 CONTRIBUIÇÕES PARA A BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Lancaster se fez pioneiro na temática envolvendo uma sociedade sem papel e, conseqüentemente, nos direcionamentos futuros da biblioteca e da atuação dos bibliotecários.

A partir da publicação *Toward paperless information systems*, em 1978, o pesquisador defendia a inevitável mudança com relação às publicações em papel para o que denominou de uma “sociedade sem papel”. Com esta

Predição audaciosa sobre uma sociedade sem papel, o final do século XX é examinado a partir de múltiplas perspectivas, justificadas por prognóstico textual e contextual; recepção pela profissão e o impacto na literatura da biblioteca e ciência da informação são revisados. A precisão da previsão de Lancaster e a fermentação dos insights da literatura colateral são consideradas (YOUNG, 2008, p. 843, tradução nossa).

Todavia, pode-se dizer que a previsão de Lancaster no campo da Biblioteconomia proporcionou influências positivas na classe profissional, bem como nas investigações e publicações futuras. Sem embargo, Young (2008, p. 844, tradução nossa) observa que

A propulsão do modelo de informação futurista de Lancaster foi uma preocupação generalizada com a proliferação de literatura, o custo de produzir revistas e as crescentes despesas para as bibliotecas adquirirem e processarem periódicos. [...] A invasão maciça dos computadores e da Internet, provavelmente excedeu os pensamentos mais otimistas de Lancaster. Ele, quase singularmente, focado na inevitabilidade tecnológica.

De maneira especial, a investigação em periódicos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação relativa à contribuição dos escritos de Lancaster na literatura nacional, apresenta resultados em estudos publicados em sete periódicos brasileiros: Ciência da Informação (IBICT); Perspectivas em Ciência da Informação (UFMG); Informação & Sociedade: Estudos (UFPB); DataGramaZero (IASI/RJ), Transinformação (PUC-Campinas), Encontros Biblio (UFSC) e Em Questão (UFRGS), entre os anos de 2003 a 2007. O levantamento indica que “Lancaster é citado em 31 dos 872 artigos analisados. Das 19.577 referências bibliográficas destes artigos, 42 são de trabalhos de sua autoria” (ARAÚJO *et al.*, 2009, p. 139).

Pode-se presumir que o quantitativo tenha amparo, a priori, na participação de Lancaster em cursos de mestrado implantados no Brasil na Área Ciência da Informação. Ganham destaque neste contexto, o fato de Lancaster ter atuado como professor no primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação, pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, que até o ano de 1981, além de contribuir para a implantação de novos cursos, já havia orientado 34 dissertações de mestrado no Brasil ao lado de “Tefko Saracevic com 13 orientações, LaVahn Marie Overmyer, Bert Roy Boyce e Jack Mills, 2 orientações cada” (PINHEIRO, 2007, p. 5).

A visibilidade obtida por Lancaster no cenário brasileiro se acentua pela obra **Indexação e resumos**: teoria e prática com edição originária em 1991, traduzida e editada em português no ano de 1993 (LANCASTER, 2004). Esse livro faz parte dos textos didáticos adotados na área da Biblioteconomia e cursos afins no país.

Sendo um dos orgulhos de Lancaster, a primeira edição de **Indexação e resumos**: teoria e prática, recebeu o prêmio de melhor Livro do ano, outorgado pela *American Society for Information Science*. Na terceira edição, Lancaster enfatiza necessárias atualizações, bem como registra que

Embora a indexação e redação de resumos fossem antigamente tidas como processos que somente interessavam a bibliotecas e a algumas editoras, sua relevância e utilidade são conhecidas hoje em dia de modo muito mais amplo, pois, obviamente, encontram aplicação em todos os tipos de recursos de informação em formato digital. Assim, esta edição, embora continue sendo destinada fundamentalmente ao uso como texto didático em escolas de biblioteconomia e ciência da informação (e programas afins), ainda se reveste de interesse para um público muito maior: produtores de bases de dados de todos os tipos, bem como aquelas pessoas interessadas em outras áreas, como o projeto de intranets, desenvolvimento de portais, sistema de gerenciamento da informação, e gestão do conhecimento em geral (LANCASTER, 2004, p. vii).

Nas palavras de Lancaster no prefácio do livro, torna-se visível a amplitude do conhecimento registrado na obra estendida a diversas áreas do conhecimento, bem como a diferentes profissionais do contexto digital e tecnológico.

Analisando a contribuição de Lancaster nas pesquisas brasileiras, Araújo et al (2009) descobrem que das 16 obras de Lancaster, referenciadas em artigos de pesquisadores nacionais, "**Indexação e resumos: teoria e prática**" acentua-se como obra mais citada, perfazendo 35,71% (citada 15 vezes) das referências feitas a ele. Em segundo plano o livro "**Avaliação de serviços de bibliotecas**", com 6 referências. Entretanto, somando-se os dois livros "tem-se um total de 21 citações, ou seja, exatamente 50% das citações por ele obtidas. A outra metade espalha-se por outras 14 obras" (ARAÚJO et al., 2009, p. 138-139).

É importante ressaltar que as outras obras do autor se destacaram no cenário brasileiro, em temáticas como: avaliação de bibliotecas; serviço de informação; sistema de recuperação de informação; pesquisa on-line; necessidade de usuários; programa de formação; coleções de biblioteca; e avaliação como ferramenta de gestão.

No panorama internacional, as contribuições de Lancaster para a profissão são vistas como fatos monumentais por todos que acompanharam sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional, pelo espírito proativo, comprometido, colaborativo e corporativo no seu fazer. Com destaque aos registros de Hayes (2008), que ao trazer em seu trabalho comentários de outros profissionais, enfatiza diversos olhares a Lancaster, em especial a sua liderança como organizador de conferências e editor:

As contribuições de Wilf Lancaster para a profissão [...] está na série de conferências anuais aditadas para 1972, 1975, 1978, 1979, 1982, 1986, e 1990 (Proceedings of the Clinic on Library Applications of Data Processing). [...] E agora chegamos ao topo, os vinte anos de responsabilidade editorial da Library Trends, de 1986 até 2006! O papel e o nível da qualidade da Library Trends foram, obviamente, estabelecidos bem antes de se tornar editor. [...] Library Trends [...] ofereceu a síntese e análise de uma ampla gama de importantes desenvolvimentos em todo o espectro da Biblioteca e da Ciência da Informação. [...] O fato de que cada edição é dedicada a um tópico específico dá aos autores a confiança para explorar

seus assuntos completamente e em profundidade. [...]É uma ferramenta crítica para acadêmicos e profissionais que precisam conhecer as últimas reflexões sobre pesquisa e práticas específicas da área. Além disso, seu alcance interdisciplinar e internacional faz disponível e pertinente para um público mundial em uma ampla gama de campos (MARCUM; HAHN; BLACK; CLOONAN, 2008 *apud* HAYES, 2008, p. 734-735, tradução nossa).

Todo o exposto, contudo, longe de registrar em sua totalidade as contribuições tanto internacionalmente como nacionalmente de F. W. Lancaster, corrobora para a necessidade de maiores investigações nos diversos campos dos quais ele se apropriou. Em particular, do futuro das bibliotecas direcionado para contextos de acesso e recuperação de informação de forma fácil, rápida e eficaz; a biblioteca sem paredes; a biblioteca inteira sobre uma mesa, dentre outras previsibilidades à luz das inovações tecnológicas e mudanças estruturais para a área da Biblioteconomia, e conseqüentemente, para a atuação dos bibliotecários.

## 6 CONCLUSÕES

Das muitas idas e vindas da vida de Lancaster, apreende-se que o grande evento originário do que seria enquanto pesquisador, se deu a partir da persuasão de Frank Rodgers para que ele fosse para os Estados Unidos. As oportunidades seguintes com Cyril, levando-o de volta à Inglaterra, Saul, trazendo-o de volta para os Estados Unidos, o ingresso na Biblioteca Nacional de Medicina e no Projeto de Avaliação MEDLARS, acentuando seu nome e conseqüentemente a publicação do seu primeiro livro e posteriores publicações e atuações profissionais, foram acontecimentos geradores de expectativas, investigação e comportamentos visionários.

Cabe destacar a presteza do cenário visualizado por Lancaster, ou seja, a de que no século XXI existiria um sistema de informação eletrônico. Assim, projetando, a materialização de uma biblioteca sobre uma mesa com uma gama de documentos, onde com a acessibilidade se deixam editar, compartilhar e construir de forma coletiva conhecimentos.

Atualmente, é fato que as predições audaciosas de Lancaster aliadas a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação avançam para uma sociedade sem papel, visto mais concretamente pelos recursos tecnológicos disponibilizados pelo mercado capitalista. Pode-se até considerar que a biblioteca, em certo sentido, cabe na palma da mão, a depender do recurso tecnológico que o interagente possuir. Bases de dados, periódicos científicos, Bibliotecas Universitárias em formato Digitais, jornais e revistas podem ser acessados a partir de um único terminal, a qualquer momento e de qualquer lugar, via internet.

Portanto, o legado deixado nas temáticas de avaliação e gestão da biblioteca, representação e organização da informação, comunicação científica,



sistema da informação, bibliometria, internet, obsolescência entre muitas outras, internacionalmente, imprime a Lancaster, papel de referência na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação oram contribuinte para a constituição, desenvolvimento e avanço da produção científica da área.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila *et al.* A contribuição de F. W. Lancaster para a ciência da informação no Brasil. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 132-146, ago. 2009. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3355>. Acesso em: 04 jul. 2019.

CAMPOS, Estela Morales. F. W. Lancaster (Frederick Wilfrid Lancaster). In Memoriam. **Biblioteca Universitária**, México, v. 16, n. 2, p. 154-155, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/rbu/article/view/43878/39727>. Acesso em: 10 jul. 2019.

ESTABROOK, Leigh S.; LANCASTER, F. W. Reflections: An Interview with F. W. Lancaster. In: HARICOMBE, Lorraine J.; RUSSELL, Keith (ed.). The Evaluation and Transformation of Information Systems: Essays Honoring the Legacy of F. W. Lancaster. **Library Trends**, Urbana-Champaign, v. 56, n. 4, p. 968-974, 2008. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9502/56.4.estabrook.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jul. 2019.

HARICOMBE, Lorraine J.; PRABHA, Chandra. F. W. Lancaster as Scholar, Teacher, and Mentor: Reflections of Students. In: HARICOMBE, Lorraine J.; RUSSELL, Keith (ed.). The Evaluation and Transformation of Information Systems: Essays Honoring the Legacy of F. W. Lancaster. **Library Trends**, Urbana-Champaign, v. 56, n. 4, p. 747-762, 2008. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9491/56.4.haricombe.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 11 jul. 2019.

HARICOMBE, Lorraine J.; RUSSELL, Keith. Curriculum Vitae for F. Wilfrid Lancaster. In: HARICOMBE, Lorraine J.; RUSSELL, Keith (ed.). The Evaluation and Transformation of Information Systems: Essays Honoring the Legacy of F. W. Lancaster. **Library Trends**, Urbana-Champaign, v. 56, n. 4, p. 975-993, 2008. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9503/56.4.article.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jun. 2019.

KYRILLIDOU, Martha; COOK, Colleen. The Evolution of Measurement and Evaluation of Libraries: A Perspective from the Association of Research Libraries. In: HARICOMBE, Lorraine J.; RUSSELL, Keith (ed.). The Evaluation and Transformation of Information Systems: Essays Honoring the Legacy of F. W. Lancaster. **Library Trends**, Urbana-Champaign, v. 56, n. 4, p. 888-909, 2008. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9498/56.4.kyrillidou.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 05 maio 2019.

LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de bibliotecas à luz das inovações tecnológicas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 7-27, jan./jun. 1994. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>. Acesso em: 12 jul. 2016.



LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Cenário da pós-graduação em ciência da informação no Brasil, influências e tendências. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2007, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: ANCIB, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/65/1/PinheiroENANCIB2007.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

YOUNG, Arthur P. Aftermath of a Prediction: F. W. Lancaster and the Paperless Society. *In*: HARICOMBE, Lorraine J.; RUSSELL, Keith (ed.). *The Evaluation and Transformation of Information Systems: Essays Honoring the Legacy of F. W. Lancaster*. **Library Trends**, Urbana-Champaign, v. 56, n. 4, p. 843-858, 2008. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/9496/56.4.young.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 17 jul. 2019.

# Capítulo 16

## Joseph Zbigniew Nitecki: um olhar particularizado para a Biblioteconomia

*Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira*

*José Sobreira Teixeira*

### 1 INTRODUÇÃO

Estas poucas linhas da trajetória de Joseph Zbigniew Nitecki (1922-2017) registram minúcias da vida pessoal de forma pontual e expressiva, bem como a sua formação, experiências profissionais e acadêmicas.

Este trabalho traz como aporte basilar o projeto de Joanne Twining Williams intitulado *The Nitecki Trilogy* (1998), onde foi compilado, além de outros informes sobre Joseph Z. Nitecki, os manuscritos: *Metalibrarianship: um modelo para fundações intelectuais da Ciência da Informação na Biblioteca* (1993); *Aspectos Filosóficos da Biblioteconomia Ciência da Informação em Retrospectiva* (1995); e *Ancestrais Filosóficas da Ciência da Informação da Biblioteca Americana* (1997). A obra também registra o percurso profissional e acadêmico de Joseph Nitecki.

Nitecki, ativo e proativo em diversas iniciativas, participa da criação de associações, entidades de classe, bibliotecas e diversos projetos de pesquisa. Editor, autor e colaborador em vastas obras acadêmicas das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, ele deixa um legado de conhecimento ainda pouco adotado no contexto brasileiro.

Portanto, permita-se uma leitura prazerosa e construtiva relativa à Biblioteconomia e Ciência da Informação sob a percepção de Joseph Z. Nitecki.

### 2 JOSEPH ZBIGNIEW NITECKI

Torna-se um grande desafio esculpir a biografia de Joseph Zbigniew Nitecki. Assim como uma obra de arte, atualmente, tem-se em mente a imagem de um personagem com marcas do tempo e um olhar que por si só perpassa a integridade e a intelectualidade de um ser imortal, pelo legado registrado em expressivas páginas publicadas. E por aquelas que servindo de rascunhos, deixaram reticências ao longo de sua caminhada.

**Figura 1** - Imagem de Joseph Zbigniew Nitecki



Fonte: Imagem adaptada a partir de “Antes da Partida” (2014) e “Chiaroscuro” (2013).

Nitecki nasceu em 31 de janeiro de 1922, na Polônia, era casado e tinha um filho. O jovem se matriculou no Liceu Polonês, em 1939, mesmo ano que se junta às Forças Armadas polonesas na França tendo, de 1940 até o final da II Guerra Mundial, servido na Marinha polonesa sob o comando britânico. Posteriormente, formou-se Bacharel em Filosofia pela *Wayne State e Roosevelt Universities* onde também cursou Mestrado na mesma área. Além disso, possuía Mestrado em Biblioteconomia pela Universidade de Chicago (GROVES, 2017).

Como parâmetro deste estudo, para adentrar na vida profissional e intelectual de Nitecki, partiu-se dos registros do Projeto *The Trilogy Nitecki* (1998) uma vez que o personagem pesquisado, atualmente, ainda é considerado uma incógnita no cenário brasileiro pela ausência de obras traduzidas para o português. Isso deixa uma lacuna enquanto conhecimento compilado, ao mesmo tempo que representa uma significativa possibilidade de contribuição às áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Na construção do Projeto, Joanne Twining detectou em andamento traduções dos trabalhos de Nitecki para a língua portuguesa na Universidade Federal do Ceará (Brasil), e em espanhol para a Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana, Cuba (TWINING, 2002). Contudo, ainda é irrisório, quantitativamente, traduções das obras niteckiana.

Sob a óptica e percepções de Joanne Twining Willams em *The Nitecki Trilogy*, a trajetória intelectual e profissional de Nitecki, voltada à Biblioteconomia e Ciência da Informação, inicia-se na década de 1960.

Apreende-se que grande parte dos trabalhos publicados, separadamente, encontra-se na ERIC. Apenas dez, dos dezoito trabalhos constam nessa Editora, incluindo a trilogia Nitecki (TWINING, 2002).

Na obra *Aspectos Filosóficos da Ciência da Informação da Biblioteca Americana* (1997) da Trilogia, em notas, Nitecki desabafa que, a partir de 1990, todas as redações da ERIC foram escritas sobre severas restrições de tempo diante de uma grave doença acometida na época. Assim, sob o risco da perda de documentação acumulada, ele

publica estudos preliminares. Contudo, “[...] implorando ao perdão dos leitores por quaisquer descuidos e erros não corrigidos nos manuscritos submetidos” (NITECKI, 1997, p. 1). Tais atitudes só enaltecem a responsabilidade contributiva para a área e o espírito humilde e generoso do autor. Isso se evidencia, inclusive, quando aponta aos leitores um outro estudo em Notas do Autor, número dois, explicando:

Um interessante ensaio de Budd (1995) publicado após a compilação dos dados básicos deste estudo fornece referências a alguns filósofos aqui analisados. O argumento de Budd de que a biblioteca moderna e a ciência da informação eram dominadas pela filosofia do Positivismo parece se aplicar mais aos aspectos epistemológicos da ciência da disciplina e de sua prática do que à sua filosofia. Em seu longo ensaio, Budd refere-se ao positivista como Comte e Carnap, mas também ao não-positivista Kant e Kaplan; ele revê pontos de vista ontológicos, mas sem referências diretas à filosofia da biblioteconomia (NITECKI, 1997, p. 1).

Percebe-se que Nitecki era um ser de muita proatividade. Na mesma obra, mais precisamente na Parte II: Os Progenitores, Nitecki (1997) agrega a seus escritos os filósofos individuais citados na literatura selecionada da filosofia da Biblioteconomia. Ademais, agrega notas de relevância no final de cada entrada contendo breves resumos do tema principal do filósofo relacionado a este estudo, bem com assuntos de interesse da Biblioteconomia como o número de citações entre parênteses. Com este formato, apresenta um novo modelo de não apenas citar teóricos, mas também de expandir os conhecimentos relativos aos pesquisadores. E, ao mesmo tempo, fazer uma correlação com os estudos individuais e referenciais, assim, alargando novos prismas de conhecimentos.

Com a investigação sobre Nitecki voltada ao cenário internacional, buscou-se nos principais portais e bases de dados nacionais, como o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), repositório das apresentações e palestras nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (BENANCIB), Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), tanto informações sobre sua vida intelectual e profissional como autores que porventura o pesquisaram e se utilizaram de seus escritos.

Assim, na BDTD, Azevedo Netto (2001) traz referências da obra NITECKI, Joseph Z. *An idea of Librarianship: Outline for a root-metaphor theory*. In: *Library Science, Journal of Library History*. Austin: University of Texas Press, v. 16, n. 1, p. 106-120, 1981. No entanto, inexistente citação desta obra no corpo da tese.

No BENANCIB, Saldanha (2011), ao desenvolver uma análise filosófica do conceito de mimese inserido na filosofia da Organização dos Saberes (OS), como uma unidade fundamental para o pensamento histórico da Ciência da Informação, traz como única citação de Nitecki,

[...] a trilha filosófica aberta pela meta-reflexão de Nitecki (1995) sobre a filosofia da OS. O epistemólogo aponta que, apesar de reduzida, a reflexão filosófica no campo permite a identificação de algumas influências estruturais. Dentre elas, o autor reconhece filósofos ocidentais como Francis Bacon e Karl Popper. No entanto, apesar da longa tradição profissional, o coração do campo, para o autor, está ainda fundado na influência da metafísica de Platão, por um lado, e na abordagem empírica de Aristóteles. É a partir de uma análise interpretativa entre ambos, que procuramos construir nossa argumentação (NITECKI, 1995 *apud* SALDANHA, 2011, p. 57).

No mesmo repositório, BENANCIB, estudos de Rabello (1980) sob a ótica de Nitecki (1968), enfatiza que a finalidade da biblioteconomia está em facilitar ou disponibilizar conhecimento de diferentes formas, aos leitores, através de bibliotecas. Portanto, Duarte (2011), tomando o estudo de Rabello (1980), repercute a proposição ou argumentação de Nitecki de que a Biblioteconomia é definida com base na relação livros, usuário e conhecimento.

Em certo sentido, os pesquisadores nacionais para conversar com os textos de Nitecki precisam garimpar por vários outros trabalhos. A BRAPCI apresentou zero registro com o descritivo Joseph Z. Nitecki. O Portal de Periódicos da CAPES, proporciona 113 registros, dentre obras do próprio personagem e outras que o citaram (PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES, 2018).

Sem embargo, na tentativa de buscar informações de pesquisadores internacionais que dialogaram com o mesmo personagem, utilizando-se dos canais de comunicação e informação, direcionou-se mensagem via correio eletrônico para Kaylyn Groves (FERREIRA, 2018), integrante da *Association of Research Libraries*, procurando saber se a pesquisadora teria alguns escritos ou poderia conseguir o e-book da obra: *Chiaroscuro: światłocienie of życia de Józef Z. Nitecki*, ou de quaisquer outros fatos marcantes da vida de Nitecki.

Portanto, obteve-se a seguinte resposta: *I'm sorry, I'm not sure how I can help you. It sounds like you already found our brief article about Joseph Nitecki at <http://www.arl.org/news/community-updates/4250> memorial-joseph-z-nitecki-1922-2017. I cannot find an e-book of his Chiaroscuro. I did however find a PDF of his book called Metalibrarianship: A Model for Intellectual Foundations of Library Information Science: <https://eric.ed.gov/?id=ED363346>. A few more of his works are available here: <https://eric.ed.gov/?q=Nitecki%2C+Joseph&ft=on>. Best of luck with your project!* Kaylyn (GROVES, 2018).

Conforme Groves (2018), a ERIC dispõe, atualmente, de seis registros das obras de Joseph Z. Nitecki. A plataforma destaca na página o título completo, ano de publicação, um breve resumo e a possibilidade de baixar ou exportar as obras. O Quadro 1 apresenta de forma sucinta a descrição das seis obras localizadas:

**Quadro 1** - Registros das obras de Nitecki em ERIC

TÍTULO	TIPO DE PUBLICAÇÃO
Serviços Técnicos de Bibliotecas na Era dos Computadores; Uma Breve Visão Geral da Literatura da Biblioteca Discutindo o Impacto Conceptual da Automação nas Operações da Biblioteca. (1970)	Artigos de Revista
Serviços Técnicos de Bibliotecas na Era dos Computadores; Uma Breve Visão Geral da Literatura da Biblioteca Discutindo o Impacto Conceptual da Automação nas Operações da Biblioteca. (1975)	Discursos; Documentos para Reuniões
Metalibrarianship: Um Modelo para Fundações Intelectuais de Biblioteconomia. (1993)	Livros; Análises de Informação; Artigos de Opinião
Aspectos Filosóficos da Biblioteconomia Ciência da Informação em Retrospectiva. Edição preliminar. (1995)	Análises de Informação
Sobre a questão de uma filosofia na ciência polonesa da informação da biblioteca. Um Resumo das Entrevistas com Alguns dos Principais Eruditos. Relatório preliminar (1996)	Materiais Históricos; Artigos de Opinião
Ancestrais Filosóficas da Ciência da Informação da Biblioteca Americana. (1997)	Análises de Informação; Relatórios - Pesquisa

Fonte: ERIC (2018).

É intrigante que os registros das obras de Joseph Nitecki não estejam sendo disseminados ou, por vezes, fazendo-se em pequenos estratos. Nesse caso, não é coerente com a qualidade que seu legado de conhecimentos poderia agregar e ser empregado, tanto no âmbito da Biblioteconomia como da Ciência da Informação.

### **3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL, INTELECTUAL E PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS**

O percurso profissional, contribuição intelectual e as publicações deixadas por Nitecki, acentuam um profissional efetivo e colaborativo, enquanto gestor e pesquisador acadêmico, assim, fatos distribuídos nessa seção, conforme extração do Projeto “*The Nitecki Trilogy*”.

#### **3.1 Experiência Profissional**

De forma sucinta, **Groves (2017) aponta que Nitecki atuou como** diretor de bibliotecas da Universidade de Albany, Suny, de 1980 a 1988. Ele ocupou vários cargos de biblioteca na Universidade de Chicago (1961-1963), *Chicago City College* (1963-1966), Universidade de Wisconsin-Milwaukee (1967-1970) e *Temple University* (1970-1978), antes de se tornar professor e diretor executivo de bibliotecas na Universidade de Wisconsin-Oshkosh (1978-1980). E, em seguida, foi diretor de bibliotecas em Albany, onde completou sua carreira como professor visitante na Escola de Ciência da



Informação e Política (1988-1990), sendo professor emérito. De forma mais específica, a Revista da Universidade de Chicago (2017) publica uma em matéria com o seguinte título: Obituário Universitário diz que Nitecki, na Universidade Estadual de Nova York, Albany, lecionou a disciplina de Política de Informação Escolar.

Nitecki, durante os seus 94 anos, realizou muitos trabalhos em distintos vieses da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, trabalhando como bibliotecário, diretor de biblioteca e professor. E, destacando-se como um profissional dedicado e acima de tudo ético, autor de vários livros e quase cem artigos.

Diante das informações inseridas nessa seção, destacar-se-ão as experiências no âmbito profissional, respaldando suas contribuições para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Entre as suas atuações profissionais, pode-se evidenciar as seguintes funções:

- a. Catalogador de direito, Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Chicago, 1961-1962;
- b. Bibliotecário, Unidade Tilden, Wilson Junior College, Chicago, 1962-1963;
- c. Bibliotecário de Filial e Professor Assistente (com mandato), Chicago City College (Filial Wilson);
- d. Trabalho temporário, Chicago Teachers College – North, verão de 1963;
- e. Diretor Interino de Bibliotecas, Chicago Teachers College - South, 1964-1965;
- f. Professor assistente em missões especiais, Universidade de Wisconsin-Milwaukee, 1967-1968:
  - i. Chefe de Departamento de Seriadados;
  - ii. Coordenador da divisão de Processos Técnicos;
  - iii. Diretor Adjunto de Serviços Técnicos e Professor Associado (com mandato), 1968-70.
- g. Diretor Assistente de Serviços Técnicos, Temple University, 1970-73;
- h. Diretor Associado de Serviços Técnicos, Temple University, 1973-76;
- i. Diretor Associado de Bibliotecas e Diretor Interino de Bibliotecas, 1976-78;
- j. Diretor Executivo de Bibliotecas e Recursos de Aprendizagem e Professor da Universidade de Wisconsin-Oshkosh, 1978-1980;
- k. Diretor de Bibliotecas e Bibliotecários (com mandato), Universidade Estadual de Nova York, em Albany, 1980-1988;
- l. Professor da Escola de Ciência da Informação e Política da Universidade Estadual de Nova York, em Albany, 1988-1990.

Em razão do exposto, parece claro que a vida profissional de Nitecki começa quando se inclina para a área da Biblioteconomia, no início da década de 1960.

### 3.2 Organizações Profissionais

Conforme registros colhidos, Nitecki atuou como membro individual ou representante institucional em organizações como a *American Library Association (ALA)*; *Association of Research Libraries (ARL)*; *Research Libraries Group (RLG)*; *Online Computer Library Center (OCLC)* e na *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)* (TWINING, 1997).

Assim sendo, Nitecki foi ativo em associações voltadas a bibliotecas e serviços técnicos, bem como associações de bibliotecas de pesquisa. Nessas iniciativas, particularmente, ele abordava inovações em reprografia, serviços técnicos e em adaptação de procedimentos de catalogação à introdução da OCLC e outros sistemas automatizados.

### 3.3 Publicações Profissionais

Nitecki foi autor e/ou editor de mais de cem publicações em Biblioteconomia e Ciência da Informação, incluindo seis livros, além das seis edições do *Directório de Serviços Reprográficos da Biblioteca*, e *Metalibrarianship: um Modelo para Fundações Intelectuais da Ciência da Informação na Biblioteca*.

Nas subseções seguintes registram-se, respectivamente, os artigos individuais, trabalhos revisados por Nitecki, as reimpressões de obras relevantes e os trabalhos publicados separadamente.

#### 3.3.1 Artigos Individuais

As publicações profissionais denominados artigos individuais serão registrados em ordem cronológica e separada por década.

Na década de 1960 e direcionado à área de Biblioteconomia, Nitecki publicou os respectivos artigos:

#### Quadro 2 - NITECKI, J. Z. (1964-1969)

Interesse público e a teoria da biblioteconomia. <b>College &amp; Research Libraries</b> , v. 25, n. 4, p. 269-278, jul. 1964.
Reflexão sobre a natureza e os limites da biblioteconomia. <b>The Journal of Library History, Philosophy and Comparative Librarianship</b> , v. 3, n. 2, p. 103-119, abr. 1968.
O Catálogo de Título: Uma Terceira Dimensão. <b>College &amp; Research Libraries</b> , v. 29, n. 5, p. 431-436, set. 1968.

Repartee: Resposta do Sr. Nitecki ao Sr. Fairthorne. **The Journal of Library History**, v. 3, n. 4, p. 369-374, out. 1968.

Catálogo Rápido: Prudência e Armadilhas. **Library Journal**, v. 94, n. 7, p. 1417-1421, abr. 1969.

Classificação Simplificada e Catálogo de Microformas. **Library Resources & Technical Services**, v. 13, n. 1, p. 79-85, inverno 1969.

Fonte: Twining (1997).

Na década de 1970, Nitecki contribui com os artigos:

### Quadro 3 - NITECKI, J. Z. (1970-1979)

Biblioteconomia de Qualidade no Dia Depois de Amanhã. **American Libraries**, v. 1, n. 2, p. 130-131, fev. 1970.

Rumo a um padrão conceitual em biblioteconomia: um modelo. **General Systems Bulletin**, v. 2, n. 11, p. 2-16, jul. 1970.

Catálogo compartilhado: uma experiência em cooperação entre bibliotecas universitárias e especiais. **Special Libraries**, v. 61, n. 7, p. 377-380, set. 1970.

Regras de arquivamento para um catálogo tridimensional (autoria conjunta). **Library Resources & Technical Services**, v. 14, n. 4, p. 485-496, out. 1970.

Reprodução do Relatório da Seção de Material da Biblioteca. **LRTS**, v. 17, n. 4, p. 445-447, out. 1973.

Uma amostra de distribuição de interesses do sujeito entre as faculdades das escolas da biblioteca americana. **Journal of Education for Librarianship**, v. 15, n. 3, p. 160-175, inverno 1975.

Relatório do Comitê de Educação para Recursos e Serviços Técnicos (RTSD / LED). **Library Resources & Technical Services**, v. 20, n. 1, p. 88-90, inverno 1976.

Importância da data de publicação no catálogo de assuntos: uma experiência inacabada. **PLA Bulletin**, v. 32, n. 3, maio 1977. 71 p.

Perfil Emergente de Serviços Reprográficos em Bibliotecas Americanas. **Directory of Library Reprographic Services**, 7. edição, 1978. 2 microfichas.

Fotografia em Março: Uma Visão Geral da Versão Microfilizada do British Journal of Photography. **Microform Review**, v. 7, n. 1, p. 20-25, jan./fev. 1978.

Metáforas da Biblioteconomia" Uma Sugestão para um Modelo Metafísico. **The Journal of Library History, Philosophy, and Comparative Librarianship**, v. 14, n. 1, p. 21-42, inverno 1979.

Rede Nacional de Informações na Polônia. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 30, n. 5, p. 274-279, set. 1979.

Serviços Reprográficos em Bibliotecas Americanas. **Library Resources & Technical Services**, v. 23, n. 4, p. 407-421, outono 1979.

Fonte: Twining (1997).

Na década de 1980, Nitecki publicou:

### Quadro 4 - NITECKI, J. Z. (1981-1988)

Uma idéia de biblioteconomia: um esboço de uma teoria de metáfora de raiz em biblioteconomia. **Journal of Library History, Philosophy & Comparative Librarianship**, v. 16, n. 1, p. 106-120, inverno, 1981.

Dimensões conceituais da gestão de bibliotecas. <b>Journal of Library Administration</b> , v. 1, n. 2, p. 47-58, verão 1980.
Atingindo um novo platô: uma coleção de milionésimos volumes na SUNY Albany Library. <b>The Bookmark</b> , v. 41, n. 1, p. 46-52, out. 1982.
A situação da hipocrisia na biblioteconomia. <b>Catholic Library World</b> , v. 54, n. 10, p. 406-411, maio/jun. 1983.
A questão das prioridades na biblioteca. <b>University Libraries Newsletter</b> , n. 5, p. 1-7, outono 1983.
O fantasma antigo em um novo corpo: algumas concepções errôneas sobre as relações entre informação e conhecimento e o papel dos computadores nas bibliotecas acadêmicas. <b>Research Strategies</b> , v. 1, n. 4, p. 148-154, outono, 1983.
Tomada de Decisões e Moral da Equipe da Biblioteca: Três Dimensões de uma Questão de Dois Lados. <b>Journal of Library Administration</b> , v. 15, n. 4, p. 59-78, verão 1984.
O Conceito de Informação-Conhecimento Continuum: Implicações para Biblioteconomia. <b>The Journal of Library History, Philosophy and Comparative Librarianship</b> , v. 20, n. 4, p. 387-407, outono, 1985.
Leitura Criativa - De Cartas, Palavras e Pensamentos. <b>Canadian Library Journal</b> , v. 43, n. 4, p. 229-233, ago. 1986.
Em busca do sentido em Common Sense Management. <b>Journal of Business Ethics</b> , v. 6, p. 639-647, 1987.
Processos cognitivos e biblioteconomia: uma revisão da literatura em busca de um modelo. <b>Current Studies in Librarianship</b> , v. 11, n. 1-2, p. 1-12, primavera/outono 1987.
Implorando a pergunta. <b>University at Albany Library Perspectives</b> , n. 2, p. 1, outono 1987.
A importância de um ambiente intelectual na biblioteconomia. <b>Current Studies in Librarianship</b> , v. 12, n. 1-2, p. 35-46, primavera/outono 1988.

Fonte: Twining (1997).

Na década de 1990, observa-se que o número de artigos publicados diminuiu em quantidade. Em 1995, apenas um artigo publicado e outro em 1996. Provavelmente, isso aconteceu devido à dedicação aos três volumes da denominada "*The Trilogy Nitecki*", publicados em 1993, 1995 e 1997.

#### Quadro 5 - NITECKI, J. Z. (1995-1996)

Pare Slow Amerykanskiej Filozofii Biblioteko-informacyjnej. Cracóvia, 1995.

Aspectos Conceituais da Comunicação Bibliotecária: Legado Filosófico da Biblioteconomia Americana do Século XX. **Public Library Quarterly**, 1996.

Fonte: Twining (1997).

Conjectura-se que Nitecki contribuiu em muitos temas pertinentes à Ciência da Informação e à Biblioteconomia, perfazendo uma abordagem cultural em assuntos como: conceitos, arquivos, cognição, fotografias, dentre outras comunicações científicas.

### 3.3.2 Revisões Bibliográficas

Proprietário de um vasto conhecimento, Nitecki também contribuiu como revisor de diversos artigos com distintos objetos de pesquisa. Pelos registros de Twining (1998), como revisor, nota-se que Nitecki inicia nesta atividade em trabalhos publicados em *Library Quarterly*, precisamente na década de 1960. Já na década de 1980, torna-se mais efetivo na *Library Journal*, a saber:

#### 3.3.2.1 Década de 1960

- a. MILLS, Jack. A Classificação Decimal Universal. **Library Quarterly**, v. 35, n. 2, p. 131-132, abr. 1965.
- b. SHAFFER, Dale Eugene. A maturidade da biblioteconomia como profissão. **Library Quarterly**, v. 39, n. 2, p. 211, abr. 1969.

#### 3.3.2.2 Década de 1970

- a. BERGE, Ronald C. Bibliotecas e Mudança Cultural. **Library Quarterly**, v. 40, n. 3, p. 356-357, jul. 1970;
- b. REICHMANN, Felix; THARPE, Josephine M. Controle Bibliográfico de Microformas. **Library Journal**, v. 98, n. 11, p. 1790-1791, jun. 1973;
- c. BERGE, Ronald C. Comunicação e Identidade: Ensaio sobre um tema pessoal com especial referência ao conflito e desenvolvimento no Terceiro Mundo. **Library Quarterly**, v. 43, n. 4, p. 413-414, out. 1973;
- d. REYNOLDS, Michael M. Reader in Library Cooperation. **College and Research Libraries**, v. 35, n. 2, p. 137-139, mar. 1974;
- e. CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION. Diretório de Políticas de Empréstimo entre Bibliotecas e Serviços de Fotocópia em Bibliotecas Canadenses. **Microform Review**, v. 4, n. 1, p. 64-67, jan. 1975;
- f. ASSOCIAÇÃO DE MICROFILMES DA GRÃ-BRETANHA. Diretório dos Serviços Britânicos de Fotoreprodução para Bibliotecas. **Microform Review**, v. 4, n. 2, p. 154-156, abr. 1975;
- g. THOMSON, Sara K. Diretório de Políticas de Empréstimo entre Bibliotecas. **Microform Review**, v. 4, n. 4, p. 316-318, out. 1975;
- h. BOLL, John J. Introdução à Catalogação, vol. II: Entry Headings. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 2, n. 1, p. 33-34, mar. 1976;
- i. LAHOOD JR., Charles G.; SULLIVAN, Roberto C. Serviços Reprográficos em Bibliotecas: Organização e Administração. **Microform Review**, v. 5, n. 3, p. 242-243, jul. 1976;
- j. O Livro de Referência de Tecnologia de Bibliotecas: uma Edição Cumulativa de Relatórios de Tecnologia de Bibliotecas, 1965-1975. **College and**

- Research**, v. 37, n. 6, p. 558-561, nov. 1976;
- k. HOLROYD, Gileon. Estudos em Gestão de Bibliotecas. **Library Quarterly**, v. 47, n. 3, p. 396-398, jul. 1977. 3 v.;
  - l. VEANER, Allen B. Estudos em Micropublishing, 1853-1976. **College and Research Libraries**, v. 39, n. 2, p. 155-156, mar. 1978. Fontes documentárias;
  - m. HOLROYD, Gileon. Estudos em Gestão de Bibliotecas. **Library Quarterly**, v. 48, n. 4, p. 553-554, out. 1978. 4 v.;
  - n. BULLOCK, C. G. *et al.* Conservação de Energia em Bibliotecas. **Library Technology Reports**, jul./ago. 1978;
  - o. BULLOCK, C. G. *et al.* Conservação de Energia em Bibliotecas. **College and Research Libraries**, v. 40, n. 1, p. 86-88, jan. 1979;
  - p. ORR, J. M. Bibliotecas como Sistemas de Comunicação. **General Systems Bulletin**, v. IX, n. 2, p. 18-19, inverno 1979;
  - q. MORRIS, John. Gerenciando o risco de incêndio na biblioteca. **College and Research Libraries**, v. 40, n. 4, p. 382-383, jul. 1979.

### 3.3.2.3 Década de 1980

- a. REEVES, William Joseph. Bibliotecários como Profissionais. **The Library Quarterly**, v. 51, n. 2, p. 232-234, abr. 1981;
- b. GORE, Daniel; KIMBROUGH, Joseph; SPYERS-DURAN, Peter. Requiem for the Card Catalog. **The Library Quarterly**, v. 50, n. 3, p. 380-381, jul. 1980;
- c. WORLD MICROFILMS PUBLICATIONS. The Photographic News, 1859-1908. **Microform Review**, v. 10, n. 3, p. 199-201, verão 1981;
- d. MECKLER, Alan Marshall. Micropublishing: a History of Scholarly Micropublishing in America, 1938-1980. **Library Journal**, v. 107, n. 14, ago. 1982;
- e. WORLD MICROFILMS PUBLICATIONS. Primeiros livros fotográficos raros Série A: Museu da Coleção Northwestern de Ciência e Indústria. **Microform Review**, v. 12, n. 3, p. 192-193, verão 1983;
- f. MORRIS, Leslie R.; FOWLER, Patsy. Diretório de Políticas de Empréstimo entre Bibliotecas. **Library Journal**, v. 109, n. 8, maio 1984. 874 p.;
- g. BOUCHER, V. Procedimentos de Empréstimo entre Bibliotecas. **Library Journal**, v. 109, n.19, nov. 1984. 2134 p.;
- h. ELLISON, J. W. Biblioteconomia de Mídia. **O Journal of Academic Librarianship**, v. 12, n. 8, p. 168-169, jul. 1986;
- i. BALLARD, Thomas H. O Fracasso do Compartilhamento de Recursos em Bibliotecas Públicas e Estratégias Alternativas de Serviço. **Library Journal**, fev. 1987;
- j. PASQUALINI, B. F. Dólares e Sentido: Implicações da Nova Tecnologia Online



- para Gerenciar a Biblioteca. **Ed. Information Technology and Libraries**, v. 6, n. 3, p. 230-231, set. 1987;
- k. YOUNG, Paul. A natureza da informação. **Library Resources & Technical Services**, v. 33, n. 1, p. 90-91, jan. 1989;
- l. CURZON, Susan C. Gerenciando Mudanças. **Library Journal**, 1989 [submetido para publicação, março de 1989].

#### 3.3.2.4 *Década de 1990*

Nessa década, ele publica:

- LILLEY, Dorothy B.; TRICE, Ronald W. **História da Ciência da Informação**. Journal of Academic Librarianship, v. 16, n. 3, jul. 1990. 166 p.

### 3.3.3 *Principais Obras Reimpressas*

Devido a relevância dos trabalhos de Nitecki, parte de suas obras foram reimpressas - conforme registros de Twining (1997).

Tem-se como primeiro título a ser reimpresso: **Reflexões sobre a Natureza e os Limites da Biblioteconomia**. In: DANIEL, E. H.; REYNOLDS, M. M. Reader in Library and Information Services. NCR Microcard Editions, 1974. p. 25-42. Reader Series in Library and Information Science. A segunda obra foi **O interesse público e a teoria da biblioteconomia**. In: MCCRIMMON, Barbara. American Library Philosophy: uma antologia. Ed. Hamden; The Shoestring Press, p. 172-190, 1975. Esta obra tendo sido publicada com o mesmo título em Colleges and Research Libraries, no ano de 1964, com exatas 10 páginas, Havendo, na última publicação, um desdobramento no conteúdo.

É pertinente dizer que a década de 1970, se fez pioneira das republicações das obras de Nitecki com mais duas obras. A **Classificação Simplificada e Catalogação de Microformas**, In: DIAZ, Albert James. Microformas em Bibliotecas. Weston-Conn.: Microform Review, 1975. p. 115-121. Publicação anterior em Library Resources and Technical Services, v. 13, n. 1, inverno 1969. Além da republicação, o registro descreve igual título e números de páginas, sete. Por último foi reimpressa: **O British Journal of Photography sobre Microfilme**, British Journal of Photography, v. 126, n. 6181, p. 25-27, jan. 1979. Esta é uma reimpressão sob o título diferente do artigo originalmente publicado no Microform Review, 1978.

Na década de 1980, foi republicada a obra **Metáforas da Biblioteconomia: uma Sugestão para um modelo Metafísico**. In: KATZ, Bill. The Best of 1979. Metuchen-Nova Jersey: The Scarecrow Press, 1980 p. 135-160. Este mesmo título havia sido publicado no ano de 1979 com 21 páginas em The Journal of History of Library, Philosophy and Comparative Librarianship. Torna-se evidente que, pela The Scarecrow Press, o artigo

se fez presente em uma relação dos Melhores de 1979.

Na mesma década, foram reimpressas: **Uma ideia de biblioteconomia: um esboço para uma teoria de metáfora de raiz em biblioteconomia**, In: LIBRARIES AND CULTURE; ANALYSIS OF THE LIBRARY HISTORY SEMINAR, 6., Texas, Universidade do Texas Press, 1980. p. 106-120. E, finalizando, **Dimensões conceituais da gestão de bibliotecas**. In: PERSON, Ruth J. O processo de gestão. American Library Association, p. 19-30, 1983. (Uma seleção de leituras para bibliotecários).

### **3.3.4 Trabalhos Publicados Separadamente**

Como pesquisador, ele contribuiu com publicações separadas em periódicos e livros. Como editor e compilador atuou em quatro edições particularizadas: Diretório de Serviços de Reprografia de Biblioteca, Microform Review, 5ª edição, 1973, 105 p.; Diretório de Serviços de Reprografia de Biblioteca/Guia Mundial, Livro de Revisão de Microforma, 6ª edição, 1976, 178 p., 1 Ficha; Diretório de Serviços de Reprografia de Biblioteca/Guia Mundial, Livro de Revisão de Microforma, 7ª edição, 1978, 222 p., 2 Fiche; e, O Diretório de Serviços Reprográficos de Biblioteca, Meckler Publishing, 8ª edição, 1982, 540 p.

Na atividade de compilador: RLMS Micro-File: Current State of Catalog Card Reproduction, edição em microfichas (5 ficha, 235 p.); Biblioteca do Congresso, Photoduplication Service, 1973; Micro-Arquivo RLMS: Estado Atual da Reprodução do Cartão de Catálogo: Suplemento, edição Microficha (2 fichas, 105 p.); e Biblioteca do Congresso, Photoduplication Service, 1974.

Observa-se que a obra intitulada: **OCLC em Retrospecto: Uma Revisão do Impacto do Sistema OCLC na Administração de uma Grande Divisão de Serviços Técnicos Universitários**, já havia sido publicada na ERIC (ED 087482), em 1974. Porém, com a edição revisada pela Escola de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade de Illinois, publicou-se novamente na Occasional Papers, n. 123, maio, 1976, contendo 35 páginas.

O artigo intitulado: **Gestão criativa em austeridade**, por sua vez, constituiu-se um dos capítulos na obra: HARVEY, John F.; SPYERS-DURAN, Peter (eds). Gerenciamento de Austeridade em Bibliotecas Acadêmicas. Metuchen-N.J.: The Scarecrow Press, 1984. p. 43-61.

Torna-se relevante, pois, informar que a maioria das publicações de Joseph Nitecki foram pela ERIC, dos dezoito registros de Twining (1998), em trabalhos publicados separadamente, onze estão pela Editora, incluindo as obras nomeadas como a trilogia de Nitecki:

## Quadro 6 - (Re)Publicações individuais na ERIC

OBRAS PUBLICADAS NA ERIC
NITECKI, J. Z. <b>OCLC em Retrospeção</b> : uma revisão do impacto do sistema OCLC na administração de uma grande divisão de serviços técnicos universitários. 1974. ERIC (ED 087482)
NITECKI, J. Z. <b>Serviços Técnicos de Bibliotecas na Era dos Computadores</b> : uma breve visão geral da literatura da biblioteca discutindo o impacto conceptual da automação nas operações da biblioteca. 1976. 23 p. 1 Fiche. ERIC (ED 116706)
NITECKI, J. Z. <b>Bibliotecas da Temple University em meados dos anos 70</b> : um relatório de status. Philadelphia: Temple University Libraries, 1977. ERIC (ED 163893)
NITECKI, J. Z.; GROSS, M.; TRAUTMAM, W. <b>Avaliação Estatística assistida por computador de operações de serviços técnicos</b> : um exemplo. Philadelphia, Temple University Libraries, 1978. ERIC (ED 006592)
NITECKI, J. Z. <b>Sobre a Modalidade do Discurso na Teoria da Biblioteconomia</b> . 1979. ERIC (ED 171267)
NITECKI, J. Z. <b>Introdução</b> : Algumas Reflexões sobre o Passado e o Futuro. Albany, University Libraries, v. 1000, p. 1-6, set. 1982. ERIC (ED 234795)
NITECKI, J. Z. <b>Futuro das Bibliotecas</b> : um painel de discussão de bibliotecários, administradores, professores e estudantes. Albany, University Libraries, v. 1000, p. 1-6, set. 1982. ERIC (ED 234795)
NITECKI, J. Z. <b>Metalibrarianship</b> : um Modelo para Fundações Intelectuais de Biblioteconomia. (1997). ERIC (ED 363346)
NITECKI, J. Z. <b>Aspectos Filosóficos da Biblioteconomia Ciência da Informação em Retrospectiva</b> . (1997). ERIC (ED 381162)
NITECKI, J. Z. <b>Sobre a questão de uma ciência da informação da biblioteca polonesa</b> . ERIC (ED 395581)
NITECKI, J. Z. <b>Ascendência Filosófica da Ciência da Informação da Biblioteca Americana</b> . (1997). Submetido ao ERIC, 1997.

Fonte: Twining (1997).

Compreende-se que dada à construção do Projeto *"The Nitecki Trilogy"*, as obras objeto da plataforma: *Metalibrarianship: Um Modelo para Fundações Intelectuais de Biblioteconomia* (1993); *Aspectos Filosóficos da Biblioteconomia Ciência da Informação em Retrospectivo* (1995); e *Ascendência Filosófica da Ciência da Informação da Biblioteca Americana* (1997) saíram da obscuridade e deram luz e sentido às percepções dos vários profissionais da informação. Para tanto, em depoimento nos registros do Projeto, a idealizadora relata:

A deusa da citação obscura me visitou [...], quando ela cutucou minha curiosidade sobre uma obra, "Metalibrarianship: Um Modelo para a Fundação Intelectual da Ciência da Informação na Biblioteca", de J.Z. Nitecki [...], Metalibrarianship sentou-se à mesa na frente da minha cadeira por três semanas, [...]. Fui a primeira a quebrar a capa e soltar o suspiro das páginas recém-editadas dos volumes de Nitecki. Quarenta e duas horas depois, eu me levantei com os olhos turvos e alegres com os múltiplos orgasmos intelectuais que a tradução literal da realidade da biblioteconomia de Nitecki trouxe [...] normalmente reservada para os

melhores romances. Minha cabeça nadou com potencial e possibilidade, minha mente estava saciada: agora eu “vi” a biblioteconomia, o que fazemos: por que fazemos isso, de onde viemos e o que move nossas mentes. As palavras de Nitecki ganharam vida em minha mente (TWINING, 1997, p. 1, tradução nossa).

Destarte, este aflorar de sensações não se incorporou apenas a um leitor, visto que após a construção da trilogia, Twining (1997) relata que fora detectado, em seus arquivos administrativos no servidor web da Universidade, mais de 500 “hits” internacionais em *The Nitecki Trilogy*. A autora enfatiza, que a permissão para formatar e publicar este trabalho original on-line foi concedida pelo autor, exclusivamente, à Escola de Biblioteconomia e Informação da Universidade Texas Woman’s, Denton, Texas, particularizando a autoridade de uso e disseminação dos arquivos da trilogia à Biblioteca Mary Evelyn Blagg Huey da referida Universidade.

Para além dos anos 2000, Nitecki continua produzindo em Polonês, dentre suas obras estão os livros:

- a) Metáforas: poema e prosa. T. 1. Edição privada. [S. l.]: [s. n.], 2000;
- b) Metáforas: poema e prosa. T. 2-3. Edição privada. [S. l.]: [s. n.], 2000;
- c) Através do prisma do tempo: uma coleção de obras de pequeno formato. Toruń-Filadélfia: Editora Kucharska, 2012;
- d) Chiaroscuro: chiaroscuro da nossa vida. Toruń-Filadélfia: Editora Kucharski, 2013;
- e) Antes da partida. Toruń-Filadélfia: Editora Kucharska, 2014.

A obra **Chiaroscuro: chiaroscuro da nossa vida** relacionada ganha maior conotação por ser considerada uma autobiografia de Nitecki. Assim, o Chiaroscuro sendo uma história fictícia baseada nas experiências reais de um homem, do seu idealismo juvenil à aceitação resignada da aposentadoria. O autor afirma que a obra, sob a forma de diário, traz recortes encontrados em páginas de antigos registros. Entre os escritos estão os acontecimentos navais do período de guerra, com autenticidade em forma e fragmentos de conteúdo de notas antigas (NITECKI, 2013). Entretanto, não é uma descrição objetiva da realidade, mas uma reflexão subjetiva sobre o autor.

O restante da história consiste em memórias preservadas pelo autor ou produto da imaginação. Originalmente, escrita com a intenção de ser publicada em privado, na forma de um livro para os entes queridos, esta história recria os sucessos verdadeiros. Embora, por vezes, exagerados da família do emigrante, da luta com a desesperança da emigração política para a superação intelectual e material da ironia do destino. Com isso, torna-se evidente que o objetivo da história é mostrar por um dos participantes dos eventos do período passado, a sua interpretação da realidade contemporânea, escrita fora do país, na linguagem cotidiana desatualizada de um emigrado daqueles

tempos. Nesse viés, Nitecki (2013) afirma que termina a primeira versão do *Chiaroscuro* no seu nonagésimo aniversário.

#### 4 CONSIDERAÇÕES GERAIS:

##### PERCEPÇÃO SINGULAR SOBRE A VIDA DE JOSEPH Z. NITECKI

Acredita-se que ao longo de sua jornada, Nitecki escreveu muito mais que o publicitado. Ao buscar ler e refletir sobre os seus escritos, almejando entender as minúcias de seu conhecimento, as obras registradas nestas poucas páginas, por ora, são suficientes. Pois, ir além do registrado, a outros pesquisadores, precisa-se muito mais que, 94 anos.

A cada pesquisa esmiuçada, especificadamente, as obras da trilogia Nitecki, percebe-se que ele oferece a classe acadêmica e profissional da área da Biblioteconomia não somente informações, mas o caminho para construir conhecimentos. Sob tal perspectiva, o despertar no impulso do saber a exemplo de Twining (1997), que ao se debruçar na leitura acentuou a pergunta: por que ninguém a fez ler este livro na graduação? No contexto brasileiro, pode-se presumir como resposta para essa pergunta o desconhecimento dos docentes ou a ausência das obras traduzidas de Nitecki, no acervo da biblioteca.

No entanto, a singularidade dos problemas, considerando a falta de apropriação e disseminação do legado de Nitecki, não pode ganhar importância no relacionamento intelectual com uma das maiores mentes da Biblioteconomia, defendida por Twining (1997, p. 1). Contudo, necessário se faz ir além do improvável, visto na autora que nos apresenta Nitecki, na busca da permissão e publicitação de suas obras. Todavia, contrariando o improvável, permitindo e disponibilizando todo o material e sob o espírito diplomático e consensual, surpreende a provocação e desfecha: “[...] **A biblioteconomia mais uma vez ofereceu sua própria solução!**”. Nesse contexto, é como se a Biblioteconomia na percepção de Nitecki traçasse os próprios caminhos para a disseminação de informação acontecer (TWINING, 1997, p. 1).

Por conseguinte, chega-se a um ponto que, quando se adentra na vida de um intelectual, se torna difícil descrever a continuidade. Dessa forma, apesar dos tímidos registros pessoais um legado de informações e conhecimentos foi revisado e escrito por Nitecki, conforme os títulos registrados nesta biografia.



## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **A arte rupestre no Brasil**: questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/684/1/carlosnetto2001.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2018.
- DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Mediação, usos e usuários: reflexões e análise de caso. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais** [...]. Brasília-Distrito Federal: ENANCIB, 2011. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1387/Media%C3%A7%C3%A3o%20-%20Duarte.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- EBOOK4ALL.COM. **Józef Z. Nitecki**: Chiaroscuro Da Nossa Vida. [s. l.]: ebook4all, [2014]. Disponível em: <https://ebook4all.com.pl/21541-jozef-z-nitecki-chiaroscuro-swiatlocienie-naszego-zycia.html>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- ERIC. **Descritor**: Nitecki, Joseph. 2018. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?q=Nitecki%2c+Joseph&ft=on>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- FERREIRA, Erivana D'Arc Daniel da Silva. **Biografia de Joseph Z. Nitecki**. Destinatário: Kaylyn Groves. Washington, 16 jun. 2018. 1 mensagem eletrônica.
- GROVES, Kaylyn. **Biografia de Joseph Z. Nitecki**. Destinatário: Erivana D'Arc Daniel da Silva Ferreira. Juazeiro do Norte, 18 jun. 2018. 1 mensagem eletrônica.
- GROVES, Kaylyn. **Memorial**: Joseph Z. Nitecki, 1922-2017. Washington: Association of Research Libraries, 2017. Disponível em: <https://www.arl.org/news/community-updates/4250-memorial-joseph-z-nitecki-1922-2017#.XKdLwFVKiM9>. Acesso em: 24 maio 2018.
- NITECKI, Joseph Z. Metalibrarianship: um modelo para fundações intelectuais da Ciência da Informação da biblioteca. **The Trilogia Nitecki**, [s. l.], v. 1, 1993. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080723212408/http://www.twu.edu/library/Nitecki/metalibrarianship/index.html>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- NITECKI, Joseph Z. Aspectos Filosóficos da Biblioteconomia Ciência da Informação em Retrospectiva. **The Trilogia Nitecki**, [s. l.], v. 2, 1995. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?q=Nitecki%2c+Joseph&ft=on&ff1=audMedia+Staff&id=ED381162>. Acesso em: 20 maio 2018.
- NITECKI, Joseph Z. Aspectos Filosóficos da Ciência da Informação da Biblioteca Americana. **The Trilogia Nitecki**, [s. l.], v. 3, 1997. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080709044632/http://www.twu.edu/library/Nitecki/ancestry/index.html>. Acesso em: 11 abr. 2018.
- NITECKI, Joseph Z. **Chiaroscuro**: światłocienie Ciebie życia. Toruń: Editora Kucharski; Filadelfia: [s. n.], 2013. Disponível em: <https://integro.ciniba.edu.pl/integro/192604618337/nitecki-joseph-zbigniew/chiaroscuro>. Acesso em: 5 maio 2018.



NITECKI, Joseph Z. **Antes da Partida**. Toruń; Filadélfia: Editora Kucharski, 2014. Disponível em: <https://integro.ciniba.edu.pl/integro/192604618320/nitecki-joseph-zbigniew/przed-odlotem>. Acesso em: 5 maio 2018.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. [sem título]. Brasília, DF: CAPES, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 21 maio 2019.

REVISTA DA UNIVERSIDADE DE CHICAGO. **Obituários Universitários**: recentes docentes, funcionários, administradores e obituários de ex-alunos. [Net]. Chicago: Universidade de Chicago, 2017. Disponível em: <https://mag.uchicago.edu/university-news/university-obituaries-26>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SALDANHA, Gustavo Silva. O imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais** [...]. Brasília-Distrito Federal: ENANCIB, 2011. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1167/O%20imperativo%20-%20Saldanha.pdf?sequence=1>. Acesso em: 03 jun. 2018.

TWINING, Joanne Williams. **The Nitecki Trilogy**. Denton-Texas: Universidade da Mulher do Texas, 1997. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080509130543/http://www.twu.edu/library/nitecki/>. Acesso em: 17 abr. 2018.

TWINING, Joanne Williams. Circularidade, Praticidade e Filosofia da Biblioteconomia, ou A criação da “trilogia de Nitecki”. *In*: TWINING, Joanne Williams. **The Nitecki Trilogy**. Denton-Texas: Universidade da Mulher do Texas, 1997. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080509145655/http://intertwining.org/aboutNitecki.htm>. Acesso em: 30 abr. 2018.

TWINING, Joanne Williams. Sobre o autor: nota biográfica. *In*: TWINING, Joanne Williams. **The Nitecki Trilogy**. Denton-Texas: Universidade da Mulher do Texas, 1997. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080706105604/http://www.twu.edu/library/Nitecki/vitae.html#Biographical%20Note>. Acesso em: 15 abr. 2018.

